

DIAGNÓSTICOS  
& PERSPETIVAS

# Encarnando a europeia

Biografias corporais, (i)mobilidades e  
subjetividades de trabalhadoras do sexo  
trans e travestis em Lisboa

Emerson Pessoa



FEUC

**CICS.NOVA**  
CENTRO INTERDISCIPLINAR  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**Emerson Pessoa** é professor adjunto da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no Departamento de Educação do Campo (DAEDC), campus Rolim de Moura. Possui licenciatura (2010) e bacharelado (2011) em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), onde também concluiu seu mestrado (2013) nesta mesma área. Obteve seu doutorado (2020) pelo Programa Inter-universitário OpenSoc: Sociologia, Conhecimento para Sociedades Abertas e Inclusivas (Universidade de Lisboa, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade do Algarve e Universidade de Évora). Seu título foi reconhecido no Brasil pela Universidade de Brasília (UnB) como doutorado em Sociologia (2022). Atualmente, está requisitado pela Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), onde atua como Assessor Técnico na Coordenação de Programas e Projetos, nomeadamente do Programa Acolher+. Suas pesquisas concentram-se nas áreas de Sociologia e Antropologia, com ênfase em corpos, gêneros, sexualidades, biotecnologias e processos de subjetivação. É membro do Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Gêneros, Discursos e Comunicação na Amazônia Ocidental (HIBISCUS-UNIR), do Laboratório de Estudos e Pesquisas em História, Moda e Cultura (La-Moda – UEM) e do Life Research Group (ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa).

## **CICS.NOVA EDIÇÕES**

Coleção Diagnósticos & Perspetivas

### **DIREÇÃO**

*Rui Santos* (diretor), Universidade NOVA de Lisboa

*Brenda Silva* (assistente editorial), Universidade NOVA de Lisboa

*José Saragoça*, Universidade de Évora

*Raquel Faria de Deus*, Universidade NOVA de Lisboa

### **CONSELHO DE REDAÇÃO**

*Ana Brandão*, Universidade do Minho

*José Carlos Marques*, Instituto Politécnico de Leiria

*José Saragoça*, Universidade de Évora

*Maria João Leote de Carvalho*, Universidade NOVA de Lisboa

*Patrícia Pereira*, Universidade NOVA de Lisboa

*Raquel Faria de Deus*, Universidade NOVA de Lisboa

*Rui Santos*, Universidade NOVA de Lisboa

### **CONTACTOS**

Colégio Almada Negreiros, Campus de Campolide – 1099-085 Lisbon, Portugal

Tel.: +351 918 832 000

E-mail: [cicsnova.edições@fcsh.unl.pt](mailto:cicsnova.edições@fcsh.unl.pt)

# Encarnando a europeia

Biografias corporais, (i)mobilidades e  
subjetividades de trabalhadoras do sexo  
trans e travestis em Lisboa

Emerson Pessoa



## **ENCARNANDO A EUROPEIA**

BIOGRAFIAS CORPORAIS, (I)MOBILIDADES E SUBJETIVIDADES DE  
TRABALHADORAS DO SEXO TRANS E TRAVESTIS EM LISBOA

Autor: Emerson Pessoa

Revisão: Rui Santos

Capa: António Pedro

Foto: Lua Lamberti, por Leffs

Paginação: Margarida Baldaia

© Edições Húmus, CICS.NOVA Edições e Autor, 2024

End. Postal: Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Tel. 926 375 305

E-mail: [humus@humus.com.pt](mailto:humus@humus.com.pt)

[www.edicoeshumus.pt](http://www.edicoeshumus.pt)

CICS.NOVA/EDIÇÕES

CICS.NOVA, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, UNL

Colégio Almada Negreiros

UNL, Campus de Campolide – Lisboa

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão

1.ª edição: dezembro 2024

Depósito Legal: 540475/24

ISBN: 978-989-9213-57-9

DOI: <https://doi.org/10.34619/ntwy-qkxk>

Este livro está redigido em Português do Brasil. É a versão aperfeiçoada, após revisão científica por pares, da tese de doutoramento em sociologia (Pessoa, 2020), defendida em janeiro de 2020 no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com o apoio da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade NOVA de Lisboa.

# ÍNDICE

	<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>ix</b>
	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>POSIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS</b>	<b>9</b>
	Culturas somáticas e a (re)produção de corpos, gêneros e sexualidades	<b>9</b>
	Uma sociologia à escala individual e corporal	<b>13</b>
	O princípio de autocobaia: Posicionalidade, autorreflexividade e intersubjetividade no caminho de pesquisa	<b>20</b>
	Operacionalização metodológica de uma sociologia à escala individual e corporal	<b>28</b>
	Estratégias de aproximação e entrada no terreno	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE ENCARNAÇÃO DE FEMINILIDADES: DESIGUALDADES SOCIAIS E BIOGRAFIAS CORPORAIS</b>	<b>49</b>
	Abordagens socioantropológicas do corpo: Encarnação e capital corporal	<b>49</b>
	Suporte familiar, trajetória escolar e desigualdades de classe	<b>60</b>
	Culturas somáticas, corporalidades de referência e vivências geracionais	<b>77</b>
	Desigualdades por racialização e entrelaçamentos de vulnerabilidades sociais	<b>82</b>
	Negociações entre corpo-projeto e corpo-sujeito	<b>92</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>MOBILIDADES GEOGRÁFICAS</b>	<b>99</b>
	Capital de mobilidade: Redes de pessoas, informações e lugares	<b>99</b>
	Trabalho sexual no Brasil e redes de mobilidade interna	<b>105</b>
	A aquisição do capital de mobilidade	<b>112</b>
	Motivações do projeto migratório	<b>115</b>

<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>CORPOS EM MOVIMENTO: «PUXANDO MALA» E ACUMULANDO RECURSOS PELO CONTINENTE EUROPEU</b>	<b>121</b>
	(I)mobilidades: Tipos de circulação pelos territórios europeus do trabalho sexual	<b>121</b>
	Circulação geográfica e biografias corporais	<b>138</b>
	Circulação geográfica e estratégias no trabalho do sexo	<b>148</b>
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>(INTER)SUBJETIVIDADES E ESTRATÉGIAS NO TRABALHO DO SEXO</b>	<b>155</b>
	Publicidade e comunicação com os clientes	<b>155</b>
	(Inter)corporalidades, cuidado de si e cuidado do outro: O corpo acessório na (re)produção do desejo	<b>161</b>
	Pênis, Viagra e secreções: A veracidade do prazer e sua produção performática e biomolecular	<b>165</b>
	Práticas sexuais especiais e fetiches: Fomentar desejos, investir recursos e fidelizar clientes	<b>171</b>
	Subjetivação no e pelo trabalho do sexo: Disposições para a sexualidade e representações sobre a brasilidade	<b>176</b>
<b>CAPÍTULO 6</b>	<b>ENTRE O SONHO DE TORNAR-SE EUROPEIA E A REALIDADE NA EUROPA</b>	<b>187</b>
	Mobilidade e <i>juízo</i> : Alterações nos modos de ser e estar	<b>187</b>
	<i>Glamour</i> e luxo: O capital simbólico acumulado das biografias corporais	<b>194</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>DO CORPO ABJETO AO CORPO GLAMOUROSO</b>	<b>209</b>
	Desigualdades e privilégios na <i>encarnação da europeia</i>	<b>210</b>
	Diferentes modos de <i>encarnar a europeia</i> : A relevância dos capitais da vida	<b>213</b>
	Não basta ser <i>europeia</i> : Da necessidade de estratégias no trabalho do sexo	<b>218</b>
	A resignificação das trajetórias de vida e das biografias corporais	<b>221</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>225</b>

Às pessoas incorrigíveis, excluídas,  
marginalizadas, estigmatizadas, violentadas,  
patologizadas, subversivas e resistentes às  
normatizações dos sexos, dos corpos, dos  
gêneros e das sexualidades.

Em memória de Gisberta Salce Júnior.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a todas as pessoas trans, travestis e *drag queens* que compartilharam suas vidas comigo ao longo de minha trajetória acadêmica.

Agradeço às inúmeras pessoas com quem compartilhei afetos, conhecimentos, sentimentos, encontros e sensações — não necessariamente citadas aqui. Vocês foram imprescindíveis à produção desta pesquisa. Ao Vitor Sérgio Ferreira, meu orientador, amigo, por todo o suporte. Nunca terei palavras suficientes para agradecer-lo. À Ivana Simili, orientadora da graduação, amiga, «mãe intelectual» e fonte inesgotável de incentivo durante toda a minha trajetória acadêmica. À Zuleika de Paula Bueno e à Eliane Sebeika, minha orientadora e coorientadora do mestrado. Às pessoas professoras e amigas da Universidade Estadual de Maringá, às pessoas professoras e pesquisadoras em Lisboa, e à banca de doutoramento: Berenice Bento, João Teixeira Lopes, Miguel Vale de Almeida, Sara Dalila Cerejo e Chiara Pussetti, pelos valiosos apontamentos recebidos na discussão. Ao Rui Santos, pela valiosa colaboração na revisão da tese para publicação deste livro.

Meu maior privilégio e minha maior riqueza são as minhas pessoas amigas, obrigado pela vida e pelo carinho compartilhado no Oeste Paulista. Aos amores de Maringá-PR, minha família Pintosa e às pessoas amigas de Vilhena-RO pelo suporte e afeto compartilhado nos anos vivendo na floresta e no decorrer deste doutoramento. Aos novos pedaços de mim que encontrei deste lado do Atlântico pelo afeto e as inúmeras discussões e sugestões a este texto. Às pessoas amigas e colegas da sala de doutoramento do ICS-ULisboa pelas conversas e aflições partilhadas.

À minha mãe Luzinete de Araujo, minha irmã Liziane de Araujo, minhas tias, primas e primos.

À Universidade Federal de Rondônia (UNIR) pela possibilidade de afastamento que me foi concedida para realização deste doutoramento. À Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, pelo apoio no financiamento às propinas do programa doutoral em que realizei a pesquisa para este livro.



Mulher

Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação  
É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto  
Está sempre em desconstrução  
Nas ruas pelas surdinas é onde faz o seu salário  
Aluga o corpo a pobre, rico, endividado, milionário

Não tem Deus

Nem pátria amada

Nem marido

Nem patrão

O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário

Ela é tão singular

Só se contenta com plurais

Ela não quer pau

Ela quer paz

[...]

É sempre uma mulher?

Ela tem cara de mulher

Ela tem corpo de mulher

Ela tem jeito

Tem bunda

Tem peito

E o pau de mulher!

[...]

Bato palmas para as travestis que lutam para existir

E a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar

Bato palmas para as travestis que lutam para existir

E a cada dia batalhando conquistar o seu direito de

Viver brilhar e arrasar

Ela é amapô de carne osso silicone industrial

Navalha na boca

Calcinha de fio-dental

*Linn da Quebrada, 2017*



# INTRODUÇÃO

Em meio à Guerra Fria, aparece uma nova distinção ontológico-política entre «cis» (um corpo que conserva o gênero que lhe foi atribuído no nascimento) e «trans» (um corpo que se utiliza das tecnologias hormonais, cirúrgicas, protéticas ou jurídicas para modificar esta atribuição). [...] [E]sses dois status de gênero biopolítico são tecnicamente produzidos. Ambos dependem de métodos de reconhecimento visual, de produção performativa e de controle morfológico comuns. A diferença entre «cis» e «trans» depende da resistência à norma, da consciência de processos técnicos (farmacopornográficos) que produzem ficções somáticas de masculinidade e feminilidade e das técnicas científicas e do reconhecimento social no espaço público. Isso significa não haver juízo de valor implícito: o gênero «trans» não é melhor nem mais político que o gênero «cis». Em termos ontopolíticos, isso se resume a dizer que há apenas tecnogêneros. Técnicas fotográficas, biotecnológicas, cirúrgicas, farmacológicas, cinematográficas ou cibernéticas constroem a materialidade dos sexos (Preciado, 2018, p. 137).

Em dado momento de nossa conversa, Tainá fez-me a seguinte indagação, após eu perguntar sobre suas modificações corporais: «A academia não cansa de pensar nos nossos corpos? Nós produzimos nossas corporalidades do mesmo modo que vocês!» A interpelação demonstra a sua compreensão de como pessoas trans e cis partilham da mesma parafernália técnica e tecnológica disponível no mercado de *design* corporal para construir a materialidade, a performatividade e a sensorialidade dos corpos, consoante às ficções somáticas de que partilham e que (re)constróem a partir das experiências de socialização e de sociabilidade. O corpo torna-se, assim, resultado das experiências de socialização, incorporação de discursos e encarnação de biotecnologias na produção do Eu, e o devir biotecnológico dos corpos manifesta-se acoplado ao de um percurso de vida socialmente contextualizado. Faz sentido, portanto, questionar o papel das trajetórias sociais

dos indivíduos, dos marcadores sociais de reconhecimento das suas diferenças, das desigualdades estruturais e físico-orgânicas que encarnam na produção de uma determinada corporalidade.

Tais questionamentos, orientadores desta pesquisa, surgiram-me em 2010 quando entrei em contato pela primeira vez com uma transexual (trans)*européia*, numa pesquisa sobre processos de construção de corporalidades por travestis e transexuais em uma cidade brasileira.<sup>1</sup> Jana fora aos 19 anos para Espanha, onde colocou sua primeira prótese de silicone. Suas modificações corporais chamaram-me a atenção: cirurgias plásticas no nariz, na testa, no queixo, nos seios e quadris, retirada de costelas para o afinamento da cintura, dentre outras que destoavam do meu trabalho de campo. Em grande medida, foi a trajetória *européia* de Jana que me motivou a aprofundar a pesquisa sobre as trajetórias de vida e de modificação corporal de trans e travestis brasileiras em mobilidade para exercerem o trabalho do sexo na Europa.

Dada a escassez de conhecimento, em vista da recente intensificação do fenômeno, o principal objetivo deste trabalho será compreender sociologicamente essas «biografias corporais» e como elas são construídas e alteradas através das experiências de mobilidade em territórios do trabalho sexual no continente europeu. O conceito de «biografia corporal» pretende dar conta dos processos de tomada de decisão relacionados às disposições para a modificação do corpo e produção do Eu, ao longo da trajetória de vida de travestis e trans que transita(ram) entre contextos sociais e históricos distintos.

As pesquisas que abordam a mobilidade transnacional de trans e travestis brasileiras no âmbito do mercado do sexo ainda são incipientes. Destacam-se as discussões de Vale (2005) sobre travestis na França; Pelúcio (2007), Silva e Ornat (2012) e Vartabedian (2010, 2018), na Espanha; e Teixeira (2008, 2011) na Itália, que revelam majoritariamente a importância da mobilidade na constituição de uma corporalidade feminina e nas ressignificações simbólicas e sociais das trajetórias de vida. Já Hélio Silva (1993) mostrara o trânsito para Itália como promotor de um *status* privilegiado às travestis.

Novos estudos sobre essa mobilidade continuam a revelar uma realidade ocultada na maioria das discussões sobre migrações, sobretudo considerando os

---

1. Uso as categorias identitárias «trans» e «travesti» segundo as (auto)definições e diferenças elencadas pelas interlocutoras. Em Portugal, «travesti» referia-se geralmente a pessoas designadas ao nascimento como masculinas e que performatizam feminilidades em caráter temporário – por exemplo, *drag queens* e *crossdressers*. Atualmente, no entanto, o termo é utilizado na acepção brasileira: «[...] referências ao “travesti” originárias do Brasil tornam as nacionais praticamente residuais» (Saleiro, 2013, p. 208). As trans e travestis brasileiras designam de «europeias» as trabalhadoras do sexo que viveram na Europa, constituindo-se esse termo como uma categoria étnica diferenciadora pela mobilidade.

discursos das pessoas envolvidas. Conforme aponta Piscitelli (2011), as abordagens dos Estados mostram a mobilidade transnacional permeada por violências relacionadas ao tráfico internacional de pessoas, tendendo a enquadrar as pessoas imigrantes trabalhadoras sexuais como vítimas perante as leis estatais, e todavia tratadas como delinquentes na atuação dos Estados (Oliveira, 2017). Contudo, a maioria dos atores entrevistados por Piscitelli (2009) conhece que os espera o trabalho na prostituição.<sup>2</sup> Por outro lado, apesar dos discursos governamentais sobre o tráfico internacional de pessoas, é já consensual no conhecimento acadêmico que a maioria das trabalhadoras do sexo brasileiras chegam a Portugal ou a outros países europeus por meio de redes informais, em busca de melhores condições de vida (Patrício, 2009; Pelúcio, 2010; Silva & Ornat, 2012; Vartabedian, 2018). Em outras palavras, as pessoas trabalhadoras do sexo não são homogeneamente vítimas do tráfico: também existem processos de agência no projeto de mobilidade, amiúde motivada pelas condições de vida nos locais de partida, onde de fato elas são vítimas de diversos tipos de violência.

Saleiro (2013) — em tese de doutorado que não contemplou especificamente as trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras, mas as refere em vários momentos do texto — reporta informações importantes sobre o fluxo migratório em Portugal. Segundo ela, a maioria dessas trabalhadoras do sexo no país são oriundas do Brasil, integrando Portugal «[...] numa rota de trabalho sexual trans mais vasta que inclui, sobretudo, países como a Espanha, a França, a Suíça e a Alemanha» (p. 109), e a influência do discurso e da experiência corporal de travestis e trans brasileiras na sociedade portuguesa é notória.

Simultaneamente, os estudos de gênero e sexualidade, associados aos ativismos feministas e LGBTQIA+ nas últimas décadas, levaram ao reconhecimento político e das experiências subjetivas de distintas mulheres, pessoas de gêneros inconformes, corpos não normativos e sexualidades dissidentes.<sup>3</sup> Por outro lado, as produções acadêmicas feministas demonstraram a heterogeneidade da própria definição da categoria «mulher» (Haraway, 2009).

Pretendo neste livro identificar as especificidades das experiências e trajetórias de trans e travestis brasileiras que transitam em territórios do trabalho sexual na Europa. Compreendo as identidades trans e travestis como realidades

---

2. Apesar de me alinhar com posições teóricas e de ativistas que compreendem o sexo pago como trabalho, em algumas partes do livro utilizo o termo «prostituição» para tornar o texto menos repetitivo. Saliente-se que todas as interlocutoras utilizam o termo em algum momento de suas falas para designar o trabalho que executam. Cf. discussão em Prada (2018).

3. Utilizo a sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexual e outras orientações sexuais e/ou identidades de gênero) quando faço referência aos ativismos.

plurais encarnadas a partir das tecnologias de gênero (Lauretis, 1987) disponíveis nos contextos sociais e culturais de onde partem e por onde passam, em articulação com os seus marcadores sociais de diferença. Busco, assim, identificar a relevância da classe social, do suporte familiar, dos marcadores de racialização e de geração na constituição de subjetividades e biografias corporais específicas, aspectos cuja gênese se produz ainda no Brasil. Procuo, outrossim, analisar o impacto das experiências de mobilidade visando o trabalho do sexo em Portugal e/ou na Europa, na alteração de suas corporalidades, subjetividades e percursos de vida.

Pretendo assim contribuir para o desenvolvimento da sociologia e da antropologia do corpo, com que mantive um diálogo privilegiado. Acredito que as análises sobre a influência das biotecnologias na constituição das corporalidades e subjetividades de mulheres trans e travestis aportam, mais geralmente, à compreensão do caráter construído e plástico de todas as corporalidades, em suas relações com os processos de subjetivação e de socialização. Reflito sobre as biografias corporais de trans e travestis para compreender o papel do desenvolvimento biotecnológico na produção do Eu e nos processos de subjetivação. Portanto, considero o corpo como um operador social que projeta uma imagem do *self*, para si próprio e (re)apresentada socialmente (Ferreira, 2008). Parto de uma concepção de corpo não só como matéria viva, base físico-orgânica em devir, mas também como acessório de si (Le Breton, 2003) e artefato de reconhecimento individual e social (Sullivan, 2001); corpo vivido na primeira pessoa, porém sempre agindo e experimentando contextos culturais específicos aos tempos e espaços geográficos e sociais que o animam (Ferreira, 2013; Young, 2003).

Outro eixo estruturador consiste nos entrelaçamentos desses processos com a mobilidade de pessoas na contemporaneidade. O «trabalho do sexo transnacional» refere-se «[...] aos processos de cruzar as fronteiras, nos quais se estabelecem relações complexas entre diversos locais, incluindo redes e laços sociais entre o lugar de origem e diferentes destinos» (Piscitelli, 2011, p. 537), e só ao longo da década de 1990 entrou em pauta nas discussões acadêmicas e políticas (Piscitelli, 2004). As desigualdades econômicas entre o «norte» e o «sul» globais propiciaram, nas últimas décadas, intensos fluxos de mobilidade em busca de melhores oportunidades de vida e de sobrevivência. Pessoas transgêneras e cisgêneras brasileiras veem no mercado europeu do sexo um modo de melhorarem as suas vidas e as de seus familiares. Para desmistificar generalizações, representações e discursos sobre seus projetos de mobilidade geográfica, corporal, social, trabalhista e de gênero, meu ponto de partida é a sua circulação em Portugal. Apesar do fortalecimento dos ativismos LGBTQIA+ em Portugal nos últimos anos, as

trans e travestis brasileiras — sejam elas trabalhadoras do sexo ou não — estão praticamente ausentes desses movimentos sociais, a despeito de assumirem o protagonismo na comercialização de *performances* sexuais em canais de anúncios para este tipo específico de trabalho.

Nesse contexto, o livro estabelece uma articulação com as críticas formuladas pela teoria *queer* nos anos 1980, relacionadas à assimilação pela lógica liberal das pautas reivindicativas de parte dos movimentos feministas e LGBTI institucionalizados, que apenas buscam ou buscaram igualdade jurídica no interior da política liberal.<sup>4</sup> Utilizo a teoria *queer* para desvelar o caráter assimilacionista e abolicionista destas instituições que, grosso modo, compreendem todas as pessoas trabalhadoras do sexo como vítimas e o trabalho do sexo como algo a ser erradicado da sociedade, e que excluíram e continuam a excluir de suas fileiras as subjetividades compreendidas pelo viés da abjeção, como, por exemplo, de travestis, pessoas trabalhadoras do sexo, indígenas, pessoas não brancas, do «terceiro mundo», vivendo com HIV, entre outras. Nomeadamente, entre os feminismos, a categoria «TERF» (*Trans-Exclusionary Radical Feminism*) designa «posicionamentos críticos ou hostis à inclusão de questões transgêneras no feminismo [...]» (Bagagli, 2019, p. 24).

Consequentemente, busco analisar as relações das mobilidades de trans e travestis brasileiras no mercado do sexo europeu com a economia política do desejo, ou seja, a utilização do corpo para satisfação erótica, mediada pelo dinheiro. O trabalho sexual de pessoas migrantes revela as lógicas neoliberais de apropriação das diversidades na (re)produção do capital (Preciado, 2018). São corpos migrantes, não brancos, não reconhecidos pela supremacia masculina, «[...] penetráveis (pelo capital), corpos que provocam ejaculação ao menor preço possível» (p. 310). Assim, busco também apreender e compreender os processos de assujeitamento e agência nas trajetórias de trans e travestis brasileiras no mercado sexual europeu. Concomitantemente, analiso como as experiências nos distintos territórios do trabalho sexual, no Brasil ou no continente europeu, alteram suas subjetividades relacionadas ao corpo, identidade e expressão de gênero e disposições para a sexualidade. Analiso, ainda, como tais experiências colaboram na elaboração de estratégias para acumulação de capital econômico e obtenção de uma posição de poder nos territórios do trabalho sexual.

Também as discussões públicas em torno do trabalho sexual deram um salto. Emergiram pesquisas (Coelho, 2009; Dolabella, 2015; Oliveira, 2013; Pelúcio,

---

4. Utilizo a sigla LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais) quando faço referência às organizações políticas e institucionais.

2007, 2010, 2011; Piscitelli, 2004, 2007, 2011; O'Neill, 2001; Sanders et al., 2009; Silva & Blanchette 2005), filmes (Baldini, 2011; Murray, 2013) e autobiografias (Albuquerque, 1992; Despentès, 2016; Leite, 1992, 2009; Moira, 2016; Prada, 2018; Surfistinha, 2006) que retrataram a diversidade de realidades nos territórios do trabalho sexual e colaboraram para questionar o caráter simplista da associação linear das pessoas trabalhadoras do sexo à vulnerabilidade.

Sob um prisma distinto, a organização política das pessoas trabalhadoras do sexo mostrou os territórios do trabalho sexual a partir das experiências vividas nas diversas e desiguais realidades de comercialização de performances sexuais e na construção de pautas reivindicativas para a implementação de políticas públicas e a conquista de direitos. Monique Prada (2018) define «putafeminismo» como:

[...] um movimento que nasce a partir da ideia de que nós, mulheres trabalhadoras sexuais, podemos também ser feministas, combatendo o estigma sobre nós e fortalecendo nossa luta por direitos, sem que para isso precisemos abrir mão de nosso trabalho ou nos envergonhar dele. Mas o putafeminismo pode também ser visto como uma possibilidade de repensar toda a estrutura da prostituição, identificando e combatendo as opressões que existem nela (p. 37).

Contudo, os corpos das pessoas trabalhadoras do sexo continuam sendo regulados pelo controle estatal. Mesmo com algumas mudanças na compreensão do paradigma do trabalho sexual, as pessoas trabalhadoras do sexo prosseguem sem garantias de segurança e direitos, no Brasil e em Portugal. Em ambos os países, o trabalho sexual não é regulamentado nem punível pela lei, quando não ocorre proxenetagem. Ainda hoje, predominantemente, as trabalhadoras do sexo são representadas sob o viés da vulnerabilidade e da perspectiva da falta de agência nos usos que fazem dos seus corpos, bem como da violência exercida sobre eles. Ressalvo que, embora concorde que há processos de agência por pessoas trabalhadoras do sexo, não me alinho com as posições ativistas e/ou acadêmicas que veem o trabalho sexual como empoderador. Como Prada (2018) e Federici (2017), compreendo o trabalho do sexo como qualquer outro tipo de trabalho no interior de sociedades organizadas para (re)produção do capital.

O relatório do Transgender Europe (Fedorko & Berredo, 2017) constata que a prostituição é uma das poucas fontes de renda para pessoas trans e travestis migrantes sem documentos, resultado da violência estrutural, institucional e interpessoal sofrida ao longo das suas trajetórias de vida. Nesta perspectiva, busco contribuir para a compreensão das especificidades, motivações e assujeitamentos dessas pessoas na efetivação do projeto migratório; da fabricação

das corporalidades nestes contextos diferenciados e diferenciadores; do papel do corpo na formação de identidades e seu valor diferenciado no mercado do sexo, instrumentalizado como capital corporal; das estratégias na captação, fidelização de clientes e circulação pelos territórios do trabalho sexual. Através de suas narrativas de vida, busco ainda compreender o papel das decisões e das desigualdades estruturais na constituição das suas trajetórias, subjetividades e biografias corporais.

Assim sendo, operacionalizo o conceito de percurso de vida de modo entrelaçado com a sociologia às escalas individual e do corpo, para compreender o papel das distintas experiências no Brasil na constituição dos patrimônios de disposições e biografias corporais, com os seus processos de construção, vigília, reprodução e alteração a partir das novas experiências advindas da mobilidade (Lahire, 2004).

O primeiro capítulo deste livro delimita as teorias, metodologias e técnicas que instrumentalizei na compreensão dos percursos e biografias corporais. A partir daí, como os pontos de viragem, as crises e rupturas das trajetórias de vida são momentos cruciais nos processos de subjetivação (Martucelli, 2002), cada um dos restantes capítulos corresponde a um ponto de viragem relevante nas trajetórias e biografias corporais das interlocutoras. Assim, o segundo versa a constituição das biografias corporais e dos patrimônios de disposições das interlocutoras antes da efetivação da mobilidade, atendendo aos processos de desigualdade e assujeitamentos relacionados aos entrelaçamentos e conexões dos marcadores de identidade de gênero, classe e suporte familiar, características de racialização, de geração e de corpo orgânico. O terceiro é dedicado aos distintos meios de efetivação do projeto migratório, às relações que trabalhadoras do sexo trans e travestis estabelecem com a rede de pessoas e ao capital social. O quarto analisa os modos de circulação pelos diferentes e diferenciadores campos prostitucionais europeus e as conexões que estabelecem com a acumulação de capitais de mobilidade, econômico, corporal e social, bem como a atualização das disposições estéticas. O quinto analisa o aprendizado e a instrumentalização de estratégias do trabalho do sexo nos distintos campos prostitucionais europeus, seus respectivos processos de alteração nas biografias corporais e nos patrimônios de disposições para a sexualidade, para a modificação do corpo e de expressões de gênero. O sexto reflete sobre a consubstancialização dos capitais, das trajetórias e das biografias corporais acumulados pelas interlocutoras nas alterações das representações de suas trajetórias de vida por elas mesmas e/ou por outras pessoas do seu círculo social, e como a obtenção do *status de europeia reposiciona* o local de poder ocupado por mulheres trans e travestis em seus contextos de origem e

nos territórios do trabalho sexual. Por último, desenvolvo as considerações finais da pesquisa, apresentando, em síntese, minha compreensão dos processos de (re)produção e de alteração nos patrimônios de disposições e biografias corporais das interlocutoras com as experiências singulares das suas trajetórias no Brasil, em Portugal e na Europa.

# CAPÍTULO 1.

## POSIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

### Culturas somáticas e a (re)produção de corpos, gêneros e sexualidades

Este apanhado geral das teorias de grande alcance que colaboram no enquadramento teórico desta pesquisa apresenta algumas perspectivas que auxiliaram na compreensão do papel de contextos históricos, sociais e culturais na (re)produção do corpo, na constituição de subjetividades e na produção do Eu.

O conceito de *cultura somática* busca circunscrever a produção do corpo no interior de um sistema de códigos de produção, de regras, de condutas, de percepção e de consumo corporal específicos — seja relacionado a determinado contexto social particular ou a questões objetivas de diferenciação e desigualdade social, tais como classe, idade, geração, gênero e etnicidade, etc., na constituição de modos de viver socialmente o corpo (Boltanski, 2004). Operacionalizar este conceito permite-nos apreender as condições estruturais que possibilitam compreender os recentes processos de objetificação e de privatização do corpo, dentro de um contexto marcado por uma cultura do aperfeiçoamento somático a partir dos processos técnicos, tecnológicos e (bio)moleculares disponibilizados para (re)produção das corporalidades. Destaca-se, sobretudo, o contexto histórico-social marcado pelo desenvolvimento de biotecnologias de *design corporal* alterando as condições de *socialização/incorporação*, de *reflexividade/corpo pensado*, ou ainda, de *corpo vivido* constituído pelas experiências particulares dos atores sociais (Ferreira, 2013).

As questões referentes à cultura somática e à regulação e controle dos corpos podem partir das teorizações de Michel Foucault (1986, 2009, 2011) sobre a sociedade disciplinar. Segundo Foucault, o século XVII marca o início da produção de discursos científicos pela pedagogia, medicina e psiquiatria, etc., formulando saberes sobre o corpo e o sexo para a criação de coerções disciplinares ou dispositivos do corpo e, mais especificamente, da sexualidade. Essa estratégia biopolítica tem

como objetivo a produção do corpo dócil, «[...] um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado» (Foucault, 1986, p. 126). Com o conceito de *panóptico*, Foucault teoriza os processos coercivos do poder na criação de instituições, saberes e discursos visando a assunção de subjetividades controladas e auto-controladoras. O controle da sexualidade e do corpo populacional objetiva a (re)produção da sociedade organizada pela rege do capitalismo e as preocupações com a (re)produção da classe operária. Portanto, a história da sexualidade pode ser compreendida como uma história do biopoder, ou seja, dos processos de gestão populacional.

As teorizações que colocam o corpo no centro da compreensão das sociedades e culturas tiveram uma grande expansão com a consolidação dos estudos de gênero e sexualidade. Em um primeiro momento, a distinção entre sexo e gênero, inserida respectivamente na dualidade natureza e cultura, foi utilizada na compreensão dos processos culturais de produção das masculinidades e feminilidades de modo relacional (Scott, 1995). O mesmo ocorreu com os saberes sobre o sexo no ocidente eurocentrado. Ao analisar as formulações científicas sobre os sexos, Laqueur (2001) demonstra que, desde a antiguidade clássica até o final do século XVII, imperou a concepção de um sexo único: o masculino. O corpo feminino era compreendido a partir do «único e verdadeiro sexo»: o pênis; ou seja, somente o pênis é uma entidade ontológico-política; a vulva era percebida como um «pênis interno». A emergência de dois sexos com naturezas distintas irá conduzir à criação dos estereótipos de gêneros, a partir das diferenças biológicas reverberadas no social. Assim, as conclusões de Laqueur (2001) convergem com as de Foucault (1986, 2011): a ciência não produz só conhecimento, mas também a determinação, validação e institucionalização social das diferenças, a partir de uma posição de autoridade.

Butler (2010) parte da teoria da sociedade disciplinar de Foucault para propor que o gênero é uma estilização de regras, normas e práticas no interior de uma estrutura reguladora cristalizada no tempo, para produção de corpos generificados e narrativas naturalizantes da heterossexualidade. O gênero e a sexualidade seriam uma ficção biopolítica que, por meio das respectivas performatividades sociais, cria inteligibilidades discursivas, corporais e de reconhecimento político. As identidades de gênero são encarnadas por meio da repetição estilizada de atos regulados pela punição, alternadamente incorporados e desviados sob coação para adquirirem inteligibilidade identitária. Esse processo seria responsável pela criação dos binários masculino/feminino, homem/mulher e heterossexual/homossexual na consolidação e reprodução do regime de poder patriarcal, centrado na opressão masculina e na heterossexualidade naturalizada e compulsória:

[...] se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre as superfícies dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre identidade primária e estável (p. 195).

Para Haraway (2009), o processo de divisão em pares de polos antagônicos macho/fêmea e mente/corpo foi o responsável por legitimar a dominação social das mulheres, associando o homem à cultura e a mulher à natureza. Com o desenvolvimento biotecnológico e a consequente reinvenção da natureza, a fronteira natureza/cultura é ultrapassada pelo surgimento da máquina e o seu acoplamento ao corpo humano, criando o que a autora denomina «ciborgue». Ora, a cultura somática de onde emerge o ciborgue apresenta-se como uma saída na destruição das dicotomias anteriores. O ciborgue insere-se na fronteira entre a natureza e a cultura, representa o acoplamento entre o humano e outros seres vivos, como potencialidade de fusão e de exploração política. Nesta perspectiva, o corpo é compreendido como entidade tecnoviva multiconectada e incorporadora de tecnologias (Haraway, 1997). As formulações de Haraway sublinham assim o papel das tecnologias no processo de produção das subjetividades, no interior de uma cultura somática marcada pela emergência de técnicas corporais extremamente invasivas.

Para Preciado (2018), o panóptico desenvolveu-se em dispositivos mais elaborados após a Segunda Guerra Mundial. Nesse período histórico que denominou como «era farmacopornográfica», o desenvolvimento tecnocientífico permitiu inserir o panóptico no interior do corpo: «O corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles. A estrutura orgânica e biomolecular do corpo é o último esconderijo desses sistemas biopolíticos de controle» (p. 86). As tecnologias farmacopornográficas possibilitaram a produção de uma «prótese política viva», representada pela circulação de drogas, hormônios, silicone, material digital, textual, procedimentos cirúrgicos, etc., na (re)produção de corpos cis-heteronormativos: os dispositivos de poder que naturalizam o sexo como causa da identidade e expressão de gênero e do desejo; a injunção binária de que um corpo sexuado como macho deve expressar masculinidade e ter seu desejo orientado para mulheres cis, e reciprocamente. As tecnociências farmacopornográficas fizeram integrar as formações físicas a diversas estruturas políticas como, por exemplo, as instituições médico-legais, o Estado e as redes de circulação do capital (Preciado, 2018).

Preciado (2018) também contribui para o entendimento do trabalho sexual na cultura somática contemporânea, organizada e regida pelo modo de produção capitalista. Na sua perspectiva, a indústria do sexo revela uma das faces dos

dispositivos utilizados pela comunicação e pelo entretenimento no capitalismo contemporâneo. A ação do paradigma farmacopornográfico observa-se na centralidade dos símbolos em torno do sexo e da sexualidade como um dos principais elementos de publicização para a (re)produção e circulação do capital no século XXI. A circulação de produtos sexuais e/ou sexualizados funciona a partir do paradigma farmacopornográfico: a (re)produção do vício/prazer e a retirada de mais-valia, sem a criminalização ou marginalização associada à indústria das drogas e do sexo. Essa perspectiva permite identificar, em cada período histórico, a produção de determinados tipos de corporalidades pelos dispositivos de biopoder, tais como, por exemplo, a (re)produção do corpo das pessoas escravizadas na economia de plantação, o corpo da pessoa trabalhadora da fábrica na economia fordista, etc. Assim,

[O] trabalho e o tipo de exploração específica que definem hoje a economia farmacopornográfica é o trabalho sexual, e o corpo paradigmático desse modelo de produção é o da puta migrante, do transgênero trabalhador do sexo ou o da atriz e do ator pornô (Preciado, 2018, p. 302).

Portanto, o trabalho na sociedade farmacopornográfica seria compreendido como o processo de compra e venda da força de comunicação e da excitação produzida pelo corpo, bem como a compra e venda de *potentia gaudendi* ou força orgásmica: «[...] uma força de transformação do mundo em prazer — “prazer com”. A *potentia gaudendi* reúne ao mesmo tempo todas as forças somáticas e psíquicas, e reivindica todos os recursos bioquímicos e estruturas da mente» (p. 45).

No capitalismo farmacopornográfico, emerge a proletarização global do sexo. A divisão do trabalho sexual não depende mais de uma condição biológica, mas antes de uma especialização corporal, uma programação somatopolítica. Contudo, a lógica do neoliberalismo ou do trabalho sexual não é a produção incessante do prazer, mas o controle das subjetividades através de ciclos processuais de subjetivação do capitalismo, relacionados ao consumo/desejo, à satisfação e ao regresso ao estado de frustração como mecanismo de (re)produção do capital (Preciado, 2018). Os corpos das pessoas trabalhadoras resultam de processos de especialização sexopolítica, a forma de atuação da biopolítica que emergiu com o capitalismo a fim de regular os corpos para a (re)produção do capital. No mercado do sexo, o corpo da pessoa trabalhadora não é consumido pelo cliente, portanto não há objeto ou resultado no trabalho sexual. O que se vende é uma *performance*, uma teatralização da sexualidade que tem por objetivo estimular o ciclo de excitação/frustração do cliente.

Através do trabalho do sexo influenciado pelos processos de globalização e migração, podemos compreender, então, uma lógica de (re)produção do capitalismo contemporâneo. Por um lado, uma infinidade de corpos migrantes socialmente excluídos, demarcados como ilegais e diferenciados por atributos racializados, ou seja, corpos penetráveis em uma posição de ânus global. Por outro lado, uma minoria branca e ocidental de homens e mulheres cisgêneros atuando como penetradores universais. Assim,

[...] a trabalhadora ou trabalhador do sexo ideal, a melhor máquina altamente qualificada chupadora de paus é a boca siliconada, silenciosa e politicamente subalterna, de uma imigrante mulher cis ou transexual sem acesso à identidade administrativa e à cidadania plena. Essas máquinas sexuais do terceiro milênio são corpos vivos aos quais é negado o acesso ao espaço político, despojados de direitos sindicais e de fazer greves, de ter seguro-saúde e seguro-desemprego. Diferentemente do fordismo tradicional, não há mais competição entre a máquina e o trabalhador. Ao contrário: o trabalhador se torna uma biomáquina sexual (Preciado, 2018, p. 329).

As discussões em torno da biopolítica buscam, assim, compreender a produção do sexo, do corpo, do gênero e da sexualidade como dispositivos históricos de regulação e gestão da ordem social. A heterossexualidade é um regime político (Butler, 2010; Preciado, 2014; Wittig, 1992). O corpo, o sexo, o gênero e o desejo são códigos vivos manipulados pela cultura somática contemporânea na criação de inteligibilidade e discursos de normalidade para a (re)produção da vida social no interior de sociedades estatais organizadas pela racionalidade do capital. Portanto, para compreender o trabalho do sexo é necessário apreender os processos de produção e manipulação dos corpos, desejos e *performances* sexuais, bem como os respectivos processos de conversão em capital e de subjetivação.

### **Uma sociologia à escala individual e corporal**

As discussões entre agência individual e estrutura social fazem parte do patrimônio de conhecimento da sociologia. Neste contexto, Bourdieu (1983, 1996, 2004, 2007, 2013) tornou-se um cânone da sociologia ao desenvolver uma teoria da prática, interessada na relação dialética existente entre os atores e a estrutura social. O conceito de *habitus*, nomeadamente, salienta a importância das disposições estruturadas no processo de socialização para a compreensão das estratégias objetivas que orientam as práticas dos agentes. O indivíduo, nesta perspectiva,

é compreendido como um produto complexo dos processos de socialização. Não obstante, Lahire (2005) problematiza o modo de utilização do conceito de disposição na teoria bourdieusiana, uma vez que esta não oferece nenhum exemplo de reflexividade na construção, incorporação ou transmissão destas disposições.

Neste sentido, Lahire propõe uma sociologia à escala individual, para verificar como as disposições são constituídas e incorporadas pelos atores nas relações particulares que estabelecem com as instituições, grupos, campos de forças, etc. O objetivo da sociologia à escala individual é preencher as lacunas das teorias da socialização, ou seja, dos processos de incorporação das estruturas objetivas, por um processo de descrição etnográfica e análise teórica de percursos de vida, visando principalmente afastar-se das análises a-históricas e des-socializantes na compreensão das ações dos atores. Parte da ideia de que não existe um princípio único e geral que oriente as ações dos atores, como Bourdieu conceitualiza o *habitus*. Se as experiências vividas são permeadas por incoerências e pela heterogeneidade dos processos de socialização, das posições e dos papéis assumidos em diversas instituições e grupos sociais no decorrer das trajetórias biográficas, não será possível um *habitus* único e coerente, mas sim patrimônios de disposições que são utilizados de modo mais ou menos reflexivo de acordo com cada contexto de ação:

[...] as disposições de um actor não se constituíram numa única situação social, num único universo social, numa única «posição» social. Um actor (e as suas disposições) nunca pode, portanto, ser definido por uma única «situação», nem mesmo por uma série de coordenadas sociais (Lahire, 2001, p. 66).

Lahire (2001) propõe então o conceito de *ator plural* para questionar como o passado incorporado se atualiza constantemente em face de cada situação presente. A sociologia à escala individual compreende os patrimônios de disposições como esquemas de ação construídos e incorporados em situações limitadas e delimitadas no processo plural de socialização. Os atores constituem esquemas de ação que dizem respeito a cada situação contextual mediante a repetição sistemática, cotidiana e de longa duração. «Não se adquire uma disposição por meio de uma conversão brutal e miraculosa, e, portanto, as disposições não são todas equivalentes do ponto de vista da precocidade, da duração, da sistematicidade, e da intensidade de sua incorporação» (Lahire, 2004, p. 28). O ator não pode ser redutível a uma fórmula geradora de suas práticas ou, ainda, a uma lei interna.

Assim, a articulação passado–presente adquire sentido quando o passado (incorporado) e o presente (contextual) são heterogêneos. Os esquemas de

disposição também podem ser colocados em estado de vigília mais ou menos duradouro — segundo as mudanças contextuais ocorridas na trajetória do ator — até surgir um contexto que propicie o desencadeamento de sua utilização. Mas o que foi incorporado nunca é capaz de resolver sozinho o que se coloca no presente; eis aí uma das incongruências da teoria da prática que a sociologia à escala individual pretende resolver.

Daí advém o modo de operacionalização da sociologia à escala individual ora proposto. Busquei, durante a produção e análise dos dados, compreender os processos de construção e incorporação dos patrimônios de disposições das interlocutoras em seus contextos sociais no Brasil, com os respectivos marcadores sociais da diferença ali gerados. Outrossim, tratei de compreender as alterações relacionadas ao processo de encarnação de uma nova identidade de gênero, ao ingresso nos territórios do trabalho sexual e, posteriormente, à mobilidade para e dentro da Europa. As configurações simbólicas são diferentes nos distintos contextos sociais hierarquizados em que vivemos, o que gera uma heterogeneidade de esquemas de ação incorporados que influem na constituição das variações individuais dos patrimônios de disposições. Este processo pode gerar um conflito interno responsável por (des)organizar cada momento da existência, inclusive com algum sofrimento. Esses esquemas socialmente diversificados também se aplicam às categorias de objetos e ao próprio corpo (roupas, modos de ser, de estar, cuidados e recursos investidos em projetos corporais, etc.). Na pesquisa aqui apresentada, essa diversificação é percebida no processo de mobilidade ao continente europeu, através das alterações engendradas nas trajetórias, nas biografias corporais e nas subjetividades das interlocutoras.

A sociologia à escala individual procura também compreender como os esquemas incorporados no passado são mobilizados, convocados e despertados pela situação presente. Podemos compreender a situação presente como responsável pelo restabelecimento da assimilação de um esquema antigo. A diferença gerada pela situação nova possibilita uma generalização, em maior ou menor grau, do esquema antigo, ou, ainda, sua acomodação (reprodução-adaptação). Os esquemas são alimentados pelo meio exterior por um processo de reflexividade constituído no momento da ação. Quanto maior a recorrência de contextos sociais semelhantes, tanto maior será a possibilidade de utilização e transferência de um esquema. Quanto maior a especificidade de um contexto, menor será o domínio de validade de um esquema. Logo, a transferibilidade de um esquema somente pode ser compreendida na relação com determinado tipo de contexto que propiciou a sua constituição. A compreensão dos patrimônios de disposições das trabalhadoras do sexo trans e travestis em mobilidade para e na Europa demanda,

assim, uma reconstituição de suas trajetórias, de modo a identificar e analisar os distintos contextos sociais que propiciaram a constituição e, posteriormente, a transferibilidade, adaptação ou alteração desses patrimônios.

Para Lahire (2001), uma das principais críticas à teoria bourdieusiana da prática é o escamotear da reflexividade do ator na execução da ação. A teoria da prática compreende o *habitus* como um processo de incorporação pela repetição, não necessitando de racionalização e de reflexividade para sua utilização. Assim, um *habitus*, uma vez incorporado, operaria automaticamente a partir da sua própria lógica. Pelo contrário, Lahire parte do pressuposto de que para a execução da ação pode ser necessário um reiterado retorno reflexivo à experiência passada. O que é incorporado ou interiorizado nunca é a realidade do mundo social em si; o mundo social é reconstruído em cada ator de modo singular através dos processos de interação com outros atores, objetos e situações singulares. O que uma sociologia à escala individual salienta são justamente as relações particulares que o ator estabelece com o universo social que o circunda:

Os actores são o que as suas múltiplas experiências sociais fazem deles, sendo chamados a ter comportamentos, atitudes variadas segundo os contextos para os quais são levados a evoluir. Longe de ser a unidade mais elementar da Sociologia, o actor é, sem nenhuma dúvida, a realidade social mais complexa de apreender (Lahire, 2001, p. 258).

O investigador, ao observar uma cena composta por atores e contextos, apreende apenas a sua pertinência contextual, uma vez que o mundo social não nos mostra a existência de um modelo único de ator ou ação, mas sim de tipos diversificados e variados. A proposta está orientada a formular um quadro epistemológico para guiar a pesquisa empírica, colaborando na construção de conceitos e opções teóricas com uma validade delimitada por critérios de plausibilidade, e não de verdade: «Nunca nenhuma teoria, nenhuma construção do objecto permitirá aceder às práticas reais, ao real tal como ele é em si mesmo. Elas dão-nos dele, de cada vez, uma “versão” plausível» (p. 272). Haverá que procurar reconstituir o processo de construção da disposição segundo os universos e meios sociais do ator, os tipos de ator e de ação, as lógicas incorporadas pelo ator, a preparação e planificação da ação e o tempo necessário de reflexão. O ator precisa ser compreendido em suas singularidades e pluralidades.

Esta abordagem sociológica coloca o trabalho de campo como fundamental para apreensão, mesmo que apenas plausível, de uma realidade. Demonstrar os limites de compreensão do social pela sociologia e romper com explicações sociológicas holísticas e totalitárias pode ser um caminho frutífero para criar

novas teorias e modos de pensar os processos de incorporação e excorporação da estrutura social pelos atores. As trajetórias de trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo na Europa são geralmente abordadas a partir de uma visão homogeneizadora de suas experiências no Brasil e/ou no país destino, sem o reconhecimento de suas individualidades relacionadas, quer às disposições para a modificação corporal, às desigualdades na constituição das suas corporalidades e às expressões de identidade de gênero referentes aos marcadores sociais da diferença; quer às especificidades das motivações e dos meios utilizados individualmente para efetivação do trânsito geográfico; quer ainda às singularidades nos modos de operação do trabalho sexual e à influência das *performances* nas alterações dos seus patrimônios de disposições. Todos esses elementos conformam aspectos centrais na elaboração desta pesquisa. Assim, mais do que generalizar, o presente trabalho pretende desvelar a heteroglossia, ou seja, as diversas interpretações sobre o corpo e a mobilidade, não em função de si próprios, mas através dos diferentes contextos de constituição e de circulação de trabalhadoras do sexo trans e travestis (Feixa, 2018).

Além das questões relacionadas à instrumentalização da sociologia à escala individual, é necessário definir o que denominei como sociologia à escala corporal. Parto do princípio de que os pressupostos de Lahire (2004) sobre os patrimônios de disposições e a sua constituição em contextos sociais específicos, com seus processos de alteração, adaptação e transferência intercorrentes ao longo das trajetórias de vida dos atores, se aplicam às disposições referentes ao corpo. A constituição de uma determinada corporalidade perpassa também os distintos contextos de socialização das trajetórias de vida. Portanto, realizar uma sociologia à escala corporal é compreender a construção do corpo sob situações delimitadas pela cultura somática específica que orienta a encarnação de determinada corporalidade. É também compreender que esse corpo está em devir, através de modificações que nele se produzem involuntária ou voluntariamente, enquanto corpo-sujeito ou pela mão do sujeito durante seu percurso de vida. Embarcar numa sociologia à escala corporal é, em última instância, embarcar numa sociologia do corpo à escala individual, onde corpo, indivíduo e culturas somáticas se retroalimentam reciprocamente.

Ademais, trata-se de uma abordagem que busca a compreensão das atitudes e práticas perante a construção, manutenção e aperfeiçoamento do corpo, as quais denotam coerência e repetições de experiências relativamente semelhantes. Tais questionamentos foram de suma importância na compreensão das representações que mulheres trans e travestis têm sobre suas corporalidades nos diferentes momentos de suas trajetórias de vida. Sob esta perspectiva, utilizei

as narrativas biográficas como uma possibilidade de aceder, por meio da singularidade do indivíduo, as realidades vividas no seio da estrutura social (Conde, 1993; Feixa, 2018). Além disso, conforme apontado por Pujadas (2000), devido à sua profundidade diacrônica o método biográfico é um valioso instrumento nas investigações sobre migrações, processos de mudança social e análises sobre trajetórias de vida, aspectos centrais desta pesquisa. Portanto, o que proponho com uma sociologia à escala corporal é a construção de uma biografia corporal: uma captura dos processos de tomada de decisão relacionados às disposições para a modificação, apresentação do corpo e produção do Eu por atores portadores de recursos e patrimônios de disposições diversos, em contextos sociais e históricos específicos, bem como das modificações arquitetadas no decurso de suas trajetórias de vida. Através desta proposta analítica, pretendi reconstruir as trajetórias individuais de modificação do corpo das interlocutoras nos distintos contextos sociais no Brasil, em Portugal e/ou em outros países do continente europeu.

A operacionalização do conceito de biografia corporal busca então compreender as diversas decisões tomadas durante as trajetórias de vida na encarnação de um projeto corporal específico, e como cada corporalidade carrega influências de diferentes culturas somáticas demarcadas no tempo e no espaço. Por conseguinte, mais além de aspectos individuais, esta perspectiva possibilita perceber as mudanças geracionais e contextuais relacionadas às disposições estéticas para a modificação, a apresentação do corpo e as representações que as interlocutoras têm e tiveram de si e de como outras pessoas lhes atribuem ou atribuíram tais representações, com base nas suas performatividades e materialidades corporais. Desse modo, meu objetivo com a instrumentalização da sociologia à escala individual e corporal foi compreender a influência da estrutura social na constituição das subjetividades de trans e travestis brasileiras e as modificações assumidas durante os trânsitos de gênero, corporais e geográficos. Busquei captar como o «[...] conjunto de fatores externos e internos ao indivíduo se combinam, de um modo regular mas também inesperado, instituindo um determinado *coeficiente de singularidade* que em si mesmo espelha relacionalmente dimensões estruturais, institucionais e biográficas [...]» (Lopes & Costa, 2014, p. 206).

Por fim, uma vez compreendida a perspectiva da sociologia à escala individual e do corpo, bem como o conceito de biografia corporal, torna-se ainda premente definir os modos de articulação entre as disposições constituídas nos processos de socialização e a respectiva conversão em capitais específicos (Bourdieu, 1983) nas disputas no campo prostitucional. Defino um campo prostitucional como o espaço estruturado por pessoas trabalhadoras do sexo na disputa pela acumulação dos capitais disponíveis no campo. Enquanto conjunto de territórios segmentados

e hierarquizados do trabalho sexual, condiciona as ações e as práticas das trabalhadoras do sexo. Estas têm por objetivo captar, satisfazer e fidelizar sexualmente o cliente (Coelho, 2009), o único ator no campo que pode converter os capitais acumulados pelas pessoas trabalhadoras do sexo em capital econômico. Com este objetivo, as pessoas adquirem disposições reflexivas no campo que, por sua vez, permitem perceber como determinados saberes, disposições, materialidades e práticas adquiridos no tempo e na experiência social podem ser investidos como recursos em sua vida social e profissional, constituindo diferentes formas de capital (Bourdieu, 1983).

Em primeiro lugar, o capital econômico, constituído pelos recursos econômicos disponíveis, acumulados e investidos no projeto corporal, nas mobilidades e no posicionamento no mercado do trabalho do sexo. Depois o capital cultural, ou seja, os recursos em conhecimento e competências que colaboram na diferenciação entre pessoas trabalhadoras do sexo e na constituição de práticas diferenciadoras em uma sociedade organizada a partir de hierarquias de classe. Também o capital social, compreendido como o conjunto de recursos atuais ou potenciais relacionados à vinculação, consciente ou inconsciente, a uma rede de pessoas e que contribuem para a efetivação dos projetos de corporalidade e de mobilidade. O capital corporal, conceito central desta pesquisa, pode ser definido *grosso modo* como a quantidade e qualidade de símbolos, experiências, práticas, objetos, técnicas e biotecnologias incorporados e excorporados pelas interlocutoras ao longo das suas trajetórias de vida, investidos na materialidade e performatividade dos seus corpos. Tais elementos podem ser capitalizados nas disputas por espaços de poder no campo prostitucional, nomeadamente na captação e no acionamento do ciclo de excitação/frustração do cliente. Adiante, ainda introduzirei e instrumentalizarei os conceitos de capital de mobilidade e capital simbólico, respectivamente nos capítulos 3 e 4.

Portanto, as disposições incorporadas reflexivamente pelas interlocutoras durante suas trajetórias de vida e experiências em distintos campos prostitucionais possibilitam a seleção de recursos, saberes e práticas que podem ser convertidos em capitais, posteriormente mobilizados no campo. Por exemplo, a constituição de uma disposição para a modificação corporal permite a encarnação de biotecnologias utilizadas como expressão de gênero, constituição do Eu e estilização da vida, e acabam por ser instrumentalizadas no campo para a captação de clientes, na conversão em capital econômico e na obtenção de uma posição de prestígio no campo.

A acumulação dos capitais pressupõe um investimento e um uso estratégico de determinadas disposições, associados ao investimento e à capitalização de

outros saberes e saberes-fazer. No caso das nossas interlocutoras, por exemplo, a constituição de um capital de mobilidade não implica apenas a posse de disposições para a mobilidade, mas também a posse de um passaporte, determinados conhecimentos de línguas, domínio de questões legais e burocráticas, redes sociais de suporte, entre outros fatores que serão elencados no capítulo 3.

Considerando o cenário analítico inicialmente traçado, que será heurísticamente aprofundado durante a análise do material empírico concreto, proponho-me então, num segundo momento, compreender as diferentes práticas de conversão de capitais distintos e distintivos de trans e travestis brasileiras nos diversos territórios do trabalho sexual no Brasil, em Portugal e/ou no continente europeu, ao longo das suas trajetórias de vida e biografias corporais. Práticas essas que lhes possibilitaram ascender a posições diferentes e desiguais no campo prostitucional até o momento da produção dos dados (Bourdieu, 2004).

### **O princípio de autocobaia: Posicionalidade, autorreflexividade e intersubjetividade no caminho de pesquisa**

Parto da perspectiva de que não há saber neutro, de que todo saber é político (Foucault, 1986). Tanto mais político quanto assumo que o saber (nomeadamente o que eu produzo nesta pesquisa) não pode ser neutro perante violações de direitos humanos, incluídas aqui as violências contra pessoas trans, travestis, trabalhadoras do sexo, a criminalização da mobilidade com base na nacionalidade, entre outras.

Latour (1994) afirma que a produção do conhecimento moderno excluiu aspectos da realidade para empreender discursos de verdade. A tradição cartesiana — responsável pela separação entre sujeito e objeto e fundamentada pela noção de «homem universal» — tentou circunscrever a produção científica ao campo da abstração, da neutralidade e da racionalidade. Entretanto, os estudos transfeministas, pós-coloniais e de gênero, entre outros, têm demonstrado que o significado de «homem universal», na tradição científica liberal, é burguês, branco, heterossexual, cisgênero, e é instrumentalizado na exploração, colonização e construção de discursos de abjeção contra mulheres, pessoas não brancas, não cisheteronormativas, não ocidentais, não-burguesas, etc. (Crenshaw, 1989, 1991; Fanon, 2008; Foucault, 2011; Giuliani, 2016; Haraway, 2009; Jesus & Alves, 2010; Kilomba, 2010; Lacqueur, 2001; Mbembe, 2018; Preciado, 2014, 2018; Said, 1990; Spivak, 2010; Stryker, 2006). «Reunidas, estas teorias mostram que não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e

das relações de poder» (Tadeu, 2009, p. 10). Assim, a ruptura do campo científico com a análise do universal ensejou um conhecimento específico e lutas específicas sobre as facetas do humano (Foucault, 1986).

Nesse contexto, a emergência dos estudos transgêneros durante a década de 1990 revelou a importância do tema nas críticas às ciências humanas, sociais e biomédicas (Stryker, 2006) quanto à instrumentalização destes saberes na (re)produção e manutenção dos privilégios cisheteronormativos e na constituição do caráter de abjeção de corpos não normativos, gêneros inconformes e sexualidades dissidentes. Portanto, compreendo a produção do conhecimento científico não apenas como possibilidade de transformação ou conservação da realidade, mas também como um instrumento de combate à ideia de neutralidade epistemológica que ainda persiste no campo acadêmico ocidental. Na constituição do caráter dito neutro e objetivo do fazer ciência, o sujeito do conhecimento científico foi progressivamente retirando (ilusoriamente) o seu corpo e a sua subjetividade dos processos de experimentação, visando produzir conhecimentos exteriores a si (Preciado, 2018). Visto que afirmo o caráter ficcional desse paradigma, não poderia eximir meu corpo e a (inter)subjetividade das questões que englobam a produção deste trabalho. A principal ferramenta de pesquisa fui eu, com o meu corpo, a minha fala, os meus modos de fazer e de pensar, desde as suas perguntas iniciais até as suas conclusões, passando pelo próprio trabalho analítico e de produção de dados.

Há que se reconhecer o caráter reflexivo das experiências do trabalho de campo nas alterações das perspectivas interpretativas e nos modos de perceber, compreender e agir no mundo (Field-Springer, 2019). Analisar e identificar minha própria trajetória de vida, os entrelaçamentos de meus marcadores sociais da diferença e as relações (inter)subjetivas que estabeleci durante o trabalho de campo não se restringem à circunscrição de minha posicionalidade. Tais fatores também passam por uma escolha ética perante as histórias de vida que foram trocadas e afetadas entre o autor e as interlocutoras que colaboraram durante e após o trabalho de campo, bem como pelas análises apresentadas ao longo deste trabalho.

Em 2007, aos 19 anos, quando iniciei a graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Maringá-Paraná, meu principal objetivo era trabalhar com a questão indígena, motivado pelo desconforto ao observar a situação de exclusão e vulnerabilidade social da população nativa do Brasil. Entretanto, a questão que me despertou o desejo pelas ciências sociais foi atualizada com a minha «saída do armário» no início do mesmo ano. Saliento essas informações porque as pesquisas que desenvolvi envolvendo corporalidade, gênero, sexualidade, biotecnologias e processos de subjetivação nas experiências de *drag queens*,

pessoas trans e travestis, inevitavelmente dizem alguma coisa sobre quem fui, e principalmente sobre quem sou.

Nasci em uma pequena cidade situada no extremo oeste do Estado de São Paulo. Fui educado em uma família de classe popular, católica apostólica romana, com um pai negro caminhoneiro e uma mãe branca empregada doméstica,<sup>5</sup> ambos instruídos até o 4º ano do ensino fundamental. A desigualdade de poder entre os gêneros era visível para mim. A violência simbólica era recorrente, e a física, nem tão esporádica — situação infelizmente não incomum na sociedade brasileira (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, s.d.). Durante toda a minha infância e início da adolescência, devido aos meus trejeitos, aos meus interesses por literatura e por atividades e objetos designados socialmente ao feminino, fui chamado constantemente de «viado», «bixa», «mulherzinha», etc. Na adolescência, interiorizei o machismo e a *LGBTfobia* como defesas contra os meus desejos homoeróticos, encarnando uma atitude e *hexis* corporais que passassem o crivo da heteronormatividade. Portanto, experienciar o meu corpo e o desejo só foi possível quando saí deste contexto opressor para cursar a universidade, na condição de estudante-trabalhador.

Ainda no primeiro ano da graduação, exteriorizei publicamente minha orientação sexual e iniciei a militância no movimento estudantil, em organizações políticas e ativistas sobre gênero, feminismos e questões LGBTQIA+. A despeito disso, sentia ainda um certo desconforto perante pessoas de gêneros inconformes — experiência que até aquele momento se restringia às *performances* de *drag queens* —, produto da transferência das disposições conservadoras constituídas em meu anterior processo de socialização. Refletindo sobre esse sentimento, resolvi escrever um projeto de pesquisa no primeiro ano da licenciatura, versando justamente sobre as construções de gênero e feminilidades por *drag queens*. No ano seguinte, o projeto foi aprovado pelo CNPq e pude desenvolver um Projeto de Bolsa de Iniciação Científica, sob orientação da Professora Doutora Ivana Guilherme Simili, de que resultou um artigo agraciado na 5ª edição do Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero, da Secretaria de Políticas para as Mulheres (Pessoa, 2010).

Durante um ano, frequentei casas noturnas para assistir espetáculos *drag*, entrevistei *performers* da cidade, contatei com a bibliografia sobre estudos de gênero e transgêneros, teorias (trans)feministas, antropologia e sociologia do corpo. O desconforto inicial ante pessoas de gêneros inconformes transformou-se

---

5. «Caminhoneiro»: camionista, em Portugal.

em compreensão, respeito e, o mais importante, aprendizagem de exemplos de resistência contra os dispositivos de controle dos corpos, gêneros e sexualidades. Se o sujeito é constituído e desconstituído quando se depara com os limites do Outro (Butler, 2017b), durante toda a minha trajetória acadêmica em que desenvolvi pesquisas sobre as experiências de *drag queens*, travestis e transexuais estive em processo de (des)construção de conhecimento científico e (des)construção de mim mesmo, gozando dessa «[...] oportunidade de sermos interpelados, reivindicados, vinculados ao que não somos, mas também de sermos movidos, impelidos a agir, interpelarmos a nós mesmos em outro lugar e, assim, abandonarmos o “eu” autossuficiente como um tipo de posse» (Butler, 2017b, p. 171).

Os discursos de saberes que legitimam minhas pesquisas inegavelmente trouxeram significados e poder suficientes para legitimar minha existência: «Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir» (Foucault, 2011, p. 53). Saberes que (des)construíram o meu corpo generificado pelos dispositivos da cis-heteronormatividade e que motivam a minha circulação por espaços e relações que estabeleço — e continuo a estabelecer — com pessoas de corpos resistentes à normatização, de gêneros inconformes e sexualidades dissidentes. Saberes que construíram as minhas posições políticas embasadas pelas discussões sobre classe, (trans)feminismos, LGBTQIA+, negritude e estudos críticos sobre a mobilidade. Se durante a minha infância e adolescência tive o meu corpo, o meu gênero, e a minha sexualidade assujeitados aos dispositivos de controle biopolíticos, ser subjetivado pelos estudos de gênero, sexualidade, cultura somática, e as suas respectivas comunidades e ativismos possibilitou-me a (re)apropriação do meu corpo racializado e dos seus desejos.

Compreendo minha subjetividade como resultado desse processo. Entendendo meu corpo como espaço de agenciamento (bio)político e de resistência aos dispositivos de normatização, me posiciono como «autocobaia» (Preciado, 2018) das discussões de gênero, corpo e sexualidade na produção do meu Eu como bixa-preta, que incorpora signos, *performances* e discursos designados ao feminino. Sou um corpo tatuado, perfurado e escarificado no interior da comunidade *body modification* e dos seus desejos não heteronormativos, marcados pela comunidade *kinky*. Para além disso, sou pessoa negra inscrita de forma contraditória nos círculos de produção e reprodução do privilégio branco (Mombaça, 2015) e cis-heteronormativo. Recuso a reconhecer-me como homem de ânus castrado, (re)produtor de um regime (bio)político capitalista neoliberal de destruição de humanos, não-humanos e ecossistemas através de uma episteme legitimadora de violência, exploração e exclusão de pessoas tipificadas como não-humanas,

monstras, anormais, ilegais, abjetas. Identifico-me, em contraposição, como uma bixa-preta-*kinky* em um constante processo de desconstrução por e com experiências teórico-corporais (trans)feministas, *queer* e *cuir*,<sup>6</sup> que quer colaborar com a recuperação do «[...] direito de participar na *construção* de ficções biopolíticas. Temos o direito de exigir a propriedade coletiva e “comum” dos biocódigos de gênero, sexo e raça» (Preciado, 2018, p. 370).

No entanto, se minha trajetória como pesquisador e professor universitário permitiu a (des)construção deste eu, a par da obtenção de alguns privilégios, a vivência acadêmica me fez também identificar e compreender os silenciamentos e as negligências operados pela ciência do «homem universal». Quando iniciei minha trajetória científica, poucas eram as pesquisas sobre estudos transgêneros no Brasil, e menos ainda sobre pessoas trans ou travestis na universidade. Contudo, nas últimas décadas, a emergência dos ativismos, as políticas públicas para pessoas trans e travestis e a expansão do ensino superior no Brasil, que inclusive propiciou minha formação acadêmica, conferiram visibilidade à temática e permitiram o ingresso de algumas pessoas trans e travestis nas universidades brasileiras. Esse processo foi responsável pelos avanços das políticas públicas e pela constituição de alguns — ainda insuficientes — espaços onde pessoas trans e travestis possam falar em primeira pessoa no país. Em Portugal, a despeito de algumas reformulações progressistas nas políticas estatais, os dispositivos de poder continuam a oprimir e negar lugares de cidadania a essas pessoas. Persiste uma estrutura social que restringe oportunidades, baseada em classe, gênero, raça, sexualidade, identidade de gênero, nacionalidade, etc. (Ribeiro, 2017).

Se no Brasil nunca foi tão evidente a importância do diálogo e de debates entre os ativismos LGBTQIA+, (trans)feministas, de gênero e a academia, em Portugal fiquei surpreso com a persistência recalcitrante de muitos colegas na defesa de uma suposta neutralidade epistemológica na produção do conhecimento em ciências sociais. Isto posto, as minhas disposições para a pesquisa científica constituídas no Brasil, acrescidas de minhas experiências ativistas em grupos (trans)feministas e LGBTQIA+ fizeram com que eu assumisse uma posição crítica perante essas posições na academia portuguesa. Justamente por ter dimensão da existência do debate sobre neutralidade e objetividade versus relatividade e (inter) subjetividade do conhecimento nas ciências sociais, tive frequentes receios das críticas que poderiam ser direcionadas a este texto. Por um lado, temia as possíveis

---

6. «*Cuir*»: termo utilizado por pesquisadores e ativistas brasileiros para marcar uma posição crítica da transposição simplista da teoria *queer* às especificidades do contexto brasileiro e/ou latino-americano (Lustosa, 2016; Pelúcio, 2014). Para uma crítica da teoria *queer* no contexto latino-americano, Hija de Perra (2014).

críticas influenciadas pela tradição positivista. Por outro, receava as dos ativismos que poderiam acusar a falta de legitimidade do meu lugar de fala: poderia uma bixa-preta-periférica, mas com privilégios de professor universitário, falar sobre experiências de trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo na Europa? Como minhas experiências na condição de migrante e o entrelaçamento dos meus marcadores sociais da diferença poderiam, ou não, colaborar na compreensão do espaço que essas trabalhadoras do sexo ocupam na sociedade portuguesa e/ou no ativismo LGBTQIA+ e de pessoas trabalhadoras do sexo em Portugal? Ou na compreensão de como os marcadores de nacionalidade, identidade de gênero, classe, raça, sexualidade, falta de documentos e trabalho sexual operam de forma entrelaçada para promover silêncios e negligências sobre as experiências, subjetividades e direitos destas pessoas no continente europeu?

Talvez a minha experiência pessoal não possa responder a todas essas indagações, mas certamente poderá aportar algumas considerações relevantes acerca das representações de brasilidade e dos marcadores sociais da diferença em Portugal e na Europa. Ao chegar em Portugal, em novembro de 2015, as vivências de mobilidade ainda não faziam parte dos estigmas que me marcavam. Até aquele momento, havia visitado apenas países da América Latina para apresentar trabalhos acadêmicos, ou em viagens turísticas. Tudo mudou ao chegar ao Porto. Levando na bagagem as representações que povoavam o meu imaginário sobre Portugal, esquecia-me das representações coloniais aí existentes sobre pessoas como eu: brasileiro, periférico, afrodescendente e com uma visualidade composta por *piercings*, tatuagens e alargadores. Na saída do aeroporto, o policial da migração perguntou-me sobre os motivos da minha viagem. Simpaticamente, respondi que estava de mudança a Lisboa para iniciar o doutoramento em sociologia. Apesar dos documentos que certificavam a minha aprovação na seleção de doutoramento e o meu afastamento como professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), o policial não parecia confiar nas minhas afirmações. A situação foi agravada quando ele conferiu meu passaporte e encontrou registros da minha viagem de férias, quatro meses antes, com destino à Bolívia e ao Peru. «Para quê? Porquê? O que fez?» Afinal, o que um latino-americano não-branco iria fazer em dois países com notoriedade no tráfico internacional de drogas e para o quê, num curto espaço de tempo, estaria na Europa? Após duas horas entre interrogatórios e raio X da minha bagagem, minha situação foi resolvida, somente após entrar em uma sala e ser observado apenas com roupa de baixo.

As semanas seguintes seriam marcadas pelo reflexo dessa primeira experiência em solo europeu, onde senti medo e desconforto em ser lido como brasileiro. A primeira ida ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) alimentou ainda mais

meus sentimentos de vulnerabilidade e revolta. A maioria das pessoas que realizavam o atendimento me tratava como se eu não tivesse capacidade intelectual para compreender a burocracia necessária à regularização de minha situação. Com algumas delas, após a entrega dos documentos que certificavam o doutoramento em curso e minha posição como professor universitário no Brasil, o descaso converteu-se em curiosidade sobre a minha atuação docente como sociólogo e antropólogo e a minha aparência. Por vezes, ao comentar sobre o preconceito que sentia em alguns lugares de Lisboa, me pediam desculpas, teciam críticas à aversão de algumas pessoas portuguesas à imigração brasileira e outros tipos de preconceitos e discriminações existentes na sociedade portuguesa, como aqueles relacionados à aparência corporal e suas relações com classe social e negritude.

Durante os quatro anos que vivi em Lisboa, experienciei e presenciei inúmeras situações de xenofobia e alguns abusos de agentes estatais, sem falar dos frequentes olhares de desconfiança por parte dos seguranças de estabelecimentos comerciais, etc. Após diversas experiências, percebi que o capital simbólico representado pelo doutoramento e a atuação docente funcionava como uma defesa perante o racismo e a xenofobia institucional. No início, senti certo incômodo em ter de justificar quem era e o que queria. No entanto, com o tempo notei que somente assim deixaria de ser alvo de tantas agressões preconceituosas. Como vim a entender depois através de minhas investigações, o mesmo não ocorre com as trans e travestis brasileiras, que têm suas trajetórias e subjetividades marcadas pela violência institucional em virtude de suas subjetividades, corporalidades, e identidades e expressões de gênero. A brasilidade dos nossos corpos e subjetividades continuam circunscritas pela lógica colonial: somos mão de obra barata para a (re)produção do ciclo de excitação–frustração do capital (Preciado, 2018), compreendidos pelo olhar eurocentrado como seres sem capacidade intelectual, sem representação política ou legal (Spivak, 2010).

Paralelamente, em Lisboa, as experiências com a comunidade e com ativismos LGBTQIA+, (trans)feministas e de sexualidades dissidentes possibilitaram condições (inter)subjetivas ideais que colaboraram na construção desta pesquisa. Afirmo isto porque não me vejo apenas como uma pessoa pesquisadora. Pessoas trans e travestis, não binárias, *queer*, «sapatonas», «bixas» e trabalhadoras do sexo migrantes são amigas com quem compartilho experiências de vida, recebo e dou suporte e, mais importante, aprendo a ser (trans)feminista, desconstruo a educação cis-heteronormativa e colaboro na criação de outros modelos de sociabilidade. É neste sentido que Spivak (2010), versando o contexto colonial indiano, afirma a importância de trabalharmos contra a subalternidade a partir dos espaços de poder que ocupamos no *locus* social. Mais do que isso, é preciso

explicitar como os dispositivos de poder operam na estrutura social restringindo espaços onde o subalterno possa falar ou ser ouvido.

Stryker (2006) afirma que a experiência encarnada do conhecimento é tão legítima quanto outras formas supostamente mais «objetivas». Isso não quer dizer que o conhecimento subjetivo inerente ao fato de «ser trans» seja melhor do que o conhecimento sobre o fenômeno transgênero obtido mediante uma posição de exterioridade. O fundamental aqui é que nenhuma voz possa ter o privilégio de esconder as peculiaridades e especificidades de sua posicionalidade a fim de reivindicar uma falsa universalidade e/ou autoridade. Ou seja, é importante que os «estudos transgêneros» façam parte dos discursos acadêmicos e não se restrinjam apenas à «comunidade transgênera». Portanto, mais do que debater sobre a legitimidade dos lugares de fala, é fundamental construirmos espaços diversos, em que seja possível ecoar vozes subalternas salvaguardando o seu protagonismo político. Conforme salienta Djamila Ribeiro (2017):

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo (p. 66).

Considerando este cenário posicional, um dos meus objetivos nesta obra é aportar contribuições à constituição de um espaço em que as experiências e subjetividades de trans e travestis brasileiras possam ser compreendidas para além do olhar exótico, abjeto e generalizante. Busco analisar e refletir com as interlocutoras. Em suma, haverá aqueles que eventualmente acusem esta pesquisa de pouca objetividade e neutralidade nos tipos de motivações e preocupações que perpassaram os momentos de produção de dados, as posições que estabeleço com relação à bibliografia acadêmica e sua articulação com as pautas dos movimentos (trans)putafeministas sobre o tema, etc. Para estes, digo apenas que a suposta objetividade e neutralidade científicas que tanto defendem já foram utilizadas para legitimar a exploração, a abjeção e o silenciamento de pessoas não homens, não brancas, não cisheteros, não ocidentais, etc., na (re)produção do capital; trapaças orientadas ao controle, à exclusão, destruição e decisão sobre, neste caso específico, mulheres trans e cis, travestis, migrantes, pessoas não brancas, trabalhadoras do sexo, dentre outras e, porque não, inclusive sobre mim. Precisamos construir outras verdades, (re)produzir outra sociedade, outros códigos de normalidade, outras utopias; nada mais justo do que oferecer uma contraposição argumentativa à lógica historicamente predominante.

## Operacionalização metodológica de uma sociologia à escala individual e corporal

Para captar a constituição dos patrimônios de disposições, faz-se necessário dissecar a trajetória de vida da pessoa, dando atenção aos momentos de crise, negociação, hesitação e pressão, enfim, de situações intervenientes em determinados momentos de suas vidas. As crises e rupturas nas trajetórias de vida são elementos fulcrais dos processos de identificação e constituição das subjetividades, por intermédio dos momentos de desajustes entre as incorporações do passado e o que novamente se exige no presente (Dubar, 2006). Assim, indagar onde, em que época, com quem e como aconteceu é fundamental para poder perceber como os esquemas de resolução dos problemas da vida real são criados e incorporados de modo reflexivo pelos atores como patrimônios de disposições na constituição das suas identidades pessoais e dos seus estilos de vida.

Portanto, uma das preocupações permanentes na produção e análise dos dados foi o cuidado de não homogeneizar os contextos de ação, e sim tentar captar a diversidade de modos de agir, as incoerências, diferenças e contradições presentes nas narrativas das interlocutoras. Afinal, os atores podem ser movidos em ritmos oscilantes e por princípios múltiplos de coerência: «As únicas conclusões lógicas são, na verdade, conclusões teóricas que estabelecem a lista dos pontos interpretativos que puderam ser significativamente tratados» (Lahire, 2004, p. 45). Assim, mais do que conclusões, os dados e as análises produzidos mostram exemplos específicos das experiências de trans e travestis brasileiras em mobilidade, permitindo, nesse jogo, um enfoque de proximidade às adversidades enfrentadas por todos os imigrantes.

Bourdieu (2002) traz algumas contribuições para compreender as intencionalidades dos discursos na produção de histórias de vida. Afirma que, embora a pessoa entrevistada manifeste questões chave para a compreensão de sua trajetória, a pessoa pesquisadora deve ir mais além, de modo a conseguir captar informações que a pessoa entrevistada não acredita serem relevantes. Embora as pessoas normalmente apontem um conjunto de ideias coerentes e orientadas, as trajetórias de vida são marcadas por contradições: «O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido da existência* narrada (e, implicitamente de qualquer existência)» (p. 184). No entanto, o real é descontínuo, devido sobretudo aos imprevistos da realidade diária, responsáveis por inserir em seu devir inúmeros acontecimentos sem um propósito ou uma coerência evidente. É papel da pessoa biógrafa ter em mente que as trajetórias de vida são marcadas por essas rupturas e junções não lineares

de acontecimentos. Assim, somente por meio de um minucioso trabalho empírico é possível captar os processos de constituição dos patrimônios de disposições.

Para captar as trajetórias de vida e seus reflexos na constituição dos patrimônios de disposições e biografias corporais, mobilizei a técnica de entrevista compreensiva (Kaufmann, 2013). Esta é definida como uma técnica qualitativa de pesquisa que mescla a entrevista semidiretiva com a entrevista de natureza etnográfica, sendo a sua principal característica o formato aberto e pouco padronizado. Isto não quer dizer que não exista o planejamento prévio de um roteiro, sendo necessário, para tanto, não somente o conhecimento da temática e a definição de objetivos na produção dos dados, mas principalmente que as perguntas façam sentido nos diálogos travados durante as entrevistas. Sua formulação metodológica parte do princípio de que não existe neutralidade no momento de aplicação de entrevista, por ser um encontro formalizado e com principal controle da situação pela pessoa entrevistadora (Ferreira, 2014).

Assim, o papel da pessoa pesquisadora na entrevista compreensiva é construir um ambiente de espontaneidade gerando empatia e confiança por parte da pessoa entrevistada. O objetivo é colaborar na elaboração de respostas, descobertas e exploração de tópicos previamente definidos, mas que são acionados a partir das categorias de pensamento da pessoa entrevistada de modo a consolidar a linearidade narrativa, o aprofundamento das informações e a crença de estar imerso em uma conversa banal. Ferreira (2014) assevera que, partindo desses pressupostos, é possível fugir de uma reiteração das conclusões da pessoa pesquisadora. Não há neutralidade axiológica na formulação das perguntas, que são elaboradas em virtude da cumplicidade estabelecida com a pessoa entrevistada, de forma a permitir o desenvolvimento produtivo da problemática de pesquisa.

A pessoa entrevistada tende sempre a fazer um relato de sua vida a partir da relação de interação com a pessoa investigadora. O momento de produção dos dados da pesquisa desempenha um papel importante no que é mobilizado a partir do conjunto de experiências passadas da pessoa investigada (Lahire, 2001). Portanto, as experiências compartilhadas, a maneira como se diz, o que é omitido consciente ou inconscientemente dependem da maneira em que a relação foi constituída antes e durante o momento da entrevista. Nesta pesquisa, o fato de compartilhar a mesma nacionalidade, algumas vezes a mesma classe social, projetos corporais que destoam da norma imposta e a contraposição às normas de gênero e sexualidade facilitou na captação, compreensão e desenvolvimento das entrevistas, bem como na manutenção da relação depois delas.

A coleta de informações não partiu da perspectiva de confirmação de hipóteses, mas sim na da busca de descobertas na construção do conhecimento.

As questões da entrevista foram concebidas através da relação contínua de produção de narrativas e formulação de perguntas. Produção e análise dos dados se deram em simultâneo. O roteiro de entrevista e as hipóteses exploratórias que lhe eram subjacentes foram constantemente reconstruídos durante o processo de aplicação a cada uma das entrevistadas. Desse modo, os resultados oriundos das entrevistas se traduzem em dados discursivos que refletem uma relação de improvisação, no encontro entre mim e as interlocutoras (Ferreira, 2014).

As entrevistas compreensivas se concentraram em captar aspectos da trajetória de vida e biografias corporais, tais como: os conflitos estruturais de classe, raça e gênero, o suporte familiar, a orientação sexual e a identidade de gênero na constituição dos patrimônios de disposições e biografias corporais; os papéis das instituições família e escola na constituição de seus modos de pensar, agir, sentir, bem como seus gostos estéticos; os distintos processos de socialização e a constituição dos patrimônios de disposições; a atualização, a adaptação/reprodução ou o estado de vigília dos esquemas de ação durante os processos de construção das suas corporalidades e identidades de gênero femininas; a importância de outras pessoas trans e travestis nos processos de socialização para a construção e incorporação dos esquemas e disposições para a modificação corporal; e, por fim, a influência do processo de mobilidade (ruptura contextual) e das experiências nos distintos territórios do trabalho sexual na Europa na atualização, adaptação, vigília e (re)produção dos patrimônios de disposições. Assim, as entrevistas permitiram captar a diversidade dos contextos de socialização das interlocutoras, os grupos distintos a que foram expostas durante o seu processo de socialização e que foram responsáveis por gerar princípios de socialização diferentes. Captaram, ainda, as variações dos esquemas de ação nos diversos momentos das trajetórias de vida e suas implicações nas biografias corporais. O acesso às suas narrativas de vida propiciou a identificação de suas estruturas mentais e os mecanismos sociais que constituíram a ativação de competências reflexivas.

Entretanto, me mantive sempre atento aos modos de operação da reflexividade nas narrativas produzidas; afinal, nem tudo o que a pessoa diz sobre o seu percurso é realizado de modo consciente. O ator ser reflexivo não implica que ele está sempre em estado de alerta e tem total consciência dos seus atos, gostos e práticas (Caetano, 2012). O semiconsciente está relacionado ao processo de ressignificação coerente da memória. Tal relação demandou questionamentos sobre as possibilidades que as interlocutoras tiveram em dado momento de suas trajetórias de vida e suas indecisões. A percepção dos seus processos de racionalização, cálculos, planos conscientes e não conscientes exigiu a compreensão do papel das forças internas e externas que influenciaram suas ações. Desse modo,

pude perceber as variações individuais dos patrimônios de disposições, a propósito da encarnação da identidade de gênero e do início do trabalho sexual, bem como as inclinações dispostas em estado de vigília, com o trânsito geográfico e com as experiências distintas nos territórios do trabalho sexual no Brasil, em Portugal e/ou na Europa. Foi possível notar contradições existentes nos patrimônios de disposições, as relações entre as lógicas da pluralidade, da reflexividade e os processos de incorporação de padrões na constituição de esquemas de ação e o seu impacto nas biografias corporais.

Lahire (2005) distingue entre as disposições para agir e as disposições para crer. Uma disposição para crer se incorpora ao processo de socialização através das relações do ator com as instituições socializadoras (família, escola, política, religião etc.); entretanto ela não é necessariamente acionada em suas ações. Isto posto, perceber as diferenças existentes entre o que a pessoa fala e o que realmente faz, amiúde evidencia a ilusão que ela nutre acerca de suas próprias práticas. Pode-se citar, como exemplo, a interiorização do valor atribuído a um determinado tipo de projeto de corpo que, no entanto, enfrenta dificuldades em adequá-lo a si própria. Ou ainda, como as disposições que são muito inconscientes dificilmente podem ser transformadas de modo reflexivo:

Existem, pois, opiniões, convicções ou crenças «de conversa», de «discurso», ou «de declaração» (o que não significa «de fachada», porque isso suporia que existe uma «verdadeira natureza» escondida por baixo de um simples «verniz de superfície») que são tão «profundas» como os hábitos que levam a agir, mas que não foram constituídas nas mesmas condições e não encontram os mesmos contextos ou circunstâncias de uso ou de actualização (Lahire, 2005, p. 19).

Captar as disposições de crença foi relevante para compreender como os discursos cisheteronormativos, as representações sociais da brasilidade no contexto europeu, os discursos médicos, políticos, coloniais, estéticos, etc., foram incorporados pelas mulheres trans e travestis e posteriormente excorporados em suas experiências de vida. Se o material empírico adquiriu suma importância para compreender a constituição das disposições, o desenvolvimento da pesquisa possibilitou o aprofundamento dos problemas teóricos relacionados às biografias corporais em sua articulação com os projetos de mobilidade social, geográfica, corporal e de gênero, no sentido de perceber as exceções das disposições, a pluralidade social e os distintos processos de subjetivação.

Cada trajetória de vida e biografia corporal foi utilizada para expandir ao máximo as variações possíveis do universo estudado, seja pela multiplicação de relações

entre as dimensões de análise, seja para colaborar na clarificação, densificação e questionamento das referências teóricas utilizadas na investigação (Costa et al., 2014). As variedades de trajetórias produzidas durante o trabalho de campo podem ser lidas como produto, não somente da diversidade de contextos e posições das interlocutoras, mas também do modo único de interpretação e incorporação da estrutura por elas (Amândio et al., 2016); o que possibilitou revelar as não linearidades, as ambiguidades e complexidades envolvidas no entendimento dos processos de subjetivação, das biografias corporais e de suas relações com a estrutura social. Não busco definir uma totalidade de suas identidades — o que tenderia a uma postura de violência ética (Butler, 2017b) — mas tão somente apreender os distintos processos reflexivos de constituição dos patrimônios de disposições, de identificação e das biografias corporais. Por meio da produção e análise das entrevistas percebi a heterogeneidade de experiências contextuais e como essas experiências, no âmbito reflexivo, tornam-se esquemas de ação incorporados e subsequentemente excorporados em novas ações do corpo e sobre o corpo. Assim, reconstruir as variações individuais dos patrimônios de disposição de trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo em Portugal e/ou na Europa propiciou compreender como as estruturas sociais do Brasil foram incorporadas ao gênero, gostos estéticos, esquemas de ação, modos de ver e sentir os mundos plurais que subjazem em estados de vigília, transferidos ou adaptados em suas experiências de mobilidade para Portugal, na Europa e entre distintos territórios do trabalho sexual.

### **Estratégias de aproximação e entrada no terreno**

Em um primeiro momento, acreditava que poderia reutilizar na produção dos dados desta pesquisa minhas experiências de trabalho de campo em territórios do trabalho sexual no Brasil, respaldadas pelo método etnográfico. Contudo, minhas incursões pelos principais locais de trabalho sexual de trans e travestis em Lisboa, entre os meses de setembro a dezembro de 2016, demonstraram não ser possível a realização deste tipo de abordagem aproximativa. Durante as noites frias de inverno, encontrei poucas trabalhadoras do sexo, conforme o primeiro relato registrado no caderno de campo:

Cheguei ao Conde Redondo às 22 horas. O local abrange 6 quadras. Subi e desci a Avenida e não encontrei nenhuma trabalhadora do sexo. No entanto, há muitas pessoas na rua, principalmente turistas, jantando nos poucos restaurantes que existem ali. Também percebo a presença de muitos senhores de idade que eu creio residirem

na região. É um pouco assustador pensar que vou fazer campo em um lugar que não tem trabalhadoras do sexo (Caderno de campo, 27 de setembro de 2016).

Após algumas tentativas frustradas, conversas com trabalhadoras do sexo portuguesas e uma tentativa de aproximação com uma mulher trans brasileira — que além de não demonstrar interesse na pesquisa, passou a ver com desconfiança minhas incursões ao terreno —, decidi que seria necessário adotar outro tipo de estratégia. Comecei por entrar em contato com algumas ONGs que acompanham pessoas trabalhadoras do sexo em Lisboa. Contudo, após uma primeira conversa com as organizações e uma cuidada reflexão sobre como as questões de prevenção de IST e HIV, os discursos biomédicos e o contato intermediado poderiam interferir negativamente nos tipos de narrativas referentes ao trabalho sexual, optei por realizar o primeiro contato através das plataformas de anúncios de sexo pago.

No fim do ano de 2016, ao realizar uma pesquisa no *site* de busca *Google* com as palavras «travestis em Portugal», o primeiro endereço eletrônico listado foi o <http://www.viptransex.net/>, cujo *slogan* era: «A sua melhor companhia encontra aqui... As melhores Travestis em Portugal!!!». Após clicar na opção «Sim, sou maior de 18 anos», o *site* disponibiliza, em sua parte superior, uma guia de busca contemplando as principais cidades de Portugal. Abaixo dessa guia, há fotos de anunciantes. Ao clicar em cada uma, a página redireciona o usuário ao perfil respectivo, exibindo dados referentes à nacionalidade, aos atributos físicos, ao conhecimento de línguas, às *performances* sexuais, entre outras descrições que serão analisadas mais adiante. Como apontado por Pelúcio (2007), Teixeira (2011) e Saleiro (2013), um rápido *tour* por alguns dos perfis demonstra a presença intensa de brasileiras entre as trans e travestis trabalhadoras do sexo no país.

Assim, em janeiro de 2017, passei a acessar diariamente o *site* *VipTransex* e as páginas eletrônicas [www.tgatas.net](http://www.tgatas.net) e [www.classificadosx.net](http://www.classificadosx.net), bem como os classificados do jornal impresso *Correio da Manhã*, para analisar os diversos tipos de anúncios e anotar números de telefone visando marcar entrevistas. Uma vez monitorados os *sites* e realizadas as primeiras entrevistas, percebi que não fazia sentido acompanhar todas as plataformas, visto que todas elas muito frequentemente repetiam as anunciantes. Também notei que as tentativas de contato com as anunciantes no jornal eram mais difíceis:

Achei mais difícil a abordagem a partir do jornal. Primeiro porque não há muitas informações nos anúncios, o que dificulta perceber quais trabalhadoras do sexo são brasileiras e quais as especificidades dos tipos de *performance* sexual ali comercializadas. Segundo, porque senti mais desconfiança nas conversas ao telefone. Percebo

também que grande parte das anunciantes vivem e trabalham em zonas periféricas da região metropolitana de Lisboa (Caderno de campo, 20 de fevereiro de 2017).

Durante o período de janeiro a dezembro de 2017, contatei aproximadamente 130 anunciantes, de passagem ou vivendo em Lisboa. As conversas por telefone visavam estabelecer alguma afinidade e obter a confiança das possíveis interlocutoras para a realização de uma primeira conversa presencial. Estruturei um convite que destacasse a nacionalidade comum, minha atuação como professor no Brasil, a militância nos movimentos LGBTQIA+ e (trans)feministas e a facilidade de contato e de encontro na cidade de Lisboa. Durante as tentativas de agendamento das entrevistas, muitas vezes as anunciantes faziam perguntas sobre minha orientação sexual, atuação docente, participação nos movimentos LGBTQIA+ no Brasil, a vida em Lisboa, etc. Amiúde justificaram a negativa ao convite pela falta de tempo. Outras mostravam irritação com os ativismos LGBTQIA+ e a falta de união entre as mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo. Algumas das anunciantes pediam que eu retornasse a ligação em outro momento, ou chegavam a marcar a entrevista e não compareciam, e depois não atendiam as minhas chamadas. Apesar de algumas interlocutoras afirmarem que poderiam falar com amigas sobre a pesquisa, a «bola de neve» jamais se concretizou. Assim, os resultados da pesquisa revelam também os comportamentos e atitudes das interlocutoras perante o convite à realização de entrevistas.

Consegui, finalmente, realizar 14 entrevistas durante o ano de 2017, com trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo, itinerantes ou permanentes em Lisboa. Todas autorizaram a gravação áudio das entrevistas no meu celular e declararam oralmente o seu consentimento livre e esclarecido, igualmente gravado. O material produzido totaliza 40 horas e 45 minutos de áudio. A entrevista mais curta (concluída às pressas devido à chegada de um cliente e que não pôde ser retomada, uma vez que a entrevistada foi passar um tempo na Espanha) durou 56 minutos e a mais longa, 4 horas e 37 minutos. Usei o caderno de campo durante todo o processo de produção dos dados e da pesquisa, totalizando aproximadamente 300 páginas de notas, em geral sobre o agendamento e a realização das entrevistas. Embora não constitua um *corpus* robusto de entrevistas — às dificuldades de realização, associaram-se as limitações de tempo para trabalho de campo, transcrição e análise de material empírico no âmbito de um programa doutoral de quatro anos, levado a cabo por apenas um pesquisador —, trata-se, não obstante, de um *corpus* de narrativas densas e variadas. Creio ter alcançado um estado de saturação relativa à coleta de muita informação relevante, devido aos aspectos similares e divergentes das trajetórias, biografias corporais, experiências

da mobilidade, bem como ao impacto destas dimensões nos modos semelhantes ou discordantes de instrumentalização do trabalho do sexo.

Embora a maioria das interlocutoras tenha autorizado a utilização dos seus nomes, optei por criar nomes fictícios para que não possam ser reconhecidas nos territórios do trabalho sexual na Europa e/ou em seus contextos de origem no Brasil. As referências a outras pessoas também foram anonimizadas, inserindo-se uma referência relacional da pessoa com a interlocutora. No caso de Dalila, devido ao seu sucesso no mercado do sexo e no cinema pornográfico, por vezes optei por suprimir partes do relato onde constassem informações sobre seus filmes, para que sua identidade não fosse revelada.

Na Tabela 1, apresento algumas categorias sociodemográficas das entrevistadas, à data das entrevistas. A mais nova tinha 24 anos e a mais velha, 52. A maioria (11) tinha menos de 40 anos; a aparência juvenil mostrou ser uma categoria importante nos territórios do trabalho sexual, como veremos. Nove identificaram-se como trans ou transexuais, quatro como travestis, e Yara, ao ser indagada no início da entrevista, afirmou ser «uma mulher do século XXI, mulher com um brinquedinho a mais», embora num estágio mais avançado da entrevista tenha se classificado como travesti.

A autoclassificação sobre a categorização étnico-racial foi obtida nas narrativas sobre os percursos de vida. As interlocutoras que se identificaram como negras experienciaram situações racistas, fosse no Brasil, em Portugal ou na Europa. A identificação de Tainá como negra está relacionada à informação de ter ganho um concurso de «*miss drag* negra». Contudo, durante a entrevista Tainá não compartilhou experiências marcadas pela negritude. Cabe ressaltar que algumas das interlocutoras poderiam ser reconhecidas socialmente sob atributos racializados, porém, nos discursos captados não se reconheceram a si mesmas com esta categoria identitária, muito provavelmente por motivos em que perpassam privilégios de classe. Devido a isso, as narrativas não foram analisadas por este marcador da diferença nas análises que serão desenvolvidas no Capítulo 2.

As interlocutoras provêm das cinco regiões do Brasil. Seis nasceram na região sudeste, três no nordeste, duas no norte, duas no sul e uma no centro-oeste do Brasil. O nível de escolaridade também apresentou uma grande oscilação de realidades. Oito concluíram o ensino secundário — incluindo Tainá, que cursava um mestrado. O capital cultural representado pela conclusão do ensino escolar, pelo menos ao nível do ensino médio completo, revelou-se um fator preponderante nos tipos de circulação que realizaram no continente europeu e por vezes mais além, também disponíveis na Tabela 1.

**Tabela 1** Características sociodemográficas das entrevistadas, data e duração das entrevistas

<b>Data da entrevista</b>	<b>Nome fictício</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Autoidentificação de gênero</b>	<b>Classificação racial</b>	<b>Estado de origem</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Países visitados e/ou de trabalho</b>	<b>Duração</b>
29/05/2017	Mariana	24	Transsexual	Morena	Goiás	Ensino médio incompleto	Portugal	03h:07m
05/08/2017	Verônica	25	Trans	Branca	Amazonas	Ensino médio	Portugal e Espanha	00h:56m
29/05/2017	Yara	26	Mulher do século XXI: Mulher com um brinquedinho a mais; travesti	Branca	Pernambuco	Não informado	Portugal, França, Espanha e Bélgica	01h:07m
17/10/2017	Diana	29	Transsexual	Branca	Rio Grande do Sul	Ensino médio	Itália, Portugal, Suíça, França, Inglaterra, Finlândia, Irlanda, Alemanha, Polônia, Holanda, Bélgica, Espanha, Escócia.	02h:33m
25/10/2016	Flora	32	Travesti	Morena	Minas Gerais	Ensino médio	Portugal, Espanha, Bélgica e Itália	04h:00m
20/06/2017	Leila	32	Trans	Branca	Bahia	Ensino médio	Portugal, Espanha, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Áustria, Grécia, Irlanda do Norte, França, Holanda, dentre outros. [Conhece 12 países].	01h:09m
12/08/2017 e 30/09/2017	Débora	35	Transsexual	Morena	Ceará	Ensino médio	Espanha, Grécia, França, Noruega, Finlândia, Emirados Árabes, Peru, Tailândia, Turquia, Suíça, Alemanha, Bélgica, dentre outros.	03h:31m

<b>Data da entrevista</b>	<b>Nome fictício</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Autoidentificação de gênero</b>	<b>Classificação racial</b>	<b>Estado de origem</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Países visitados e/ou de trabalho</b>	<b>Duração</b>
16/01/2017	Tainá	35	Mulher trans	Negra	Amazonas	Mestranda	Portugal, Bélgica e Espanha	03h:00m
20/02/2017	Janaina	36	Travesti	Branca	Paraná	Ensino fundamental	Portugal, Espanha e Suíça (Após a entrevista, Inglaterra e Escócia)	02h:39m
06/03/2017	Safira	37	Transsexual	Negra	Espírito Santo	Ensino fundamental	Portugal, França, Inglaterra, Escócia, Espanha, Estados Unidos da América.	03h:30m
12/09/2017	Luna	38	Travesti	Negra	São Paulo	Ensino fundamental	Portugal e Bélgica (Após a entrevista, Inglaterra, França e Espanha)	03h:44m
14/11/2017	Dalila	41	Transsexual	Branca	Rio de Janeiro	Ensino médio	Portugal, Espanha, Dinamarca, França, Noruega, Finlândia, Emirados Arabes, Estados Unidos da América, Andorra, Catar, China, Ilhas Maldivas, Grécia, República Tcheca, Bélgica, dentre outros («quase toda a Europa»)	02h:43m
10/10/2017	Maya	48	Travesti	Morena	Rio de Janeiro	Ensino médio	Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Egito	04h:02m
21/11/2016	Sheila	52	Transsexual	Branca	Espírito Santo	Ensino fundamental incompleto	Portugal	04h:37m

**Fonte:** Entrevistas.

As entrevistas foram marcadas pela informalidade e por momentos de partilha sobre suas experiências e trajetórias de vida, sobre todas as dimensões identificadas como relevantes, à partida ou emergentes da análise, para a operacionalização sociológica às escalas individual e corporal. Utilizei como método de abordagem a revelação explícita de que era uma «bixa» que incorporava símbolos do feminino e *performances* de feminilidade. Utilizei roupas pouco formais, algumas vezes calções e camiseta, para demonstrar que também tinha um projeto corporal não normativo, vestimentas que ajudavam a criar um ambiente de naturalidade sobre a modificação do corpo e tópicos relacionados à sexualidade. Instrumentalizei também o pajubá e outras gírias que conheço como linguagem compartilhada com trans e travestis.<sup>7</sup> A fala de Diana, 29 anos, trans com uma corporalidade inscrita também na comunidade de *body modification* e que reitera as representações relacionadas aos nossos projetos corporais em Portugal, exemplifica também a abertura perante as discussões envolvendo sexualidade e linguagem:

EU: Mas você não acha que Portugal é muito conservador com esse tipo de imagem?

DIANA: Sim, sim, sim.

EU: Mais que o Brasil?

DIANA: Sim. Sim. Aham. Sim.

EU: Porque eu imagino que... Porque tipo, estamos aí de mãozinhas dadas, né? As pessoas olham muito pra gente...

DIANA: É.

EU: Aonde eu vou é do tipo...

DIANA: É o extraterrestre.

EU: Sim, na praia então...

DIANA: É ainda mais *boiolation*.<sup>8</sup> E a senhora senta muito?<sup>9</sup>

EU: Às vezes...

DIANA: Eu sento também.

EU: Maricona...<sup>10</sup>

DIANA: [Risos.]

---

7. «Pajubá» ou «bajubá»: dialeto que mescla palavras do português e do iorubá-nagô, utilizado por travestis e trans brasileiras (Benedetti, 2005; Pelúcio, 2007; Silva, 1993).

8. «*Boiolation*»: pessoa com trejeitos femininos.

9. «Sentar»: performar sexo anal passivo.

10. «Maricona»: Termo êmico para cliente passivo nas *performances sexuais*.

A criação de proximidade e afinidade também foi fácil com Janaina, nascida no Paraná, no mesmo estado onde estudei, por conhecermos pessoas comuns dos ativismos. O mesmo ocorreu com Tainá, devido à sua proximidade com os ativismos em São Paulo e à sua trajetória acadêmica. Com Mariana, especialista em *performances* de *bondage*, dominação e sado-masochismo (BDSM), o fato de eu conhecer as práticas e nomenclaturas foi um facilitador no momento da entrevista e proporcionou maior familiaridade. Assim, mais que «colher informações», «trocamos missangas»; creio que a qualidade dos dados produzidos advém da criação desses momentos de amizade e informalidade.

Algumas entrevistas foram marcadas em um café e, após alguns minutos de aproximação e conversa, fui convidado a ir à casa ou ao apartamento de trabalho da interlocutora, fato que demonstra a relação de confiança que se estabeleceu entre nós. Flora, além do convite, me ofereceu uma deliciosa sopa de legumes com carne, enquanto mostrava fotos captadas no Brasil ainda no princípio de transição de gênero e da cirurgia das próteses de silicone, seu maior orgulho na encarnação da sua identidade de gênero. Durante o levantamento de dados, além do apartamento de Flora, também conheci os locais de trabalho de Verônica, Yara, Leila, Luna, Dalila, Maya, Débora, Tainá, Janaina e Sheila. Com Mariana, a entrevista ocorreu em um café frequentemente visitado por ela, onde também almoçamos. Com Diana, tomamos o café da manhã em uma padaria no centro da cidade e depois fomos almoçar em uma churrascaria brasileira, com culinária típica de seu estado natal. Safira, como residia no Porto e estava durante algumas semanas em Lisboa, marcou o encontro na zona central da cidade e depois jantamos em um restaurante nas proximidades.

A criação dos momentos de intimidade e confiança foi crucial para a captação de questões mais delicadas, como as violências transfóbicas, os problemas com a família ou, ainda, aquelas informações que normalmente só revelamos a amigos próximos ou a analistas. Assim, além da produção de dados para a construção desta pesquisa, as entrevistas também propiciaram às interlocutoras momentos de reflexividade sobre suas vidas e suas subjetividades, como podemos perceber, por exemplo, na fala de Sheila:

EU: Quero te agradecer de novo. Muito obrigado por compartilhar a tua vida comigo.

SHEILA: Mas é bom também. Nesse momento da minha vida, eu relembrar tudo isso.

Você sabe que eu tô fazendo isso, eu não tô te ajudando só, tô me ajudando também.

Que também é uma fase que eu tenho que tomar uma decisão na minha vida. Não sei. Não sei se fico, não sei se vou. Entende?

EU: Sim.

SHEILA: E falar tudo isso, relembrar de tudo, é bom! Aonde que eu errei, aonde que dá pra consertar.

Uma das dificuldades posteriores foi como levar adiante as relações tão delicadas e íntimas que construímos. O relacionamento nas redes sociais me permitiu acompanhar parte das trajetórias das interlocutoras após a etapa de produção dos dados. Flora, por exemplo, passou a me enviar mensagens de bom dia por alguns meses. Foi através destes diálogos posteriores à situação da entrevista que eu soube sobre sua tentativa de aquisição de documentos e seus trânsitos em Portugal. Assim descobri informações sobre as adversidades, as viagens e os acontecimentos importantes de suas vidas durante os dois anos seguintes, como a insegurança sobre um futuro namorado, a dúvida sobre voltar ao Brasil ou ficar na Europa, o casamento com o namorado europeu, a realização de outras cirurgias plásticas, a circulação por territórios do trabalho sexual na Europa, etc.

A fase de produção de dados também ficou marcada pelo compartilhamento das violências físicas e simbólicas relacionadas à identidade de gênero, ao trabalho do sexo, à família, às decepções amorosas, à perda de pessoas amigas, à saudade do Brasil, à solidão, etc. Assim, as entrevistas demandaram suporte, afeto e, principalmente, uma atitude de escuta ativa perante as sensibilidades e os problemas vivenciados naquele momento específico da trajetória de vida, e que não necessariamente estavam relacionados aos objetivos da pesquisa. Foram as entrevistas mais longas, com momentos mais abertos e menor preocupação com o roteiro que me possibilitaram, no momento de análise do material, compreender os aspectos mais relevantes dos patrimônios de disposições e subjetividades das interlocutoras.

A intimidade e a confiança estabelecidas refletem-se também nos tipos de narrativas e situações referentes ao corpo, ao gênero, à sexualidade e ao desejo que compartilharam comigo durante o levantamento dos dados narrativos. Para adentrar a esse tipo de universo, além do entendimento sobre as técnicas e metodologias da pesquisa, também são necessárias competências sociais e emocionais que não necessariamente estão relacionadas à teoria metodológica. Sem esse recurso, dificilmente conseguiria obter as informações sobre as estratégias do trabalho sexual e seus processos de subjetivação, os preparativos para realizar certas práticas sexuais, seus sentimentos e autodescobertas. Portanto, o trabalho de campo demandou muita empatia e um constante processo de desconstrução da moralidade cis-heteronormativa. Nesse sentido, criar um espaço de naturalidade sobre as temáticas do corpo e da sexualidade nos momentos iniciais da

produção dos dados foi crucial para a qualidade das informações obtidas, como por exemplo no diálogo com Flora:

FLORA: 20 aninhos, os bofes passavam na rua e já falava: «Olha, nossa, que morena, não sei o quê». Novinha, todo mundo quer comer bicha novinha, né? Como se diz. Olha eu falando... Pode falar putaria, né?  
EU: Claro que pode falar putaria, sempre! [Risos.]

Se, por um lado, a pessoa trabalhadora do sexo rompe diversos tabus relacionados ao corpo, por outro é necessário que a pessoa pesquisadora tenha suficiente senso de alteridade em relação a essa questão. Por exemplo, durante minha trajetória acadêmica fui frequentemente convidado a sentir as próteses mamárias para perceber coisas que desconhecia: a diferença entre um silicone industrial, cirúrgico ou de «algas marinhas francesas»,<sup>11</sup> ou a tocar o abdômen para me ensinar onde costelas foram retiradas para afinar a cintura, e o rosto, braços, pernas ou seios para sentir os efeitos dos hormônios e a textura da pele. Vários momentos de entrevista corroboram a sensação de segurança e naturalidade das interlocutoras em partilhar intimidades de suas biografias corporais. Maya, por exemplo, após duas horas de entrevista e o atendimento a um cliente, tomou banho para jantarmos perto de sua casa. Enquanto hidratava o seu corpo nu, falávamos sobre os seus cuidados diários com a hidratação da pele «morena cor do pecado» e as estratégias do trabalho sexual centradas no corpo. Dalila e Yara, por sua vez, me receberam após o banho apenas de toalha, e no início da entrevista vestiram suas lingerie de trabalho, o que possibilitou de imediato uma abertura para as questões relacionadas ao corpo.

A confiança e a partilha de experiências também estão patentes na preocupação das interlocutoras com a qualidade dos dados produzidos. Todas ficaram à disposição para sanar possíveis dúvidas durante o tratamento dos dados, a análise e a escrita. Em certa ocasião, Flora, após perguntar o que eu faria com o material produzido, manifestou, além de sua disponibilidade, preocupação com a quantidade de trabalho necessário à produção da pesquisa:

FLORA: Quando você for ouvir lá, se você quiser mais alguma coisa, que for mais fundamental ali para você, na sua pesquisa, você me pergunta novamente, toca no assunto, que você já gravou, você vai saber que eu já falei, né? Você vai ouvir, você

---

11. Segundo as interlocutoras, as próteses de «algas marinhas francesas» proporcionam uma visualidade mais natural do que as próteses de silicone.

vai resumir aquela palhaçada toda e você me fala que eu lhe falo sobre o assunto novamente que for mais importante e relevante.

A principal dificuldade durante essa etapa foi conseguir superar os receios de algumas interlocutoras em compartilhar certas informações. Leila, por exemplo, preferiu não falar sobre seus negócios no Brasil e sobre um problema de saúde ocorrido alguns anos antes. Yara também não mostrou muita abertura nas narrativas sobre a relação com a sua mãe na adolescência, ou com o namorado, bem como algumas de suas experiências no trabalho sexual ainda em território brasileiro. Ambas entrevistas tiveram pouco mais de uma hora de duração, o que dificultou a apreensão da constituição e a atualização dos patrimônios de disposições, todavia colaboraram na confirmação de hipóteses emergentes sobre o impacto da mobilidade nas trajetórias e biografias corporais.

Como já mencionado, as entrevistas longas foram fundamentais para a compreensão da constituição, reprodução, transferência e alterações dos patrimônios de disposições e biografias corporais durante as trajetórias de vida das interlocutoras. Em contrapartida, também demandaram mais atenção e energia. Após três, quatro horas de conversa em atitude de escuta ativa, a exaustão psíquica foi recorrente.

Durante as entrevistas, tive o cuidado de marcar aspectos considerados importantes com comentários que colaborassem para avivar minha memória no momento de transcrição e análise. Por exemplo, quando Sheila falava do seu amor pelos homens, comentei como os seus olhos brilhavam ao longo da narrativa:

SHEILA: O amor pelos homens é muito, muito grande, viver sem homem para mim é muito difícil. [...] Eu estou falando isso mesmo aqui por dentro, porque não é só... Não é só o sexo, é a barba, é... Eu tenho paixão, amor mesmo, de ver um homem ter prazer.

EU: Sim...

SHEILA: É lindo, eu acho maravilhoso, as mulheres perdem tanta coisa...

EU: Seus olhos brilham...

As primeiras análises do material foram realizadas ainda com o gravador ligado, sozinho, logo após a entrevista. Meu objetivo, inicialmente, era realçar os pontos principais da trajetória e da biografia corporal e alguns *insights* que poderiam ser proveitosos à análise do material, tanto na comparação com outras trajetórias quanto na própria confecção da pesquisa. Num segundo momento, transcrevi integralmente o material narrativo produzido durante a entrevista e analisei-o sob orientação da técnica de análise temática (Nowell et al., 2017; Vaismoradi et al., 2016). Validei a transcrição inserindo detalhes sobre os gestos

e os sentimentos que as entrevistadas expressaram com suas corporalidades e o tom de voz, ou seja, relembrei o contexto heurístico do momento de produção dos dados (Feixa, 2018). A interpretação e a análise dos dados foram realizadas simultaneamente em ambos os processos. Posteriormente, defini os pontos comuns que poderiam ser analisados, não com o objetivo de forçar generalizações, mas de utilizar as experiências das interlocutoras na obtenção de alguns pontos de ancoragem da compreensão, traçando comparações ou contrapontos com as percepções das demais entrevistadas (Feixa, 2018). Concluída a primeira análise, criei fichas de perfis contendo dados sobre as trajetórias de vida e biografias corporais de todas as interlocutoras, bem como informações relevantes para a escrita da tese, tais como o local de origem no Brasil, a identidade de gênero, as primeiras modificações corporais, o nível de escolaridade, o *background* familiar, os locais de trabalho no Brasil, na Europa e no mundo, os conhecimentos linguísticos e os tipos de racionalidades que mais sobressaíram nas narrativas, etc. O intuito foi obter uma ideia geral da qualidade e comparabilidade do material e das possíveis relações que poderiam ser sugeridas indutivamente entre as trajetórias e as biografias corporais das interlocutoras (Nowell et al., 2017).

A partir desse exercício analítico inicial, elaborei o primeiro sumário da pesquisa, delimitando provisoriamente os temas de cada capítulo, quais sejam as informações sobre o campo e o momento de produção dos dados, e os pontos de viragem fulcrais e comuns a todas as interlocutoras:

- socialização escolar e familiar, experiências de estigma e transfobia, encarnação da identidade de gênero e biografia corporal feminina, constituição das disposições para modificação do corpo, relações com outras trans e travestis, constituição dos seus gostos estéticos, com seus marcadores sociais da diferença, etc.;
- início do trabalho sexual e da mobilidade para Portugal ou para outros países do continente europeu, motivações para o trânsito geográfico, representações sobre o Brasil e a Europa, os distintos modos de circulação pelo continente europeu e sua relação com o capital de mobilidade, as experiências de mobilidade na alteração dos patrimônios de disposições e biografias corporais;
- distintos modos de instrumentalização e especializações no trabalho sexual, modos de constituição de estratégias de captação e fidelização de clientes, campos prostitucionais diferenciadores na Europa e processos de subjetivação das interlocutoras com as experiências no mercado do sexo;
- consubstancialização da experiência de mobilidade em suas biografias corporais, relevância do capital simbólico na ressignificação das trajetórias e nas relações com familiares, amigos e/ou clientes.

Por fim, elaborei a lista de códigos e subcódigos temáticos para análise das entrevistas através do *software* MAXQDA 12 (Tabela 2).

**Tabela 2** Lista de códigos no MAXQDA 12

<b>SISTEMA DE CÓDIGOS</b>
<b>Capítulo 1 – Do campo</b>
Observações sobre os locais das entrevistas
Como estabeleci o contato
Medos e receios do dizer
Observações de aproximação e o Pajubá/Bajubá
Sentimentos e observações sobre as entrevistas
<b>Capítulo 2 – Background</b>
Pontos de origem (família e capitais)
Família e identidade trans e travesti
Escola e identidade trans e travesti
Capital cultural
Estigmas
· na infância e adolescência
· na vida adulta
Questões de negritude
Trabalhos regulamentados
Negociação da identidade trans e travesti
Nome social
Acontecimentos importantes
<b>Capítulo 3 – Biografias corporais</b>
Primeiras modificações corporais
· indumentária
· hormônios
· efeitos colaterais

---

**SISTEMA DE CÓDIGOS**

---

Silicone

· médico

· industrial

Cirurgias plásticas

Outros tipos de cuidados com o corpo

Modificações instrumentais do trabalho sexual

Modificações expressivas de gênero

Arrendimentos

Primeiros contatos com outras mulheres trans e travestis

Medicina e corpos trans e travestis

Planos futuros de modificação

Justificativas sobre a travestilidade e transexualidade (Gênero)

Representações sobre o corpo/feminino

Representações sobre o grupo trans

Sentimentos relativos ao corpo

---

**Capítulos 3 e 4 – Mobilidade**

---

Trabalho sexual no Brasil

Capital de mobilidade

Capital social

Trajetória do trabalho sexual na Europa

Representações geográficas

· sobre a Europa (antes da mobilidade)

· sobre o Brasil

· sobre Portugal

· sobre a Europa

Brasilidade

Questões legais de circulação

Questões linguísticas

---

---

**SISTEMA DE CÓDIGOS**

---

Representações sobre o trabalho sexual

---

Investimentos com a acumulação de capital econômico na Europa

---

Relações com outras trans e travestis

---

· na Europa

---

· com as portuguesas

---

Alterações dos patrimônios de disposições

---

Alterações nas relações pós-mobilidade

---

· *self*

---

· família

---

· amores

---

Sonhos

---

Lazer

---

Psicoativos

---

**Capítulo 5 – Trabalho sexual**

---

Discursos no telefone

---

Estratégias do trabalho do sexo

---

Práticas sexuais

---

Clientes

---

Cirurgia de confirmação de gênero

---

Discursos sobre o pênis

---

· sem cirurgia de confirmação de gênero

---

· com cirurgia de confirmação de gênero

---

**Capítulo 6**

---

Capital simbólico

---

A utilização de tais metodologias e técnicas qualitativas visou identificar as distintas trajetórias e biografias corporais das interlocutoras, buscando os pontos divergentes e convergentes de cada vida e o impacto em suas subjetividades e corporalidades. A diversidade das histórias de vida não é um mero reflexo dos diferentes contextos e posições das interlocutoras, mas antes o resultado do modo único em que cada uma incorporou e interpretou a estrutura (Amândio et al., 2016). Assim, mais do que generalizações ou conclusões, as análises permitiram o aprofundamento de questões oriundas da bibliografia e a conceptualização de problemáticas inéditas, que só foram possíveis devido a este caminho metodológico específico. Isso nos remete às afirmações de Butler (2017b) sobre as questões éticas envolvidas no processo de captar percursos de vida:

Quando pedimos para conhecer o outro, ou pedimos para que o outro diga, final ou definitivamente, quem é, é importante não esperar nunca uma resposta satisfatória. Quando não buscamos a satisfação e deixamos que a pergunta permaneça aberta e perdure, deixamos o outro viver, pois a vida pode ser entendida exatamente como aquilo que excede qualquer relato que dela possamos dar (p. 61).



## **CAPÍTULO 2.**

# **AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE ENCARNAÇÃO DE FEMINILIDADES DESIGUALDADES SOCIAIS E BIOGRAFIAS CORPORAIS**

### **Abordagens socioantropológicas do corpo: Encarnação e capital corporal**

Durante o desenvolvimento das ciências sociais, o corpo foi compreendido como um operador social responsável pela materialização da cultura. Por meio do corpo, buscou-se compreender comportamentos e práticas sociais e suas implicações na produção do Eu, nas relações que estabelece com o Nós e nas diferenças relativamente ao Outro.

Um primeiro e prolífico momento parte das discussões por Marcel Mauss. Para investigar as relações entre corpo e culturas, Mauss (2005) define o conceito de técnicas corporais: «[...] as maneiras como os homens [sic], sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos» (p. 211). Segundo sua perspectiva, cada sociedade estabelece hábitos corporais que lhe são próprios, influenciados pelos valores cultivados no seu interior e diferenciados de acordo com o sexo, a idade, a fase da vida, etc.

Mary Douglas (1967) pensa o corpo como operador social e afirma que a sociedade impõe sobre os corpos normas relacionadas ao controle social dos indivíduos. Nessa perspectiva, incidem sobre a corporalidade padrões de relações sociais que têm como principal objetivo camuflar a naturalidade existente no corpo, constrangendo os processos orgânicos (ruídos, odores e excreções, etc.). Para a autora, as limitações impostas ao corpo são influenciadas pelo local da relação social. Assim, quanto maior a tradição ou a formalidade do espaço, maior o nível de controle que a pessoa mantém sobre sua corporalidade. Consequentemente, é por meio das regras corporais que a pessoa se distancia da natureza — onde se encontra enclausurado o corpo — e emerge para a cultura.

Bourdieu afirma que a construção das corporalidades está relacionada ao processo de interiorização do *habitus*, ou seja, às estruturas objetivas incorporadas pelas pessoas no processo de socialização, ditando como vestir-se, andar,

comportar-se, gesticular, olhar, etc., e que são exteriorizadas através de ações. A construção do ser social perpassa a incorporação das normas e regras diferenciadas e diferenciadoras de acordo com o capital cultural do agente, responsável pela criação de subjetividades e diferenças. Para ele, o corpo seria fundamentalmente o reflexo do capital cultural e das diferenças de classe, conceituando as práticas diferenciadoras entre os agentes como estilos de vida, incluindo os gostos, a inclinação a determinado bem material ou simbólico, ou a determinadas práticas (Bourdieu 1983, 2007). Gostos e práticas não só apenas ligados ao consumo, a despeito do capital econômico influenciar as suas escolhas e aquisições, mas a toda trajetória social da pessoa inserida no tempo e no espaço. Como operador social, o corpo torna-se uma representação dos aspectos culturais e sociais incorporados pelos agentes nas relações que estabelecem com os demais agentes inseridos na estrutura.

Conforme salientado anteriormente, Foucault (1986) demonstra as relações entre a disciplinarização do corpo pelos dispositivos de biopoder na gestão das populações e a (re)produção do sistema capitalista desde o século XVII. Com o processo de industrialização e de urbanização e suas relações com as questões da riqueza, da mão de obra e do trabalho, o Estado percebe a necessidade de lidar com os aspectos relacionados à corporalidade e à sexualidade. As condutas sexuais são analisadas em suas determinações e seus efeitos: «[...] entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram» (Foucault, 2011, p. 33). As condutas corporais e sexuais do povo são (re)apropriadas como objeto de análise e de intervenção, e o objetivo da biopolítica é produzir dispositivos, ou seja, modos e práticas que cada pessoa deve realizar com o seu corpo para manter e reproduzir a ordem social. Para o autor, não são apenas as sociedades que instauram a «disciplina» — principalmente através da atuação do poder do Estado sobre as corporalidades; são os próprios agentes que, ao incorporarem os saberes da sociedade disciplinar, reiteram as normas.

As teorias discutidas até aqui revelam uma forte influência da estrutura social sobre a construção/(re)produção do corpo e das corporalidades. Ferreira (2013) designa esta orientação comum como «paradigma da incorporação», que tem como principal objetivo a análise da construção social de corporalidades segundo a lógica instaurada na estrutura social. A estrutura incutiria as dimensões necessárias para a (re)produção da materialidade corpórea. Logo, compreender o corpo por meio da perspectiva de incorporação é vê-lo como matéria modelada pelo contexto cultural e social.

Com o desenvolvimento das teorias socioantropológicas e das intervenções biotecnológicas sobre o corpo, outros paradigmas teóricos foram projetados. No

final do século passado, a popularização de técnicas e tecnologias de modificação corporal, mais ou menos invasivas, suscitou a emergência teórica do caráter plástico das corporalidades. Le Breton (2000, 2011) mostra a influência do desenvolvimento da indústria de *design* corporal na contemporaneidade sobre a construção da realidade corpórea. Com a viabilidade da intervenção tecnomolecular no corpo, os agentes teriam a possibilidade de projetar e construir suas corporalidades de modo autônomo. O corpo, na modernidade, adquire um caráter de acessório de presença, uma representação do Eu. A anatomia corporal passa, de ser destino, a ser possibilidade de transformação e provisoriidade. São disto exemplo as cirurgias estéticas, que permitem perceber o corpo como artefato de identidade a ser exibida. Se antes os corpos eram uma estrutura simbólica estável, na modernidade eles emergem como possibilidade de mudanças segundo os desejos individuais e as experiências dos agentes. Na perspectiva bretoniana do corpo como acessório, a construção das corporalidades está relacionada sobretudo aos processos de decisão e escolha entre determinados modelos de corporalidade. Ao assumir essa perspectiva de leitura do corpo, é possível encará-lo não somente como uma superfície passiva das influências sociais e culturais ou de relações de poder, mas como objeto analítico suscetível a uma interface reflexiva entre o material e o simbólico, entre experiência e representação. Trata-se de buscar interpretações que compreendam as diversas possibilidades de projeto, sejam elas relacionadas à reiteração ou à ruptura com a estrutura social: «O corpo não é incorporação de uma simbólica petrificada, mas de uma simbólica viva, que se inscreve numa ligação permanente com o futuro desta ordem aproximativa e sempre em mudança que é uma sociedade» (Le Breton, 1982, p. 231).

Nesse novo contexto paradigmático, Giddens (1997) afirma que o corpo, na modernidade, emerge como projeto reflexivo do *self*, produzido pelas escolhas dos agentes, seja na constituição de diferenças e identidades, ou na (re)produção de estilos de vida. Assim, as corporalidades são (re)produzidas conforme as experiências e expectativas individuais dos agentes, a partir das possibilidades socialmente disponíveis e simbolicamente legitimadas; o corpo, sob a perspectiva reflexiva, pode também expressar a afirmação de identidades transitórias, assumidas a partir das diversas experiências dos agentes, contra identidades hegemônicas, e de resistência à estrutura social.

O corpo, como o *self*, torna-se num local de interação, apropriação e reapropriação, ligando processos reflexivamente organizados com o conhecimento dos peritos, ordenado sistematicamente. [...] Em tempos pensado como sendo o *locus* da alma, depois como o centro de necessidades obscuras e perversas, o corpo tornou-se mais

disponível para ser “trabalhado” pelas influências da modernidade tardia e, como resultado destes processos, as suas fronteiras alteraram-se. Ele tem, por assim dizer, uma «camada exterior» totalmente permeável através da qual penetram rotineiramente o projecto reflexivo do *self* e os sistemas abstractos formados externamente (Giddens, 1997, p. 201).

Assim, compreender o corpo na modernidade é também perceber como os agentes selecionam práticas peculiares para a obtenção dos seus projetos de *self*. Neste debate, Crosley (2005) define o conceito de reflexividade carnal, um conjunto de pensamentos e decisões, baseadas na incorporação de conhecimento e compreensão das suas lógicas, que modificam ou mantêm as corporalidades de maneiras particulares. Esta perspectiva, designada por Ferreira (2013) como «paradigma da excorporação», rompe com a linearidade da ideia clássica de incorporação na construção social das corporalidades em função das demandas sociais e culturais. No entanto, a excorporação não é o oposto da incorporação, partindo-se do pressuposto de que, para excorporar, é necessário ter incorporado técnicas, símbolos e representações, não de uma forma naturalizada e inconsciente, mas mediada por processos de reflexividade carnal, subjacentes às ações de consciência e deliberação com e sobre o corpo. Este, nesta perspectiva, é compreendido principalmente como elemento plástico, associado a um processo reflexivo de bricolagem das experiências e relações estabelecidas entre o agente e seu meio social. Nas experiências de todos os corpos generificados, esta interpretação de construção das corporalidades é perceptível nos processos de reflexividade carnal que experimentam com a encarnação das tecnologias de gênero; a construção de um tipo específico de feminilidade ou masculinidade tem como epicentro a (re)apropriação de discursos, tecnologias, símbolos e técnicas em processos de experimentação legitimados pelos agentes em seus meios sociais.

Contudo, imanente aos processos de reflexividade carnal subsiste uma perspectiva de objetificação do corpo, transformado em acessório de si. Esta perspectiva deixa de lado uma questão de suma importância: a dos limitadores biológicos, sociais e culturais e os aspectos relacionados à assunção do corpo, ele próprio como sujeito que, longe de ser um objeto inerte, é matéria viva, vivida e em devir. No intento de romper com esta perspectiva sociocentrada do corpo e seu aspecto desmedido de plasticidade, o «paradigma da encarnação» (*embodiment*) (Ferreira, 2013) considera os assujeitamentos e os constrangimentos dos agentes face aos aspectos orgânicos do seu próprio corpo e as desigualdades sociais, econômicas e culturais na constituição e materialização dos projetos corporais. Busca compreender a efetivação dos projetos corporais em suas relações com a dialética

entre a estrutura social, os limites da materialidade corpórea e as desigualdades físico-orgânicas e sociais dos corpos. Nesta ótica, trata-se de perceber os aspectos de criatividade dos agentes nas construções de suas corporalidades e projetos corporais, face aos constrangimentos oriundos das características dos corpos e das desigualdades estruturais em que estão inseridos e que, frequentemente, se expressam e se reproduzem neles mesmos (Ferreira 2013).

Nesta perspectiva, Shilling (1991) afirma a importância dessas relações dialéticas sobre o corpo e o papel das desigualdades na (re)produção das corporalidades. O corpo não está apenas sujeito às estruturas. É um material orgânico inserido na natureza, mas que estabelece também interações com o mundo social, que deve ser pensado como o resultado dos processos de reflexividade carnal e constituído nas relações entre o agente, o seu corpo, os demais agentes e a estrutura social. Shilling (2008) compreende as corporalidades como encarnações a partir dos resultados processuais, nos quais os agentes são tanto sujeitos quanto assujeitados pelas capacidades, potencialidades e constrangimentos do seu corpo e do seu contexto social. As corporalidades resultam das necessidades, potencialidades, limitações e interações relacionadas às questões de ordem biológica (física e orgânica) e do local que a pessoa ocupa na estrutura social, inerentemente relacionado aos entrelaçamentos dos marcadores sociais da diferença. Assim, realça a dupla capacidade do corpo, de manifestar as lógicas de reprodução das estruturas sociais e de potencializar novas possibilidades que dizem respeito aos aspectos identitários, relacionais e de transformações sociais. A estrutura social não corresponde apenas a forças que constroem as corporalidades, mas a um conjunto de regras e recursos que constroem os agentes e que, conseqüentemente, se reproduzem neles para facilitar as relações sociais; dado que tanto as regras como os recursos são resultados da ação social, as estruturas não somente determinam as ações, mas também possibilitam processos de mudança (Shilling, 1991).

Com a diversificação de projetos corporais associados a excorporações políticas do corpo na contemporaneidade, o paradigma da encarnação torna-se fundamental na compreensão da (re)produção das corporalidades e suas relações com os assujeitamentos estruturais. A título de exemplo, cite-se como as pessoas trans organizadas em movimentos sociais transfeministas, na busca por reconhecimento político, desafiam as normas binárias e *cistêmicas de construção dos corpos generificados*.<sup>12</sup> Com isso, elas alteram não somente suas corporalidades, como

---

12. «Cistema»: Termo usado pelas teorias transfeministas para enfatizar o caráter cis-supremacista do mundo ocidental moderno, no qual pessoas não cisgêneras são silenciadas ou excluídas e têm as suas corporalidades e subjetividades representadas pela abjeção (Bagagli, 2019; v., 2013, 2015).

também a estrutura social mediante disputas políticas que reivindicam o reconhecimento coletivo de suas singularidades, necessidades corporais e subjetivas.

Com as perspectivas de excorporação e encarnação nas leituras socioantropológicas do corpo, emergiram novas ferramentas analíticas para compreender as corporalidades. Os conceitos de capital físico, formulado por Shilling (1991), e de capital corporal, por Wacquant (2002), têm mostrado ser ferramentas importantes nas pesquisas contemporâneas sobre as realidades corpóreas. Compreender o corpo como um capital é perceber os processos de (re)produção das corporalidades, levando em consideração as desigualdades sociais e físico-orgânicas. Tais formulações buscam romper com a ideia determinista do *habitus* dos paradigmas da incorporação. O corpo é percebido como resultado de valores físicos e simbólicos, qualitativos e quantitativos, de recursos materiais e performáticos que podem ser investidos e capitalizados em determinadas dimensões da vida social (Wacquant, 2002), indo muito além do paradigma essencialista dos reducionismos biológicos, ou do resultado de discursos, linguagens e representações das teorias pós-estruturalistas (Shilling, 1991).

Bourdieu (2007) declinou os diversos modos de incorporação do capital cultural, ou seja, o acúmulo de recursos, cultura e competências adquiridos ao longo do tempo e das experiências,

[...] que, em seu estado fundamental, está *ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação*. A acumulação de capital cultural exige uma *incorporação* que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, *custa tempo* que deve ser investido *pessoalmente* pelo investidor (pp. 74-75).

Ele não pode ser transmitido instantaneamente nem acumulado para além da capacidade de acumulação de seu portador. Esta apropriação depende, principalmente, do capital cultural ativado pela sua família, e as ações pedagógicas do processo de incorporação são orientadas pelo *habitus*, as estruturas objetivas incorporadas pelos sujeitos no processo de socialização que os dispõem para as suas escolhas subjetivas.

Refletindo sobre as propostas bourdieusianas, para Shilling (1991) o capital cultural incorporado torna-se capital físico, influenciado pelos constrangimentos e assujeitamentos estruturais da realidade pessoal. O conceito de capital físico busca apreender os processos de (re)produção das corporalidades levando em conta as desigualdades sociais e físico-orgânicas do corpo. Desenvolve-se nas inter-relações entre a localização social do indivíduo, o *habitus* e os gostos produtores de subjetividades distintas, ressaltando a importância do corpo na

materialização dos estilos de vida e nos processos de naturalização ou perpetuação das diferenças de classe. Assim, as corporalidades emergem como resultado dialético entre a estrutura social, as ações e desejos individuais e as propriedades — físico-orgânicas, sociais, econômicas e culturais — do corpo da pessoa.

Um dos fatores de diferença consiste no tempo que a pessoa pode despende para investir na aquisição do seu capital físico. Este tempo depende da quantidade de capital econômico que a família da pessoa detém. As desigualdades de classe tornam-se fundamentais para compreender os distintos tipos de corporalidades. Nas classes populares, devido à falta de tempo para o desenvolvimento do corpo como um capital, as corporalidades adquirem uma orientação instrumental. O corpo é compreendido e investido para uma determinada finalidade: via de regra, o trabalho. Nas classes dominantes, o corpo pode se tornar um fim em si mesmo, focado no cuidado da saúde e da aparência, frequentemente a partir de noções hegemônicas de corporalidade. As desigualdades se originam também das diferentes oportunidades de converter capital físico em outras formas de capital como, por exemplo, capital social e cultural mediante o investimento em atividades diferenciadoras (Shilling, 1991).

Wacquant (2002) colabora na compreensão das características de sociação e individuação do conceito de *habitus* e suas relações com o conceito de capital corporal — termo que ele prefere ao de capital físico, por pensar a sua constituição a partir de questões simbólicas, performáticas e sensoriais, além de físico-biológicas. O aspecto de sociação está relacionado às categorias de juízos e ação dos agentes em sociedade, compartilhadas por todos que, de um modo ou de outro, passam por um processo social similar. As relações entre o *habitus* e o capital corporal seriam sintetizadas nos modos de ser e estar no mundo protagonizados pelos agentes, tais como se vestir, andar, se comportar e gesticular. Esses modos são constituídos pela exteriorização das estruturas interiorizadas, ao passo que as subjetividades se constituiriam a partir das experiências individuais e de suas relações com o capital cultural. A constituição do capital corporal obedece a uma rede de relações entre todas as pessoas de certo grupo. O *habitus* compartilhado pelo grupo precisa ser incorporado de modo a tornar-se natural a seus integrantes. É por meio das trocas de experiências e da construção de laços de afinidade que se interiorizam as primeiras técnicas corporais necessárias à efetivação do projeto. Essa é uma característica encontrada em diversos campos em que o corpo é peça chave. Nada é inato, tudo é adquirido e coletivamente produzido pela submissão prolongada do corpo a disciplinas e técnicas várias (Wacquant, 2002). Contudo, o *habitus* também favorece processos de individuação, partindo-se do pressuposto de que cada agente tem uma trajetória, localização e internalização

únicas que permitem a combinação de diversificadas possibilidades de esquemas estruturados e estruturantes. O processo de individuação não necessariamente precisa reiterar as normas sociais, pode também agenciar o rompimento com a estrutura, por exemplo, na construção de uma corporalidade não hegemônica.

A despeito do aspecto limitador do capital econômico na obtenção do capital corporal, não podemos rejeitar a possibilidade de materialização de um projeto corporal com poucos recursos financeiros, sobretudo quando as corporalidades inserem-se em uma dimensão contra-hegemônica. Assim, malgrado as técnicas de construção de corporalidades de pessoas trans e travestis demandarem um acúmulo de capital econômico, os agentes menos providos de bens econômicos podem criar outros caminhos para a obtenção dos seus projetos, pagando algum ônus por isso.

O cuidado de si figura-se como um fator fundamental na constituição de determinado tipo de capital corporal. Conhecer os limites do corpo, seus pontos fortes e fracos para a realização de um tipo de projeto corporal, bem como exercer a disciplina necessária para mantê-lo, são frutos da observação sistemática e do cálculo realizado através de uma «ciência concreta» do próprio corpo, de suas potencialidades e insuficiências. O capital corporal é constituído pelo que já se tem e pelo seu aperfeiçoamento mediante a encarnação da técnica e da experiência. Entender o corpo sob esta perspectiva é perceber os aspectos da corporalidade como resultado da relação dialética entre o físico-orgânico e o social. Uma construção centrada na repetição milimétrica dos atos, gestos e técnicas, mantendo-se sempre o cuidado de não «gastar» o corpo. O tempo é um inimigo literalmente mortal do capital corporal, porque, sendo o corpo também matéria orgânica, obedece a uma dinâmica própria de autodestruição (Wacquant, 2002).

Estes aspectos serão fundamentais para compreender as subjetividades, as experiências e as trajetórias subjacentes às biografias corporais das trans e travestis trabalhadoras do sexo. Utilizarei o termo «capital corporal» de preferência a «capital físico», considerando que as formulações de Wacquant são mais próximas de minha problemática de pesquisa. Para tal, precisamos distinguir três propriedades do capital corporal relacionadas aos investimentos e às suas finalidades expressivas e instrumentais.

O capital corporal tem como base o corpo físico-orgânico da pessoa, como ponto inicial no processo de definição do projeto corporal e como limitador das práticas de transformação. Portanto, a primeira propriedade do capital corporal são suas características físico-orgânicas e os questionamentos sobre como instrumentalizá-las — «O que eu tenho?», «Como posso utilizar estes atributos no meu projeto de corpo?» —, a partir dos quais os agentes traçam as negociações

consgo mesmos para pensar estratégias de construção de um determinado projeto corporal.

A segunda propriedade do capital corporal está relacionada à forma e à aparência do corpo, na constituição de características individuais inscritas em relações coletivas. Sobretudo neste contexto contemporâneo marcado pela circulação mundial de pessoas, conhecimentos e objetos, o conhecimento acumulado pelo grupo é amplamente (re)distribuído e incorporado através de fluxos tecnoinformativos. Portanto, a segunda propriedade do capital corporal está relacionada a questões identitárias, ligadas a outras de ordem prática e de reflexividade carnal com que o agente se depara: «Que corpo eu desejo?», «O que devo fazer para alcançá-lo?», «Eu sou um corpo singular, mas também faço parte de um grupo específico que detém características deste capital corporal e as reconhece em meu corpo». Essa propriedade é responsável por materializar o projeto no corpo por meio de técnicas específicas aprendidas com os outros agentes no campo ou grupo social. Consiste em internalizar a estrutura e exteriorizá-la de modo singular a partir dos objetivos individuais e de especificidades subjetivas. A forma e a aparência também são importantes para o reconhecimento dos pares no campo, além de serem responsáveis por conferir segurança ontológica, parcialmente garantida pelo reconhecimento ou confirmação da identidade da pessoa por outras pessoas do seu grupo social (Shilling, 1991).

A terceira propriedade do capital corporal está relacionada à performatividade, à imagem e ao movimento: «O que eu apresento e represento com o meu corpo?», «Como eu sou interpretado pelo capital corporal nos diversos espaços sociais?». Além-se a um processo de encarnação dos gestos, práticas e movimentos do corpo. Além de questões relacionadas ao movimento, *hexis* corporal e segurança ontológica, também está relacionada às sensações que a corporalidade oferece ao agente na constituição de sua subjetividade como pessoa singular e pertencente a um grupo identitário. A realização de um projeto de corpo gera satisfação no que se refere aos aspectos da ordem social e da autoimagem.

Em suma, o capital corporal emerge da relação dialética entre o agente, as disposições que incorporou e os outros capitais que pode investir, e os assujeitamentos do seu corpo devidos a questões de ordem físico-orgânicas, favoráveis ou desfavoráveis à concretização do projeto corporal desejado. Também estabelece relações com a forma, a aparência e os aspectos identitários, resultados da relação dialética entre os membros do grupo que trocam experiências de técnicas de construções corpóreas, promovem o reconhecimento dos pares e oferecem segurança ontológica. Por último, o capital corporal é *performance*, movimento e sensações, efeitos do processo de encarnação de gestos, práticas e movimentos

postos à prova por meio das relações sociais na interpretação da corporalidade e na conformação de uma subjetividade e uma imagem positiva de si. Ele atesta a singularidade do corpo como algo encarnado pelas experiências dos agentes nas diversas relações que estabelecem consigo mesmos e o seu corpo, o seu corpo e a estrutura, o seu corpo e os demais agentes. Ao estabelecer relações entre os capitais econômico, cultural e social, o conceito de capital corporal proporciona o entendimento dos processos de constituição da materialidade corpórea e os diversos tipos de assujeitamentos que emergem dos seus processos construtivos.

Os marcadores de desigualdades tornam-se aspectos imprescindíveis na compreensão da obtenção de um determinado capital corporal, devido às relações que estabelecem com o capital econômico na encarnação e expressão de um determinado estilo de vida que é materializado no e pelo corpo, bem como pelas conexões da classe social com as características de racialização em uma sociedade marcada pela colonização europeia do mundo. Diante disso, é necessário compreender como os distintos contextos de constituição das biografias corporais de trans e travestis trabalhadoras do sexo estão relacionados às desigualdades e privilégios, tanto em suas trajetórias quanto na consubstancialização do capital corporal.

Crenshaw (1991), com o conceito de interseccionalidade, convoca diversas dimensões de relação entre raça e gênero na constituição das experiências de mulheres negras, argumentando que o feminismo e o antirracismo são limitados para compreender as especificidades dos processos de subordinação e de silenciamento das mulheres não-brancas, por partirem de análises unidirecionais, tanto dos feminismos sobre a categoria «mulher» e o patriarcado, silenciando a categoria «raça» e privilegiando as experiências de mulheres brancas; quanto dos movimentos negros que questionam a categoria «raça» silenciando o patriarcado, privilegiando as experiências de homens negros. Ambos os silenciamentos posicionam mulheres não-brancas em situação de vulnerabilidade singular e às margens dos movimentos feministas e antirracistas. Para Crenshaw, portanto, a interseccionalidade implica uma análise das múltiplas dimensões de diferença que se cruzam nas experiências singulares dos atores, fundamental para compreender a formação das identidades de um modo antiessencialista. O conceito de interseccionalidade busca reconhecer e fundamentar as diferenças existentes entre um determinado grupo identitário para colaborar no entendimento de realidades complexas e negociar os meios de expressão dessas diferenças na construção de políticas públicas; as formulações de Crenshaw (1989) compreendem a interseccionalidade como um evento de intercruzamentos identitários.

Jasbir Puar (2013) contesta a teoria da interseccionalidade, argumentando que o conceito reifica as diferenças sexual, de gênero e de raça, e que as teorizações

feministas que utilizam a interseccionalidade continuam a projetar uma questão de diferença «em relação a», ou seja, a diferença em relação à «mulher branca». A crítica de Puar também está direcionada ao modo como as análises interseccionais acabam sendo absorvidas e acomodadas pelo pluralismo neoliberal: «A “diferença” produz novos sujeitos de investigação que, assim, multiplicam infinitamente a exclusão para promover a inclusão. A diferença agora precede e define identidade» (pp. 352-353). Definindo cada vez mais categorias de sujeitos por interseções de especificidades identitárias, as análises interseccionais colaboram na atualização dos dispositivos da sociedade do controle exercidos pela governamentalidade (Foucault, 1986) e pelo capitalismo de mercado que atua mediante a apreensão e (re)produção dos corpos como informação. Discutindo as formulações feministas sobre a ciência e a tecnologia, constata que o posicionamento interseccional não é capaz de capturar a matéria do corpo, que não se pode decompor em formações identitárias, impossibilitando apreender as indeterminações e as constituições mútuas da corporificação de gênero, sexualidade, raça, classe, nação, etc.

Tentando romper com esses processos, Puar (2013) mobiliza o conceito de agenciamento (*assemblage*), a fim de compreender as diferenças na constituição dos sujeitos, ou seja, enfocar as relações, as conexões específicas, os entrelaçamentos e os deslocamentos de fronteiras conceituais como constitutivos da realidade. Aqui, converge para as argumentações de Haraway (2009) sobre a importância dos hibridismos como ferramenta na destruição das categorias naturalizantes e dicotômicas, tais como as de «homem/mulher», «branco/negro», «cis/trans», entre outras. Para compreender o papel das diferenças na constituição das trajetórias e biografias corporais de pessoas trans e travestis, faz-se necessário identificar e analisar as relações, conexões e entrelaçamentos entre classe, raça, identidade de gênero, entre outras, na constituição de privilégios e de estratégias de resistência à subordinação.

Norteadado pelo «entrelaçamento dos conceitos de interseccionalidade e agenciamento» (Puar, 2013, p. 366), busquei compreender o impacto das desigualdades de classe e suporte familiar, características de racialização, de geração, corpo plástico e corpo orgânico nas biografias corporais de trans e travestis trabalhadoras do sexo. Assim, mais do que identificar determinações a partir das dimensões constitutivas das categorias identitárias, tento compreender as relações, conexões e co-constituições destes marcadores na construção de uma biografia corporal específica, seus privilégios e sujeições; bem como as estratégias de resistência das interlocutoras perante a normatização dos seus corpos, as identidades e expressões de gênero, e a sexualidade.

De modo analítico, as biografias corporais das interlocutoras desta pesquisa oferecem uma diversidade de assujeitamentos e desigualdades na efetivação dos seus projetos, os quais podem estar relacionados, quer às discrepâncias naturais do corpo, quer às diferenças nos tipos de corporalidades projetadas e encarnadas. Assim, as discussões apresentadas neste capítulo buscam compreender como a constituição do capital corporal das interlocutoras atesta o agenciamento das singularidades físico-orgânicas e das desigualdades sociais do corpo na obtenção de um projeto desejado, e o impacto de mudanças estruturais em suas biografias corporais.

### **Suporte familiar, trajetória escolar e desigualdades de classe**

Uma das formas de desigualdade mais perceptível nas infâncias e adolescências das biografias corporais das mulheres trans e travestis é a relacionada à classe social, que se traduzem em modalidades de trajetória escolar e de suporte familiar ao longo da excorporação da identidade de gênero subjetivamente valorizada. As etnografias brasileiras retratam majoritariamente processos de exclusão da instituição familiar e da instituição escolar, bem como a necessidade e facilidade de entrada no trabalho sexual para subsistência dos seus corpos e subjetividades (Benedetti, 2005; Duque, 2011; Silva, 1993). Parte considerável da bibliografia sobre as corporalidades trans e travestis atesta a importância da «pista» no aprendizado das técnicas de modificação do corpo e *habitus* do grupo (Benedetti, 2005).<sup>13</sup>

A ausência de questionamentos dessas generalidades na bibliografia brasileira motivou a problemática de minha pesquisa de mestrado, sobre as biografias corporais de trans e travestis que construíram suas corporalidades *fora dos territórios do trabalho sexual*. As conclusões a que cheguei mostraram a importância do suporte familiar para a consolidação de outros tipos de trajetórias, como o acesso à educação escolar e universitária; a uma preocupação com as técnicas de constituição do capital corporal mais centrada em valores expressivos de gênero, em detrimento do seu valor instrumental; à encarnação de outros modelos de feminilidades e de subjetividades para travestis e mulheres trans (Pessoa, 2013).

Nas biografias analisadas na presente pesquisa, localizadas nos terrenos do trabalho sexual, também abunda a diversidade do suporte familiar e sua influência nas trajetórias. À exceção de Safira e Yara, expulsas de casa após a

---

13. «Pista»: termo êmico para os territórios do trabalho sexual.

descoberta das suas identidades de gênero, que tiveram de recorrer ao suporte de outras trans e travestis e, posteriormente, ao trabalho do sexo como último recurso de sobrevivência; todas as outras interlocutoras receberam algum tipo de suporte afetivo ou material de pessoas do núcleo familiar alargado. Flora e Débora, embora não tenham recebido apoio dos pais, receberam suporte afetivo de suas irmãs. Diana, ainda que não encarnasse a feminilidade enquanto viveu na residência familiar, conseguiu concluir o ensino secundário com o apoio materno e paterno, a despeito de justificativas médico-científicas para o seu comportamento que lhe deram o diagnóstico da transexualidade. Tainá sempre viveu com a mãe e realizou o processo de encarnação de sua identidade e expressão de gênero de forma paulatina, enquanto terminava a graduação universitária e conquistava sua autonomia financeira. Janaina também viveu sempre com a mãe que, no início da transição, não compreendia os desejos da filha. Todavia, com a intervenção de familiares e pessoas próximas, a mãe compreendeu e respeitou a sua identidade de gênero e, posteriormente, sua profissão como trabalhadora do sexo. Sheila saiu da casa dos pais aos 11 anos, porque a mãe não aceitava os seus trejeitos femininos; em contrapartida, recebeu apoio de uma família amiga com quem viveu até os 15 anos.

Um olhar mais direcionado sobre a importância da classe e do suporte familiar na construção do capital corporal implica explorar e analisar as biografias corporais e as consequências deste suporte na constituição dos seus capitais corporais e na sua conversão para outros tipos de capitais, comparando trajetórias diferenciadas relativamente a esses fatores.

Mariana e Dalila pertencem às classes médias urbanas, caracterizadas pelo elevado volume de capitais cultural e econômico familiares. Dalila, 41 anos, branca, nascida no Rio de Janeiro, tem uma mãe psicóloga e um pai médico. As profissões de ambos já constituíram uma vantagem no processo de compreensão da subjetividade do quarto e último filho, designado como menino ao nascimento. Desde a infância, recebeu apoio, respeito e consideração por parte de seus pais e irmãos. A encarnação da sua corporalidade se produziu dentro do paradigma médico da transexualidade, com acompanhamento psicológico e psiquiátrico. Além de preocupações com os tipos de procedimentos que seriam utilizados na construção da forma e aparência de seu capital corporal, a família de Dalila também interveio na definição das *performances* de gênero que deveriam associar-se à sua feminilidade. Na fala de Dalila, podemos perceber a importância destes fatores na encarnação de sua identidade de gênero, os processos de experimentação na constituição da sua subjetividade e feminilidade, bem como os gostos de classe de sua família:

DALILA: Eu tinha... 13 para 14 [anos]. Eu já era trans.

EU: Já usava roupa feminina?

DALILA: Já. A minha mãe já me chamava de Dalila, foi o nome que a minha mãe escolheu pra mim. Entende?

EU: E como foi o processo assim?

DALILA: A minha mãe me perguntou. Eu não precisei chegar e falar: «Mãe, olha eu tenho uma coisa...». Não, a minha mãe sentou comigo no sofá...

EU: Quantos anos você tinha?

DALILA: Eu tinha nove, sabe? E a minha mãe me perguntou. «Olha, eu preciso conversar contigo, eu quero saber o que é que acontece com você. E desde já, eu quero que você saiba que você pode falar o que for, que eu estou aqui para te ajudar. Nós somos sua família». Eu simplesmente abri um berreiro. Comecei a chorar. Falei para ela que realmente eu me via diferente, mas até então não foi uma coisa: «Ah, então, tá, mãe»; «Eu vou comprar um vestidinho para você». Aí ali foi a primeira libertação, porque o grande medo, desespero, eu não sei... é a família descobrir. Tanto que toda trans, às vezes, é mulhérrima, aí na frente do pai e da mãe tenta se segurar. Então, essa libertação foi assim um passo muito grande, porque aí eu me livre das amarras. Já podia assim, sabe? Foi aí, foi aonde que eu me vi como uma bixa escrota. Sabe aquela liberdade toda: «Meu amoor! Querida, foi babado!». A minha própria mãe me chamou a atenção. Uma vez eu cheguei muito eufórica, eu falei: «Mãe, queridaaa, nooossa eu parei um...» Minha mãe olhou pra mim e falou assim: «Você já se viu no espelho? Você falando? Você parece que levou um choque. Você quer ser tão mulher, você vê suas amigas falando assim? Você me vê falando assim? Você parece uma bixa eletrocutada». E aquilo, assim, me tocou muito forte assim. E eu comecei a me conter, entende?

O suporte familiar propiciou intervenções tecnocientíficas ainda em sua pré-adolescência. Dalila começou a tomar hormônios femininos dos 10 para os 11 anos de idade, o que possibilitou o bloqueio de suas características biomasculinas e a construção de um capital corporal trans com alto valor expressivo de gênero na obtenção de passabilidade.<sup>14</sup> Dalila manifesta o orgulho por ter conseguido construir o tipo específico de capital corporal que detém:

DALILA: Viciada em hormônio até os 25 anos. Entende? Aí depois parei. Mas, assim, não tenho pelo. [*Som de mensagem.*] Olha, pode passar a mão.

14. «Passabilidade»: qualidade das pessoas trans e travestis que podem passar por mulheres, dentro de uma lógica cisnormativa de identificação corporal.

EU: Mas, isso é por que você tomou muito cedo, não?

DALILA: Hormônio. É, então, assim, não me saiu. Passa a mão. Nunca tive!

Além de questões relacionadas à construção de seu capital corporal, o suporte familiar e o capital econômico, social e cultural da família lhe propiciaram o ensino escolar completo e a conquista de respeito perante colegas da escola e professoras, bem como o aprendizado das línguas inglesa e espanhola — capital cultural posteriormente valorizado na condição de atriz pornô e trabalhadora do sexo ao redor do mundo —, demonstrando claramente as relações entre a conversão de capital econômico e cultural em outros tipos de capitais. Dalila tem plena consciência de seus privilégios de classe em sua trajetória, face a outras trans e travestis:

DALILA: Eu graças a Deus, assim, eu fui uma trans que eu fui à escola. Eu tive convívio familiar. Entende? Eu nunca sofri, assim, a rejeição de ser expulsa de casa pela minha sexualidade. Então, assim, eu me considero uma trans de muita sorte. Sabe? Porque, assim, existe valores que você só aprende dentro de casa. Infelizmente, a maioria, acho que 70% das trans, você para... Assim, até mesmo assim, parando para conversar, você consegue ver que aquela pessoa não tem uma formação cultural. Fala errado, não sabe se expressar, mas aí o que que acontece, você não pode cobrar de uma pessoa aquilo que ela não teve.

A trajetória de Mariana tem muitas convergências com a de Dalila, no que toca às desigualdades corporais devido a questões de classe e suporte familiar. Com 24 anos, morena, Mariana nasceu no interior de Goiás. Sua mãe era professora universitária e seu pai ocupava uma alta patente militar. Em virtude do trabalho do casal na capital do estado, Goiânia, Mariana foi criada até os 15 anos por seus avós maternos, recebendo suporte econômico dos pais. Sua mãe emigrou para Portugal quando ela tinha 11 anos. Com o início da excorporação da sua identidade de gênero e os problemas que isso acarretou na relação com os tios na casa dos avós, Mariana foi viver com o pai, aos 15 anos.

O capital econômico e cultural da família proporcionou a Mariana o acesso a diversos tipos de conhecimentos diferenciados e diferenciadores. Durante a sua infância e adolescência, teve acesso à educação em colégios militar e particular, aprendizados de línguas (inglês, espanhol, francês e italiano), computação gráfica, canto lírico, Karatê e Taekwondo, estética e arte de falar em público. Como Dalila, Mariana também mede a importância dessas diferenças em sua trajetória de vida, quando comparada a outras trans e travestis, das quais se distancia porque «não dá certo» com elas:

MARIANA: Felizmente ou infelizmente, eu comecei muito cedo. E falar sobre esse tema e todo o acompanhamento fez com que eu... Tenho, né? Esse apoio de pai e dos meus avós, né?, da minha mãe, fizeram com que eu tivesse esse tipo de pensamento. A qual a maioria não teve, né? A qual a rua ensinou e educou. Então, acho que isso é que pesou para muitas decisões, muitas posturas delas, né? Porque o próprio pai ou a própria mãe que apunhalou, que passou na rua, e eu não passei por isso. Eu posso dizer que por mais retaliação que eu tenha sofrido, eu tive boas bases, né? E mantive elas e sei lá. Acho que as trans tem que ser muito estudada ainda. Elas próprias têm que se conhecer. A maioria não se conhece, porque é o meu... São certas coisas tão banais que elas ficam tanto... A qual eu nem, passo, passam tão enrolado, tão, tão banal pra mim que eu não vejo isso como um... Sei lá, acho que é por isso que eu não dou certo com muitas. Só, são poucas que eu falo muito abertamente. Porque gira sempre em torno do dinheiro, das marcas e da beleza. E esse tipo de assunto não é um assunto para mim...

O início do processo de transformação do corpo de Mariana se deu por intermédio de uma amiga trans do tio, que lhe ensinou a importância dos hormônios para a construção de um capital corporal feminino e as especificidades inerentes a uma mulher trans. O contato recorrente com ela lhe permitiu o acesso aos hormônios já aos 13 anos de idade. Aos 14, o pai percebeu as transformações corporais advindas com a hormonização:

MARIANA: Ele assim: «O que está acontecendo com você?» Eu: «Nada. Eu estou bem». Ele: «Eu não vou te bater, eu não vou brigar com você, fala comigo!». Aí ele perguntava: «Fala comigo! Está tudo bem? Por que que seu peito está deste tamanho? Você está tomando alguma coisa?». E eu: «Não, pai! Não é nada!». Eu comecei a chorar, né? Porque eu não sabia mentir. Era mais fácil contar as coisas para o meu pai do que para minha mãe. Eu morria de medo de contar alguma coisa para minha mãe, mas para o meu pai, eu contava tudo! Meu pai era o meu melhor amigo e é até hoje! Hã... E ele assim pra mim: «Fala pra mim!». É... então, eu falei para ele, eu contei para ele o que se passava, tudo. [...] E ele, tipo assim, estava em choque. E eu chorava, chorava, chorava... E ele vira e me abraça! «Você tem que fazer alguma coisa. Você não vai poder ficar na sua avó desse jeito, porque seus tios são completamente homofóbicos. São completamente transfóbicos, sei lá, preconceituosos. Vão te retalhar. Vão te bater como já aconteceu várias vezes».

Após esta conversa, o pai decidiu levar Mariana para viver em Goiânia, onde pôde dar suporte ao processo de encarnação da identidade de gênero da filha.

«Eu ia pro psicólogo, eu tinha minha assistência médica e meu pai me acompanhando. Meu primeiro sutiã quem comprou foi o meu pai!». Mariana iniciou então o acompanhamento médico e endocrinológico continuado até o momento em que a entrevistei.

O pai de Mariana não apenas deu suporte ao processo de constituição do seu capital corporal relacionado à sua forma e aparência, mas também aos aspectos relacionados à *performance* de gênero e aos gostos de classe. Tal como a mãe de Dalila, o pai de Mariana a instruiu no decoro e na rejeição da «vulgaridade»:

MARIANA: Porque eu tinha meu pai me chamando a atenção: «Cuidado com a saia curtinha. Cuidado com o shortinho», entende? A cabeça do meu pai pensava no que ele via. Porque meu pai ele via, né? Como os amigos dele comentavam das meninas, né? E ele não queria que comentassem sobre mim. Então, aquilo fez com que me respeitassem mais. Eu gosto de vez em quando pôr um shortinho, uma sainha. Gosto! [...] porque meu pai dizia: «Você pode ser bonita sem ser vulgar. Você pode ser elegante sem ser vulgar. Uma mulher, ela não mostra muito, ela esconde».

A trajetória de vida de Mariana e o suporte recebido da família possibilitaram a constituição de perspectivas diferenciadoras sobre os processos de construção do seu capital corporal e de sua subjetividade. Esta visão positiva da corporalidade trans em devir e o acompanhamento médico resultaram em uma preocupação com o tipo de procedimentos tecnocientíficos e *performances* na construção de si:

MARIANA: Eu quero melhorar, mas no tempo certo. Mas quando eu sentir necessidade. Quando eu me sentir: «Ai, não estou legal. Eu quero melhorar um pouco. [Tosse.] Eu quero me aprimorar. Eu quero... eu quero ficar mais feminina. Eu quero ficar mais bonita».

EU: E...?

MARIANA: Essa fase ainda não chegou. Entende? Então, quando essa fase chegar, aí sim eu vou dar um jeito, falar: «Não, espera. Chegou a hora. Olha, eu quero fazer uma rinoplastia no nariz, porque eu...». A rinoplastia que eu quero fazer é porque eu tenho desvio de septo nasal, respiro mal, sabe? É uma coisa de saúde, não é porque tem a ver com algo estético porque eu gosto do meu nariz. Entende? Annn... se eu quero pôr um peito? Quando eu tiver com condições pra tal, porque eu tenho outras coisas mais importantes para tratar do que isso.

Justifica a sua abstenção de intervenções corporais no curto prazo também por outros tipos de preocupação, como o bem-estar da mãe.

As biografias corporais de Dalila e de Mariana demonstram a importância do capital cultural e econômico advindos da família e do suporte que propiciaram no processo de encarnação das suas identidades de gênero. No caso de Dalila, ter uma mãe psicóloga e um pai médico, com patrimônios de disposições constituídos pelos discursos de verdade elaborados pelos saberes médico-científicos, possibilitou a operacionalização destes saberes na compreensão, nas justificativas e, posteriormente, no suporte sobre os seus comportamentos na primeira infância. Também no caso de Mariana, a conversão do capital cultural (mesmo sem idêntica especialização) e econômico da família foi de grande valia na constituição do seu capital corporal, a partir de uma perspectiva médica sobre a transexualidade.

Diana, 29 anos, branca, nascida no interior do Rio Grande do Sul de mãe comerciante e pai militar, também teve uma trajetória favorecida pelos capitais cultural e econômico da família, evidenciados principalmente pela preocupação da mãe com o comportamento da filha no início da adolescência. Na ausência de compreensão do tema, a família recorreu aos saberes das ciências psicológica e psiquiátrica, responsáveis pelo diagnóstico de transexualidade e pela justificação de seu comportamento feminino:

DIANA: E tipo, é difícil e eu, como sempre, já botei isso pra fora já desde criancinha, desde criança. Então tipo... o meu pai teve que praticamente engolir isso, né? Porque...

EU: E quando foi que você foi diagnosticada?

DIANA: Ah, quando eu já tava, tipo, na escola... já tava maiorzinho sim, mas sempre *afeminine*, não é, tipo...

EU: Adolescente?

DIANA: Quando eu comecei... quando eu comecei a sofrer mais *bullying* assim, tipo, lá pelos, 12, 13 anos... Daí não tinha mais como, entendeu? Daí foi onde que eles decidiram me levar no médico pra saber o que que eu tinha, por que que eu cortava o cabelo e ainda continuava parecendo a [nome da irmã]? [...] É uma família do interior, uma família que não percebe... Tipo, meu pai e minha mãe têm estudo mas, querendo ou não, antigamente nem se estudava isso, tipo, como é que é isso?

No caso de Diana, a família não interveio para a encarnação da sua corporalidade e subjetividade feminina. O suporte da família se restringiu ao ensino escolar e às suas necessidades básicas; todavia, favoreceu a acumulação de capital cultural, como por exemplo o aprendizado do inglês, posteriormente valorizado no trabalho do sexo. Somente após a conclusão do ensino secundário e a mudança para

outro estado a convite de uma amiga, também trans, Diana teve a possibilidade de encarnar sua identidade de gênero, já na pista.

Estas três biografias demonstram a importância social e, mais especificamente, familiar e dos saberes médico-científicos sobre a transexualidade na legitimação das corporalidades e subjetividades trans. Os discursos das ciências médicas produziram um saber específico na separação de travestis, gays e lésbicas, na busca de um/uma «transexual de verdade», que não tem nenhum problema biológico, mas está «presa em um corpo errado». A partir desta perspectiva, a única solução seria a cirurgia de confirmação de gênero, para alinhar as percepções de si com o corpo (Bento, 2006). Este «discurso de verdade», ao justificar a identidade e subjetividade transexual, limitou experiências que não estão necessariamente encaixadas em suas definições, como por exemplo as travestilidades,<sup>15</sup> relegadas à condição de parafilia.

Os discursos médico-científicos sobre a transexualidade são incorporados por algumas das entrevistadas nas subjetividades e na interpretação que fazem de si. Diana, por exemplo, provida de um volume considerável de capital econômico e cultural e com acesso aos saberes médicos sobre a transexualidade, expressa as classificações elaboradas sobre as identidades transexual e travesti:

DIANA: [...] é difícil ser uma coisa numa cidade tão pequena e com uma família tão conhecida. E politicamente correta. [...] meu pai também só aguentava mais firme porque eu fui considerada pelo médico e, ahmn... com... ahmn, é transexualismo. O meu diagnóstico é transexualismo. Tem vários tipos de gay, tem vários tipos de travesti, entendeu e eu não sou daquela... eu, eu me sinto... [...] Eu queria ser uma mulher e sei que não sou. Então, por mais que, muitas vezes, alguém não perceba, um olhar diferente, eu acho que percebeu e isso me machuca. Porque mulher é assim, mulher... mulher, como é que eu vou dizer... Tem travesti que sai na rua quase com os peitos de fora. Pessoal rindo, não sei o quê e elas acham o máximo. Essas, essas meninas não são diagnosticadas com transexualismo, entendeu?

A fala de Diana é muito expressiva para compreender a importância dos discursos médico-científicos na legitimação da sua identidade transexual, tanto para si quanto para sua família. Ao confessar sua sensibilidade a olhares potencialmente

---

15. «Travestilidades»: termo usado para «[...] contemplar uma maior variação das formas e modos de se constituir enquanto travesti [...] uma multiplicidade de possibilidades na qual nenhuma deve ser tomada como modelo absoluto, evidenciando processualidades infinitas de corpos que tomam a metamorfose como modos de felicidades» (Peres, 2005, p. 26), distanciando-se das ciências *psí*, que utilizam o sufixo «ismo» como designador de patologias.

acusatórios, legitima o seu gênero a partir de uma representação idealizada e binária do feminino — discreta, passiva, emotiva. Ao aproximar-se das representações estigmatizantes sobre a travestilidade no Brasil, associada à marginalidade, à corporalidade «vulgar» e ao trabalho sexual, estabelece relações com as questões de classe. A estilística corporal partilhada por Diana é controlada e limitada na criação de uma *performance* de gênero inteligível em uma lógica de «asepsia» cisheterormativa (Bento, 2006, p. 61). O discurso médico-científico cria o dispositivo da transexualidade e, conseqüentemente, legitima a encarnação da identidade de gênero como processo terapêutico. A pessoa transexual pode ser «curada» ao incorporar um «corpo generificado estável», denotado pela relação entre sexo anatômico, identidade de gênero e *performance* reprodutora da heteronormatividade. Quando vigem em suas corporalidades outros modos de operacionalização da tríade sexo/gênero/orientação sexual, as travestis são relegadas a representações estigmatizantes associadas à pobreza, à «vulgaridade», à abjeção e ao trabalho sexual. Isso denota que, além de questões relacionadas à incorporação dos saberes médicos, a distinção entre travestis e transexuais, no Brasil, também evidencia desigualdades de classe e de capital cultural (Benedetti, 2005).

As famílias de Mariana e Dalila, detentoras de capital econômico e cultural elevados na constituição dos seus patrimônios de disposições, deram suporte ao processo de encarnação das corporalidades trans de suas filhas. Isso propiciou a construção de um capital corporal trans com alto valor expressivo de gênero, bem como sua conversão para outros tipos de capitais. Mais do que isso, suas trajetórias revelam processos de reprodução das desigualdades de classe nas sociedades contemporâneas, a conversão de capital econômico em outros tipos de capitais, e ainda as relações oposicionais que estabelecem entre as identidades transexual e travesti no interior de um *cistema* que, por sua vez, preconiza que a inteligibilidade do gênero reside no corpo (Bento, 2006) — no que se lhes junta Diana, apesar de ter beneficiado de menor suporte e menores volumes de capitais familiares.

Mas essas biografias corporais são exceções no rol de trajetórias de vida levantadas no trabalho de campo. As interlocutoras que se autoidentificaram como travestis são Flora, Janaina, Luna e Maya, todas nascidas em famílias de classe popular. À exceção de Janaina, nascida no sul do Brasil majoritariamente branco, são afrodescendentes autodeclaradas como «negra» ou «morena». Janaina e Luna estudaram somente até o 8º ano do Ensino Fundamental, e nenhuma delas teve acompanhamento médico para a encarnação da identidade de gênero. Contudo, se analisamos todas as trajetórias de vida produzidas no trabalho de campo, essas generalizações revelam-se frágeis, como veremos no discurso de Safira, cuja biografia apresenta o maior nível de precariedade e vulnerabilidade, principalmente

na infância, mas se autoidentificou como transexual e incorporou os discursos médico-científicos de estigmatização da identidade travesti.

As biografias corporais de Yara e Safira contrastam drasticamente com as mais privilegiadas. Yara, com 26 anos, branca, nasceu no interior de Pernambuco, sua mãe era atendente de farmácia e seu pai, mecânico. Tem um irmão mais velho, homossexual, e uma irmã. Sempre soube que era diferente do irmão e dos seus amigos. Sua vida passou por uma mudança radical quando o pai ouviu uma conversa, em tom jocoso, entre ela e uma amiga travesti, sobre o desejo de passar pela cirurgia de confirmação de gênero. Após a descoberta pela família e as represálias que constantemente sofria, sobretudo de sua mãe, Yara resolveu sair de casa para encarnar sua identidade de gênero:

EU: Você tinha quantos? Uns 13 anos?

YARA: Uns 13 para 14 anos, por aí.

EU: Ah.

YARA: Aí, ele: «Passa!» Aí daí eu fui apanhando já. Aí, foi quando ele perguntou: «Eu já sei que você é, eu só quero ouvir da sua boca: você é gay?!». Que ele nem imaginava travesti, eu: «Sim». Aí ele: «Pronto, a partir de hoje você não tem mais nada meu!» Mas também não foi um pai, uó, de colocar para fora de casa. Minha mãe é que ficava: «Aí, não aceito, não quero em casa, não sei o quê.» Até que eu disse: «Aí, então, tchau!»

Yara foi para Recife buscando realizar o desejo de encarnar sua identidade de gênero. Sem possibilidade de emprego formal e sem ter concluído a educação escolar, iniciou o trabalho no mercado do sexo com o suporte de amigas travestis e trans. Na pista, também aprendeu as técnicas de modificação corporal e começou o seu processo de hormonização. Neste primeiro momento, Yara ainda apresentava uma corporalidade ambígua, o que ela define como «a metade do caminho»:

EU: Mas, se prostituía como menininho ou como trans?

YARA: A metade do caminho. [Risos.]

EU: Ya, ok.

YARA: Aquela coisa assim sem ninguém entender o que é.

EU: Se montava? Pá? E nesse período também foi o período que você começou?

YARA: Foi, foi quando eu comecei a me hormonizar. Porque eu olhava, eu dizia: «Eu quero ser». Então, corri atrás disso, não é?

EU: E ficou quanto tempo se prostituindo em Recife?

YARA: Acho que uns três anos.

As relações de amizade, afeto e proximidade com outras mulheres trans e travesti na pista possibilitaram a Yara construir redes de apoio e cuidado. Após completar 18 anos, recebeu uma passagem para Paris de presente de aniversário de uma amiga travesti.

YARA: E eu já tinha uma amiga travesti, que já dizia: «Ai, quando tu ficar de maior vou te levar para Europa. Vou te trazer». Ai, [*bate a palma da mão*] foi tudo no ui! Foi tudo no embalo! Ai, eu saí de casa. Comecei a me prostituir na rua. Esperei ela chegar. E ela me trouxe para Europa a primeira vez.

A biografia corporal de Yara demonstra que, na falta de capital econômico e suporte familiar, o capital social representado pelas relações de amizade e afeto entre pares pode ser um recurso estratégico na obtenção de melhores condições de vida.

A biografia corporal de Safira escancara a relevância das desigualdades de classe e suporte familiar, e também colabora nos entrelaçamentos com o marcador raça, discutido em outra seção deste capítulo. Com 37 anos, transexual, negra, com ensino fundamental completo, nasceu no interior do Espírito Santo. Sua mãe era agricultora e seu pai pescador, tinha quatro irmãos; dois faleceram ainda na infância devido a desnutrição. Aos oito anos, já trabalhava como entregadora de leite para ajudar a mãe, que tinha problemas com o álcool. A sua trajetória de vida é crivada de violências de ordem física e simbólica, como o primeiro abuso sexual, sofrido aos oito anos. Pobre, negra e travesti, Safira inicia o trabalho do sexo aos 11 anos. Dos 14 aos 15 anos, começou a utilizar indumentária feminina e o processo de encarnação da sua identidade de gênero, o que trouxe dificuldades acrescidas na relação com a mãe:

SAFIRA: [A mãe] Era totalmente homofóbica, pelo menos referente aos filhos dela, e isso veio acontecer de um dos filhos dela ser. Meu irmão me apoiou na época, minha irmã me apoiou, mas ela não. Ela revidou.

EU: O que ela fez pra revidar?

SAFIRA: «Se for pra ter um filho homossexual, eu preferia ter ele morto».

EU: E você, o que fez?

SAFIRA: [*Risos.*] Eu falei pra ela ir pra aquele lugar... [*Risos.*] Entendeu? E fui embora.

A falta de estrutura e suporte familiar de Safira foi determinante para agravar a precariedade e a vulnerabilidade sofridas durante toda sua infância, adolescência e juventude, servindo-nos aqui de um importante elemento na compreensão dos entrelaçamentos entre classe social e raça na sociedade brasileira.

Após sair da casa dos pais, Safira foi «adotada» por uma das travestis de outra cidade do Espírito Santo, e passou a viver com ela e suas companheiras de casa, também travestis.

EU: Que foi aí que você foi morar com a travesti?

SAFIRA: Fui morar com a travesti. Isso mesmo, que eu conheci, ela exatamente, entendeu?

EU: Ok.

SAFIRA: Aí, fui pra vida, fui pra vida, fui pra noite e conheci esta travesti [nome da amiga]. [...]

EU: E aí você conheceu outras travestis?

SAFIRA: Conheci, deixei minha parentela e fui viver entre eles.

Sua «nova mãe» lhe ensinou os truques necessários para ser uma travesti de sucesso:

SAFIRA: A me prostituir, a depender do meu corpo para sobreviver... a ser uma bixa em destaque, uma travesti em destaque entre as outras, entendeu? E a dar valor, não se importar com o que a sociedade fosse dizer, fosse me olhar, fosse me julgar e erguer sempre a cabeça pra cima.

A encarnação da sua identidade de gênero também começou pelo aprendizado das técnicas de modificação corporal com outras travestis, e da utilização de silicone industrial para construir seu capital corporal após a mudança para São Paulo, para onde migrou alguns anos depois em busca de novas oportunidades como trabalhadora sexual e movida pelo desejo de construção de sua corporalidade feminina:

SAFIRA: Em São Paulo, coloquei primeiro no rosto, né? Depois coloquei nas nádegas.

EU: Hum... E com quem você colocou?

SAFIRA: Com uma travesti que hoje mora na Itália [...].

EU: E como... O que te levou a fazer isso? Como foi este processo?

SAFIRA: Foi de olhar pro meu corpo e não estar satisfeito com ele... e tipo assim: «Mas tu é feia de corpo...» [Risos.] A cara é aquela coisa, «Mas tu é feia!» [Risos.] Aí: «Que eu posso fazer pra melhorar?» Aí: «Vamos, né, colocar um silicone aí.» E coloquei e foi uma experiência que eu, particularmente, não pretendo repetir.

EU: Por quê?

SAFIRA: É doloso [doloroso]...

EU: É muito doloso?

SAFIRA: Mesmo com a anestesia, é muito doloso.

EU: E você fez junto às pernas e a...

SAFIRA: Na nádega e vai espalhando para as outras partes do corpo.

EU: Quando você fez, na casa dela?

SAFIRA: Na casa dela, industrialmente.

EU: Hum...

SAFIRA: Na casa dela...

EU: Sim, e você tinha 21 anos, colocou no rosto. No rosto você colocou onde?

SAFIRA: No rosto, coloquei [*apontando*] aqui, aqui e aqui.

EU: No queixo, fez o queixo.

SAFIRA: Sim, nessa [*apontando*]...

EU: No queixo e na maçã...

SAFIRA: É, na maçã pra formar, né? Adequado.

O capital corporal de Safira é reflexo de uma biografia corporal marcada por vulnerabilidades de classe e características de racialização. Seu capital corporal começou a ser construído através do conhecimento técnico leigo de amigas travestis e transexuais e da ingestão de hormônios; corpo moldado por silicone industrial e marcado por cicatrizes de uma cirurgia de implantes mamários com complicações hospitalares, que quase lhe tolheu a vida. No entanto, é feliz com o capital corporal que construiu, orgulhosa das experiências vivenciadas e do conhecimento incorporado:

EU: Você falou da cirurgia e pá... Hoje, quando você olha pro teu corpo, qual é o sentimento que você tem?

SAFIRA: Realizado...

EU: Realizado?

SAFIRA: Esteticamente realizado. Poderia ser melhor, não me cuidei melhor esteticamente como, não deixar dar uma certa barriga e tudo. Mas estou bem, estou satisfeita.

EU: Sim. O problema que você teve na cirurgia?

SAFIRA: Ah, me incomoda um pouco.

EU: Te incomoda?

SAFIRA: Sim, espero uma oportunidade, financeiramente, de poder fazer essa reparação, sim. Quem não quer se ver bem? Quem não quer estar bem? Quem quer... se ver chegar ao auge, ao máximo da perfeição, né? Da estética, do conhecimento, né? Então, eu também tenho isso comigo, mas me sinto realizada, sim.

Ante a ausência de capitais familiares e de privilégios de classe, os casos de Yara e Safira só podem ser compreendidos a partir da análise do capital social de sociabilidades de travestis e trans convertido em capitais econômico (apoio material, viagem de Yara para a Europa) e cultural específico do campo prostitucional (técnicas de *performance* e de modificação corporal), na elaboração de estratégias de subsistência e construção do capital corporal.

Safira, no entanto, apesar de seus antecedentes de classe e vulnerabilidades, reconheceu sua identidade de gênero como transexual, e ao justificá-la, à semelhança das entrevistadas trans com famílias de classe mais elevada, revela a incorporação dos discursos de verdades médico-científicas e as representações estigmatizantes associadas à identidade travesti e à «vulgaridade» de suas formas e *performances*:

SAFIRA: Travesti não, porque no meu entender, pela lógica da ciência da... do nome, travesti está dizendo bem claro: se traveste, né? Eu me considero uma transexual. Porque uma transexual, ela não é por causa que ela cortou o gene dela, mas por que ela realmente se transexualizou e encontrou, entendeu? Se adequou ao... à *performance* feminina e se identificou com o mesmo. Entendeu? Então isso é uma transexual, no comportamento, na estética, né? No socialismo [vida em sociedade], né? No cotidiano do dia a dia. A travesti, ela se traveste, só que você vai perceber uma diferença das transexuais e das travestis. As travestis são mais ousadas, elas gostam de enfrentar a sociedade, elas gostam de mostrar a vulgaridade do corpo delas. As transexuais não, elas apenas querem ser elas, a pessoa delas sexualmente.

A própria Safira já se reconheceu como travesti no passado. Com as experiências adquiridas durante suas viagens e o acesso aos discursos médico-científicos com suas amigas trans, deram-se alterações muito relevantes em seus patrimônios de disposições, incorporando representações hegemônicas sobre o feminino e a feminilidade. Indagada sobre os processos que modificaram as percepções sobre si e sua identidade de gênero, é possível perceber, mais uma vez, as representações associadas à marginalização e estigmatização das travestilidades, por oposição à transexualidade. Safira se identificou como não sendo mais «um» travesti (que designa no masculino), mas sim, por oposição aprendida com as pares, «uma» transexual:

EU: Você disse que, no primeiro momento, se reconhecia como travesti e depois você passou a se reconhecer como transexual. Como foi esse processo? O que aconteceu pra você perceber isso?

SAFIRA: Que... Com elas próprias. Elas me pegaram e disseram: «Olha, eu sou uma transexual. Você é um travesti». Eu falei: «Ué? Mas por que nós não somos travesti? E por que nós não somos transexual?». Aí, foi ali que ela me explicou aquilo como eu havia te dito, entendeu? Transexual, o que é uma transexual? Hum, aquela... como é o nome dela? Ariadne!<sup>16</sup> Pelo comportamento, pela profissão, como elas se impõem sexualmente na feminilidade delas. Isso é uma transexual. [...]. Aquela pessoa que morreu lá em Fortaleza,<sup>17</sup> aquilo era um travesti, entendeu? A vulgaridade, a fraqueza da mente de se levar pelas drogas, entendeu? Até eu faço isso, mas eu não sou dependente, graças a Deus, eu não sou. Eu tenho um controle sobre as minhas ações, sobre as minhas escolhas, decisões. Quando eu acho que devo parar, eu devo. Se eu achar que eu aguento continuar, eu continuo. Então, vem muito da mente. Eu tenho uma mente transexualizada, entendeu?

EU: Sim, sim...

SAFIRA: Travesti é aquela que quer disputar com mulher, quer bater boca, quer... sabe? Falar aquele monte de asneira.

É difícil generalizar sobre a incorporação do discurso médico-científico na legitimação da identidade transexual. Contudo, foi possível compreender diferenças significativas no processo de definição da identidade de gênero das interlocutoras, entre travesti ou transexual.

As discussões sobre identificação de gênero demonstram a importância das posições no campo social, das experiências adquiridas no decorrer da trajetória de vida e das suas relações na constituição de tipos específicos de patrimônios de disposições perante a identidade de gênero. É neste sentido que Bento (2006) afirma não haver uma identidade transexual, «[...] mas posições de identidade organizadas através de uma complexa rede de identificações que se efetiva mediante movimentos de negação e afirmação aos modelos disponibilizados socialmente para se definir o que seja um/a homem/mulher de “verdade”» (p. 201).<sup>18</sup> Posições que não são necessariamente estáveis e permanentes, que podem reconfigurar-se ao longo da trajetória de vida, quando implicada na alteração dos patrimônios de disposições subjacentes às representações e às valorações sobre corpos e identidades de gênero.

---

16. Participante do *reality show* Big Brother Brasil 11.

17. Referência ao assassinato de Dandara na cidade de Fortaleza, em fevereiro de 2017. O caso teve repercussão nacional depois que o vídeo com as imagens das agressões que retiraram a sua vida foi compartilhado na internet.

18. Salutares nesta discussão são as posições de militantes transativistas e transfeministas que, dotadas de capital político e cultural, reconhecem suas identidades de gênero como travesti para questionar as representações de estigma e marginalidade associadas às travestilidades no Brasil.

## Culturas somáticas, corporalidades de referência e vivências geracionais

Durante pelo menos as duas últimas décadas, no Brasil, pesquisas envolvendo corporalidades de mulheres trans e travestis atestam as diferenças nos projetos de corpo, no desenvolvimento das técnicas de modificação corporal e na percepção e valorização de determinados procedimentos e órgãos nas construções das suas corporalidades. Silva (1993) refere os modos de emprego de silicone industrial pelas travestis na década de 90 no bairro da Lapa, Rio de Janeiro, na fabricação de curvas no rosto, seios, glúteos, pernas, pés, etc., e já então apontava para as mudanças nos tipos de corporalidades encarnadas pelas mais jovens. Pelúcio (2007) percebeu mudanças nos projetos de corpo travesti, entre as mais velhas, compostos por muitas curvas e volume, e as mais jovens, com curvas enxutas, seios menores e roupas mais adolescentes, «fazendo a linha “patricinha”» (p. 110).<sup>19</sup> O mesmo me disse Dalila, com 41 anos, que, a despeito de ter realizado alguns procedimentos estéticos para a construção de sua corporalidade, atribui importância a este novo modelo de corpo no sucesso que obteve na indústria sexual ainda no início dos anos 2000:

DALILA: Já não se existe mais aquela... como se fala? Aquela ditadura do corpão, quadrilzão, bunda. Então, agora, entrou numa academia,<sup>20</sup> colocou uma prótese mamária, fez um clareamento dental, elas já são trans. Na minha época era tudo uma peregrinação, sabe? Você des...

EU: Pra conseguir os hormônios...

DALILA: Você conseguir descobrir qual é o hormônio que faz efeito em você. Na época era uma coisa que era obrigatória: se você não tivesse silicone, você não era travesti. Você está entendendo? Coisa que isso, graças a Deus acabou, porque são coisas que te dá problema com o decorrer dos anos. Eu tive problema com o silicone [...]. E assim, eu peguei a transição de travesti dinossauro para travesti princesa. Que até então, travesti era muito grande, era muito... era muito...

EU: Década de 90.

DALILA: Sabe, era aquele cu desse tamanho, aqueles peito desse tamanho. Aqueles cabelos assim que você via que não era da pessoa. E eu peguei justamente a fase da travesti patricinha. Eu sou a primeira safra desse tipo de travesti. Entendeu? Então, foi aonde eu fiz o meu nome.

---

19. «Patricinha»: betinha, em Portugal.

20. «Academia»: ginásio, em Portugal.

Também segundo Duque (2011), em sua pesquisa envolvendo travestis adolescentes, o silicone industrial para construção de curvas já não era uma prática recorrente nesta faixa etária; as jovens *bombavam* apenas pernas e glúteos, deixando a construção dos seios para as próteses de silicone. O uso de enchimentos para performatizar os seios é uma das opções encontradas na constituição de um capital corporal feminino: «Essas práticas têm voltado junto às novas travestilidades, há um retorno ao corpo magro e sem grandes curvas siliconadas» (p. 98). Com efeito, as três interlocutoras mais novas — Mariana (24 anos), Verônica (25 anos) e Yara (26 anos) — constituíram suas corporalidades por meio de terapia hormonal, indumentária e procedimentos estéticos menos invasivos, como a depilação a laser:

EU: E o lance do teu corpo assim, o que mais você... Só colocou... Continua se hormonizando?

YARA: Aham [*gesto de assentimento*].

EU: Silicone, tu não tem?

YARA: [*Som com a boca negando.*] Não.

EU: Fez laser?

YARA: Faço.

EU: Faz sempre?

YARA: Faço, constante ainda.

EU: Constante ainda?

YARA: Estou fazendo.

EU: E tu faz laser onde?

YARA: No rosto.

EU: Só no rosto?

YARA: No rosto e no peitoral. Nas outras partes do corpo são mais lisinhas. Acho que até por conta do hormônio não tem.

Uma análise pormenorizada de suas percepções sobre os projetos de corpo e de identidades idealizadas permite afirmar que esta escolha e a reflexividade carnal que lhe são subjacentes se justificam por critérios que remetem a diferentes contextos históricos na produção e idealização dos seus projetos corporais, associados a diferentes culturas somáticas:

EU: Você não quer pôr silicone, então?

YARA: Não.

EU: Não?

YARA: Não. Silicone industrial não. Silicone, se eu...

EU: Mas, se você pôr... você colocaria nos seios?

YARA: Sim, mas não industrial. A prótese. Silicone industrial jamais colocaria.

EU: Por que assim?

YARA: Ai, porque eu já vi tanta amiga sofrer pondo silicone. Ter problema, ter reação.

Então, vai que não dê certo comigo. Vai que meu corpo reage também àquele líquido ali. Então, fico com medo.

EU: Prefere não correr o risco?

YARA: Sim...

EU: Sim.

YARA: Quietinha. Estou feliz assim, então, não vamos mexer. Agora se eu me sinto desconfortável... «Ai, está faltando isso. Está faltando aquilo». Ai, até agora não está, então...

MARIANA: Eu sempre tive medo, né? Eu já vi fazerem, então, eu já vi gritarem de dor, eu já vi como é que... Não. É algo que eu não teria coragem de fazer.

EU: Ah, ok. Você acha que está muito relacionado a este medo?

MARIANA: Sim. Ai eu já vi amigas minhas passarem mal com aquilo, então... eu já vi conhecidas, né? Ah... por exemplo, fazendo... Vi na [nome da amiga]! Ela: «Ai, amiga, vamos ali» e não sei o que mais. E ela pegar o carro e a gente ir. E de repente, chegar lá, ela está deitada, uma rapariga deitada, e a bombadeira bombando ela. E eu ver aquilo sendo injetado, ela mordendo uma toalha, aquilo para mim depois... Botando uma cinta modeladora xpto, não sei o que mais. E ela, nossa... ela roxa de tanta dor e, a forma... a não higienização que aquilo... Ai não! Não. Aquilo não.

Nas palavras de Yara e de Mariana, percebe-se conhecimento e preocupação com os tipos de procedimentos utilizados na modificação do corpo. Os receios se justificam pelo conhecimento de experiências malsucedidas de amigas próximas, que lhe ensinaram os riscos e efeitos colaterais do silicone industrial. O capital corporal envolve muito mais do que um desejo individual; dele participa o conhecimento coletivo acumulado e partilhado pelo grupo que, por sua vez, é encarnado individualmente.

Além da representação dos riscos e das preocupações com os procedimentos de construção do capital corporal, estas trans e travestis mais jovens valorizam e têm por referência um modelo de corporalidade diferente do partilhado por gerações passadas. Yara prontamente se recusa a encarnar em seu corpo esse modelo que ela designa de «travão», dando conta da clivagem geracional entre diferentes culturas somáticas:

EU: Ah... Mas, do tipo, quais são os modelos de mulher ou, do tipo, quais são os tipos de mulher que lhe inspiram ou... ou não?

YARA: Inspira. Porque varia. Às vezes, eu olho: «Ai!», mas eu gosto mais de vestido apertado.

EU: De coisa apertada?

YARA: É, coladinho. Eu acho mais, como eu não tenho silicone...

EU: Ah...

YARA: ... como um travão, então...

EU: Mas você queria ter esse corpo? Travão?

YARA: [*Som com a boca negando.*]

Assim, encontramos nas falas das interlocutoras uma nova referência de modelo de corporeidade, cuja adesão é expressa sobretudo nos discursos das mais jovens. Se até os anos 90 as mulheres trans e travestis investiam em inúmeros procedimentos técnicos e tecnocientíficos para a produção de suas identidades e corporalidades, nas duas últimas décadas a percepção sobre as modificações corporais para a expressão das identidades de gênero não implica necessariamente intervenções de modificação corporal tão invasivas e estruturantes da morfologia. Mariana, refletindo sobre o estereótipo das corporalidades de mulheres trans e travestis das décadas passadas, corrobora a ruptura com esse modelo de projeto corporal:

MARIANA: Ai, eu gosto do meu corpo como ele é! Ai, porque todo mundo fala: ai, o estereótipo da «trans tem que ter peito, tem que estar bombada». Foda-se, isso é problema seu, na sua cabeça, porque a mulher pra mim... a feminilidade da mulher está na cabeça dela, nas atitudes que ela tem. Essa... Não... não... não nos 100 litros, 500 ml, ou sei lá quantos litros de hidrogel ou metacril, ou seja lá o que for.

As trans e travestis mais jovens nesta pesquisa detêm uma percepção de encarnação da identidade de gênero que manifesta maior preocupação com a propriedade relativa às *performances* e aos sentimentos na constituição do capital corporal. Em outras palavras, valorizam corporalidades trans e travestis representadas por movimentos e sentimentos que atestem feminilidade, em detrimento dos signos outrora materializados em suas corporalidades:

EU: E o que que você tem de cuidados com teu corpo? Você toma hormônio?

VERÔNICA: Ah, tomo hormônio.

EU: O que mais que tu já fez?

VERÔNICA: Nada. Deus já me deu tudo isso. [*Risos.*]

O «nada» de Verônica corresponde a técnicas invasivas do corpo, uma vez que, segundo ela, roupas, acessórios e *performances* não suprimem a «naturalidade» de seu corpo e sua identidade. A secundarização do valor expressivo das modificações corporais mais invasivas na construção da sua identidade de gênero, bem como do valor instrumental do capital corporal investido pela geração anterior, é manifesta na fala de Mariana:

EU: Mas, você quer pôr uma prótese?

MARIANA: Não.

EU: Não.

MARIANA: Porque a maioria... é assim, a maioria das pessoas que eu conheço falam pra mim não pôr, porque já está bom. Meu peito está bonito assim. Se eu estou bem assim... Não estou mal. Se eu estivesse me sentindo mal, já teria colocado!

EU: Ya.

MARIANA: «Ah, por que que você não bomba?». Ai, eu gosto do meu rabo assim. Está bom.

EU: Aham.

MARIANA: Quem come está contente! [Risos.]

EU: [Risos.]

MARIANA: É isso para mim é que importa! E outra coisa. Eu não trabalho com meu rabo, é com meu pau!<sup>21</sup> Então, pra mim o rabo é...

EU: Você... você...?

MARIANA: É um efeito secundário! [Risos.] É... e... pelo menos para mim. Eu vejo as coisas dessa maneira!

Mariana, Verônica e Yara pensam seus projetos de corpo a partir de concepções geracionalmente distintas sobre a corporalidade trans e travesti e suas relações com a construção de gênero. O corpo desta nova geração tem como referência simbólica um modelo de corporalidade com poucas curvas, seguindo os modelos hegemônicos de beleza emanados da corporalidade cis e atualmente preconizados pelas indústrias da moda e do *design* corporal. A hegemonia deste novo modelo de corporeidade é também sentida entre algumas das interlocutoras mais velhas, cujos corpos foram construídos a partir de outros modelos de referência, enraizados em outros contextos históricos. Tainá, 35 anos, ao olhar para o seu corpo tem clara dimensão dos riscos que correu e corre com o uso de silicone industrial no rosto, nádegas e braços:

---

21. Sobre a importância do pênis como parte do capital corporal e seus valores instrumentais no trabalho do sexo, vd. Capítulo 5.

TAINÁ: Eu amo meu corpo. Eu me acho perfeita. Eu quero só um retoquezinho, porque eu fiz muita bobagem no meu corpo.

EU: O que que você fez de bobagem?

TAINÁ: Ah, eu botei silicone, né? Silicone, ele tem os seus males. Querendo ou não ele tem os seus males. Eu tenho silicone até no braço.

A corporalidade de Tainá, construída principalmente a partir dos modelos brasileiros da década de 90, expressa um outro tipo de feminilidade restrita às possibilidades disponíveis para a sua construção, através de biotecnologias legais. Tainá tem consciência das desigualdades geracionais e de classe que atravessaram a sua corporalidade no início da sua biografia corporal, bem como os limites do capital corporal que investiu na encarnação dos outros modelos mais recentes:

TAINÁ: Mas eu queria ter mesmo o meu corpo. E eu queria que ele ficasse mais moldado, feminino. Eu fui usar desse mecanismo, era o que eu tinha. Por exemplo, se você falar assim: «Você construiria seu corpo hoje?». Tipo, construiria meu corpo hoje, novamente, mas não da forma que eu... não, pelos recursos que eu tinha. Por exemplo, hoje, eu não queria ser assim, mais tipo corpo *Playboy*, porque eu sou bundudinha, eu tenho pernã. Se eu engordar eu fico toda rechonchudinha, como os portugueses diz, sabe? Eu sou o tipo Carla Perez, porque eu sou dessa geração. Se você ver o meu corpo, meu corpo é baseado no corpo de Carla Perez e Sheila Carvalho. Porque tem os padrões da época. E esse é o padrão da época que eu comecei a bombar. Agora, hoje, nos padrões de hoje, eu não aplicaria silicone. Não porque é algo muito ruim. Hoje é bem pior ainda, porque não é mais o mesmo produto, o produto piorou. Mas porque hoje eu acho tão bonita as *tops* assim, as mulheres magras. Eu quero usar aquelas calças soltas, eu já sou baixinha e bundudinha, então, não fica bonito, tipo, macaquinho. Tem certo tipo de moda que eu quero usar, de padrões que eu quero entrar e eu não posso entrar, porque eu não consigo voltar. Eu só consigo aumentar. Diminuir eu acho que não conseguiria.

Processo similar aconteceu com Diana, 29 anos, nascida em uma família de classe média no interior do Rio Grande do Sul, acostumada a alguns privilégios de classe e a não necessitar de «provar nada para ninguém». Diana modificou a vida e o corpo após sair da casa dos pais e iniciar o percurso como trabalhadora do sexo, que, em sua perspectiva, caracterizou-se pela rivalidade entre as trans e travestis na pista. Para Diana, a sua corporalidade é o reflexo da tentativa de marcar poder através da conversão de capital econômico em capital corporal, com a encarnação de suas próteses de seios e nádegas aos 20 anos. Mais tarde:

DIANA: [...] me arrependo, se tu quer saber? Me arrependo de ter feito coisas tipo, pros outros, tipo assim, ah... botar silicone, fazer coisas tão rápido pros outros, pra mostrar que podia.

[...]

Isso é um dos arrependimentos que eu tenho... tipo assim ó... tipo, fiz tudo muito cedo. E tudo muito pelo que impressionaria os outros e não a mim. Se fosse hoje em dia eu ia ter peito pequenininho, eu teria menos corpo, eu teria me adequado a minha cabeça. Porque a minha cabeça é de mulher. Só que eu... [...]

EU: Você se considera uma mulher transexual ou uma travesti?

DIANA: Não, eu não sou travesti. E é isso que eu tô dizendo... meu arrependimento é esse. Eu fiz um corpo de travesti porque, pra mostrar pras outras que eu tinha mais corpo, era mais não sei o quê. [...]

EU: E assim, do tipo, você faria mais algum tipo de mudança no teu corpo e pá?

DIANA: Tiraria todos os silicones sim, porque é o que eu quero fazer.

EU: Você quer tirar?

DIANA: Uhum. Quero tirar e botar nas bochechas. *Alocka!*<sup>22</sup>

EU: Mas porquê? Isso lhe incomoda às vezes?

DIANA: Sim, porque eu acho que eu ficaria mais feminina com menos. Menos é mais. Entendeu?

O arrependimento de Diana não atravessa somente questões relacionadas à sua corporalidade, mas também ao modo de interpretação que ela e «os outros» fazem do seu capital corporal e do seu valor instrumental no mercado sexual. Ao construir um corpo com muitas curvas, Diana acredita que se aproximou da identidade travesti e se distanciou de sua identidade, de sua «cabeça» como mulher transexual, demonstrando mais uma vez a relação entre a constituição de um projeto de corpo e a influência do grupo de pares. O contraste expressa também os novos significados das modificações corporais na constituição do capital corporal trans feminino.

Enfim, essas narrativas revelam as transformações geracionais engendradas nos projetos de corpo e nas técnicas de modificação corporal, associadas a culturas somáticas que se transformaram nos anos mais recentes, em termos de corporeidades de referência e de atitudes perante determinadas técnicas de modificação corporal, outrora partilhadas entre trans e travestis. As experiências das interlocutoras atestam também uma maior preocupação com os procedimentos utilizados

---

22. «*Alocka!*»: exclamação denotando um ato inesperado.

na encarnação da identidade de gênero, reflexo das inúmeras histórias de casos malsucedidos de utilização do silicone industrial pelas gerações anteriores.

### **Desigualdades por racialização e entrelaçamentos de vulnerabilidades sociais**

Analisar as biografias corporais das interlocutoras desta pesquisa é também compreender a importância da racialização como produtora de diferenças e desigualdades na constituição do capital corporal e dos processos de subjetivação. Segundo Mbembe (2018a),

[...] por princípio de raça se deve entender [...] uma forma espectral da divisão e da diferença humana, suscetível de ser mobilizada para fins de estigmatização, de exclusão e de segregação, por meio das quais se busca isolar, eliminar e até mesmo destruir fisicamente determinado grupo humano (p. 106).

Deste modo, compreender as biografias corporais de algumas trans e travestis passa também pelo questionamento de como as violências estruturais racistas em um mundo global marcado pelo colonialismo e o eurocentrismo legitimam desigualdades, estigmatizam e assujeitam trajetórias.

Mbembe (2018a) mobiliza as análises foucaultianas e dos estudos pós-coloniais para demonstrar que a criação da categoria «raça» pelos discursos tecnocientíficos modernos legitimou a exploração, as técnicas de governo centradas na violência e a submissão de povos não europeus e não brancos. A epistemologia cartesiana, criadora das oposições e binarismos já referidos, legitimou também o «homem-branco-cisheterossexual-europeu-classe-média» como detentor da episteme. Assim, os discursos sobre a subalternidade de pessoas não-brancas foram utilizados como um instrumento para a naturalização da opressão, escravização, violência colonial e controle reprodutivo:

Na ordem colonial, a raça operava como princípio do corpo político, permitindo classificar os seres humanos em categorias distintas, supostamente dotadas de características físicas e mentais próprias. A burocracia emergiu a partir daí como um dispositivo de dominação, enquanto rede que ligava a morte e os negócios, operava como matriz essencial do poder. A força passou a ser a lei, e a lei passou a ter por conteúdo a raça (Mbembe, 2018a, p. 109).

Exemplo disso foram os discursos eugênicos do final do século XIX e início do século XX, traduzidos no Brasil pelas discussões envolvendo propriedades fisiológicas com características morais, bem como pelo discurso sobre a importância do «embranquecimento da população brasileira», de que Nina Rodrigues (1956) foi um dos principais representantes.

No Brasil, as questões relacionadas à raça estão intrinsecamente ligadas à classe e aos processos de exclusão e marginalização da população negra, reflexos da colonização e da escravização. O país é composto majoritariamente (53,6%) por afrodescendentes, e 76% da população mais pobre é composta por pessoas afrodescendentes, segundo dados de 2014 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (citados em Nações Unidas Brasil, 2017). Portanto, compreender os processos de exclusão de afrodescendentes no Brasil é perceber como os discursos de verdade da ciência moderna foram e são utilizados nos processos de exclusão, marginalização e silenciamento de pessoas não brancas. Um exemplo muito eloquente consistiu na criação do mito da democracia racial pelas elites brancas, para invisibilizar os estigmas e as desigualdades associados às pessoas afrodescendentes no país (Sales Junior, 2006; Carneiro, 2003). Jarrin (2017b), numa pesquisa sobre as cirurgias plásticas no Brasil, demonstra a imbricação da desvalorização estética dos corpos negros — representando características de racialização como traços a serem corrigidos, tais como o nariz de afrodescendentes, considerados «feios» e intimamente relacionados a pessoas oriundas das classes desfavorecidas — com outras realidades materiais, como a violência policial, falta de acesso à educação e à saúde, e como ela conserva o desejo biopolítico de produzir uma nação homogênea (Jarrin 2017a).

Nesta pesquisa, apenas Safira e Luna se autoidentificaram como negras, reflexo dos processos de vulnerabilidade, marginalização e representações atribuídas a ambas durante suas trajetórias de vida. Conforme já salientado, Safira tem uma biografia corporal em que se entrelaçam os marcadores de classe e raça. A situação de vulnerabilidade vivenciada pelos pais de Safira, negros, pobres e agricultores sem direito à terra, reflete a marginalização da população negra após a abolição da escravatura. Não se criou então nenhum tipo de política de integração econômica e social das pessoas negras à sociedade brasileira; pelo contrário, foram adotadas políticas de «embranquecimento» respaldadas por discursos científicos eugênicos visando a imigração de europeus brancos que, já em solo brasileiro, receberam diversos privilégios durante o final do século XIX e início do XX (Fernandes, 1978). Neste sentido, a realidade da população afrodescendente no Brasil estabelece relações com o que Butler (2017a) denomina como condição precária, ou seja:

[...] a condição politicamente induzida da qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte [...] populações expostas à violência arbitrária do Estado que com frequência não têm opção a não ser recorrer ao próprio Estado contra o qual precisam de proteção (p. 47).

A trajetória de vida de Safira somente pode ser compreendida através dos processos de precariedade, exclusão e marginalização da população negra e pobre no Brasil. Com a mãe alcoólatra e o pai ausente, Safira teve de viver parte de sua infância na rua, afligida pela fome e pelo frio; para manter a subsistência de seu corpo, teve de cometer pequenos delitos e recorrer ao trabalho sexual durante a infância. A constituição de sua corporalidade, como analisado anteriormente, deu-se por meio de técnicas de modificação corporal com o uso indiscriminado de silicone industrial. Assim, sua subjetividade e a sua corporalidade só podem ser compreendidas a partir do acúmulo de processos de precariedade e vulnerabilidade social de que foi vítima durante sua trajetória de vida, a começar pela infância.

EU: Por que você foi parar no orfanato?

SAFIRA: Porque eu roubei uma padaria, né? [Risos.]

EU: [Risos.]

SAFIRA: Fui roubar pão pra comer e não sabia correr... aí a polícia me pegou.

EU: A sua infância foi bem difícil, como foi?

SAFIRA: Foi difícil, mas foi muito interessante também.

EU: Difícil em que sentido?

SAFIRA: Ah... dificuldade, né? Pra sobreviver, a fome, né? O frio...

EU: Você passou fome?

SAFIRA: Claro! Faz parte, não venho de uma família de burgueses, né? Uma família... como que se diz... com renda *per capita* boa, estruturada, nada disso. Família bem humilde mesmo [...]. Já me prostituía. Até antes de conhecer São Paulo, eu me prostituí e depois que eu conheci ele também. Aí a prostituição já fazia parte do meu cotidiano.

EU: Sim, você aprendeu a se prostituir com aquela travesti, lá na sua cidade?

SAFIRA: É... Não, na verdade eu aprendi, eu descobri um posto de gasolina na minha cidade e me metia no meio das bixa.

EU: Com quantos anos?

SAFIRA: Com 11 anos de idade.

EU: Você já...

SAFIRA: E eles olharam assim e tal, «Ó, vem pra cá!». E como eu era novinha, os homem todo queria me enrabar. [Risos.] Então ali eu já... desde cedo a prostituição já fazia parte da minha vida.

Safira não teve acesso à infância, ao suporte familiar, à educação escolar ou a qualquer apoio do Estado face à precariedade, à vulnerabilidade e à marginalização do seu corpo trans racializado. Assim, foi obrigada a criar estratégias de sobrevivência e resiliência, como, por exemplo, ignorar o racismo — a despeito das inúmeras violências racistas que sofreu — e incorporar discursos que pudessem legitimar sua negritude frente aos episódios de racismo vivenciados tanto em sua vida pessoal quanto no trabalho sexual:

EU: Você falou também da questão do preconceito por ser negra, tipo, o que você acha disso?

SAFIRA: Bom, hoje melhorou bastante. Não tudo, né? Mas melhorou bastante, mas antes era bem pior. E, como enfrentei, nesse motel, enfrentei aqui, mas eu sempre ignorei. Eu sempre fui uma pessoa que sempre soube cuidar de mim, de uma certa forma eu sabia me cuidar. Então, essas coisas não me influenciavam. Magoava, mas não influenciava.

EU: Sim...

SAFIRA: Então, sempre procurei superar. Mas, enfrentei sim... a cor, a diversidade, enfrente até hoje. Tem uns clientes que fala assim: «Você não é muito negra!» «Bom, eu sou negra brasileira...» «E, como é as negras brasileiras?» «É uma mistura de raças. Na verdade, somos todas índias. Vocês foram pra lá, cruzaram com a gente, espanhóis cruzaram com a gente, alemães cruzaram com a gente, e a gente virou uma mistura de raças. Então, temos a cor mais bonita do que...» Aí, eles: «Ah! É verdade!». Mas é um certo preconceito deles. Alguns, às vezes, me chamam de crioula, entendeu? Então, assim... isso tudo faz parte.

O humano é plástico por definição: «É aquele que, compelido à perda, à destruição e ao aniquilamento, faz surgir desse acontecimento uma nova identidade» (Mbembe, 2018a, p. 235). As experiências vividas por Safira, no Brasil e em diversos lugares do mundo durante sua trajetória como trabalhadora do sexo propiciaram a constituição e a performatização de outras percepções sobre si, após a acumulação de capital econômico e cultural. Sua trajetória de vida, entrelaçada pelos marcadores de classe, raça, identidade de gênero e nacionalidade, e influenciada pelos sucessivos processos de exclusão e silenciamento, foi e tem sido paulatinamente ressignificada no diz respeito

aos cuidados de si, à autoestima, à valorização de sua trajetória e de sua subjetividade:

EU: Qual foi a coisa mais importante que você acha que aprendeu em todas essas viagens?

SAFIRA: A me respeitar. A me valorizar. A me priorizar acima de tudo. Esse foi o valor mais importante em tudo. No sentimento diante das pessoas, diante a minha cor... Se eu não nasci branca é porque eu tinha que nascer negra; se eu não nasci alta é porque eu tinha que ter estatura mediana; se eu não nasci mulher é porque eu tinha que ser homem, tinha que ter essa opção sexual de vida... Por alguma razão, por alguma lição... por algum propósito maior do universo. Então, com isso, eu aprendi a me respeitar e vou me respeitando a cada dia mais. Essa é a maior lição de todas que eu aprendi.

A biografia corporal de Luna, trajetória marcada por exclusões e silenciamentos desde há muito, também colabora para a compreensão das conexões entre raça e classe social nos assujeitamentos e desigualdades sociais e corporais. Negra, nasceu e viveu toda a vida na periferia de Campinas. Sua mãe era empregada de limpeza e seu pai, operário. O casal teve sete filhos biológicos, incluindo Luna, e adotou mais duas crianças depois que o último filho morreu aos dois anos e meio de idade. Estudou somente até a 8ª série do Ensino Fundamental. O motivo da evasão escolar foram as ameaças de violência relacionadas à sua sexualidade e à negritude, resultado das representações hegemônicas referentes às interconexões dos marcadores de negritude, masculinidade e cis-heteronormatividade:

LUNA: Aí quando eu saí dessa escola que eu sempre estudei até a 8ª série, que eu fui pra outra escola fazer o giná... o colegial, aí eu saí por conta de preconceito. Porque a gente indo pra escola, eu e um outro amigo meu gay também, negro também, tipo a gente passou na rua e tinha uns outros rapazes negros e falou que ia quebrar a gente no pau, que a gente... que era um absurdo a gente ser negro e ser gay... E aí tipo eu não fui mais pra escola, esse meu amigo continuou indo pra escola...

A fala de Luna é um exemplo cabal de como a cis-heteronormatividade opera de modo distinto nas vidas da população LGBTQIA+ negra. «Os mecanismos de controle que incidem sobre um gay afeminado, viado e bixa preta adulta são observados durante suas infâncias com a intenção deliberada de assegurar a cis heteronormatividade branca como única existência possível» (M. R. G. Oliveira, 2017, p. 174). Luma Andrade (2012) conclui que a evasão escolar das travestis,

resultado dos estigmas e das representações como desviantes e indesejadas, é narrada como se fosse escolha delas mesmas, para ocultar o fracasso da escola na gestão das diferenças e camuflar a evasão involuntária induzida pela própria instituição.

A despeito das dificuldades enfrentadas na escola, Luna sempre recebeu afeto e apoio dos pais e de suas irmãs e irmãos. O espaço familiar foi um ambiente seguro e compreensivo para as suas experiências de corpo e gênero.

EU: Quando você começou o processo de transicionar para o gênero feminino? De usar roupa e pá...

LUNA: Então, eu sempre tive assim, tipo assim em casa mesmo eu não estando 24 horas de mulher, den... em casa eu usava roupa de mulher.

EU: Desde quando?

LUNA: Sempre. Roupa da minha irmã, aquelas blusas cortadas assim... tipo shortinho mais feminino. E aí tipo assim, que nem minha mãe vendia roupa, quando chegava roupa nova, ela vinha e falava: «Chegou umas roupas novas», mas ela nunca, tipo assim, mostrou pra mim uma cueca, não. Era camisola, era conjuntinho de dormir. Então, até minhas amigas ia em casa, tipo, tiravam sarro porque chegava em casa eu tava de menino, mas de pijama de mulher me sentindo assim, uma garota, entendeu?

Descreveu a infância como um momento de proximidade com a mãe e as irmãs na organização do espaço doméstico, acrescido das diferenças nas atividades atribuídas a ela e aos seus irmãos designados pelo gênero masculino. Os fortes laços entre os membros da família são o aspecto centralizador da vida de Luna.

A constituição do capital corporal e a encarnação da identidade de gênero de Luna passaram por inúmeros processos de negociação entre ela, sua família e seus trabalhos. Aos 16 anos, inicia o processo de hormonização por intermédio de uma prima travesti e suas amigas. Neste momento, tem receio de vivenciar a experiência de modificação do corpo na casa dos pais, e resolve ir viver com a prima e sua tia. «É... eu ia na casa, eu tinha uma amiga que era travesti, aí tinha as amigas dela e ficava no meio, e aí ganhei uma cartela de *Diane 35*».<sup>23</sup> Durante este período, Luna inicia também o trabalho do sexo: «E aí tipo assim, eu saía, fazia programa, mas não era nada assim... tipo, fazia por curtição, saía, achava legal ganhar um dinheiro e durante um tempo eu fiz programa e depois eu parei».

---

23. «*Diane 35*»: Pílula anticoncepcional utilizada no processo de hormonização.

Aos 18 anos, após algumas alterações no seu corpo, Luna resolveu deixar o tratamento hormonal feminino e começou a utilizar hormônios masculinos, decidida a assumir uma identidade gay e a voltar à casa dos pais:

LUNA: Só que eu tive problema, um problema sério por conta de hormônio, que eu tomava hormônio... porque assim, eu tomei hormônio masc... feminino, aí depois resolvi que eu não queria mais ser travesti, aí eu comecei a tomar hormônio masculino. [...] Aí depois, quando fui morar com a minha mãe, aí eu tirei o cabelo que eu usava, que era um aplique, mas eu ficava de mulher mesma coisa, roupinha de mulher, tudo. Aí depois eu parei de usar roupa de mulher, só usava roupa de... aquela coisa gay. Tipo aí, agora eu resolvi que vou ser... Aquela época dos *clubbers*, sabe? Vou ser *clubber* agora. Lente azul, pus *piercing*: «Ah, agora vou ser *clubber*». Aí eu fiquei um tempo nessa.

Após a mãe descobrir que ela fumava maconha, Luna resolveu sair da casa dos pais novamente para viver com pessoas amigas. Durante este período, trabalhou como atendente de *telemarketing* e complementava sua renda financeira realizando *shows* e *performances* em casas noturnas LGBTQIA+ em Campinas, acompanhada de sua prima. Entretanto, devido ao pouco dinheiro advindo do trabalho formal, começou a traficar drogas por intermédio das pessoas com quem dividia a casa. A renda do tráfico frequentemente era revertida em festas, namorados e ajuda financeira aos pais, que acreditavam que Luna fazia sucesso como *performer*. Depois de três anos no tráfico de drogas, Luna foi presa em flagrante, aos 21 anos.

A situação de cárcere foi um ponto de viragem. As experiências na prisão fizeram Luna repensar suas ações e a importância do afeto familiar na constituição de sua subjetividade. Apesar do momento de crise instaurado nas relações familiares, sua mãe continuou a dar-lhe suporte afetivo: «A gente vai te ajudar, todo mundo erra, você é uma pessoa boa, a gente sabe disso, a gente vai te ajudar». Na narrativa de Luna, é possível perceber o aspecto centralizador da família no modo de racionalizar a sua vida e as alterações em seus patrimônios de disposições a partir da experiência prisional:

LUNA: Eu vi que pra mim é uma coisa que não serve, entendeu? Tipo a vida do crime pra mim...

EU: E foi daí que...

LUNA: É, eu vi que depois que eu passei em cadeia, que eu vi minha mãe indo lá me visitar, eu ficava pensando: «Olha o que eu tô fazendo para minha mãe». Porque

eu não sabia... Que nem, minha mãe é evangélica. Eu sabia que ela ia ter que tirar a roupa, que nem eu nunca vi... Eu sei que minha mãe usa ponte [dentária], mas eu nunca vi a minha mãe sem ponte. Lá eu sabia que ela tinha que tirar, sabe assim, coisas que... que nem o dia que ela falou assim pra mim: «Ai, tirar a roupa pra mãe não é tão ruim, igual ter que tirar a ponte». Sabe aquilo, eu falava: «Olha o que que eu tô fazendo à minha mãe, minha família não merece». Então, eu decidi que a gente... que não há nada melhor do que você ser uma pessoa do bem. Uma pessoa trabalhadora, uma pessoa honesta, sabe? [...] Igual eu falei: «Eu vou mudar». Quando tava lá dentro.

Após quatro anos em cárcere, voltou a viver com a família e a trabalhar:

LUNA: E aí tipo, tudo que eu podia fazer pela minha família, eu faço. O que eu posso ajudar eles, eu ajudo, e aí graças a Deus eu fui an... fui caminhando. Aí eu arrumei esse serviço, esse serviço que eu falei, fiquei nove anos nesse serviço [em uma empresa de segurança].

O salário era insuficiente para pagar suas despesas pessoais e familiares, além de ela não poder vivenciar sua feminilidade no local de trabalho. Nesse contexto de privações, Luna resolve regressar ao trabalho sexual noturno no Jardim Itatinga.<sup>24</sup> Passa então a levar «uma vida dupla»: de dia era um trabalhador em uma empresa de segurança e, de noite, uma trabalhadora do sexo:

EU: Ah, tu ficava no monta e desmonta?

LUNA: É, de dia... eles viam, tipo assim, via que era um gay, mas eu não andava assim de Luna 24 horas, entendeu? Aí eu trabalhava até às 18, aí chegava em casa por volta das 19. E aí, me produzia e ia pra rua. Trabalhava até uma meia noite, uma hora, e no outro dia tinha que trabalhar. A minha vida era assim.

Entre perucas, maquiagens, auto-hormonização e silicone industrial, Luna investia no seu capital corporal de modo provisório, uma vez que até sua migração para a Europa, ela nunca teve a possibilidade de vivenciar totalmente sua identidade de gênero e feminilidade, seja no ambiente de trabalho ou em casa. Portanto, o capital corporal de Luna não revela apenas o aspecto plástico e técnico do gênero, mas mais do que isso, mostra como o *cistema*, a transfobia e o racismo

---

24. «Jardim Itatinga»: bairro na cidade de Campinas conhecido como a maior área de trabalho do sexo a céu aberto da América Latina.

coagem muitas pessoas travestis e transexuais a não assumirem plenamente suas identidades de gênero.

Como o de outras entrevistadas de classes populares, o capital corporal de Luna resultou das técnicas de modificação corporal com silicone industrial desenvolvidas por mulheres trans e travestis, comportando um elevado risco para a saúde. Esses riscos são menosprezados devido ao baixo custo do procedimento e ao desejo de materialização do projeto de corpo:

LUNA: Eu tenho silicone no corpo.

EU: Você tem aonde, silicone?

LUNA: Na bunda, dois litros.

EU: E você fez com, no Brasil isso?

LUNA: É, fiz na minha casa mesmo.

EU: Tinha uma amiga bombadeira?

LUNA: Fui lá e ela queria sab... mostrar pras pessoas que ela sabia fazer e ninguém dava crédito. E aí eu fui corajosa e falei pra ela, você... Ela falou: «Você compra o silicone, eu coloco em você». Aí eu fui lá e comprei o silicone e ela foi lá na minha casa e colocou.

EU: Se tinha...

LUNA: Eu fui fazer um preço pra ver quanto era a prótese do glúteo, era 12 000 reais, eu falei: «Nossa, eu não tenho esse dinheiro». E eu queria fazer, eu queria... [...]

Aí tipo fui, comprei o silicone e a minha amiga bombou em casa. Paguei 127 em tudo, pra pessoa tipo, pra pessoa ir buscar e mandar para mim por correio. Tudo, eu paguei 127 reais. E a pessoa foi lá na minha casa e colocou, comprei agulha. Aquelas agulhas de dar injeção em cavalo, seringa [...]. E aí eu fui morar sozinha e essa minha amiga depois, tipo ela foi lá põe em mim, cuidou de mim nos primeiros dias e graças a Deus, tipo, eu adoro a minha bunda. Adoro meu corpo. Não sei se eu faria de novo.

EU: Por quê?

LUNA: Ah então porque, porque hoje eu leio muita coisa assim sobre o silicone industrial, e tal.

O entrelaçamento dos marcadores de classe, raça e identidade de gênero trouxe limitações, não somente ao processo de constituição do capital corporal de Luna, mas também à subjetividade e às representações que faz de si mesma: «Tipo, eu saio na rua, eu sei que chamo atenção. Eu sei, tipo, eu tenho quase dois metros de altura, sou negra, gosto de usar cabelo claro, então eu sei que eu chamo atenção, entendeu?». Seus medos e receios foram construídos ao longo de toda a trajetória

como travesti, negra, pobre, trabalhadora do sexo, pessoa que viveu em cárcere e vítima de violências de ordem física e simbólica que marcaram o seu corpo e a sua subjetividade, sob condição permanentemente precária. Além dos estigmas associados à sua corporalidade, a experiência de violências trouxe receio de acessar o espaço público, principalmente quando está com membros de sua família:

LUNA: Já aconteceu, tipo assim, de eu estar no centro da cidade, passar um ônibus e as pessoas, tipo, me xingar: «E aí viado, filha da puta, seu negão, seu não sei o quê, seu não sei o quê». Mas me agredir mesmo, uma vez só que eu tive problema, mas as pessoas acabou se arrependendo porque arrumou pra cabeça, entendeu? [...] Mas assim, porque tipo assim, que nem a gente ia no centro, normal, mas assim, que nem geralmente as minhas irmãs me chamam pra ir em lugares assim, tipo balada, sabe?<sup>25</sup> Na balada as pessoas tá descontraídas assim, sempre tem aquelas pessoas que gostam de fazer umas gracinhas. Eu falo assim, eu tenho medo de uma situação assim, entendeu? Que nem: «Ah vamos no samba?». A gente entra lá no samba e tem aqueles negão, que eles olham e falam assim: «Pu...» A gente tem, sabe assim, e eu sou uma pessoa, tipo assim, que eu sei que eu... quando eu acho que a coisa tipo passou do limite, eu vou lá e eu dou show, entendeu?

EU: E você tem medo de ter que...

LUNA: Eu ter que dar um *show*.

EU: Com a tua irmã?

LUNA: É, porque sei lá, né? Eu falo: «Nossa, chateada». Que nem eu falei, se eu vejo que a pessoa tá olhando, tá comentando, mas não é nada assim fora do normal, mas se eu vejo que é uma coisa que me incomoda, eu vou lá e... Então, eu prefiro já não ir nesses lugares assim. Já mesmo por essas situações [...].

Em suma, as identidades travestis e transexuais só podem ser compreendidas em sua totalidade quando relacionadas a outros marcadores sociais da diferença. As trajetórias de vida e de biografias corporais de Safira e Luna no Brasil ilustram a complexidade imposta à análise de vidas a partir dos marcadores de classe e raça, bem como das exclusões e dos silenciamentos cujo alvo é a população pobre e negra. Além das desigualdades corporais e subjetivas, suas trajetórias demonstram também, desde o início da vida, os processos de agência e resiliência de pessoas que não estão no centro do *cistema* econômico-étnico que (re)produz a estrutura social excludente.

---

25. «Balada»: festa noturna.

## Negociações entre corpo-projeto e corpo-sujeito

Além das desigualdades estruturais de classe, suporte familiar, geração e raça na encarnação das corporalidades de mulheres trans e travestis, é recorrente nas narrativas sobre suas biografias corporais a referência a assujeitamentos e limites que o corpo orgânico impõe ao desenvolvimento de projetos corporais. As negociações que realizam com suas corporalidades demonstram as características distintivas e conflituosas entre o corpo que vai sendo projetado, entendido como acessório a ser construído por lógicas de reflexividade carnal, assumido como passível de modificações, receptivo a projetos distintivos e intervenções biotecnológicas; e o corpo-sujeito, que tem suas lógicas orgânicas próprias, finito, vulnerável, vivo e em devir até a morte que o encerra. Sob esta perspectiva, busco nesta seção analisar as especificidades das negociações entre os projetos de corpo que mulheres trans e travestis almejam para si e as imposições que o corpo-sujeito inflige sobre suas biografias corporais.

As preocupações com os processos naturais de autodestruição do corpo foram recorrentes nas narrativas das interlocutoras, sobretudo em relação às limitações impostas ao corpo pela iminência do envelhecimento.<sup>26</sup> Se, por um lado, o tempo é um inimigo na construção do capital corporal, por outro, ele é a peça chave para adquirir habilidades específicas, em virtude do processo lento de incorporação e somatização. Dalila, com 41 anos e uma longa carreira no mercado do sexo e do pornô, colabora no entendimento destas questões no que se refere às imposições dos territórios do trabalho sexual:

DALILA: Corpo é uma coisa que eu sofro muito, principalmente, de pessoas que me conhecem pelo meu material de trabalho, filme, revista, essas coisas. Tem gente que quer me cobrar uma beleza de 20 anos atrás. E eu, assim, eu envelheci 20 anos. Eu vivi 20 anos!

Tainá, 35 anos, também revela preocupações sobre o devir do corpo orgânico e relaciona as discussões com a necessidade de cuidados diários como demanda de seu capital corporal:

TAINÁ: Então, eu quero que o meu corpo acompanhe a minha mente pra mim não me frustrar, porque acho que a velhice, ela vai frustrar. Frustra, claro! Porque você

---

26. Sobre o processo de envelhecimento travesti, ver Casteleira (2014).

vai deixar de fazer muitas coisas que você fazia antes, porque o teu corpo não vai deixar você fazer. De repente, pode ser que eu não consiga pegar nem uma escada rolante do metro. Essa semana, quando eu fui pra faculdade, a velhinha tadinha, ela foi pegar na escada rolante, ela caiu, eu segurei ela pelo casaco. Eu também... eu vou cair também. Eu até quero cair um dia também ali, mas eu quero estar preparada com o meu corpo. Porque é ele que me mantém viva. Eu tenho que cuidar do meu corpo. Eu sou muito cuidadosa com o meu corpo, com tudo.

As falas de Dalila e Tainá mostram a lógica de construção do capital corporal centrada em uma relação de preservação e maximização das habilidades, considerando os limites naturalmente impostos pelo próprio corpo devido à sua tendência ao envelhecimento. O corpo constrange a ação do agente e impõe limitações às estratégias individuais a partir de suas próprias experiências, dos demais agentes do grupo, das tecnologias disponíveis em uma determinada cultura somática historicamente situada, e das desigualdades econômicas, culturais e sociais que assolam as biografias de cada agente. Dalila também tem uma dimensão clara dos limitadores que o corpo impõe na constituição dos projetos corporais, manifestada ao recordar do derrame que sofreu após realizar duas cirurgias estéticas em um curto espaço de tempo. Mas sua fala demonstra seus privilégios de classe e o suporte familiar:

DALILA: Eu sofri um derrame. Toda torta!

EU: Na Suíça?

DALILA: Não, no Brasil. Toda torta por causa desse nariz.

EU: Por quê?

DALILA: Eu tomei duas anestésias em menos de seis meses. Eu fiz o peito e fui pra Suíça.

EU: Ah.

DALILA: Quando voltei da Suíça, imagina, eu estava rica. Eu vou te mostrar aqui uma foto. Eu tinha o nariz grande. E eu era considerada Deusa. O meu nome estava no meio das dez mais da época. E aí eu pensei assim: «Imagina, se eu sou belíssima com esse nariz grande, imagina depois que eu fizer o meu nariz de boneca». Você vê, não é um nariz feio, mas eu vou te mostrar uma foto. [...] A minha sorte é que pelos meus pais trabalharem na área médica, eles sabiam todos os recursos que poderiam ser feitos comigo. Então, o que que acontece? A primeira coisa tiraram do... porque entraram no hospital público, né? Me tiraram do hospital público e colocaram no particular. Eu tinha dinheiro, podia pagar, né? E assim, eu fiquei, eu perdi cinco anos da minha vida pra mim me recuperar, entende?

A primeira propriedade do capital corporal está relacionada a suas características físico-orgânicas. Portanto, o biótipo do corpo pode trazer facilidades ou assujeitamentos na construção de um determinado tipo de feminilidade. Débora, nascida em Fortaleza, transexual, com ensino secundário completo, mãe comerciante e pai garçom,<sup>27</sup> ajuda à compreensão da problemática do corpo «natural» ao relembrar as represálias que sofreu de outras trans e travestis, após migrar para São Paulo sem ter realizado modificações corporais. Contudo, as representações sobre ela mudaram após se despir perante as colegas de casa. Tendo obtido seu reconhecimento devido ao corpo «naturalmente feminino», sua fala demonstra a importância deste reconhecimento no seu sentimento subjetivo de segurança ontológica:

DÉBORA: Aí elas disseram pra mim: «Nossa, [nome da dona da casa] isso é o homem que veio de Fortaleza? Nossa, não vou nem tirar a roupa na frente deste homem, isso é um homem». Aí eu quietinha. A [nome da dona da casa]: «Coloca as coisas ali, aqui é 10 reais por dia, quando for noite eu vou te levar pra rua. [Nome da amiga de Débora], ajuda a sua amiga que veio de Fortaleza, vai... coloca ela no lugar e tudo ok». Fui me ambientando, tudo, aí elas todas olhando pra mim, eu fui pro quarto porque eu estava muito cansada e quando eu tirei a blusa elas: «Ah, ela tem corpo de mulher, ela aiii». Aí todo mundo já queria ficar minha amiga porque eu já era assim ó, que nem uma Barbie. A cara que tipo... Tinha a mudança dos hormônios, mas não tinha...

EU: Você tinha barba?

DÉBORA: Nunca tive, eu tenho aqui ó, tipo aquelas penugens que tenho aqui no braço. [...] Mas eu sempre tive uma coisa, eu já nasci com cintura fina e meu quadril é largo, sempre muito quadril, muito cabelo.

Dalila é outro exemplo de como o biótipo do corpo é essencial na constituição de um capital corporal específico. Para Dalila, sua estatura é um elemento facilitador na materialização do seu projeto corporal e na passabilidade, partindo do pressuposto que mulheres cis são geralmente mais baixas. Reflete também a importância da passabilidade como uma estratégia de invisibilidade perante a transfobia social:

DALILA: Eu tenho uma facilidade, uma coisa que me ajuda muito, que é o tamanho. Eu tenho um metro e sessenta e três. Sou pequenininha, sabe? Sou bem-feitinha

---

27. «Garçom»: empregado de mesa, em Portugal.

de corpo. Então, assim, eu fico invisível na rua. Pra pessoa realmente ter a certeza, ela tem que me olhar muito, ela tem que estar procurando alguma coisa...

EU: Procurando alguma coisa para te ver.

DALILA: É. Porque eu sou invisível. Eu tenho amigas assim, que são mais volumosas, que são grandonas.

As narrativas de Dalila e Débora demonstram as negociações entre o corpo que têm e o capital corporal que almejam. Ser baixa, ter um corpo com curvas e não ter barba são atributos interpretados como vantajosos por Dalila e Débora na obtenção de uma corporalidade feminina, em comparação com outras trans e travestis. No entanto, os assujeitamentos do corpo também estão relacionados às representações que o seu grupo de pares detém sobre o corpo ideal e à referência para o seu projeto corporal. Se para ambas os assujeitamentos do corpo foram capacitadores na constituição de suas corporalidades, para outras mulheres trans e travestis as características físico-orgânicas do corpo podem constituir um grande empecilho na consecução do projeto:

LUNA: E eu tenho um trauma imen... Nossa, eu odeio ser alta, eu não suporto ser alta, eu não suporto essa minha altura. Na minha casa só eu sou alta! Tipo, meus irmãos são todos pequenos, meu pai, minha mãe é pequena, mas a minha vó...

Estas questões objetivas servem de base para as ações futuras e estão relacionadas à primeira propriedade do capital corporal. Contudo, o capital corporal também é movimento e *performance*, colocado à prova nas atuações em vida social. Luna, refletindo sobre como expressa sua feminilidade, explicita as relações entre o capital corporal e a *hexis* corporal:

LUNA: Eu acho que, apesar de ser grandona, eu sou delicada assim, sabe, assim.

EU: Sim.

LUNA: Eu gosto do meu jeito. Que eu me porto, o jeito que eu... me expresso. Eu acho que isso, mostra assim, tipo a minha feminilidade assim, nisso também. Mas tem vezes que eu olho assim pra mim, que eu me acho machuda. Sabe, tem vez que eu olho assim pra mim: «Ai hoje estou bonita». E, tem dia que eu olho pra mim eu falo assim: «Nossa, Jesus, machuda. Como que eu vou sair pra rua com essa cara de homem». Não sei se é por que não... Tem esse negócio de eu querer fazer feminilização no meu rosto, entendeu? Mas o que eu acho assim, que eu, apesar de grandona, que eu vejo assim, eu acho que eu tenho jeito... sabe, assim?

Luna encarnou a performatividade feminina e suas disposições específicas de modo conforme à ideiação dos movimentos do seu corpo. O que era uma ideia, tornou-se matéria em ação. O corpo como signo é significado nas relações sociais que estabelece. Portanto, o capital corporal passa a ser lido a partir dos signos que apresenta; neste caso, dos movimentos que realiza na corporificação de uma representação. Luna, ao performatizar os movimentos inscritos em seu capital corporal, é interpretada em seus locais de inserção social como feminina, algo que por si só já cumpre com seus objetivos de investimento corporal. A relação entre corpo e *performance* em Luna ilustra o que, à escala macro, foi designado de processos ficcionais de (re)produção de corpos generificados (Butler, 2010; Preciado, 2014, 2018).

Na construção do projeto corporal, alguns assujeitamentos do corpo podem ser resolvidos por procedimentos biotecnológicos. Via de regra, os procedimentos mais invasivos e mais dispendiosos são realizados quando as bases do projeto corporal estão mais assentes, havendo já um conhecimento maior sobre os procedimentos necessários à materialização do projeto. É o caso de Maya, 48 anos, que, após a hormonização e implante de próteses de silicone nos seios, resolveu se submeter a uma cirurgia bariátrica, face a imposições de beleza e sua relação com a gordofobia, na valorização do capital corporal que equipara, significativamente, a uma lapidação:

EU: Você estava falando da cirurgia, e o que isso mudou na relação você e seu corpo?

MAYA: Ah... mudou 100%. Eu tinha vergonha de ir pra uma praia, de botar um biquíni; pensa numa bixa imensa com biquíni, igual a um elefante?

EU: E, como era isso pra você, sendo trabalhadora do sexo e ser gordinha, o que você sentia?

MAYA: Quando eu resolvi vir pra Itália, antes de eu vir, eu já comecei a fazer uma dieta, eu já vim bem mais magra... bem mais magra. Eu ia ganhar o quê aqui? Nada! E, naquela época corria da polícia, na Itália, a polícia prendia sem documentos, já ia expulsar pro Brasil, né? Eu gorda igual uma vaca, ia correr como? Como eu ia correr?

EU: Uhum. Então, você não teve 140 kg ontem, você teve 140 kg há muito tempo atrás?

MAYA: Há muito tempo atrás. Aí fiz uma dieta antes de vir pra cá, entendeu? E depois eu vim fazendo as cirurgias, com as condições financeiras, depois que eu cheguei aqui, né? Aí, fiz a lipo um ano depois, fiz depois de seis meses, entendeu? Então, eu fui aos poucos lapidando meu corpo, entendeu?

As imposições do corpo-sujeito são negociadas por intermédio das possibilidades oferecidas ao desenvolvimento de um corpo plástico na encarnação do

projeto. A obtenção do capital corporal almejado proporciona uma autoimagem positiva de si. Na fala de Flora, é possível compreender o papel da materialização do projeto corporal no sentimento de autoestima e satisfação pessoal após obter as suas próteses mamárias:

FLORA: Quando eu me olho no espelho, todos os dias, tirando o fato de estar acima do peso alguns quilos, só isto que me incomoda [*tom de voz com risada*], eu sou totalmente realizada quando eu vejo minhas mamas, meus peitos, eu fico: «Ai, ai, ai que felicidade». Que isso é uma realização tão grande dentro de mim, que me dá até força no momento que eu estou triste, abalada, com... com o mundo que vai me... a vida, as pessoas que vão jogando a gente às vezes... um pouco para baixo, que acontece, ninguém tá sempre para cima todos os dias, um dia você tá o uó, como se diz. Esta realização quando eu vou no espelho e vejo, eu fico feliz, me muda, já volta a Flora: «Ahhhh, tá gostosa querida, tá com peitão, quer mais o quê? Tá reclamando, não tinha peito, agora você tem». E aí, bota um decote, bota.... Eu falo comigo mesma. Para mim me ultrapassar, né?

Os limites do corpo também são testados no processo de hormonização. A auto-hormonização é uma prática recorrente entre trans e travestis trabalhadoras do sexo, normalmente relacionada à falta de acesso aos serviços públicos de saúde. Ademais, algumas das interlocutoras utilizam o Viagra associado aos hormônios, a fim de viabilizar melhores *performances* sexuais. No caso de Luna, o coquetel farmacopornográfico autoadministrado, composto por estrogênio, progesterona, testosterona e Viagra levou seu corpo ao extremo:

LUNA: [...] mas até então, eu não imaginava que fosse por causa dos hormônios, porque, tipo assim, às vezes quando eu ia fazer programa eu, às vezes, eu saía com mulher. Então, pra atender mulher, às vezes eu tomava um Viagra. Então, na minha cabeça aquele enjoo que eu sentia era por causa daquele azulzinho do comprimido.

Após passar mal algumas vezes, consultou um médico e recebeu o diagnóstico de arteriosclerose:

LUNA: Fui pro hospital e fui procurar, aí o médico: «Ah já vi, já o que você tem, você tá com uma veia entupida». Aí eu peguei e fui, comecei a tomar uma medicação supercara, mas aí, minha família me ajudou, eu consegui comprar. Comecei a tomar essa medicação e realmente achei que eu tinha melhorado. Eu achei que eu tava bem já. E aí, eu peguei nesse dia, eu fui pra minha casa. E aí, eu dormi e acordei sentindo

uma falta de ar que eu não sabia explicar da onde eu tinha essa falta de ar. Só que aí como começou a me incomodar muito e eu moro perto de um hospital, eu fui no hospital. Aí chegou lá no hospital, quando eu comecei a fazer o eletro, eu enfartei. [...] Aí a moça falou pra mim que eu tinha um problema sério no coração, que eu não podia levantar, que eu não podia fazer nada, que eu ia fazer um cateterismo, aí foi, fez um cateterismo. Aí no dia do cateterismo, eles viram que eu não estava com uma veia entupida, eu tava com três veias entupidas, por conta do bendito hormônio, entendeu? Aí teve, tive que...

EU: Nossa!

LUNA: Tive que abrir aqui [*aponta para o peito mostrando uma cicatriz*]. E agora não posso mais tomar hormônio.

Os problemas de saúde devido à autoadministração de hormônios são frequentes entre as interlocutoras. Por exemplo, Safira, Maya e Flora deixaram de tomar hormônios pela falta de ereção no trabalho sexual. Mariana foi recomendada pela sua endocrinologista a fazer uma pausa dos 17 aos 19 anos, depois de ter problemas no pulmão e no fígado, além das alterações de humor: «É como se fosse uma TPM [Tensão Pré-Menstrual], porque é quando eu sinto cólica. É quando eu estou com enxaqueca, é quando eu estou mal-humorada». Tainá finalizou o processo de hormonização depois de uma depressão, por receio de agravar sua saúde mental. Verônica, já no início do processo de hormonização, reclamava do *stress*, das espinhas e das tonturas. Quase todas interromperam o tratamento hormonal, à exceção de Mariana, Verônica e Yara, que continuam a hormonização e também não realizaram cirurgias estéticas «mais invasivas». A despeito dos benefícios da hormonização no início da produção do capital corporal e sua importância como rito de passagem identitária, todas as outras interlocutoras a deixaram de lado, uma vez realizadas as cirurgias estéticas permanentes, em virtude dos efeitos colaterais ou de receios com a saúde a longo prazo.

Em suma, pelas diferenças nas biografias corporais perpassam os entrelaçamentos e negociações entre as desigualdades de classe social, o suporte familiar, as características de racialização, os assujeitamentos físicos, as técnicas de modificação corporal disponíveis nos contextos históricos com suas culturas somáticas, e diferenças geracionais referentes a estes enquadramentos na constituição de disposições para a modificação que consubstanciam o projeto de corpo. Portanto, o capital corporal constitui-se a partir dos limites econômicos, sociais, físico-orgânicos de cada corporalidade e as possibilidades biotecnológicas disponíveis nos distintos contextos de circulação no tempo e no espaço, como passarei a analisar nos próximos capítulos.

## **CAPÍTULO 3.**

# **MOBILIDADES GEOGRÁFICAS**

### **Capital de mobilidade: Redes de pessoas, informações e lugares**

As discussões sobre a prostituição transnacional são permeadas por discursos divergentes sobre migração e Direitos Humanos. As abordagens dos Estados promovem o interesse dos países desenvolvidos e negligenciam as motivações racionais e subjetivas das pessoas trabalhadoras do sexo envolvidas no mercado internacional. Ao longo da década de 90 do século XX, aumentaram as preocupações dos Estados sobre o tráfico de pessoas para a indústria internacional do sexo, principalmente nos países do continente europeu. Intensificaram-se operações policiais justificadas pela necessidade de combater a exploração de mulheres de países pobres, através de discursos relacionados à vitimização e à criminologia (Piscitelli, 2007); os discursos dos países ricos transformaram o conceito de tráfico de pessoas em justificativa para o aumento da violência e das posições anti-imigração (Silva, 2010). Apesar de ambiguidades e desacordos entre os diferentes grupos de interesse, foram adotadas algumas disposições legais, como o Protocolo de Palermo em 2000, adicional à Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial, de mulheres e crianças (Piscitelli, 2007). Segundo a mesma autora, a principal preocupação dos Estados Europeus na violação dos direitos dos migrantes é com a situação irregular das pessoas oriundas de países pobres. Assim, criaram-se políticas nacionais e internacionais constringendo a mobilidade de pessoas oriundas da América Latina, África, Ásia e da Europa do Leste. No contexto brasileiro, o Código Penal não contempla a possibilidade de migração para exercer o trabalho do sexo e proíbe o auxílio de outras pessoas para a efetivação do projeto migratório. Tais fatores geram um processo de criminalização das estratégias de acionamento das redes de pessoas e colaboram para o aumento da marginalização de trans e travestis brasileiras (Teixeira, 2008).

No interior dos movimentos feministas, há posições díspares. A concepção abolicionista, desenvolvida principalmente pelas feministas radicais durante as décadas de 60 e 70, associa o trabalho sexual à degradação do estatuto social da mulher, convertida em objeto comercializável, não distinguindo entre trabalho forçado e voluntário (Ramalho, 2012). Essas críticas visam também os Estados que regularizam, toleram ou legalizam o trabalho do sexo, uma vez que assim estariam violando direitos humanos. Em contraponto, os movimentos de pessoas trabalhadoras do sexo e as feministas liberais na década de 70 compreendem a prostituição como forma de trabalho e tecem diferenças entre a ocupação forçada e a voluntária, reconhecendo o poder de escolha e autonomia das pessoas que desempenham o trabalho sexual. Esta perspectiva reivindica o reconhecimento social do trabalho do sexo como ocupação profissional, direitos para as pessoas trabalhadoras do sexo, e a melhoria das suas condições de trabalho, segurança e cidadania (Ramalho, 2012); esta abordagem não vincula automaticamente a prostituição internacional ao tráfico e à exploração (Piscitelli, 2007).

Para o entendimento da problemática pesquisada, é necessário compreender os interesses e as motivações subjetivas das pessoas inseridas no trabalho e ir além dos discursos que criminalizam ou vitimizam quem vive esta realidade, atentando às suas inquietações, desejos, expectativas e capacidade de agência. A tudo isso, subjaz a reflexividade construída acerca e por meio de seus trânsitos.

As discussões sobre emigração também têm gerado calorosos debates nas ciências sociais durante as últimas décadas e colaborado na compreensão das desigualdades entre o norte e o sul globais (Bauman, 2003; Cohen, 2005; Jensen, 2011). A globalização diminuiu as fronteiras entre os espaços geográficos e sociais, intensificou processos de interação cultural e evidenciou a complexidade dos problemas globais (Bauman, 2003). Se, por um lado, o desenvolvimento dos transportes possibilitou a circulação constante de pessoas ao redor do globo, por outro, esta possibilidade está disponível sobretudo a uma elite com acúmulos de capitais de ordem econômica, cultural ou social (Cohen, 2005; Cresswell, 2010). Contudo, devido à democratização da mobilidade e à crescente interconexão dos campos profissionais locais com o contexto global, não é só a elite econômica que tem acesso facilitado à mobilidade, mas também vários agentes bem posicionados em seus campos, como nômades digitais, artistas criativos, e algumas das trabalhadoras do sexo como as desta pesquisa.

As pesquisas sobre a mobilidade têm demonstrado que a possibilidade de efetivação do trânsito geográfico constitui um recurso, um capital. É uma prática que reflete as estruturas hierárquicas de poder, geradoras de status e portadoras dos marcadores de racialização, gênero, idade e classe (Hannan et. al., 2006).

A mobilidade é uma prática que, simultaneamente, demanda recursos diversos e desigualmente distribuídos, e é investida como um recurso a ser capitalizado em outras dimensões da vida. Compreendê-la como um recurso implica perceber não somente o papel das forças internas e externas nas motivações para realização do trânsito, mas também o da conversão de capitais acumulados durante o percurso de vida para efetivação do projeto de mobilidade. Compreender a mobilidade como capital é também perceber que pessoas são encorajadas e têm suas mobilidades legitimadas, quais têm os seus trânsitos negados e percebidos como inaceitáveis, e ainda como as mobilidades de algumas pessoas estão relacionadas à imobilidade de outras (Cresswell, 2009, 2010).

Oliveira e Kulaitis (2017) definem o conceito de capital de mobilidade como os conhecimentos adquiridos com pares, familiares e demais rede de pessoas e informações, o acúmulo de experiências migratórias e de suas formalidades administrativas, o conhecimento de idiomas que possibilitam e facilitam a efetivação do trânsito. Além disso, também está relacionado a regulações jurídico-políticas que legitimam a circulação da pessoa, materializadas em passaportes e em documentações necessárias para a obtenção da cidadania no país de destino. Assim, podemos pensar em um patrimônio de recursos e de disposições para a mobilidade, cuja (re)produção depende das experiências vividas, acumulativas, transferíveis e reflexivas adquiridas durante a trajetória de vida, que favorecem a possibilidade real e o desejo cultural de circulação pelo globo terrestre.

Do patrimônio de recursos para a mobilidade, podemos citar a rede de pessoas e informações, a compreensão da diversidade cultural, a observação e a sistematização de crenças, modos de pensar e agir que constituem a reflexividade e que são instrumentalizados para a efetivação do projeto de mobilidade e inserção no país de destino. O capital de mobilidade «[...] reflete-se no aumento da capacidade individual de integração, de empregabilidade, de mobilidade e/ou de migração. Em associação com os capitais cultural, simbólico, social e econômico, tende a produzir indivíduos-mundo» (Oliveira & Kulaitis, 2017, p. 42-43). Portanto, as experiências vividas, os patrimônios de disposições, os capitais acumulados com seus processos de transferibilidade, adaptação, validação e conversão tornam-se questões-chave para compreender a trajetória da pessoa migrante.

Além destes conceitos, questões macro e microsociológicas são determinantes para compreender os fatores contextuais e motivacionais da mobilidade. As teorias macrosociológicas da migração evidenciam a força da estrutura no condicionamento das escolhas da pessoa, como, por exemplo, o contexto econômico e social no processo de tomada de decisão, ao passo que as microsociológicas evidenciam os motivos individuais da ação dos agentes (Peixoto, 2004). Especificamente sobre

a mobilidade de trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras para o mercado sexual europeu, é imprescindível trazer a esta discussão as questões políticas sobre o trabalho sexual e os direitos de pessoas transgêneras nos países de origem e de destino, os acordos bilaterais entre os países do continente europeu e o Brasil, as representações sociais sobre o Brasil, a brasilidade e a Europa, e o racismo.

Pelúcio (2011) descreve como as travestis brasileiras veem nas viagens à Europa a possibilidade de conhecer novas culturas, de conseguir um companheiro que as assuma publicamente, e de dar sequência à construção das suas corporalidades graças ao acúmulo de capital econômico e à sua conversão em capital corporal. Imaginam, assim, a possibilidade de construção de uma história positiva de si — que não necessariamente se realiza —, em contraposto à situação de abjeção que vivenciam no Brasil.

No fim dos anos 60, do século XX, Paris tornou-se o primeiro destino europeu das trans e travestis brasileiras, inicialmente para atuarem em cabarés. A liberdade de que desfrutavam na capital francesa, o acesso às técnicas de feminilização, algum respeito pela sua identidade de gênero e a possibilidade de vivenciarem a feminilidade 24 horas por dia constituíam as principais motivações para a mobilidade. Com a saturação do mercado de trabalho nos cabarés, o trabalho sexual nas ruas tornou-se um modo de ganhar muito dinheiro, o que intensificou o fluxo na década de 70. A partir de 1984, o Estado Francês começou a pedir vistos de ingresso para entrada de turistas, dificultando a entrada no país (Vale, 2005; Vartabedian, 2010).

Na década de 90, o principal destino das trans que se aventuravam nesse tipo de mobilidade passou a ser a Itália, vista como referência de *glamour* e de sucesso. Depois, da repressão do Estado italiano às pessoas trabalhadoras do sexo, as políticas conservadoras de Berlusconi e o grande número de profissionais nas ruas italianas fizeram com que o fluxo migratório se deslocasse a outros países da Europa Ocidental, mais especificamente a cidades como Madrid e Barcelona. Com a crise econômica após 2008, a solução encontrada pelas mulheres trans e travestis foi intensificar o trânsito entre diferentes países da Europa, na tentativa de diminuir as perdas de rendimentos (Pelúcio, 2011).

Foram estas mudanças contextuais que inseriram Portugal no fluxo de mobilidade de mulheres trans e travestis. As pesquisas que abordam especificamente a mobilidade para Portugal são ainda muito escassas, destacando-se a produzida recentemente por Belizário (2018) sobre emigração para a Península Ibérica, com foco nas discussões pós-coloniais e *queer* na compreensão das experiências trans e travesti, com trabalho de campo em cidades do centro e do norte de Portugal e em Barcelona, na Espanha. Isso torna a presente investigação relevante para

compreender as reconfigurações nos fluxos de mobilidade de trans e travestis brasileiras estabelecidas ou em circulação por Lisboa.

As discussões sobre trabalho sexual, por seu lado, salientam a importância da mobilidade como um recurso, e a circulação por diversos territórios do trabalho sexual como um desejo:

[...] los prostitutas y las prostitutas migrantes son un fenómeno especial: es normal que no se asienten en un lugar a vivir. Siguen migrando o, mejor dicho, siguen viajando. [...] existe una cultura en la que se quiere conocer Europa y en la que se tiene sus sitios preferidos. Aunque son a menudo pobres e ilegales, muchos viajan de manera cosmopolita (Agustín, 2000, p.2).

Portanto, a história da mobilidade de travestis e trans brasileiras para a Europa evidencia, além das políticas dos Estados, estratégias de circulação na busca por melhores oportunidades e, em suma, a própria agência das trabalhadoras do sexo.

Outro aspecto importante para compreender esses fluxos de mobilidade está relacionado à importância das redes sociais na efetivação do projeto migratório. A identificação da importância das redes na encarnação das identidades trans e travestis é recorrente nas pesquisas sobre elas (Benedetti, 2005; Bento, 2006; Duque, 2011; Kulick, 2008; Pelúcio, 2007; Pessoa, 2013; Silva, 1993; Vale, 2005). Isso aplica-se também à sua mobilidade. Por seu lado, a teoria das redes migratórias sublinha o papel ativo da rede na escolha do local, na recepção das pessoas no país de destino e na sua inserção no mercado de trabalho (Arango, 2003; Peixoto, 2004; Piselli, 1998). Elas não atuam sozinhas, estão antes inseridas em uma rede de relações com familiares, conterrâneos, agentes, amigos e conhecidos, promotores da imigração, que fornecem as informações necessárias sobre as escolhas disponíveis, o apoio jurídico e outros tipos de *ajuda* para efetivar a mobilidade no local destino. É frequentemente com as amigas, «mães» ou «madrinhas» que as travestis e trans mais jovens conseguem informações sobre o mercado do sexo, os locais de trabalho no país de destino ou o dinheiro para financiar sua viagem à Europa (Silva & Ornat, 2012; Pelúcio, 2010; Carrijo, 2011; Teixeira, 2008). O trabalho de Piscitelli (2007) sobre a inserção das pessoas trabalhadoras do sexo brasileiras em Espanha constatou que chegavam ao país mediante o acionamento de redes informais. Verificou também que, muito embora as trabalhadoras tenham pagado juros pelo financiamento da passagem e do local de trabalho, não o veem como exploração, mas como *ajuda*, exceto quando os juros são muito altos.

Se a *ajuda* enfatiza a importância do coletivo no sucesso do projeto migratório, o termo êmico *juízo* reconhece a relevância das ações individuais e do controle de

si no sucesso da mobilidade. *Juízo* designa a sabedoria necessária para ter triunfo na mobilidade: por exemplo, ter cuidado ao usar drogas com os clientes, não tornar-se dependente, não envolver-se afetivamente com clientes, cumprir as regras da pista no convívio com clientes e outras pessoas trabalhadoras do sexo, ter responsabilidade com os ganhos e gastos de dinheiro, com o investimento do capital econômico adquirido na Europa em um negócio rentável no Brasil, com o envio de remessas para a família, etc. Ou seja, o *juízo* conforma uma categoria moral neoliberal, segundo a qual o coroamento de sua experiência na Europa depende apenas de si (Teixeira, 2011). Silva e Ornat (2012), sobre as redes de prostituição brasileiras em Espanha, referem uma tendência à omissão das experiências fracassadas no interior do grupo; os motivos, quando são elencados, estão sempre relacionados à incapacidade pessoal, não aos elementos sociais.

O transnacionalismo favorece a transformação cultural, o sistema de valores e o cotidiano com a circulação de pessoas de um lugar para o outro (Piscitelli, 2007). Além disso, foi possível perceber nos discursos das travestis e trans brasileiras trabalhadoras do sexo a hierarquização entre o «norte» e o «sul» do mundo, onde «nas comparações com o Brasil é acionado todo um léxico que reproduz hierarquias globais, ao identificarem a Europa com a “civilização” e sua população como mais “evoluída” do que a de seu país de origem» (Pelúcio, 2011, p. 187); o Brasil é caracterizado pela pobreza material e cultural, ao passo que a Europa é qualificada como um continente de luxo e *glamour*:

O *glamour* é uma categoria nativa que expressa sucesso na feminilização, o reconhecimento público de suas qualidades, sobretudo artísticas e criativas e a possibilidade de materializar isso em bens que remetem ao consumo de luxo. Ao mesmo tempo, o *glamour* tem sido um operador capaz de criar um contraponto entre as experiências de sucesso e aquelas da abjeção (p. 42).

Portanto, as trans e travestis brasileiras representam a vida na Europa como o coroamento de ascensão social, com melhores possibilidades de aquisição de bens de consumo de grifes internacionais<sup>28</sup> e de construção das suas biografias corporais; é nesse sentido que Vale (2005) denomina essas viagens como «voos da beleza». Para o autor, a transgressão das fronteiras do corpo e do gênero assume, na experiência de deslocamento transnacional, um sentido específico na construção das feminilidades e subjetividades.

---

28. «Grife» (do francês «griffe»): marca prestigiada de bens de luxo.

## Trabalho sexual no Brasil e redes de mobilidade interna

Compreender a mobilidade como um capital implica perceber como as trajetórias de vida possibilitam o acúmulo de recursos para efetivação do projeto migratório. Todas as interlocutoras acumularam, durante seus percursos de vida no Brasil, capitais econômico, cultural, social, e/ou corporal que foram convertidos em capital de mobilidade. Ademais, o início no trabalho sexual de mulheres trans e travestis, ainda no Brasil, é caracterizado pela mobilidade interna, em trajetórias motivadas pela necessidade de sair do interior para encarnar a identidade de gênero, ou pela busca de melhores oportunidades econômicas nas grandes cidades.

As trajetórias no Brasil de Verônica, Yara, Diana, Débora, Tainá, Janaina, Safira e Dalila evidenciam a importância da mobilidade interna para a acumulação de capitais. Também podemos perceber que suas experiências no Brasil propiciaram a constituição de disposições para a mobilidade, posteriormente transferidas e adequadas à efetivação do projeto migratório e ao trabalho sexual. Pode-se citar, como exemplo, o entendimento de aspectos relacionados à diferença cultural e às especificidades de funcionamento do campo prostitucional no âmbito local. Para este conjunto de interlocutoras, a mobilidade no continente europeu foi mais uma etapa nos processos de trânsitos geográficos e corporais.

Verônica nasceu em Manaus, estado do Amazonas, e iniciou suas viagens como trabalhadora do sexo aos 17 anos. Suas experiências no campo prostitucional brasileiro incluem os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Foi em Salvador que Verônica desempenhou pela primeira vez uma *performance* feminina no trabalho do sexo. Tainá também nasceu em Manaus. Apesar de ter realizado alguns procedimentos de modificação corporal e vivenciar sua feminilidade nos concursos de *drags* da cidade, foi somente com o fim da graduação e com a mudança a São Paulo para atuar na sua área de formação que a encarnação da sua identidade de gênero adquiriu um caráter permanente e ela teve suas primeiras experiências no trabalho sexual, apesar de não depender da prostituição para a subsistência.

Yara, nascida no interior de Pernambuco, foi expulsa da residência familiar pelo pai aos 15 anos. O trabalho sexual em Recife possibilitou iniciar a encarnação de sua identidade de gênero com a rede de apoio de outras trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis. Yara descreve este período como sendo o mais feliz da sua vida, caracterizado pelo hedonismo e pela ausência de responsabilidades. Débora, nascida em Fortaleza, também precisou sair da casa dos pais para excorporar permanentemente sua identidade de gênero. Sem referências trans e descontente com as possibilidades de futuro em sua cidade natal, Débora

vendeu algumas perucas, sapatos de salto alto e um celular que ganhara da irmã para migrar para São Paulo, aos 17 ou 18 anos:

DÉBORA: Um dia eu senti no meu coração que lá eu ia acabar sendo, porque eu sabia que em Fortaleza eu ia virar um gay. Estava fazendo o curso de cabeleireiro e tudo. Eu sabia que em Fortaleza eu ia virar um gay angustiado com salão, com minha mãe dentro do salão pra ser companhia da minha mãe, eu não queria isso.

Em São Paulo, ela conhecia apenas uma amiga, que também havia migrado de Fortaleza. Foi na capital paulista que ela aprendeu as primeiras estratégias do trabalho do sexo, algumas técnicas de modificação corporal e onde obteve sua autonomia financeira: «Então, daquela época eu aprendi a capacidade de me manter, a capacidade de ganhar dinheiro, a capacidade de poder acordar no outro dia e ter o meu dinheiro, e gerir a minha vida [...]». Safira também colabora para o entendimento destas questões quando narra as motivações do seu trânsito do Espírito Santo para São Paulo, aos 19 anos:

SAFIRA: Eu falei com ele [amigo]: «Eu quero ir embora pra São Paulo, aqui não dá mais pra mim, eu quero conhecer o mundo, eu quero conhecer a vida, eu quero... Ir mais além». Aí eu fui pra São Paulo... aí, ali começou minha história de vida.

As trajetórias de vida de Verônica, Tainá, Yara, Débora e Safira mostram como os contextos de violência, intolerância, preconceito e tradição prevalentes em diversas regiões do Brasil dificultam ou impossibilitam as experiências trans e travestis; as dificuldades de encontrar aí referências para a encarnação da identidade de gênero, e a importância das grandes cidades na construção de horizontes mais amplos. Trans e travestis são impelidas à mobilidade devido às dificuldades de encontrar referências positivas para constituição das suas subjetividades e corporalidades (Vartabedian, 2018). Por força disso, os trânsitos internos nos territórios do trabalho sexual no Brasil colaboram para a constituição de disposições à mobilidade, compreendidos como um ponto de viragem na acumulação de experiências e capitais a serem mobilizados no exterior.

A trajetória de Diana é mais um exemplo de como a falta de referências nos interiores do Brasil e as associações entre travestilidade ou transexualidade e trabalho sexual favorecem a entrada na prostituição, devido à ausência de outras possibilidades de obtenção de capital econômico. Conforme descrito no capítulo anterior, a família de Diana ofereceu suporte, recorrendo a justificativas médico-científicas relacionadas à transexualidade. Contudo, não colaborou na encarnação

de sua identidade de gênero. Assim, Diana resolveu sair da casa dos pais aos 18 anos para viver no interior de Santa Catarina. Foi em uma cidade de 200.000 habitantes que Diana encarnou sua identidade de gênero, com o suporte de uma pessoa amiga que conheceu na internet, descobrindo nesse primeiro trânsito a possibilidade de obter capital econômico com a venda de *performances sexuais*:

DIANA: E daí, aí, foi a parte que... foi a parte que eu comecei, tipo, quando saí com ele [amigo com quem vivia] a primeira vez vestido pra... [...] Tem umas boatezinhas que é tipo puteiro e coisa assim. Só que eu até então não me prostituía. Porque... Não me prostituía porque acho... Que nem aquela [nome de travesti que conheceu] da minha cidade nunca se prostituiu... tipo assim, cidade muito de interior, né? Que eu nem imaginava que podia ganhar dinheiro fazendo...

EU: Fazendo isso...

DIANA: Entendeu? Eu só lembro tipo depois de maiorzinho tipo 16, 17 anos, eu chupava o pau de um cara e tipo, na minha cidade mesmo, «Se tu me vê, tu atravessa a rua senão eu te mato». Tipo assim, chupava, fazia, chupava e me ameaçava... Essas coisas eu lembro assim, mas não lembro nunca ter pedido nada, assim, entendeu? Quando eu queria dinheiro, eu roubava da bolsa da minha mãe. [Risos.]

EU: [Risos]. Era mais fácil... [risos] e mais seguro...

DIANA: [...] Daí até saiu assim, estava eu e ela e daí chegou um cara assim perto e falou: «Tu é linda». Tipo, eu lembro bem direitinho assim: «Nossa, tu é linda, quanto que é?». Ah?! Tipo, inocente né? «Quanto que é?». E daí, já a minha amiga: «É, dá dinheiro... pega...». Daí, tipo assim, dinheiro pra quê, gente? Eu era muito do mato... tipo, muito ignorante, entendeu? Ignorante não, do mato mesmo sem...

EU: Não tinha...

DIANA: «Não, quanto que é?». Daí eu disse: «Quanto que é o quê?. Não sei? Não tô vendendo nada, eu não sei... Daí a minha amiga: «Ai, cobra! A gente precisa de dinheiro mesmo...».

Esse relato exemplifica a ausência de referências e a situação de vulnerabilidade vivenciadas por muitas no início do processo de encarnação da identidade de gênero. A falta de suporte familiar potencializa a precariedade de vida e torna-se um fator constrangedor para o início das atividades do trabalho sexual no Brasil. Mas é nos territórios do mercado do sexo, nesses casos em processos de mobilidade interna, que travestis e mulheres trans adquirem capital econômico, agência, autonomia e representações positivas de si. Após as experiências no trabalho do sexo no interior de Santa Catarina, Diana migrou para Balneário Camboriú, cidade litorânea do mesmo estado e polo turístico da Região Sul do

Brasil. O sucesso no trabalho do sexo permitiu a acumulação de capital econômico, que converteu em capital corporal:

DIANA: Noossa, Camboriú, foi dali que eu tirei o dinheiro do meu peito. Nossa, aquilo ali é uma mina de dinheiro. E querendo ou não, novinha... tipo, eu bonitinha, né? Necuda.<sup>29</sup> Tipo, rapidinho eu me criei, rapidinho...

A acumulação e conversão de capitais por Diana também podem ser compreendidas como um reflexo do seu *juízo*:

DIANA: E eu tinha uma coisa em vantagem, é que não era tonta, não gastava em besteira. Tipo, dinheiro eu guardava, sempre tive conta no Banco do Brasil. Entendeu? Desde pequeno. Então, eu já era mais atiradinho assim porque a maior parte das travesti é meio burrinha pra essas coisas, entendeu? E acaba gastando em bobagem... Eu sempre fui assim, atravessava o rio com o Sonrisal na mão.<sup>30</sup>

Conforme discutido anteriormente, a biografia corporal de Diana reflete a sua estratégia de demarcação de poder no campo do trabalho sexual. O rápido sucesso no trabalho do sexo, associado à mobilidade, possibilitou a conversão de capital econômico em capital corporal, materializado em próteses de silicone nos seios e nas nádegas, com que encarnou a feminilidade, e pela plástica no nariz. Contudo, as disputas no território da prostituição trouxeram dificuldades e episódios de violência na relação com outras trabalhadoras que, segundo Diana, resultavam de inveja. A violência sofrida em Balneário Camboriú reforçou sua motivação para o trânsito geográfico à Europa:

EU: Uhum... E, e como que era a ação com as outras trans por exemplo, em [local no interior de Santa Catarina]? Em Balneário Camboriú?

DIANA: Por isso também que eu vim embora. Levei sete facadas.

EU: Foda...

DIANA: Tem um trocadinho, mas também tem um...

EU: Mas o que aconteceu?

DIANA: Até hoje não sei direito, pra ser bem sincera. Mas é provável inveja assim... ou picuinha de gentalha sabe? Tipo, achar que... [Silêncio.]

29. «Necuda»: de «neca», termo êmico para pênis.

30. Expressão popular brasileira para «avareza». Sonrisal é um medicamento contra azia e dor de cabeça.

EU: E você conhecia essas pessoas?

DIANA: [*Silêncio.*] Da rua.

EU: Ahmn...

DIANA: [*Voz baixa.*] Da rua.

EU: E foi sério? Foi muito sério?

DIANA: Sério. Foi muito sério.

EU: Você já tinha os peitos, não?

DIANA: Tinha recém acabado de fazer o peito. Sim. Perfurou minhas costas, eu tenho... olha o meu pulmão aqui ó... entrou água, saindo do meu pulmão

Além disso, Diana conhecia outras trans e travestis que haviam realizado a mobilidade para o exterior e aí tinham acumulado capital econômico.

EU: E foi por isso também que lhe motivou a sair de lá?

DIANA: Sim. Também porque aí eu já escutava, já conhecia bixas que tinham ido e que nem eram tão bonitas, e que rapidinho compraram casas, carro no Brasil.

Então, o capital corporal de Diana e a posição que ocupava no campo prostitucional na cidade brasileira chamaram a atenção de uma conhecida que financiava passagens:

EU: Você ficou quanto tempo no Brasil, ali no sul? Dois anos?

DIANA: Eu fiquei, um pouquinho mais e daí logo conheci a travesti que ofereceu, se eu queria pagar os 10.000 pra ir pra Itália que foi como eu fui a primeira vez. Por isso que eu te falo...

EU: Ah...

DIANA: Eu fiquei pouco tempo.

EU: Depois de tudo você devia ter 21...

DIANA: Mas tudo... É, eu já tava, tinha uns 22... Como eu falei sou de [cidade do interior do Rio Grande do Sul], mas tudo... [*Tosse.*] Vim sabendo o que eu ia fazer e vim por isso.

As trajetórias destas interlocutoras demonstram a relevância de investimentos no capital corporal ainda no Brasil, para efetivarem o projeto migratório. As biografias corporais de Dalila e Janaina atestam a necessidade de chegar à Europa com uma corporalidade que faça jus ao sonho de ser *européia*. Dalila migrou do Rio de Janeiro para São Paulo aos 17 anos e obteve sucesso no cinema pornô:

DALILA: Nenhuma trans fez a quantidade de filme que eu fiz até hoje. Porque você pode falar: «Ah, sou atriz pornô». Fez um filme, dois, três. Eu trabalhei. Fui contratada pela Buttman. Eu sou a única travesti que fez *private*. Sabe aqueles filmes que parece um sonho? Que você começa de batom e termina de batom? Que você sua, que você não transpira? Sabe? Que você está linda ali, com a luz que te deixa com um corpo, sabe, aquele sexo que parece que a pessoa está sonhando? Eu fui a única trans que fez isso.

O capital econômico e social acumulado no cinema adulto foram convertidos em capital corporal e de mobilidade. Assim, antes de ir para Suíça, com informações de uma amiga que também fazia parte da indústria pornô, Dalila investiu em seu capital corporal, materializado pelas próteses de silicone de «algas marinhas francesas»:

DALILA: Então, o que que acontece? Com 18 anos, eu fiz uma amizade. E, assim, eu me considero uma pessoa muito iluminada, sabe? Eu sou uma pessoa que faço amigos fácil, sabe? [...] Quando eu conheci essa amiga minha, ela já tinha vindo para Europa. Imagina?

EU: Com 17 anos, você conheceu ela em São Paulo ou no Rio?

DALILA: Não, eu já tinha 18. Em São Paulo. Já fazia filmes, já era Dalila. Eu fui miss São Paulo. Está entendendo? Então, assim, já era alguém. E ela... Nós fizemos uma amizade muito legal. Ela falou: «Amiga, por que você não viaja para Europa?». Eu falei: «Ai, amiga, sério?». Ela falou: «Sério, amiga. Vai pra Suíça. Você vai ganhar milhões lá». Juntei o dinheiro e fui pra Suíça.

EU: Sozinha?

DALILA: Sozinha. Ela me deu o contato de tudo. Aonde eu ia ficar, mas assim, sem saber falar. Fui pra um lugar que eu nem sabia o quanto eu ia pagar.

EU: E o seu corpo até então? O que que você tinha?

DALILA: Já era... Não. Eu já tinha silicone.

EU: Tu...

DALILA: Eu botei as minhas próteses... eu botei as minhas próteses pra viajar pra...

EU: Pra Suíça?

DALILA: Pra Suíça. Porque na época, até então, não tinha peito.

EU: E as suas próteses foi com cirurgião?

DALILA: Claro. É algas marinhas. Aperta só! Você já pegou em um peito de silicone?

EU: Poucas vezes. Peguei em algumas amigas trans.

DALILA: É duro!

Também Janaina, nascida no interior do Estado do Paraná, adquiriu informações sobre o campo prostitucional da Suíça com uma amiga que já havia realizado a mobilidade. Uma vez adquiridas as informações necessárias e realizados os trâmites legais de inserção no país, Janaina decidiu investir recursos no seu capital corporal:

EU: Ok. Aí botou o seio pensando mesmo em ir pra Suíça?

JANAINA: Isso.

EU: E como você...

JANAINA: Eu operei meu seio dia... 3 de outubro, dia 26 de novembro eu fui pra Suíça. Antes de operar meu seio eu já tava mexendo com meus contratos, mandando fotos. Assinava contrato mandava pra lá, que eu fui legalmente. Fui com visto de bailarina de cabaré.

EU: Ah, ok. E como você conseguiu esse contato?

JANAINA: Com uma amiga que trabalhou nisso e ela vivia na Suíça.

EU: Ah, você tinha alguém lá? Essa amiga é de [cidade do interior do Paraná]?

JANAINA: [Cidade do interior do Paraná]. Ela era travesti na época que ela trabalhou nisso. Colocou seios e tudo, depois ela tirou os seios. Deixou de ser travesti, que ela fez travesti só pra trabalhar na putaria. Ganhou o dinheiro dela, hoje ela já deve tá com 50 e poucos anos, 60 beirando já. Então, ela aproveitou esse dinheiro... Quando a Suíça dava muito dinheiro atrás. Ela aproveitou ficou anos trabalhando nisso, tirou o peito e foi de hominho pro Brasil passear. A família... Quando ela me conheceu, recém conhecida ainda, tinha acabado de conhecer, ela falou: «Janaina, por que que você não faz, isso, isso e isso». Ela começou me explicar, ela falou «eu tô voltando pra lá, eu falo com ele». Ela voltou, falou, me fez o contrato, mandou, eu assinei. Mandava... Eu fui em São Paulo, peguei meu visto.

As experiências narradas por Diana, Dalila e Janaina evidenciam a importância da acumulação e da conversão de capital corporal, capital social e saberes de experiência adquiridos nos territórios do trabalho sexual no Brasil, em capital de mobilidade. Além disso, realçam como a mobilidade é estimulada por histórias e experiências de outras trabalhadoras sexuais trans e travestis que obtiveram capital econômico, corporal, sucesso e amores na Europa.

## A aquisição do capital de mobilidade

As trajetórias das interlocutoras desta pesquisa revelam distintas formas de constituição do capital de mobilidade, e evidenciam a importância do termo êmico *ajuda* para compreender as redes estabelecidas pelas mulheres trans e travestis na efetivação do projeto migratório. A *ajuda* pode ser definida como as trocas, geralmente assimétricas, que podem envolver apoios de ordem financeira e/ou outros benefícios. Servem como exemplo, o empréstimo de dinheiro à migração, a inserção no campo do trabalho sexual na Europa, informações sobre onde e como trabalhar, companhia em momentos de tristeza, presentes, remessas financeiras à família no Brasil, colaboração de clientes mais próximos na locação de apartamentos na Europa, agenciamento de casamentos com homens europeus. Enfim, a *ajuda*, como todo sistema de dádiva, cria obrigações de reciprocidade e laços de afeto entre ambas as partes e torna-se uma questão-chave no sucesso da mobilidade (Patrício, 2009; Pelúcio, 2011; Piscitelli, 2011; Teixeira, 2011).

Mariana e Leila chegaram em Lisboa, respectivamente, com 17 e 21 anos, por intermédio do capital econômico e das redes de apoio familiar ou de pessoas que já residiam na cidade. Suas trajetórias passaram inicialmente pela inserção no mercado de trabalho formal em Portugal, entrando depois no trabalho sexual devido à maior possibilidade de acumulação de capital econômico. Essas duas trajetórias demonstram a transferência do capital de mobilidade pela rede familiar, na efetivação do projeto migratório.

Outras entrevistadas realizaram a mobilidade com capital econômico próprio e através da transferência de capital de mobilidade pela rede de pessoas conhecidas ou amigas. Flora e Tainá tiveram algumas experiências no trabalho do sexo no Brasil, mas não dependiam dele para subsistência. Flora chegou em Lisboa em 2010, aos 24 anos. No Brasil, trabalhava em um salão de beleza, de onde acumulou capital econômico para a cirurgia de próteses mamárias. Por convite de um amigo que vivia em Lisboa, resolveu adiar o sonho e investir o dinheiro numa «nova vida». Chegando em Lisboa, Flora buscou trabalho em salões de beleza, mas acabou recorrendo ao trabalho sexual por conta dos baixos salários e da falta de documentos. Tainá chegou em Lisboa aos 34 anos, em 2016, para cursar um mestrado. Depois da acumulação de capitais cultural, social e econômico como técnica superior no Brasil e a conversão em capital corporal, resolveu cursar um mestrado em Portugal com ajuda e informações de uma amiga também trans e mestranda. Após algumas tentativas frustradas de trabalho formal, os baixos salários, que impossibilitavam a sua subsistência e o pagamento dos seus estudos, levaram Tainá a iniciar o trabalho do sexo em Lisboa com o suporte de uma

amiga. Em 1999, Maya, com 30 anos e proprietária de um salão de cabelereiro no Rio de Janeiro, foi convidada por uma amiga trabalhadora do sexo para ir à Itália. Essa amiga colaborou com informações, com ajuda na compra da passagem e com a identificação dos locais do trabalho sexual em Milão. Sheila não exercia o trabalho sexual no Brasil. Aos 36 anos, após 13 anos trabalhando em uma fábrica de tecidos no interior do estado do Espírito Santo e realizada a cirurgia de confirmação de gênero no Brasil, foi convidada por uma amiga a vir para Portugal em 2001. Durante os primeiros sete anos, trabalhou em serviços de limpeza e depois iniciou o trabalho em casas de alterne, *sites* de acompanhantes e, finalmente, o trabalho do sexo na pista. Essas cinco trajetórias são marcadas pela autonomia financeira na compra das passagens, pela importância da conversão do capital social de redes de apoio em capital de mobilidade para a efetivação do projeto migratório, pela busca de melhores condições de vida e pelo trabalho sexual como estratégia de sobrevivência após a mobilidade.

Por seu lado, Verônica, Yara, Janaina e Dalila foram trabalhadoras do sexo no Brasil, com acúmulo de informações e redes de amigas que já haviam efetuado o trânsito para a Europa. Em 2017, Verônica, então com 25 anos, viajava e trabalhava frequentemente no Brasil com uma amiga trabalhadora do sexo cisgênera, responsável por incutir-lhe a ideia da mobilidade e por fornecer a *ajuda* necessária para chegar à Espanha e, posteriormente, a Lisboa. Yara, aos 18 anos, recebeu uma passagem para Paris como presente de aniversário de uma amiga, também trans e trabalhadora do sexo. Essa amiga, que já estava na capital francesa, ensinou a Yara os conhecimentos necessários sobre o território do trabalho sexual na França. Janaina, aos 22 anos em 2003, adquiriu informações de uma amiga travesti que trabalhava na Suíça e que contatou o cabaré onde Janaina trabalhou oito meses, durante a sua primeira passagem pela Europa. Dalila, aos 20 anos, em 1999, após acumular capital econômico no Brasil, no trabalho sexual e como atriz pornô, foi aconselhada a ir para a Suíça por uma amiga, a qual também a informou sobre como realizar o trânsito e onde trabalhar. Essas quatro trajetórias mostram a conversão do capital social de redes de amizade, formadas no trabalho do sexo no Brasil, em capital de mobilidade para efetivação do projeto migratório.

As trajetórias de Diana, Débora, Safira e Luna, também trabalhadoras sexuais no Brasil, demonstram mais uma vez a relevância da acumulação de capital social nos campos prostitucionais brasileiros e sua conversão em capital de mobilidade. Diana, aos 22 anos, foi *ajudada* com 10 000 Euros para sua ida para Milão, por uma travesti que conheceu no interior de Santa Catarina e que agenciava trabalhadoras sexuais mulheres trans e travestis. Ela também acumulou capital

econômico e o investiu em capital corporal. Débora, aos 21 ou 22 anos, teve sua passagem para Lisboa financiada por uma amiga, também trabalhadora do sexo em São Paulo e que realizara a mobilidade um ano e meio antes. O valor da *ajuda* de 3000 Euros, considerado «baixo», foi justificado pelos fortes laços de amizade entre elas: «[...] a gente era mesmo muito amiga, a gente era amiga... tipo assim, inseparável». Safira, desprovida de informações legais sobre como efetuar o trânsito, mas com algum capital econômico devido à pensão que recebia do seu companheiro falecido, foi para Espanha aos 25 anos pagando 25.000 reais pela *ajuda* de uma conhecida, que também ficou responsável por receber sua pensão no Brasil. Por fim, Luna chegou em Lisboa aos 37 anos, em 2016, por intermédio de uma pessoa conhecida de uma amiga, que *ajudava* viagens para trabalhadoras do sexo trans e travestis a diversos locais na Europa.

Tainá expressa as conexões de ajuda que, na sua perspectiva, são fundamentais para o sucesso do projeto migratório:

EU: Afinal, todo mundo precisa se apoiar. E você conseguiu... qual é a importância da rede pra você se efetivar aqui no seu espaço?

TAINÁ: Muito, eu estava na rua, sem as informações de amigos, porque até então pra onde eu ia?

EU: Você ficou no aeroporto... sim.

TAINÁ: Entende? Em último plano, lógico que eu ia buscar um hotel. Mas, quando eu estivesse no hotel, eu também ia buscar a rede. Não tem como ela é importantíssima. Eu acho que pra qualquer pessoa que migra de um lugar pro outro.

A *ajuda* também possibilita a criação de laços afetivos, suporte nos momentos de fragilidade emocional e a constituição da família eletiva:

EU: E qual é a relação que você tem com as outras meninas aqui, do Brasil?

TAINÁ: Sabe que é muito engraçado, porque essa coisa de rede, como eu estou lendo, eu estou falando o que eu estou lendo muito. Mas, é muito engraçado. Nesse sítio aqui, nesse apartamento, você vai encontrar muitas pessoas da região do Rio de Janeiro. No [número da porta], você vai encontrar muita gente de São Paulo. No outro, muita de não sei de quê. Por quê? Porque a dona da casa, ela é carioca. Ela veio com uma cafetina que é carioca, que trouxe outra carioca. E acabou sendo a referência. Então, as cariocas passam muito por aqui e as amigas da carioca, como é o meu caso. A minha amiga é amiga da carioca, que me indicou pra carioca. Então, a gente cria um grau tão grande de afinidades e sentimentos por uma pessoa que você nunca imaginou que ia surgir na tua vida. Porque o nosso grau de sentimento por uma e

pela outra é muito grande, porque a gente constrói o novo núcleo familiar. A gente passa a dividir relações, os defeitos, as angústias, tudo na mesma casa. Eu com a dona da casa muito mais, porque eu moro aqui. As meninas só estão de passagem. A gente só ouve as histórias delas. A gente não vê a vida toda, agora eu e a dona da casa, a gente já tem uma relação de amor, porque eu já sei tudo sobre a vida dela. E ela sabe sobre a minha vida. E as relações com as outras vai aumentando, porque vão passando, aí contam um pouquinho da vida. Aí, mês que vem, vem de novo, aí conta mais, daqui a pouco... é uma família grande. Quando você vai ver, quando você vai voltar pro Brasil, você não quer nem ir pra casa da família, quer ir conhecer a casa de todas.

A *ajuda* recíproca entre as pessoas da rede também facilita a obtenção de informações para aquisição de cidadania, e outros apoios no acesso às instituições:

EU: Então, você se dá bem com as outras meninas?

TAINÁ: Sim, com todas. Com todas, com todas. Algumas a gente acaba dando umas orientações: como abrir a conta do banco, algumas que não tem conta, a gente empresta a conta.

Em suma, as trajetórias de todas as interlocutoras revelam a conversão de recursos econômicos e/ou sociais em capital de mobilidade, bem como a importância do capital social, das redes migratórias e da *ajuda* na efetivação da mobilidade para o continente europeu.

### **Motivações do projeto migratório**

Nas motivações do trânsito geográfico por trabalhadoras do sexo trans e travestis perpassam questões subjetivas, materiais e estruturais. Em um contexto macro, a situação de vulnerabilidade, abjeção, dificuldade de inserção no mercado de trabalho, violência, ausência de políticas públicas, estigma e preconceito são alguns dos motivos determinantes para deixar o Brasil e tentar construir uma história positiva de si no continente europeu. As marginalizações das suas existências e experiências iniciam-se frequentemente na família e expandem-se por toda a estrutura social, cultural, política e jurídica brasileira. O Brasil é o país com o maior índice de assassinatos de pessoas travestis e transexuais no mundo. Segundo os dados da Transgender Europe (2021), entre janeiro de 2008 e setembro de 2021 foram assassinadas no país 1645 pessoas transexuais e travestis, mais de 40% das

vítimas reportadas a nível global. Os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais no Brasil apontam que entre 2008 e 2021 foram assassinadas, em média, perto de 124 pessoas transexuais e travestis por ano, com os máximos de 179 em 2017 e 175 em 2020 (Benevides, 2022, p. 30). Mesmo em conjunturas de aumento da criminalidade em países europeus, o sentimento de insegurança é muito menor que no Brasil:

MAYA: Lá [Itália] está tendo muito negócio de roubo... É muito marroquino, cigano, entendeu? Agora em Milão porque invadiram, então é morte de madrugada na rua durante a noite, já mataram muita bixa na Itália. Não tanto quanto no Brasil, né? Mas vira e mexe umas pancadas, uma coça, outra foi roubada ou levou facada. Contudo, isso menos que o Brasil, não tão arriscado quanto no Brasil.

Isso bastaria para justificar o desejo de deixar o país. Contudo, nas falas das travestis Janaina e Flora podemos equacionar as motivações da mobilidade com outros aspectos, tais como as relações com capital econômico e corporal, o estigma, o preconceito e as oportunidades de vida:

EU: Qual é a importância pra você, do tipo, por que a motivação de vir pra Europa?

JANAINA: [*Sinal de dinheiro com a mão.*]

EU: Aqué.<sup>31</sup> Sim. sim.

JANAINA: A vida também é melhor, né? Tipo, tenho medo do preconceito de lá, né? Querendo ou não. Bom, Portugal me disseram que é um pouquinho mais fechado também igual o Brasil, mas na Espanha não [...]

EU: Você já morou na Suíça, Espanha e agora em Portugal. O que você acha que é diferente? Você prefere viver aqui, ou não, do tipo, me fala um pouquinho de...

JANAINA: Prefiro viver na Europa.

EU: Prefere viver na Eu... Porque que você prefere viver?

JANAINA: Por causa do preconceito. É outra vida pra gente aqui fora.

EU: Humm. Sim...

JANAINA: É outra vida. Portugal eu ainda não sei te falar, né? Porque são poucos dias aqui mas, por... por Suíça e por Espanha, pelo que eu passei. Eu posso te dizer que mil vezes. Todas trans que você conhecer que vieram pra cá não querem voltar. Não tem vontade de viver mais no Brasil.

---

31. «Aqué»: termo êmico para dinheiro.

FLORA: Você perguntou assim, né? «Porque que ela vem de lá para cá, por causa do corpo?» É por causa do corpo, porque elas querem almejar ter dinheiro, poder mudar o seu corpo e se realizar todas, como eu me realizei. Na verdade, para mim não foi só isso porque eu poderia ter feito isso no Brasil também, como todas. Vem porque aqui a gente tem aquele misticismo aqui das bixas que a gente é bem tratada, o homossexualismo aqui não é tão visado, discriminado publicamente como no Brasil. A gente são *n* pessoas, que às vezes tem uma visão que olha, fica um pouco assim, curioso daquela pessoa ali, «quem é aquele ser que está ali, o que é aquilo, é homem? É mulher? Que diabo que é», né? Então, as pessoas olham muito, mas ninguém caga a gente assim não, as pessoas têm curiosidade [...].

Na perspectiva de Maya, trabalhadora do sexo em Itália desde 1999, o respeito à identidade de gênero, o reconhecimento e a liberdade de vivenciar a feminilidade, o tratamento no convívio social e a beleza dos homens italianos foram os motivos de retornar a Milão e, posteriormente, a Lisboa, após ter voltado ao Brasil entre 2011 e 2016 devido a problemas de saúde de um familiar próximo:

EU: E o que te motivou a voltar, o que aconteceu pra Maya voltar?

MAYA: O que me motivou é que eu senti falta, os italianos são muito gostosos, a vida também aqui é muito boa, de modo que nós aqui temos uma certa liberdade que nós não temos no Brasil, né? A liberdade que nós temos... [...] de se expor, de andar à vontade, o modo que você é tratada nas lojas, aqui te tratam como senhora, senhorita, né? Na Itália, e no Brasil é chamado como um homem normal, né? Aqui é tratado como uma mulher. Então, tem essa grande diferença do modo de ser tratada no Brasil pra Europa, as travesti gosta de viver na Europa. Eu conheço travesti que tá há 25 anos e não quer nem saber de Brasil.

Para algumas trans e travestis, a segurança ao acessarem o espaço público pode ser compreendida como uma das maiores motivações para a mobilidade. Para outras, em situação de maior vulnerabilidade social, o trânsito geográfico também pode ser compreendido como um importante ponto de viragem na encarnação da identidade de gênero na biografia corporal. Luna, que realizou a mobilidade apenas aos 37 anos, no Brasil tinha de negociar constantemente sua expressão de gênero entre o trabalho formal em uma empresa de segurança, o trabalho sexual e a vida em família. Na sua fala, podemos compreender os receios e os motivos destas negociações, além do medo da humilhação, do insulto e da violência em acessar o espaço público no Brasil, por conta dos vetores de raça, classe e identidade de gênero que marcam sua trajetória e biografia corporal:

LUNA: Então, aí que nem tipo assim, eu lá no Brasil era Luna só à noite, mesmo todo mundo sabendo que eu era assumida, tipo sabia que eu ... [...] E agora tipo assim, minha experiência vai ser tipo, quando eu voltar. Porque eu pretendo voltar de novo e ficar de Luna 24 horas, entendeu?

EU: Por que até então você nunca ficava de Luna 24 horas?

LUNA: É. [...] Eu não fico, porque no Brasil é complicado. No Brasil não é igual aqui, tipo você vai na rua aqui, você não vê uma pessoa te xingando, buzinando... as pessoas te apontando, igual tipo, que nem eu sei que eu chamo muita atenção, aonde eu vou eu chamo muito a atenção, mas eu vou nos lugares aqui, sabe? E eu não vejo as pessoas me xingar, me ofender. Outro dia estava no transporte público, coisa que no Brasil eu não faço, entendeu? Mas eu já tô indo meio que preparada, né?

EU: Sim.

LUNA: Que é complicado. Mas que nem eu falo pra minha família que aqui quem gosta, gosta e quem não gosta, respeita. Aqui onde moro é uma zona tranquila, eu tenho, sei lá... Lá no Brasil eu pretendo continuar a minha feminilização, entendeu?

As vulnerabilidades das pessoas trans e travestis brasileiras são potencializadas quando entrelaçadas com as características de racialização, classe e passabilidade. Se para Luna, travesti, negra, pobre, periférica e com pouca passabilidade, o seu capital corporal impossibilitava o acesso aos diversos espaços da vida pública, as percepções de Mariana, proveniente de uma família mais favorecida e com acúmulo de capitais corporal, econômico, cultural e social, são distintas. Na sua narrativa, podemos perceber a distinção com relação aos aspectos limitadores de sua identidade de gênero e as experiências vividas no Brasil:

EU: Você acha que eles [portugueses] são diferentes em quê?

MARIANA: A forma de pensar; a forma de agir, a forma de falar. Muitas coisas que eu via no Brasil, que eu vejo as meninas comentando muito, é que lá eles apontam muito e eu... Não sei se é... não sei se eu tive sorte ou foi azar, por causa da minha família ou por causa da minha postura também fez com que eu não fosse tão maltratada, com que eu não sofresse preconceito, com que eu não passasse por muitas que as outras passaram, né? Quando eu vou falar sobre esses temas de casa, família, Brasil, elas perguntam: «O que você já passou no Brasil?». Eu digo: «Nada».

As motivações para efetuar a mobilidade não incluem apenas as diferenças com relação ao estigma e à abjeção no convívio social, mas também as melhores condições para exercer o trabalho do sexo. Yara, com experiência nos territórios

do trabalho sexual em Recife, em Portugal e na França, colabora na compreensão da problemática: «Dá segurança de trabalhar sem medo... Não totalmente sem medo, não é? Porque a gente nunca sabe quando vai abrir a porta, o que é que vai encontrar, não é? Mas, fora isso...». As diferenças não estão apenas relacionadas à segurança na realização do trabalho sexual, mas também aos tipos de relações que são estabelecidas com os clientes. Para Luna, além de não ter receio de utilizar os espaços públicos, a sua satisfação com a mobilidade está relacionada às distintas experiências com os clientes:

LUNA: Os homens vêm, chamam de meu amor e tudo. Quer levar pra jan... aqui também eu acho legal é isso, os homens daqui convidam a gente tipo, pra ir jantar e se a gente quiser ir, eles levam mesmo. Sabe, assim, tipo no Brasil nunca um homem me chamou pra jantar. «Ai, quero levar você pra jantar.». Que nem aqui: «Ah, vamos jantar?». Também Tainá, apesar da escassa experiência no trabalho sexual no Brasil, elucida o contraste das relações estabelecidas com clientes portugueses e brasileiros. O fator mais importante consiste nas diferenças e no modo de percepção dos clientes portugueses sobre o trabalho que executa, em comparação à concepção de marginalidade associada à prostituição trans e travesti no Brasil:

Também Tainá, apesar da escassa experiência no trabalho sexual no Brasil, elucida o contraste das relações estabelecidas com clientes portugueses e brasileiros. O fator mais importante consiste nas diferenças e no modo de percepção dos clientes portugueses sobre o trabalho que executa, em comparação à concepção de marginalidade associada à prostituição trans e travesti no Brasil:

TAINÁ: [...] Por exemplo, o que que eu acho diferente? Eu não sei te dizer, diferente... Os homens são iguais. Por exemplo, eu acho que aqui a gente pode... eu acho que aqui... a diferença eu acho que é mais de suporte. Eu sei que vai vir um homem aqui, eu tenho certeza que ele não vai me fazer mal. Olha, aconteceu um caso ou outro aqui na Europa, mas alguma coisa... tem uma história por trás. Mas, o homem quando ele vem no teu apartamento, ele quer receber carinho, ele quer o teu serviço. Outra diferença aqui, eles conseguem te ver como serviço. No Brasil, acho que eles não veem as meninas como serviço.

EU: Você acha que vê como?

TAINÁ: Vadiagem. Como dizia antigamente. Elas estão ali, porque elas são... Elas gostam de sexo. Travesti ainda é vista como o símbolo do sexo: «Ela está ali, porque ela gosta muito de sexo, por isso que... É um gay, que quer virar mulher para poder ter muito sexo». Eu acho que os clientes... pode até ter... mas, tem muitos clientes

que veem você como profissional. Tem cliente que pergunta: «E aí, como anda a faculdade, miúda? Estás bem? Estás a gostar?».

Em suma, as motivações para a efetivação do projeto migratório por mulheres trans e travestis mostram como a transfobia promove abjeção, vulnerabilidades, violência e silenciamentos nas trajetórias de vida das interlocutoras. O trânsito geográfico é percebido como um ponto de viragem no percurso de vida, porque possibilita vivenciar a identidade de gênero sem os receios frequentes de sofrer violências físicas e simbólicas no espaço público e no próprio trabalho sexual.

## **CAPÍTULO 4.**

### **CORPOS EM MOVIMENTO**

#### «PUXANDO MALA» E ACUMULANDO RECURSOS PELO CONTINENTE EUROPEU

##### **(I) mobilidades: Tipos de circulação pelos territórios europeus do trabalho sexual**

As trajetórias e biografias corporais de trans e travestis brasileiras revelam a importância da circulação pelo continente europeu na constituição de agência. No entanto, os territórios do trabalho sexual com maiores vantagens econômicas só estão acessíveis a algumas delas, com elevada acumulação e conversão de capitais, o que colabora na compreensão das desigualdades do continente europeu e dos contrastes da acumulação de capitais pelas interlocutoras. A posse de capital de mobilidade materializado em passaporte, documentos de residência ou cidadania, domínio de línguas, e redes de apoio territorializadas — tudo frutos da conversão de capitais econômico, cultural e social — permite obter sucesso nos territórios de prostituição europeus. Nesta seção, busco compreender e analisar as estratégias de circulação pelo norte da Europa, as representações em relação a estes territórios privilegiados e as mudanças nos patrimônios de disposições com as experiências adquiridas nestes contextos diferenciados e diferenciadores.

As interlocutoras desta pesquisa podem ser divididas em quatro tipos, segundo as práticas diferenciadas de circulação, o volume de capital de mobilidade acumulado, as experiências nos distintos territórios do trabalho sexual no continente europeu e as motivações para a escolha de uma cidade ou de um país como lugar de residência.

O primeiro tipo caracteriza-se por práticas sedentárias. É composto por trabalhadoras do sexo residentes em Lisboa e que não praticam a circulação pelos territórios do trabalho sexual na Europa, porque têm poucas disposições para a mobilidade e/ou por motivos relacionados à legalidade. São elas: Mariana, Tainá, Sheila e Maya. As motivações de Mariana para viver em Lisboa respeitam à relação com a mãe, que também aí reside, e à ausência do desejo de «puxar mala», ou seja,

de disposições para a mobilidade. À ocasião da entrevista, Mariana também era deficitária em capital de mobilidade, pois ainda estava à espera da documentação de residente que lhe possibilitaria sair do país. No momento da entrevista, Tainá também realizava o trabalho sexual somente em Lisboa, devido ao mestrado em curso, que lhe impedia a circulação por outros campos prostitucionais. Estava à espera do seu visto de estudante e já havia realizado viagens turísticas pela Bélgica e Espanha.

Sheila, residente em Lisboa desde 2001, nunca saía do país, também devido à falta de documentos. Na sua narrativa, podemos dimensionar as motivações de sua vida em Lisboa e de sua imobilidade:

SHEILA: Eu fui presa há 15 dias, a [nome de amiga em comum] não falou?

EU: Ela comentou meio por cima, inclusive quero saber disso também, mas você ainda não conseguiu a cidadania?

SHEILA: Eu não consegui... eu nunca fiz nada. [...]

EU: Isso que eu ia te perguntar, você nunca foi trabalhar em outros lugares?

SHEILA: Não.

EU: Só aqui em Lisboa?

SHEILA: Ilegal, como é que eu vou?

Maya, durante os seus 12 anos em Itália, obteve seus documentos mediante um contrato de trabalho. O capital de mobilidade de Maya permitia a ida constante ao Brasil para visitar sua filha. Sua narrativa elucida os meios utilizados para conseguir o seu contrato de trabalho:

MAYA: Eu sempre viajava, eu ia duas vezes pro Brasil. Eu sempre tive documento italiano, agora eu não tenho mais.

EU: Por que você tinha documento italiano?

MAYA: Porque eu tinha contrato de trabalho.

EU: Ahhhh... Ok.

MAYA: Eu tinha *permesso di soggiorno*. Então, eu ia pro Brasil duas vezes por ano. [...]

EU: Nesse tempo inteiro então você ficava indo duas vezes ao ano.

MAYA: Duas vezes ao ano, porque eu tinha documento, né? Então eu podia ir e voltar...

EU: E como conseguiu esse documento?

MAYA: Fiz contrato de trabalho, conheci um brasileiro que... era casado com uma italiana e eles tinham uma confecção, entendeu? Aí, me empreguei como costura, como auxiliar de costura.

EU: Teve que pagar alguma coisa pra ele?

MAYA: Paguei, paguei... Eu pagava tudo, paguei contributos, eu paguei o contrato de trabalho e consegui o documento de trabalho [...].

Apesar de ter tido a possibilidade de circular pelo continente europeu, Maya não apresenta muitas disposições para a mobilidade pelos territórios do trabalho sexual, pois além de Itália, trabalhou somente em Espanha por seis meses.

O segundo tipo caracteriza-se por práticas de circulação restrita. É composto pelas interlocutoras que, embora se tenham movimentado pelos territórios do trabalho do sexo na Europa durante algum momento de suas trajetórias, no período da produção dos dados estavam fixas em Portugal, circulando apenas dentro do país, devido à sua situação de estadia ilegal e consequente falta de documentos. São elas: Luna, Flora e Janaina. Luna não tem documentos, vive em Lisboa e circula por Portugal com bastante frequência. Durante os três primeiros meses, com o visto de turista, viajou para a Bélgica, na tentativa de acumular maior capital econômico com *ajuda* de sua prima trans trabalhadora do sexo. No entanto, a falta do domínio de línguas foi um empecilho à adaptação e à execução do trabalho naquele país.

Flora também vive em Lisboa e amiúde viaja por Portugal em busca de melhores oportunidades de trabalho sexual. Em sua chegada a Lisboa, Flora obteve um contrato de trabalho através de um amigo português. Visando a obtenção da cidadania e a circulação por outros países, ela e o amigo se casaram. Contudo, após alguns meses e desentendimentos, o companheiro deixou-a sem ter dado entrada à documentação necessária para aquisição dos documentos. No momento da entrevista, Flora aguardava atendimento no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras para a retirada do seu cartão de cidadã portuguesa. A falta de documentação impede que Flora circule pelo continente europeu, e esse déficit no capital de mobilidade torna-se um fator preponderante em seus problemas econômicos:

EU: Que é conseguir o passaporte?

FLORA: O passaporte, o visto de... cidadã europeia.

EU: Porque você já está aqui há este tempo todo?

FLORA: [...] Então, falta isso aí do documento, aí o que eu fiz, voltei para Portugal, não viajei mais, fiquei aqui, tô até hoje tratando disso. Me virando como posso aqui, graças a Deus sempre consegui, até o dia de hoje sustentar minha vida aqui, com vermelhos, não vermelhos, vermelhos, não vermelhos, assim [*sorri*], em trancos e barrancos, graças a Deus.

Flora também teve uma experiência no campo prostitucional na Bélgica, durante 25 dias. Avalia positivamente a mobilidade pela possibilidade de conhecer um país «escândalo» e «fino»:

EU: E esta experiência foi boa?

FLORA: Foi boa, foi ótima porque eu conheci um país que nunca imaginei na minha vida ir conhecer, na Bélgica, aquilo lá é muito legal, é uma outra cultura, é um país assim escândalo, eu achei escândalo, muito assim... muita fineza, o povo muito assim, entendeu? Muito fino, todo mundo ali tem, tem... Você não vê gente assim, sei lá, eu não sei te explicar, é... As pessoas, os homens, lá não tem tanto preconceito, lá ninguém falava que eu era travesti.

Flora ilustra ainda um tipo de acordo com proprietários de casas ou apartamentos que experienciou na Bélgica, e que apresenta como sendo vantajoso:

FLORA: Fiquei lá nesta casa 25 dias, foi uma coisa assim de louco porque lá, eu não falava... lá fala francês, né? Eu não falava francês, ela atendia o telefone e mandava o homem vir na porta, no quarto, eu atendia o cara. O cara entrava, tinha que estar sempre bem vestida, maquiada, arrumada, com a roupa da foto, para poder atender os clientes. E ali eu atendia e ali era dinheiro, não é igual aqui em Lisboa. Lá era uma hora 150 Euros e meia hora 100 Euros.

EU: Uhol! E você ganhava quanto disso?

FLORA: Era meio a meio, 50%.

[...] Não pagava hospedagem, anúncio, não tinha despesa nenhuma, a não ser a minha comida.

Essa narrativa também elucida motivações para a mobilidade relacionadas à realização do seu *self*, aos projetos de si e às diferenças do trabalho sexual entre o norte e o sul da Europa. O sul é composto pelos países mediterrânicos (Portugal, Espanha, França e Itália), o norte são os demais países ocidentais do continente. Esta divisão não atesta só categorias geográficas, está relacionada principalmente às desigualdades econômicas do continente, às oportunidades e ao preço das *performances*.

FLORA: Aí da Bélgica, conheci, foi ótimo a experiência, trabalhei lá, ganhei dinheiro e vim embora, depois voltei para Espanha, trabalhei, não foi muito bom, penei igual uma cachorra, voltei sem nem um tostão no bolso, deven... com menos do que eu tinha.

EU: O que aconteceu na Espanha?

FLORA: Não trabalhei, eu não tive sorte.

EU: Não arrumou cliente?

FLORA: Não vingou, não foi, o telefone tava com anúncio, tava com tudo, mas não iam, era uma porra de uma paradeira.

A primeira experiência de Janaina na Europa foi na Suíça, durante oito meses em 2003. Em 2004 foi para Espanha, onde ficou durante nove anos. Nos primeiros três, desempenhou o trabalho sexual por várias cidades do país e nos seis seguintes, viveu em Alicante com um companheiro espanhol, lecionando em uma academia esportiva. Os motivos da longa imobilidade estavam relacionados também à falta de documentos. No momento de produção de dados, Janaina estava apenas há uma semana em Lisboa e planejava adquirir maior capital de mobilidade, obtendo a nacionalidade italiana:

JANAINA: Agora que eu tô pra mexer, que minha mãe por fim conseguiu achar um documento do meu avô que é italiano e eu vou pedir a nacionalidade.

EU: Sim, ok.

JANAINA: Mas até então eu tava ilegal, e lá era bem tranquilo quanto a isso. [...]

EU: E você entrou como turista, aqui em Lisboa?

JANAINA: Aham.

EU: Sim. Tem direito de três meses. Sim.

JANAINA: É. Aí, eu tô com isso que eu te falei do... eu tô com amigo que daí ele mexe com nacionalidade, ele tá com o papel que a minha mãe achou do meu avô, o documento do meu avô, e eu vou fazer a nacionalidade italiana. Que aqui na Europa diz que sai mais rápido do que lá no Brasil, que o Brasil é anos. Pra conseguir sair. E aqui é meses, diz que é de três a seis meses pra ter a nacionalidade.

EU: Aham, e tu queria ir pra Itália pra resolver isso?

JANAINA: Não, não. É ele que vai fazer tudo pra mim daí. Eu pago pra ele, ele que faz tudo. Eu não tenho vontade de ir pra Itália. Eu quero ter o documento italiano, mas daí eu posso tá na Europa toda, né?

O terceiro tipo caracteriza-se por práticas de circulação arriscadas. Compõe-se de trabalhadoras do sexo que, embora tenham disposições para a mobilidade e a pratiquem, carecem de capital devido à falta de documentos. São elas: Yara, Verônica e Safira. Yara foi primeiro a Paris, aos 19 anos. A mudança drástica de contexto de trabalho, das ruas de Recife à prostituição de apartamento em Paris, constituiu um empecilho na adaptação do seu patrimônio de disposições, culminando em seu regresso cerca de um ano depois:

YARA: Aí, voltei com um ano. Fiquei muito depressiva.

EU: Porquê? O que que aconteceu? Você veio para Paris com 19 anos?

YARA: Aquilo ali me prendeu! Ter que ficar dentro de um apartamento assim, aquilo, não é? Aquela... sem coisa, eu passei pouco tempo e voltei.

EU: E o que... foi, o que que você não se adaptou por ali?

YARA: Acho que o lugar me assustou, porque tirou minha privacidade. Eu fiquei presa.

Após cinco meses em Recife, Yara retorna a Paris com a *ajuda* de sua amiga, mediante o empréstimo para pagar a passagem. Em seguida, trabalhou durante dois anos na capital francesa. À ocasião da entrevista, Yara estava há seis meses em Lisboa. Uma das motivações para viver em Lisboa é seu relacionamento com um homem português, mas sua escolha respeita também à proximidade cultural entre Brasil e Portugal; a língua comum possibilita o estreitamento dos laços afetivos no país:

EU: Aham. Ok. E você gosta de Portugal?

YARA: Amo Portugal.

EU: Ama?

YARA: Amo, amo, amo. Muito mais do que qualquer outro país aqui na Europa. Ai, Portugal é tudo!

EU: Por que que você acha que Portugal é melhor do que os outros países?

YARA: Ai, pra se viver, não é? A gente mata um pouco da saudade do Brasil aqui, não é? Se sente mais abraçada, sei lá, porque lá pra fora... Até o idioma acho que já ajuda muito, não é? Você está ouvindo português, está entendendo todo mundo, está falando, não é? Acho que aqui te acolhe mais.

A narrativa dimensiona também a continuação de suas experiências pelos territórios do trabalho sexual no continente europeu:

YARA: [...] sempre estou lá, sempre volto, volta e meia eu vou para lá.

EU: E era Paris? Onde tu foi?

YARA: Paris. Eu optei por viver aqui. Volta e meia dá uma voltinha lá. [...] Ai, Bélgica, tudo! Fui para Bélgica, fui para Espanha e, por último Portugal.

EU: Bélgica e Espanha. E na Bélgica...?

YARA: Eu fui dois meses.

Sua inserção no campo prostitucional na Bélgica realizou-se mediante um acordo com uma pessoa proprietária do apartamento. Como vimos antes com

Flora, esses acordos, apesar de facilitarem a organização do trabalho, retiram mais-valia das trabalhadoras do sexo. A narrativa de Yara elucida as diferenças entre os distintos tipos de trabalho e suas relações com autonomia e agência:

YARA: [Em Paris] Pagam, pagam bem e não é tão penoso como lá na Bélgica.

EU: Ah, na Bélgica é mais penoso?

YARA: [Risos.] [...] Na Bélgica eu trabalhava não por minha conta. Eu trabalhava com outra pessoa.

EU: Ah, ok. Você ficava num apartamento, num quarto?

YARA: «Tal cliente, vai lá, vou abrir».

EU: E para você compensa mais trabalhar assim ou trabalhar que nem você está trabalhando agora?

YARA: Às vezes, não é? Porque é dolorido você faz uma certa quantia e vai metade para aquela pessoa. E outra, é bom porque você fica... não tem preocupação de estar, ai, telefone, ter que estar falando, nada. Só quietinha ali, esperando. [Risos.]

EU: Aham, e metade seu, metade dele, mas tudo incluído, o seu apartamento?

YARA: É, eu não pago nada.

EU: Nem a comida?

YARA: Não, a comida é pessoal.

As experiências de Safira com a mobilidade ao continente europeu e aos Estados Unidos da América atestam da importância da conversão de capital econômico em capital de mobilidade. Os vistos de turismo para os EUA, em 2014-2015, e Londres, em 2015-2016, foram concedidos em virtude da pensão que recebe pela morte do seu companheiro no Brasil. Em seu primeiro trânsito ao continente europeu, em 2006, na Espanha, Safira não regularizou sua situação, o que ocasionou problemas com os serviços de imigração do daquele país, sendo obrigada a regressar:

EU: E não teve problema nenhum?

SAFIRA: Babado nenhum... porque quando a polícia me pegou eu já tava com a passagem de volta pra comprar.

[...]

EU: E aí... porque você já tinha os bilhetes comprados?

SAFIRA: Já tinha, mas aí eles me acompanharam até Barajas.

EU: Humm...

SAFIRA: Não me acompanharam, é... Eu fiquei livre, mas tinha... quando eu cheguei em Barajas tinha pessoas me esperando da... *Estrangería*. Aí confirmaram, constataram que eu realmente estava...

EU: Tava voltando...

SAFIRA: Voltando normal.

Suas experiências com os serviços de imigração contribuíram na constituição de disposições para a mobilidade, engendrando alterações nos modos de organizar seu trânsito pela Europa. Sua narrativa revela também suas preocupações com a legalidade, a burocracia e as estratégias e recursos disponíveis para obter capital de mobilidade e agência. Por intermédio de um advogado, soube que poderia legalizar em Portugal sua estadia europeia, em virtude da pensão no Brasil lhe garantir meios de sobrevivência:

EU: E como você está tentando a legalização?

SAFIRA: Pois é... foi uma lei que nem eu sabia, meu advogado é muito bom... é, eu tenho... eu tenho liberdade suficiente pra ser independente... pra me manter pelo menos num país como Portugal, se fosse outro país não, mas Portugal pela parceria de Portugal-Brasil. Eu não posso nunca, se for aceita... eu não posso nunca pedir ajuda de Portugal, porque eu mostrei que eu tenho condição de viver aqui.

EU: E aí você consegue um visto?

SAFIRA: Haam... um visto de residência, principalmente por causa do meu benefício... Somando tudo deu mais que um salário mínimo.

EU: Aí você pode ficar só em Portugal?

SAFIRA: Não! Na Europa tudo, documento é igual...o que eu não posso é pedir ajuda social de Portugal.

[...]

EU: Sim... sim... sim. E tu quer ficar aqui por esse tempo... em Portugal, pra depois...

SAFIRA: Sim, sim, quero. Tô aguardando a resposta do processo e se for aprovado... Eu, como eu disse, eu tenho um motivo, uma razão pra criar um histórico de vida aqui. Nunca pensei em ficar fora do meu país ilegal. Não importa, por mais que o país seja... um país que te aceita, num te expõe, num te persegue... Mas eu acho que, quando você está da forma legal, você tem várias opções, entendeu? Se eu tiver de uma forma legal eu posso declarar meu imposto de renda aqui, eu posso participar dos direitos de cidadão, entendeu? Como qualquer outro português, como qualquer outro estrangeiro legal aqui.

As motivações de Safira na escolha de Portugal como país de residência têm muitas semelhanças com as de Yara. Contudo, em sua chegada a Lisboa no final de 2015, a cidade não correspondeu às suas expectativas em relação ao trabalho sexual e aos clientes, motivando o seu trânsito para Londres.

SAFIRA: E aí aqui eu vi, e na verdade eu nunca aceitei... a realidade de Portugal, pelo menos naquela época.

EU: Por quê? Isso era 2015?

SAFIRA: 2015... eu nunca aceitei, eu achava muito pobre Portugal.

EU: Hum...

SAFIRA: Mas, eu não imaginava que a minha história de vida ia se dar aqui.

EU: Por quê? o que aconteceu aqui?

SAFIRA: Não... aí tá, fiquei, fui nos lugares, vi o preço tal, porque são... difícil de lidar com eles.

EU: Por que é difícil lidar com eles?

SAFIRA: Como cliente é... choram muito, são falso, são hipócrita e você sabe, eles têm um sistema muito difícil de lidar, morre de inveja de nós brasileiros... e então aproveita que nós estamos no país deles, e querem maltratar... são poucos que você pode realmente... dizer: «Pô, esse português aí ele é fixe». Falei: «Quer saber, eu não sou obrigada». Tive um outro contato, minha mesma amiga, não... minha outra amiga de Londres me deu um contato, fui pra Inglaterra de novo.

No entanto, após ser assaltada na Inglaterra, Safira ressignifica as experiências vividas em Portugal e resolve regressar, por razões de segurança. De acordo com ela, as semelhanças culturais entre o seu país de origem e Portugal facilitam o convívio social, em contraste com as dificuldades relacionadas ao aprendizado da língua e à comunicação com os clientes nos outros países em que trabalhou:

SAFIRA: Viver em Portugal é como você viver num pedaço do Brasil, eu pelo menos acho. Primeiro porque você fala a mesma língua; segundo que é mais fácil pra você se relacionar com as pessoas, pelo menos nesse sentido de expressão. Eu vi que a Espanha que é sério... séria dificuldade.

EU: Tinha dificuldade em Espanha? Porquê?

SAFIRA: Pela língua, entendeu? Falava coisas, como falo o espanhol. Mas, tipo assim, a dificuldade... Aí tinha algumas vezes que o meu espanhol passava arranhado e eles: «¡No! No entiendo! ¿Que hablas?». Entendeu? E aqui não, aqui não ocorre deles não entender. [...] Outro fato de eu não falar inglês. Parei, né? Porque eu aprendi na América e minha dificuldade foi a língua também... tanto que eu gostei da Flórida e gostei da Califórnia porque é a maior parte, lá fala tudo espanhol.

O quarto e último tipo caracteriza-se por práticas de circulação itinerante, composto pelas interlocutoras com elevado capital de mobilidade e forte disposição para realizá-la. As experiências de Leila, Diana, Débora e Dalila na Europa

demonstram a importância destes recursos para o sucesso internacional no trabalho sexual, para a acumulação de capital econômico, corporal, social, cultural e processos de conversão entre eles, e também em termos de agência e autonomia. Suas trajetórias permitem compreender quais os eventos e estratégias que possibilitaram a obtenção do capital e de disposições para a mobilidade, bem como as consequentes alterações nos patrimônios de disposições com a circulação pelos heterogêneos territórios do trabalho sexual no continente europeu e/ou no mundo.

Leila chegou em Lisboa aos 21 anos. Sua trajetória de 11 anos em Portugal e nos campos prostitucionais da Europa foi possibilitada pela aquisição de capital de mobilidade: a obtenção da cidadania mediante o matrimônio com um namorado português. Como afirmam Oliveira e Kulaitis (2007), a obtenção de passaporte permite o aprendizado das regras do jogo migratório e das estratégias de ganho e conservação de recursos socialmente valorizados, como a cidadania, que facilita o processo de integração e a efetivação de outros projetos migratórios. Isso permitiu-lhe explorar o campo prostitucional em 12 países do continente europeu, incluindo Espanha, Grécia, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Áustria e Irlanda do Norte. Apesar do fim da relação amorosa um ano antes da entrevista, Leila e seu companheiro estabeleceram laços de amizade e afeto, mantendo o vínculo conjugal. Segundo Leila, a mobilidade para Portugal, associada às experiências e dificuldades relacionadas ao trânsito geográfico, consolidaram a constituição de responsabilidade (*juízo*) e de capital cultural. Simultaneamente, a circulação itinerante por diferentes contextos sociais, culturais e políticos gerou mudanças no seu patrimônio de disposições constituído no Brasil, nomeadamente as disposições para a reflexividade com as diferentes experiências pelos países que visitou e onde trabalhou, bem como as disposições para a cultura e a educação.

EU: E assim é, o que que você acha que tu mudou desde que veio para cá? O que mudou?

LEILA: Responsabilidade.

EU: Responsabilidade.

LEILA: Caráter, eu sempre tive, mas responsabilidade, centramento, educação, não é que no Brasil a gente não tem educação; não é que a gente não foi educado, não é que a gente não sabe... tipo os europeus, muitas coisas boas eu aprendi.

EU: Ahn. E dessas coisas o que você acha que foi a mais importante?

LEILA: Aprendi, como também tive que aprender.

EU: Porquê?

LEILA: Porque eu também tive, porque tinha que ser. Porque eu não tinha responsabilidade quando eu vim para cá, como eu tinha, para mim voar, para mim ter o que

eu queria eu tinha que ter responsabilidade. Eu tinha que trabalhar, eu tinha que fazer as minhas coisas. Como é que uma pessoa... não poderia não.

EU: Sim.

LEILA: Responsabilidade. E aprendi mais, tipo, a cultura, aprendi. Aqui em Portugal ainda o pessoal tem a mente um pouco meio fechada, mas quando você vai lá para fora você aprende mais ainda.

Diana adquiriu cidadania por sua ascendência italiana, sublinhando a importância deste recurso para a mobilidade, a obtenção de agência no trabalho do sexo e a acumulação de capital econômico. Além disso, a conquista dos documentos lhe traz segurança nas eventuais situações estigmatizantes motivadas pela nacionalidade e identidade de gênero.

EU: E de Portugal, você estava falando... Que que você acha? Como é ser trans e ser brasileira aqui?

DIANA: [*Silêncio.*] Depende, tipo... Ahn... em termos de... Tipo, eu cheguei aqui já com documento, daí eu fiz a minha residência aqui, em termos disso fui fazer porque querendo ou não, eles gostam de te humilhar por esse lado. Então, como eu tinha a possibilidade, eu vi que tinha uma possibilidade de tá... de ficar bem, entendeu? Mas eles são preconceituosos aqui, igualmente com brasileiros tanto com travesti, entendeu? E mais uma vez eu tô repetindo isso, tu és aquilo que tu tem. Então, se serve de alguma coisa ter documento? Serve pra isso, serve pra mim ir viajar, serve pra mim... eu conheço Londres, conheço a Finlândia, conheço vários países assim... Serve pra isso.

Ao mesmo tempo, sua narrativa, quando comparada às experiências de Flora e de Luna na Bélgica, indicia a importância do domínio da língua inglesa em sua autonomia pelos territórios internacionais do trabalho sexual, distanciando-se das representações da colonialidade com relação à brasilidade:

EU: E, aprendeu aqui [a língua inglesa] ou aprendeu lá no Brasil?

DIANA: Não, já falava um pouquinho do básico, verbo *to be*, tudo no Brasil.

EU: E como você acha que isso facilitou a tua vida?

DIANA: Ah, facilitou porque eu tinha pro lado da prostituição, era um pouco assim negativo em termos que sofria na mão dos outros, mas o que eu tinha aprendido na escola me serviu pra muita coisa, porque... eu conheci pessoas... Ter um diálogo. Porque eles têm, e principalmente europeu, ele tem a impressão de que todo mundo... que todo brasileiro é índio. Tipo, não... tipo assim pela... Entendeu?

É que nem eu falo às vezes pros portugueses, «nem todo mundo que vem do Brasil é índio, amor».

O principal aspecto diferenciador dos países do norte da Europa em comparação aos do sul é o valor pago pelos clientes. Portanto, a obtenção de capital de mobilidade, permitindo o acesso seguro a estes territórios, torna-se um aspecto preponderante da acumulação de capital econômico. O modo de organização dos trânsitos geográficos pode ser compreendido como uma das estratégias do trabalho sexual:

EU: E você no norte... Você gostou muito do norte?

DIANA: Gosto porque... aqui o convívio custa 50 Euros.<sup>32</sup> Fora daqui, tipo, na Suíça eu cobro 150, 200. Ahmn, na Finlândia 250.

EU: E por que que você não fica mais lá? O que que lhe...

DIANA: Não, mas eu vou sempre pra lá. Tipo, de três em três meses eu tô girando. Eu vivo aqui, mas eu tô sempre girando.

EU: Ah, ok.

[...]

DIANA: Mas aqui eu descanso, entendeu? Aqui eu fico e jogo meu anúncio também, que eu não tô morta...

EU: Sim, sim, sim. Mas você acha que onde compensa mais é no norte?

DIANA: É, nos outros países, né? Com certeza absoluta. Mas também se gasta mais, né? Porque eu tenho que pagar apartamento, eu tenho que... [...] tenho que pagar anúncio, entendeu?

Outro dos aspectos reiterados frequentemente pelas interlocutoras que circulam por países do norte da Europa consiste na diferença cultural das sociabilidades na vida pública, podendo constituir outra motivação de seus trânsitos constantes aos países do norte:

EU: E com relação à transfobia. Tu acha que Brasil, Portugal, Itália... como você sentiu isso nos lugares?

DIANA: Eu sinceramente, eu nunca passei, eu acho que por ser mais feminina, eu acho que eu nunca passei, mas eu te digo que é muito chamativa assim, as pessoas são más, são más no olhar, são más no compor... e assim, no Brasil ou na Europa. Só

---

32. «Convívio»: termo êmico para trabalho sexual.

não são assim no norte da Europa. Vê uma pessoa... Tu pode, tu pode tá vestido de mulher com barba, tu não, no norte tu não vai vê nada. Tipo, na Holanda esses países nórdicos assim, tu não vai vê uma pessoa te olhando assim ou assado. Pra eles tanto faz, tu és aquilo que tu és. É o único lugar, que o resto... Pra cá, que são um europeu mais latino, tipo aqui, e na Espanha, que são esses europeus mais latino, esses sim, são que nem os brasileiros com os outros, entendeu?

Apesar das vantagens econômicas obtidas no norte da Europa, Diana prefere viver em Portugal. Como para Yara e Safira, a motivação para escolha do país de acolhimento está associada às proximidades culturais entre Brasil e Portugal:

DIANA: Ah, eu já tenho só aqui em Portugal, eu tô já uns quatro anos, mas fiquei um ano e meio lá na Itália, fiz meu documento e depois...

EU: Ah, aí você veio pra cá?

DIANA: Ah, eu vim pra ficar na casa de uma... pra ficar três dias...

EU: E nunca mais voltou...

DIANA: Ah, é porque aqui é bem mais parecido com o Brasil, né?

A narrativa de Diana reitera a importância do passaporte para a circulação pelos territórios do trabalho sexual no norte da Europa, em países onde a prostituição é legalizada e sujeita a registro de atividade, face às estratégias das trabalhadoras sexuais estabelecidas para defender o campo prostitucional contra a concorrência de forasteiras — e que acabam também protegendo-a da concorrência de outras trans e travestis brasileiras desprovidas desse capital:

DIANA: Só que lógico, já aconteceu também de ir pra países de as travesti chamar a polícia pra cima assim, mas como eu tenho passaporte a polícia não pode me fazer nada. Entendeu? Ah, tipo, eu gosto de ir... Eu fui pra Suíça, eu fui pra Zurique. Lá se inscreve. Lá é bom. É, só que, sempre tem as coisas assim, tu chega, mesmo estando inscrita a polícia, do nada, as travesti velha que ligam pra polícia pra ver se tu realmente tá cadastrada... se não tiver cadastrada a polícia te manda embora, daí te dá uma expulsão.

EU: Ahhh, Ok.

DIANA: E a Alemanha também é bom por causa disso. Tu chega já se inscreve, tipo, lá é bom e tal. Os países que é... que é legalizado assim são os melhores, porque tem pouca brasileira. Porque só com passaporte europeu mesmo.

A trajetória de Débora também reitera a importância da obtenção de cidadania para a acumulação de capitais e para a circulação pelos territórios do trabalho sexual na Europa. Obteve a documentação de residência por via do casamento com um português, com quem já não vive mas mantém o laço conjugal por «conveniência», numa relação de amizade e reciprocidade de *ajuda*. Suas experiências de itinerância pelos territórios do trabalho sexual incluem Espanha, França, Noruega, Finlândia, Emirados Árabes Unidos, entre outros países. Isso possibilitou a acumulação de capital econômico e a sua conversão em capital corporal ao longo de uma trajetória ascendente no campo prostitucional. No momento da entrevista, Débora esperava a emissão do seu passaporte português:

EU: E tu tá em Lisboa há quanto tempo?

DÉBORA: Já faz, olha... Eu sou... eu sou casada, Emerson, com uma pessoa aqui...

EU: Aaah...

DÉBORA: No começo era amor mesmo, mas hoje em dia é mais conveniência, sabe?

Já fazem muitos anos. Meu número de contribuinte daqui é desde 2003, daí tu tira: 2003!

[...]

EU: Mas vocês estão juntos ainda?

DÉBORA: Como amizade, sim.

EU: Não vivem mais juntos?

DÉBORA: Não. Namorar com homem bonito dá trabalho. Depois de muitas brigas, muitas linhas, eu tô com ele, tô dando até uma ajudinha para ele porque ele está sem trabalhar, mas eu quero meu passaporte que vai sair agora. Saindo... Eu já dei entrada, tô esperando um papel meu do Brasil que tá vindo. Já faz muitos anos que eu troquei meu nome.

As motivações de Débora para a escolha de Lisboa como residência demonstram uma vez mais a importância dos laços culturais entre Portugal e Brasil e da comunhão linguística. A fala de Débora exprime os fortes laços que estabeleceu com Portugal, apesar da constante circulação pela Europa:

DÉBORA: Mas, não te nego, amigo, adoro Lisboa, adoro viver aqui e gosto dessa tranquilidade, dessa... que quer queira, quer não, Portugal... é o Brasil dentro de Portugal, né? Não tem jeito, não tem jeito! Se Portugal não tivesse ido lá, talvez a gente tivesse uma cultura, um jeito de ser diferente. Mas, não tem como negar...

EU: Você se sente super acolhida?

DÉBORA: Acolhida, sim! Por exemplo, eu vivi cinco anos em Paris, só que aqui se você sabe falar português, tá finíssimo! [...] E lá no aeroporto, assim: «Olá, senhoras e senhores! Vamos preparar para aterrar em Lisboa. Temperatura local...». Aí, você já sente: «Ai, tão bom! Lugar bom!».

Dalila também tem uma trajetória ascendente no trabalho do sexo no continente europeu, resultado da acumulação de capitais de mobilidade, corporal, econômico, social e cultural. Sua narrativa ilustra a importância da acumulação de capital econômico nessa mobilidade, como justificativa de seu ofício perante sua família de classe média. Conforme já mencionado, seu primeiro destino na Europa foi a Suíça, em 1999, onde ficou por três meses.

EU: Então, aí, você foi pra Suíça. Ficou lá quanto tempo? Me conta um pouco.

DALILA: Fui pra Suíça. Em três meses, eu saí da Suíça com 280.000 Euros.

EU: Wow!

DALILA: E no Brasil com 280.000 Euros. Isso, na época, um Euro estava a quatro reais.

Então, assim, a primeira vez que eu fui pra Europa, eu já voltei rica. Foi aonde a minha família começou a entender que nesse mercado eu conseguiria me impor. Por que a minha mãe tinha medo de quê? De que eu fosse explorada, agredida, que eu fosse violentada. Tinha aquela imagem do submundo, parado na esquina morrendo de frio e parando carro, e eu falando, «não!», sabe? Quando eu cheguei, eu fui pra Europa brigada com a minha mãe. Eu já tinha 18 anos. Eu falei pra ela: «Olha, eu ajetei tudo, a viagem e tudo, e estou indo pra Eu...». Nossa, assim, foi um desespero, minha mãe... Não sei se ela armou, se ela fingiu, sabe? Se jogou no chão e tudo. E eu fui assim mesmo.

Dalila também obteve seus documentos através do matrimônio com um homem europeu, que passou do estatuto de cliente para o de companheiro durante o segundo trânsito dela ao continente europeu, aos 25 ou 26 anos, exemplificando a importância dos laços de amizade, afeto e *ajuda* entre trabalhadoras do sexo e clientes na obtenção de agência:

DALILA: Aí, eu conheci um cliente, entendeu? Aí, a gente começou a sair. Aí, os seis meses que eu fiquei lá na Dinamarca, olha, nos últimos quatro meses ele saía comigo diariamente. Sabe? Saindo, saindo, saindo... O que é que aconteceu? Começou a ter controle na Dinamarca, aí eu peguei e falei: «Bom, antes que eu seja pegada novamente», né? E aí eu expliquei, «dessa vez, não é verdade? Eu vou embora». Aí eu falei para ele que eu ia embora, que estava com medo de ser controlada. Aí fui

para Espanha. Esse homem foi para Espanha. E ele falou: «Olha, tem uma forma muito simples de você ficar na Dinamarca». Eu falei: «Qual?». Ele: «Casando». Entendeu? Aí, até então, aí, eu falei: «Ah, eu caso». Daí, então, ele é muito sério. Dois meses depois estava com tudo pronto para mim casar, entendeu? E aí assim, nós nos casamos. É... ele foi...

EU: Você tinha um sentimento por ele?

DALILA: Ele era um cliente, entendeu? Agradável, gostoso, eu gostava do sexo entre nós. Mas, até... Era um cliente, entendeu? E que virou um amigo. Ele é o meu melhor amigo. É uma pessoa assim que eu posso contar com ele para qualquer coisa.

EU: Qualquer coisa.

DALILA: Tanto que assim quando, na Dinamarca depois de cinco anos de casada. Tem que ficar cinco anos casada. Se você ficar três, você perde. Nós ficamos juntos dois anos e meio.

EU: Morando junto?

DALILA: É...

EU: Você parou de trabalhar?

DALILA: Não.

EU: Não?

DALILA: Não. O que que acon... Dois anos e meio. E aí, quando a gente separou, ele mesmo, ele falou: «É legal a gente continuar casado porque se entrar com o divórcio a gente... você perde tudo». Eu falei: «Não, para mim, eu que pergunto se você aceita, né? Ficar casado comigo». Ele: «Não, pode. Não vou casar com mais ninguém». Aí casou. Ficamos os cinco anos, até eu pegar o passaporte...

EU: E depois separou?

DALILA: Separamos.

Esta complexidade de relações e afetos envolvendo trabalhadoras do sexo e homens europeus sublinha a necessidade de analisar para além de uma perspectiva marcada por interesses econômicos e do trabalho do sexo. As experiências de Leila, Débora e Dalila salientam a importância da *ajuda e o papel do* respeito, da consideração, do amor e das reconfigurações do afeto. Isto posto, as relações estabelecidas por estas três interlocutoras com os seus companheiros/clientes/amigos «[...] remete[m] a alterações nas articulações entre sexo, dinheiro e benefícios, acionadas para satisfazer necessidades de diversas ordens e desejos, produzindo diferentes modalidades de afeto» (Piscitelli, 2011, p. 576).

A aquisição de autonomia e agência lhe permitiu circular e escolher os melhores lugares para viver e trabalhar. As motivações de Dalila para viver na Dinamarca

estão relacionadas aos preços das *performances*, mas, além das vantagens econômicas, suas experiências possibilitaram compreender as diferenças culturais da Europa. Assim, na sua fala, podemos notar similitudes com as experiências de Diana e Leila no norte da Europa:

EU: E preconceito por ser brasileira?

DALILA: Não existe. Não existe.

EU: Você acha que sofreu preconceito?

DALILA: Brasil, olha, Dinamarca, Dinamarca é um país onde eu acho que essa palavra foi meio que extinta. Primeiro que assim, a única coisa que eu não gosto lá, é você pode sair na rua linda e você pode sair na rua de pijama que é a mesma coisa.

EU: Ninguém te olha?

DALILA: Não. Ninguém te olha! Passa merda no cabelo que ninguém vai dizer que está sentindo cheiro de bosta.

As experiências de Dalila nos diversos territórios do trabalho sexual durante os quase 20 anos de circulação pelo continente europeu e mundo afora ensejaram a constituição de uma perspectiva sobre o fluxo de trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras para Portugal. O conhecimento adquirido viabilizou a constituição de estratégias de circulação itinerante por diversos países, face ao aumento da concorrência no mercado do sexo em Portugal:

DALILA: Porque antigamente você vinha para Europa, você sabia que você ia voltar com dinheiro pra comprar uma casa, você sabia que ia voltar com dinheiro pra comprar um carro. Isso era certo! Hoje em dia isso... hoje em dia pra você ganhar dinheiro aqui você tem que estar puxando maleta. É 15 dias mais 15 dias em um outro. Aí vai para uma cidade 15 dias, depois vai... Porque, sabe o que acontece? O fluxo agora está muito grande.

EU: Concorrência então?

DALILA: Muita! E a concorrência é desleal. Aqui mesmo, se todo mundo cobrasse 80, eles iam pagar 80, mas têm as que cobram menos, têm as que cobram 40, têm as que cobram 50. Você está entendendo? Então, assim, elas preferem fazer 10 de 30... [...]

EU: E por que você acha que tem tantas meninas aqui?

DALILA: É muito fácil viver em Portugal. Aqui em Portugal sem dinheiro você aluga um apartamento, você abre uma conta em um banco, está entendendo? Você vive, você sai, você come, está entendendo? Para muitas delas que não conhecem dinheiro, fazer 200 Euros por dia é muito.

Além destas questões, as experiências de mobilidade internacional fornecem uma compreensão do papel da globalização, do acúmulo de capitais econômico e de mobilidade na caracterização de uma elite do trabalho sexual que circula constantemente pelo globo terrestre, com algumas aproximações com as constatações de Bauman (2003) sobre o estilo de vida cosmopolita de uma elite econômica na contemporaneidade: «Seu mundo não tem outro “endereço permanente” que não o e-mail e o número do telefone celular. A nova elite não é definida por qualquer localidade: é em verdade e plenamente *extraterritorial*» (p. 53). Por exemplo, as experiências de circulação de Dalila, desde 1999, incluem Espanha, Dinamarca, Emirados Árabes Unidos, Estados Unidos da América, Andorra, Catar, China, Ilhas Maldivas, Grécia, República Checa, Bélgica, entre outros países.

As trajetórias de mobilidade de Leila, Diana, Débora e Dalila, quando comparadas com as dos tipos anteriores, revelam substanciais diferenças e desigualdades entre as trans e travestis trabalhadoras do sexo. Estas quatro interlocutoras fazem parte de uma elite do trabalho sexual, com elevada acumulação de capitais de mobilidade, corporal, econômico, social e cultural, permitindo-lhes a circulação pelos campos prostitucionais do mundo. Além de seu ofício permitir a acumulação contínua de capital econômico, a própria mobilidade constitui-se como capital simbólico de classe, como forma de elitização das suas trajetórias e posições no campo prostitucional.

### **Circulação geográfica e biografias corporais**

As experiências no mercado sexual europeu são um ponto de viragem nas biografias corporais, pela acumulação de capital econômico e sua conversão em capital corporal. A encarnação da experiência europeia adquire significados no e pelo corpo, tanto pelas alterações no projeto corporal como pelo acesso às biotecnologias de transformação do corpo. Aprender as biografias corporais em mobilidade transnacional implica percorrer as trajetórias de vida das interlocutoras, na busca de significantes e significados inerentes aos processos de encarnação, bem como das alterações nos patrimônios de disposições com os trânsitos para Portugal e outros países do continente europeu. Passo a analisar nesta seção a influência da mobilidade nas biografias corporais e na atualização das disposições estéticas das interlocutoras com as experiências da mobilidade e da circulação itinerante.

No caso de Flora, o desejo de mobilidade adiou a cirurgia de próteses mamárias. Assim, um dos seus primeiros objetivos, uma vez acumulado o capital econômico no trabalho sexual, foi a realização deste sonho:

FLORA: [...] eu me sentia feia, me sentia esquisita, não podia comprar uma roupa, não podia botar um decote, não podia nada. E aquilo ali me afetava psicologicamente, não gostava, mas aí quando... aí fui e coloquei o peito, comecei a ganhar dinheiro, fui para Espanha e coloquei o peito.

Além da importância das próteses na constituição da sua feminilidade e representação positiva de si, a cirurgia de Flora demonstra, mais uma vez, a relevância da mobilidade e da *ajuda* nas redes de pessoas e lugares, que foram de fundamental importância na constituição do seu capital corporal:

EU: Você foi primeiro para onde?

FLORA: Primeira cidade que eu viajei internacional, foi Espanha, Barcelona, foi quando eu botei o peito, foi a primeira viagem.

EU: Você colocou o peito e foi para Barcelona linda? Ou não, foi em Barcelona para colocar?

FLORA: Foi assim, fui sem peito. Eu estava com dinheiro guardado, tinha aí uma grana guardada, engraçado, eu tinha uns 2000 Euros guardados, o peito era 3500, eu tinha 2000 guardados. Fui para Barcelona com esta minha amiga que me convidou, ela tava... ela se casou com... um espanhol, fui para casa dela e fiquei lá 15 dias. E ela sempre me deu força para colocar este peito logo, infelizmente eu não tinha condições financeiras, até então. Esta amiga me deu muito apoio. O que ela fez, eu trabalhei na casa dela.

EU: Ela é trans também?

FLORA: Ela é trans e trabalha também. Ela fez o seguinte, eu trabalhei na casa dela, lá eu fiz o restante dos 1500 e ela me levou para a médica dela. Na casa dela trabalhando, eu fiz lá os 1500 Euros, em 15 dias.

EU: Ela tinha um apartamento onde atendia os clientes?

FLORA: Na casa dela, ela vive lá na Espanha e na casa dela ela trabalha. E lá eu ganhei estes 1500 e juntei o dinheiro e ela me levou na médica, não paguei consulta nem nada, porque a médica, ela já tinha uma consulta, que ela estava tratando de um problema que ela teve na prótese. A médica me examinou e eu decidi pôr. Fiquei com um pouco de medo, mas era uma realização tanta que eu estava tão feliz, que eu nem quis saber da dor, eu não quis saber de nada. Até então, a minha cirurgia foi com anestesia local.

Conforme já salientado, as próteses mamárias são um dos aspectos mais importantes da sua biografia corporal e da sua feminilização, e lhe deram também a autoconfiança para explorar outros territórios do trabalho do sexo em Portugal:

FLORA: Durante estes seis anos logo a seguir ao peito que eu tive mais... logo a seguir ao peito foi que eu comecei a viajar de verdade, me senti mais corajosa para colocar um anúncio e realmente me lançar nestas cidadezinhas para poder trabalhar, porque o peito abriu portas. É melhor, o trabalho do programa, da prostituição. Os homens gostam mais, se sentem mais atraídos. É, para eles aquela visão ali de um... um corpo feminino com seios e um pênis é o que eles querem.

Assim, a trajetória de Flora no mercado sexual europeu revela as conexões entre a mobilidade, a acumulação de capital econômico, a sua conversão em capital corporal e a obtenção de agência no campo prostitucional. É neste sentido que Vartabedian (2010) afirma que: «El bienestar simbólico, social y el embellecimiento corporal son algunos de los factores que contribuyen a que se entiendan sus migraciones a Europa como un proyecto de empoderamiento personal» (p. 49).

Entretanto, são as biografias corporais de Débora e Luna que melhor ilustram a profunda importância da mobilidade na acumulação e conversão recíproca entre capitais econômico e corporal, e na constituição de uma autoimagem positiva e de autoestima sobre a identidade de gênero.

Débora nasceu em Fortaleza e saiu da casa dos pais para viver sua identidade de gênero feminina em São Paulo. Em quatro a cinco anos vivendo e trabalhando na capital paulista, Débora acumulou capital econômico e o converteu em capital corporal, colocando próteses de silicone nos seios e silicone industrial no quadril, além de conseguir autonomia, segurança financeira e capital de mobilidade. Chegou em Lisboa em 2003, com 21 ou 22 anos. Após algum tempo trabalhando em Portugal, circulou pela Espanha durante um ano, ainda antes da crise de 2008: «Quando eu tive na Espanha, que foi aquela parte que eu te falei lá, eu tive em todos os interiores da Espanha. E na Espanha a gente ganhava muito dinheiro, Emerson, era aquela época da vaca gorda também». Esta viagem propiciou a acumulação de capital econômico para a compra de uma casa em Fortaleza, no mesmo bairro dos pais e irmãos, bem como para sua cirurgia plástica no nariz, que naquele momento de sua vida significou sucesso e diferenciação como trabalhadora do sexo trans, e a encarnação do sonho de ser uma «Barbie»:<sup>33</sup>

DÉBORA: Ninguém tinha plástica no nariz, então poucas trans tinham. E lá tinha um cirurgião muito famoso que era o doutor [nome do médico], e eu: «Quanto é um nariz?». E ele: «Ah, 2500, 2000 Euros». E eu: «Eu quero fazer uma plástica no meu

---

33. A boneca Barbie foi uma referência constante nas narrativas de Débora. Durante a entrevista em seu apartamento, ela me mostrou sua coleção de Barbies em uma parte especial do seu guarda-roupa.

nariz». O meu nariz não era feio, mas era um nariz de bofinho.<sup>34</sup> E daí ele era conhecido como se ele fosse um dos melhores, sabe? Daí, na hora que eu tava operando ele falou assim pra mim: «Você é tão linda!». «Ah, obrigada!». «Você quer nariz de mulher ou quer nariz de boneca?». E eu: «Eu quero nariz de boneca!». E ele: «Boneca Barbie?». E eu: «É, é!» [Risos.] Quando eu acordei, o meu nariz inchado, ele falou assim: «O teu nariz vai ficar lindo!». E eu: «Ai, tomara! Tomara!». E quando eu voltei pra Portugal, eu já voltei... loira eu sempre era, mas voltei com um nariz assim, lindo, pequenininho, e todo mundo: «Olha, teve sorte, hein!». E daí eu fiquei aqui por um bom tempo.

Os primeiros três anos de Débora na Europa se notabilizaram pela acumulação de capitais de mobilidade, corporal, econômico e cultural. As experiências nos campos prostitucionais do continente europeu demandam o aprendizado da língua inglesa. «Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura» (Fanon, 2008, 50), mas mais do que isso, a língua possibilita o acesso ao estatuto de sujeito pela pessoa migrante (Mombaça, 2015). Assim, Débora passou a estudar inglês por conta própria em Lisboa, convertendo esse capital cultural acumulado em capital de mobilidade. E foi por intermédio do capital social em redes de amizade e *ajuda* com outras trabalhadoras do sexo que ela pôde trabalhar na Grécia e na França:

DÉBORA: Eu fui porque... Uma amiga minha me viu falando inglês porque... aqui em Lisboa, eu comprei uns livros de inglês e comecei a estudar inglês em casa, fazer exercícios, estudar e tudo. E daí, fui tendo sucesso. Quando as pessoas ligavam pra mim, que era de fora, que falava inglês, eu já respondia. Então, isso era bacana porque eu tinha comunicação. Então, um dia a minha amiga que já falava muito bem o inglês, ela pegou e falou: «Ah! Olha, eu escutei você falando inglês e você fala bem». E eu disse «Ah, não é tão bem, mas vai sim». Aí, daí ela falou assim: «Olha, eu tinha uma viagem pra fazer pra Grécia. Você não queria ir?». Aí, eu disse: «Eu queria!». Aí, ela organizou toda a viagem pra mim ir pra Grécia e nessa viagem eu fui pra Grécia e pra Paris também.

A mobilidade para Paris, aos 24 ou 25 anos, foi outro ponto de viragem na biografia corporal de Débora. Na capital francesa, trabalhou como *stripper* e trabalhadora sexual. Isso lhe possibilitou conhecer mulheres trans de diversas nacionalidades e expandir sua rede de pessoas, capital social e *ajuda* e, simultaneamente,

---

34. «Bofinho»: Termo êmico para homem bonito.

alterar suas disposições estéticas. Foi pelo sistema de saúde francês que Débora teve acesso ao processo da cirurgia de confirmação de gênero:

EU: Desde quando que você tem esse desejo de... tinha o desejo de fazer a cirurgia?  
 DÉBORA: Foi assim: uma amiga minha, ela tem... ela é da... HIV positivo... soropositivo. E daí, uma vez ela falou assim: «Ah, Débora, é... será que tu quer ir lá no hospital pra tu fazer teu exame?». «Porquê?». «Porque se tu tiver, é bom que aqui na França eles te dão apoio, eles te dão uma carta de...». Lá eles chamam *carte de séjour* que é... como é que eles chamam aqui? É o... que é uma residência que te dão... é a residência, poder ficar vivendo lá... «Vai ser bom... não sei o quê... pá-pá-pá». Eu disse: «Olha, não entendo muito o que você quis dizer “tenho ou não”, mas vamos ver... talvez possa até ter». E eu fui fazer o exame. Quando eu fiz o exame deu negativo, e como eu não falava francês, eu tava lá com a [nome de outra amiga] que é uma tradutora... é uma travesti portuguesa que vive lá... e ela quem traduzia pra doutora. Então, a doutora viu meu exame, me olhou: «Deu negativo o teste, tudo. Ela não tem nada». Aí, a [nome da amiga tradutora] me disse e eu disse assim: «Ah, [nome da amiga tradutora] pergunta pra doutora... eu queria muito me operar. O que eu posso fazer pra fazer uma operação?». Ela: «Ah, ok. Você pode fazer isso, isso, isso e isso». E ela já começou a assinar os papéis todos e me deu o encaminhamento pra eu ir... fazer naquele mesmo prédio... pra eu operar. Eu disse: «Ah, é isso que eu quero».

Débora investiu em recursos como tempo e dinheiro para a realização do procedimento. Em suas experiências por Paris, ela atualizou suas disposições para mobilidade, as disposições estéticas, acumulou capital econômico pelo trabalho do sexo e aprendeu a língua francesa com o auxílio de políticas públicas oferecidas pelo Estado francês, ou seja, prosseguiu na acumulação de capital cultural convertível em capital de mobilidade. Indagada sobre a importância dessa fase em sua trajetória de vida, sua resposta permite perceber a relevância desta experiência como símbolo de sucesso:

DÉBORA: É... endocrinologista, psicólogo, é tratamento médico. E lá, eles também exigiram que eu fizesse... que eu fizesse... a prefeitura de polícia de lá, me exigiram que eu fizesse um curso de francês pra comunicação com os doutores, com todo mundo, porque não adiantava nada ir pra uma consulta e chegar lá eu ah, ah, ah, ah... e sair... você sabe francês é difícil. E daí eu fiz... Eu realmente vivi aquilo, acordava cedo, eu ia pra o curso, eu adorava aquilo, por cima de neve, no calor, e era de graça também. Eu não podia rejeitar aquilo, era uma... Naquela época eu tirava

muito dinheiro aqui, tudo era muito bonito, era muito... era demais eu tá vivendo tudo aquilo. E eu curti tudo aquilo.

Após um ano e meio de acompanhamento médico em consultas que algumas vezes impossibilitavam o seu trabalho, a cirurgia foi marcada. Uma semana antes da data, recebeu a notícia que não seria possível realizar o procedimento, por falta de uma junta médica. Comprometida a realizar a cirurgia naquele momento da sua trajetória de vida e com capitais econômico e de mobilidade para realizá-la em um hospital privado no estrangeiro, Débora entrou em contato com alguns cirurgiões em Banguecoque e em Londres. Finalmente:

DÉBORA: [...] aí depois desse um ano e meio, quando eles marcaram e que não deu certo, eu falei pra eles: «Olha, então faz o seguinte: me dê meu dossiê que eu vou entrar em contato com os cirurgiões de fora e vou fazer com eles...». «Ah, não faça isso! Aqui você vai fazer gratuito!». Só que a gente tinha muito dinheiro, eu não queria saber, eu queria aproveitar aquela altura. «Ah, não faça isso. Aí você vai perder tudo gratuito e tudo...». E daí, eles me deram meu dossiê e eu entrei em contato, acho que com uns quatro, uns quatro cirurgiões de fora... [...]

EU: Você fez em Banguecoque? Aonde foi?

DÉBORA: Foi em Banguecoque, eu fiz... e cheguei, fui super bem recebida, realmente o doutor lá, um doutor muito querido, é uma pessoa muito querida também e mesmo com meu pouco inglês eu tinha comunicação com ele.

[...] E também, lá, eu olhei pra ele e falei assim: «Doutor, eu queria fazer alguma coisa no meu rosto que eu ficasse mais, mais feminina». E ele colocou, eu tenho prótese aqui, ó.

O capital corporal de Débora revela os *insights* trazidos no processo de reflexividade por suas experiências com outros modelos de feminilidades acedidos durante a mobilidade, de que é exemplo a sua relação com a cirurgia de feminilização facial. A partir de uma amiga que «tinha um rosto muito masculino» e havia obtido bons resultados com a realização do procedimento com um cirurgião peruano, ela se sentiu motivada a investir e converter mais recursos em seu capital corporal. Após entrar em contato com esse cirurgião e definir as especificidades da intervenção, viajou para Lima:

DÉBORA: Fui pra lá, pro Peru. Quando eu chego no Peru...

EU: Em Lima?

DÉBORA: Em Lima. Fui na clínica dele no outro dia... uma clínica muito bonita, tudo.

E eu gostei dele porque quando eu fui consultar, eu disse: «Olha, doutor, eu tenho

uma testa muito grande. Eu não gosto! Eu já fiz uma cirurgia aqui, mas eu acho que ele não deixou bem minha testa». [...] Aí, ele falou assim... «[...] Olha, tem uma coisa que tá pesando muito no seu visual, que é... que se você fizer, você vai ficar muito mais feminina». E eu: «O quê, doutor?». Aí, ele: «Olha, eu vou fazer a sua parte da testa, tudo. A gente vai colocar uns fios aqui pra sua sobrancelha ficar alta, e a sua boca». Aí, eu: «A minha boca?» É porque eu tinha colocado silicone e a minha boca tava assim (puxa o lábio superior para baixo). Quando uma mulher fala, que você não vê os dentes de cima é porque tá exagerada a boca. E eu: «É mesmo, né?». Ele disse: «É! Então, eu vou fazer tudo isso seu, e vou fazer a tua boca». Eu disse: «Ah, ok!». Aí, fiz lá. Ele costurou toda a minha boca aqui por dentro, ele tirou o silicone. Abriu e tirou. Costurou toda a minha boca por dentro e levantou aqui, ó!

EU: O seu nariz? Não, a boca.

DÉBORA: A boca. Ele costurou aqui e fez um *lifting* na minha boca também, que era pra quando eu falasse desse pra ver os meus dentes. Porque eu ficava assim, e parecendo boca de velho, ficava muito velho. Daí, fiz e adorei! Ele é um cirurgião que diz assim «É isso!». [...] Ele foi direto e reto: «Você precisa disso!». Então, eu gostei muito e voltaria lá se eu precisasse.

Além da complexidade das biotecnologias encarnadas em sua biografia corporal, a fala de Débora também explicita as negociações reflexivas na obtenção do seu projeto de corpo. A feminilidade é significada por meio de atributos, códigos e significantes expressos pelo capital corporal e sua *performance*, que a pessoa decodifica reflexivamente para posteriormente encarná-los. Além dos aspectos relacionados à beleza e à feminilidade, a narrativa expressa a importância do capital de mobilidade e econômico na obtenção do seu capital corporal, as preocupações de Débora com uma aparência juvenil, bem como a reparação de intervenções pretéritas no corpo realizadas com disposições estéticas do passado.

A biografia corporal de Débora resulta de seu ofício como trabalhadora sexual, dos investimentos em biotecnologias viabilizadas pelo trabalho e da circulação global. Seu projeto de corpo advém da constituição de disposições estéticas constituídas pelas experiências com outras trans e travestis ao redor do mundo. Sua trajetória ascendente no campo prostitucional permitiu uma elevada acumulação de capitais econômico, corporal, social, cultural e de mobilidade, e a recorrente conversão entre eles. As racionalidades econômica e estética incorporadas no patrimônio de disposições, manifestas nas recorrentes preocupações com o seu capital corporal e a importância dele para a acumulação de capital econômico, podem ser percebidas na narrativa sobre as suas últimas intervenções:

DÉBORA: E daí, eu disse assim: «Poxa, chuchu eu tô... eu com umas entradas». Eu já tava passando lápis preto nas entradas. Aí, eu disse: «Não, não é a mesma coisa». Daí a gente viu umas clínicas em Lisboa, em Porto também, só que elas eram muito caras!

EU: Muito caras?

DÉBORA: Muito cara e muita exigência. Daí a gente entrou em contato com essas clínicas de Istambul... Que eles são os pioneiros, eles sabem fazer mesmo o negócio todo. [...] E daí... Os implantes estão crescendo já, mas são seis meses pra crescer um pouco mais de volume. Sinto-me muito bem... Eu tive que abdicar da vida da noite, mesmo quando eu não pagava entrada na discoteca, mas... [...]

EU: Você gastava tudo...

DÉBORA: Se você não meter no cofrinho você nunca mais vê aquilo ali render e aumentar, não é verdade?

EU: Yeah, com certeza.[...]

DÉBORA: Tipo, eu disse: «Agora eu vou sentar. Vou ficar em casa e não vou sair». Sabe quando vem aquela abstinência, só que eu já não namorava mais com...

EU: Isso foi quando? Foi por agora?

DÉBORA: Foi. Faz uns seis, sete meses que eu não saio.

EU: Ahhh.

DÉBORA: Eu fiz meus dentes, fiz clareamento agora... Eu não tinha essa pedrinha aqui [*mostra piercing dental*].

EU: Ooh! Acho linda!

DÉBORA: Daí tô fazendo agora todos os meus dentes. Tô sempre investindo em mim, Emerson, sabe por quê? Porque eu trabalho com beleza. Por exemplo, eu tô aqui agora contigo, mas eu tô em um trabalho social porque pode passar um homem e me ver...

Luna é a interlocutora que realizou a mobilidade com a idade mais avançada. Chegou em Lisboa aos 37 anos, graças a *ajudas*. Como analisado anteriormente, sua trajetória e biografia corporal ilustram as desigualdades das características de racialização e classe nas biografias corporais, sublinhando as constantes negociações entre a identidade de gênero, o trabalho formal, a instituição família e o trabalho do sexo, como único espaço possível para vivenciar sua identidade de gênero feminina. No Brasil, seu capital corporal era encarnado de modo provisório. As únicas intervenções realizadas por Luna foram a constituição de nádegas e quadris com silicone industrial e a auto-hormonização. A mobilidade para Portugal representou um importante ponto de viragem biográfica, devido à encarnação permanente de sua identidade de gênero:

EU: E você acha que... O que você aprendeu nesse um ano aqui? O que você acha que você era e não é mais? O que você deixou pra trás?

LUNA: Então, eu acho que eu deixei pra trás, que eu acho que eu vou deixar pra trás é o Antônio.<sup>35</sup> Sabe assim, que nem tipo não quero mais chegar... E minha família, que nem minha irmã fala assim pra mim: «A gente aceita você do jeito que você é, mas a gente nunca vai conseguir te chamar de Luna». Mas eu queria, não queria mais ter o Antônio. Lá no Brasil, tipo, era o Antônio de dia e a Luna à noite, não quero mais isso pra mim. Eu quero ser vista, eu quero tá de mulher 24 horas. Eu estou indo preparada pro Brasil, pra ficar de mulher 24 horas, entendeu?

A mobilidade a Portugal possibilitou-lhe construir uma autoimagem positiva e lhe deu confiança para exteriorizar sua identidade de gênero perante os familiares. Ademais, a mobilidade e o capital econômico oriundos do trabalho sexual permitiram o acesso às biotecnologias e ao cuidado de si:

EU: Quanto é uma sessão de laser aqui?

LUNA: No rosto 80. Pago 80 Euros. [*Balbuçios.*] Tipo aqui é 45, tem uns que fazem o pacote dependendo do... sabe assim? Então, tem um monte de coisa que eu não fazia aqui, que nem no Brasil, eu nunca fui num salão de cabeleireiro no Brasil e fazer tipo pé, mão, sobancelha, cabelo e... nunca fiz isso, aqui eu faço, que nem tem um dia que eu tiro e vou no salão, faço tudo.

Na percepção de Luna, as principais diferenças e vantagens da vida em Portugal comparada às experiências vivenciadas no Brasil são as possibilidades de ter acesso às biotecnologias e o respeito a sua feminilidade e identidade de gênero. O desejo de regressar ao Brasil é motivado apenas pelos fortes laços com sua família e com o namorado:

EU: Então, você acha que vive melhor aqui do que no Brasil?

LUNA: Vive, aqui, eu acho assim, se você é uma pessoa que tem sua família aqui... que nem se eu tivesse meu namorado aqui, eu não voltaria pro Brasil. Se eu tivesse minha família. Porque assim, eu volto mesmo pro Brasil por conta da minha família. Se eu tivesse uma família que tipo não me aceitasse, se eu não me desse bem com minha família, se eu não tivesse meu namorado, eu acho que não voltaria nunca mais pro Brasil. Só volto, estou voltando mesmo pro Brasil por conta da minha família. Vive

---

35. «Antônio»: pseudônimo para o nome atribuído a Luna ao nascimento.

melhor, mais respeitada. As coisas aqui são mais acessíveis, que nem lá no Brasil, eu nunca consegui fazer uma sessão de laser, porque lá era um absurdo. Aqui eu faço uma sessão de laser, tipo uma vez por mês, duas vezes por mês. Coisas que no Brasil eu não fazia.

Em sua percepção, o trânsito para Portugal não alterou sua subjetividade. Contudo, segundo uma amiga, que também foi trabalhadora do sexo em Campinas, Luna terá modificado sua *hexis* corporal com as experiências da mobilidade:

LUNA: Então eu acho assim, eu vejo que eu não mudei nada que... a única pessoa assim, tipo assim, só vejo tipo que fico de mulher 24 horas. Mas eu tenho uma amiga minha que veio pra cá, e ela falava assim pra mim: «Nossa, Luna, você está muito diferente!». Sabe, ela ficou esse tempo sem me ver, e aí ela veio pra cá agora e ela fala pra mim assim: «Nossa, você tá muito diferente, Luna. Nossa, seu jeito!». Só que eu vejo assim, eu não vejo nada de diferente em mim, mas ela fala pra mim que eu tô muito diferente. «Nossa, você tá muito diferente, seu jeito, seu jeito de se portar!». Não sei, acho que ela tava acostumada a ver, eu sou a Luna, a gente se via na rua trabalhando, então, eu não sei, ela fala pra mim que eu tô diferente. Mas eu não vejo assim que eu mudei...

Em contrapartida, tem dimensão clara do papel da mobilidade na constituição da reflexividade, na acumulação de capital econômico e no *juízo* para a sua conversão em melhores condições de vida para si e sua família. Possui, ainda, uma noção refletida das possibilidades de constituição do seu capital corporal:

LUNA: Mas, eu aprendi a ser mais econômica. Eu penso mais, tipo, eu vim pra cá, faz um ano que eu tô aqui, tá? Um ano, um mês e acho que 10 dias, mas eu quero olhar pra trás e poder falar assim: «Eu deixei minha família, eu fiquei um ano longe da minha família, um ano longe do meu namorado, mas eu consegui fazer um monte de coisa». E eu quero olhar pra trás, igual tipo assim, eu vou, eu sei que eu vou ter o maior orgulho de chegar na frente da casa da minha mãe e ver a casa dela do jeito que tava... que tá hoje. Como era antes... Entendeu? Eu sei que vou ter... Poder deitar no travesseiro tranquila, que eu não tinha paz de tanta conta que eu tinha, eu não tinha paz. Que nem eu quero fazer e ter condições de fazer meu peito. Que eu não faça o meu nariz e peito de uma vez, mas pelo menos o meu peito eu quero colocar, entendeu? Então tipo, eu quero, eu quero voltar e poder ver as coisas que eu fiz... Então, hoje eu vindo pra cá, eu dou mais valor no meu dinheiro, entendeu? E aí é isso.

Assim, podemos perceber a importância da mobilidade na obtenção de segurança financeira, sucesso, orgulho de si perante a sua família e perante a comunidade:

LUNA: O dia que eu saí de lá, eu falei pra minha mãe: «Eu vou viajar, vou deixar a casa da senhora, a casa mais bonita da rua. Eu quero que quando as pessoas, pergunta assim: “Onde dona [nome da mãe] mora?” Eu quero que as pessoas falem assim: “Ah [nome da mãe] mora na casa mais bonita da rua.” [...]». E realmente a casa da minha mãe ficou linda... Sabe, eu sempre falei assim, eu quero quando as pessoas perguntar, falar: «Foi o filho que era...». Que nem minha irmã fala assim: «A mãe tem maior orgulho em falar: “É meu filho, é o filho”. “Ai, mas qual filho da senhora?” “Aquele que é homossexual”. “Mas qual filho da senhora?”. “Aquele que fez isso na casa da... é meu filho”». E a minha irmã falou assim: «Nossa, você precisa de ver a mãe, “Mas qual filho, dona [nome da mãe]?” “Aquele que é homossexual”».

Enfim, as experiências de Débora e Luna demonstram o impacto da mobilidade ao continente europeu nos percursos de vida e biografias corporais de trans e travestis brasileiras. As dificuldades encaradas no Brasil, as vulnerabilidades de classe, as características de racialização e a transfobia estrutural são ressignificadas, com as experiências positivas na Europa e com a acumulação de capital econômico, em uma autoimagem positiva de si e de suas trajetórias de vida.

### **Circulação geográfica e estratégias no trabalho do sexo**

Como qualquer negócio inserido em uma lógica de mercado, o trabalho sexual necessita de estratégias para captar clientes e acumular capital econômico. As estratégias podem ser percebidas como reflexo do aprendizado e como produto do senso prático no âmbito de disputas no campo, ao longo de determinada trajetória (Bourdieu, 2004). Estas estratégias se constituem paulatinamente pelas disposições anteriormente criadas que persistem no presente e permitem uma certa antecipação do futuro, e mediante a acumulação pretérita de diversos tipos de capital em disputa no campo (Bourdieu, 1996). Quanto maior a acumulação destes capitais e do conhecimento de estratégias utilizadas por outras pessoas no campo, maior será a possibilidade de incorporar práticas que auxiliem no «jogo» (Bourdieu, 1983). Portanto, o aprendizado e a utilização de estratégias provisórias, além de conferir vantagens perante as outras pessoas do campo, também atualiza os patrimônios de disposições que auxiliam na manutenção ou aquisição de posição de poder.

Os campos prostitucionais na Europa foram impactados pelas consequências econômicas da crise financeira de 2008. Uma das soluções encontradas pelas trans e travestis trabalhadoras do sexo foi movimentarem-se pelos diversos países do continente em busca de melhores oportunidades (Pelúcio, 2011). O que buscam com a circulação é fomentar o aspecto da «novidade», tão importante na comercialização do sexo. Flora, por exemplo, imagina o raciocínio dos clientes quando buscam uma acompanhante:

FLORA: Você chega numa cidade, você sendo uma novidade que nunca teve ali, os clientes que habitualmente frequentam este tipo de serviço, vão lá naquela pessoa, vão lá na pessoa. «Quero conhecer esta trans nova que chegou, quero ver se ela realmente é ativa».

As interlocutoras desta pesquisa sabem que, embora em Lisboa haja muitos clientes em potencial, a sedentarização da oferta diminui a curiosidade deles. Assim, a mudança periódica de uma cidade a outra enseja a captação de novos clientes e suscita «saudade» nos antigos. Luna também tem dimensão da importância do aspecto de novidade no trabalho que exerce e a utiliza estrategicamente:

LUNA: Eu trabalho bem melhor... Aqui em Lisboa é o lugar que eu trabalho melhor. Aqui é a única cidade que eu fico duas, três semanas.

EU: E tu sai simplesmente porque é bom pra dá uma esfriada?

LUNA: É bom pra, é exatamente pra dar uma esfriada na cidade. Que nem tipo que eu quero ir pra Aveiro. Aveiro, o dia que eu fui, eu fui num sábado e vim embora num domingo. Então, tipo é uma cidade que eu não sou conhecida. Geralmente eu gosto de ir pra cidades que eu não fui ainda. Que nem de Aveiro, eu quero ir pra Torres Vedras, eu iria pra Caldas da Rainha, mas falaram que não.

Se o trabalho numa capital europeia propicia acesso a mais clientes, devido à equação população/novidade, em contrapartida a concorrência com outras trabalhadoras do sexo torna-se um importante empecilho na captação e fidelização de clientes. Assim, algumas das interlocutoras preferem trabalhar em cidades pequenas, onde o contato com os clientes é mais íntimo e viabiliza a fidelização:

JANAINA: É, é então, eu gosto mais de trabalhar em cidade menor. Tem mais trabalho que em cidade grande.

EU: Tu acha?

JANAINA: Eu nunca trabalhei em Barcelona nem em Madrid, na Espanha. Sempre nas cidadezinhas pequenas.

Familiarizar-se com a geografia da cidade e os serviços oferecidos nos arredores do seu apartamento também constitui uma estratégia valiosa na captação de clientes. Descobrir locais com circulação frequente de turistas ou pessoas que visitam a cidade a trabalho pode favorecer a captação de clientes e, consequentemente, maior acumulação de capital econômico. Maya, por exemplo, prefere viver numa área lisboeta repleta de hotéis, com maior rotatividade de clientes:

MAYA: Então, os clientes aqui... é rotativo.

EU: Tem muito hotel nessa rua, verdade...

MAYA: Os clientes são tudo rotativo. Os clientes que estão aqui só vem aqui pra gozar, passar a noite, entendeu? Então, você consegue muito cliente, você consegue muito cliente.

EU: Ah...

MAYA: Então você consegue muito cliente porque se você vai nessa rua aqui de trás tem hotel. Aqui, próximo de onde a gente tá, aqui tem um monte de hotel aqui, né? Aí, tem virando ali, então... todo o giro aqui do centro, entendeu?

Como já foi assinalado, as estratégias centradas no espaço geográfico podem ser mais produtivas se a trabalhadora do sexo consegue circular por outros países do continente europeu, onde cobra preços elevados. Sabemos que Diana, uma vez em posse da nacionalidade italiana por via de sua ascendência, optou por viver em Lisboa em virtude da familiaridade com a cultura local. Entretanto, de três em três meses ela explora o mercado do sexo em países onde pode cobrar mais por *performances* específicas:

DIANA: É tipo, eles gostam, mas cobra mais, aqui em Portugal eles num pagam. Aquele um pagou pra mim e pronto.

EU: E no norte do tipo?

DIANA: Lá eles gostam muito sim, gostam. Que miije. Eu num faço nada disso, num, Deus me livre. Mijar em mim, na minha cara?

EU: Sim...

DIANA: Não, toda sujeira do corpo tá na urina.

EU: Na urina...

DIANA: É claro que eu faço. Mas eu cobro, se pagarem mais... é 100 a mais. Quer? Porque num é uma coisa que eles fazem normalmente. Então, eles pagam pra ter o que eles querem, entendeu? Como gozar na boca deles e essas coisa.

EU: Tu cobra a mais aí?

DIANA: Lógico. Jogar meus hormônios fora?

Além da importância da especialização em *performances* sexuais na acumulação de capital econômico, discutida no próximo capítulo, sua narrativa atesta que Portugal, embora seja um destino preferido em virtude dos acordos bilaterais com o Brasil e da proximidade cultural e linguística, é um país onde o preço dos convívios é baixo, comparado a outros da Europa. Dalila, com 22 anos de experiência de sexual no mundo todo, e já em sua terceira passagem por Lisboa, corrobora:

EU: Ah. E você ficou quanto... ah, sim. Quatro anos sem vir?

DALILA: Sem vir pro... sem vir pra Portugal. Rodando pela Europa. Porque Portugal não é viável. É barato! E o mesmo programa que você faz aqui com um cliente é a mesma coisa que você vai fazer em outro lugar pra ganhar quatro, cinco vezes mais. Então, é uma questão de inteligência. Para que que eu vou estar aqui, se eu posso estar ali? E o que eu vou fazer aqui pra ganhar 50 eu faço ali pra ganhar 380?!

Conhecer os preços em outros países e poder circular pela Europa legalmente são vantagens no entendimento do campo prostitucional europeu, além de favorecerem a operacionalização de estratégias mais elaboradas no trabalho sexual. A crise econômica não alterou apenas o modo do trabalho na Europa, mas também o preço dos convívios. Dalila, com posição bem consolidada no campo prostitucional europeu, acredita que parte dos motivos que levaram ao declínio dos preços em Portugal está relacionado à racionalidade econômica das trabalhadoras do sexo e dos clientes portugueses, na lógica concorrencial no mercado:

DALILA: Já trabalhei em Paris. Já trabalhei na Europa inteira. Então, o que que acontece? Eu vou chegar assim pra você que quero que você retrate bem isso, que você faça essa observação, tá? Que é a questão de mercado. Entende? Uma coisa que me deixa muito triste aqui em Portugal, uma não, duas. Primeiro: é extremamente barato. Entende? A faixa de preço é de 50 Euros. Mas, tem quem faça por 30, faça por 40. A primeira vez, que eu vim a Portugal, em 2005, era 80 Euros o convívio.

EU: Wow.

DALILA: E pra você gozar, pra você...

EU: Era mais caro?

DALILA: Era... assim, 100 você gozava, entendeu? Então, assim, os clientes vinham. Aonde a culpa dessa queda de preço não é dos clientes. É das próprias travestis, entende? Como não trabalhou hoje, aí amanhã um homem liga, oferece 40 pra ela,

ela pega porque não fez nada no dia anterior. Então, 40 já é lucro. Aquele homem que dá 40 a ela, dificilmente vai pagar 50 a alguma ou pra ela mesmo, nunca mais vai pagar esses 50. Ela sai por 40.

As estratégias centradas no espaço geográfico não se orientam apenas pela seleção dos melhores lugares para exercer o trabalho sexual. Uma vez compreendido o campo prostitucional e escolhidos locais de exercício, boa parte das estratégias é direcionada à proteção do território. Para isso, é comum que as interlocutoras acompanhem os anúncios das concorrentes nos diferentes suportes (*websites*, jornais, etc.). Dalila, por exemplo, depois de obter seu passaporte dinamarquês, ficou conhecida por outras trabalhadoras do sexo pela alcunha de «Prefeita de Copenhague», em virtude da sua «fiscalização» constante dos preços dos convívios na cidade, para controlar a concorrência e evitar que os preços declinassem:

DALILA: Eu abro o *site*. Tem lá o *site*. Eu pelo menos, eu olho o *site* todo dia. Eu quero ver quem é que está na cidade. Eu quero ver quem é que é minhas concorrentes, entendeu? Chegou uma menina nova, eu pego o meu telefone e falo: «Olha, liga pra essa menina aqui e vê quanto que ela cobra». Se ela atende o telefone e se ela cobra o mesmo do que eu, deixa a menina trabalhar. Ela tem dias, vai ficar no máximo um mês, depois ela vai embora. Agora se ela cobra menos do que eu, primeiro eu converso.

EU: Isso na Dinamarca?

DALILA: Na Dinamarca. Eu primeiro converso. Eu ligo para ela: «Olá, fulana. Eu sou a Dalila [sobrenome], tudo bom? Assim, eu trabalho há muitos anos, olha, eu vivo aqui. Então, olha só, por favor, o preço aqui é 350. Então, por favor, não, não pegue os de 300; não pegue os de 250. Porque assim você não acaba o trabalho só pra você. Tem trabalho para mim e para as outras. Então, por favor, eu estou de olho. E da mesma forma que eu mandei ligar, várias outras pessoas vão ligar, e não é só mandada por mim, porque eu não sou a única que está vendo isso».

A necessidade de documentos para circulação no continente europeu é um obstáculo que pode ser contornado com a entrada no país com visto de turista, em geral válido por três meses ou, ainda, permanecendo na ilegalidade, com os riscos e vulnerabilidades associados. Para além disso, como já foi referido, a questão linguística torna-se fundamental para realizar o trabalho em países não lusófonos. Não falar a língua local ou a língua inglesa pode colocar a trabalhadora do sexo em uma situação de vulnerabilidade e diminuir os seus ganhos

econômicos, por depender de tradução para intermediar os convívios. Assim, o conhecimento de idiomas torna-se um recurso importante na disputa por um bom local no campo prostitucional:

LUNA: [...] mas eu acho tipo assim, na Bélgica pra quem não fala inglês ou francês a pessoa fica muito limitada.

EU: Por que você acha que a questão da língua foi que lhe...

LUNA: É, eu não trabalhava bem, que nem tipo assim, que nem aqui. Aqui às vezes, eu atendo, eu não falo inglês, mas eu vejo um americano, me chama no Whatsapp, eu converso no Google Tradutor, entendeu? Lá, tipo assim, a gente, eu fui pra uma casa onde eles faziam um negócio lá, que eles faziam meio a meio, tipo assim, eu não pagava nada, só que tudo o que eu fazia, eu tinha que dar metade pra mulher. Mas ela que atendia meu telefone, ela que via os meus anúncios. Então tipo assim, eu não sabia nem em que *sites* eu tava anunciando, entendeu? E como eu não falava francês e nem inglês eu nem procurava nada. Aí eu fiquei uma semana, vi que não trabalhei bem.

EU: Você voltou?

LUNA: Voltei pra cá.

Se para Luna a ida à Bélgica foi uma tentativa malsucedida, para algumas trabalhadoras do sexo as dificuldades podem ser superadas com muita resiliência e com o aprendizado da língua local, começando de forma instrumental, por exemplo, aprender a dizer os preços e as práticas sexuais, e eventualmente evoluindo para maior domínio da língua. Em 2003, Janaina, durante os oito meses que passou na Suíça, conseguiu aprender francês com *ajuda* de uma amiga e colaboração de alguns clientes:

JANAINA: Primeira coisa que a gente aprende no idioma é falar o dinheiro. Aí foi quando eu comecei, só que daí eu desesperava, porque eles [clientes] começavam tagarelar um monte e eu ficava assim, falando: «meu Deus por que que você não tá falando?». Aí chegou noite de eu chorar, de eu falar: «Poxa eu vou ter que voltar pra minha casa. Por que que eu vou ficar fazendo aqui, que esses homem fala e eu não entendo nada, não tô nem trabalhando bem». Aí quando eu pensei e eu falei: «Não, eu tô aqui. Então, eu preciso me virar, né? Pra trás eu não posso voltar». Aí tudo que eles falavam pra mim eu ia guardando na cabeça algumas coisas. E no dia seguinte eu ligava pra minha amiga e falava: «O que que é isso? O que que é isso? O que que é isso?». Aí ela ia me explicando, me explicando e todo dia eu fazia isso. E se não quando era isso, eu perguntava para o cliente. Eu falava: «O que que é

isso?». Aí ele começava me explicar com gesto o que era, aí eu conseguia entender. Nisso no começo eu ia formulando, né? Fala... formando frase, falando: «Ah, essa palavra é isso, essa é isso, com isso dá isso...». E então eu ia juntando. Aí deu dois meses já tava falando francês, já. Eu tava falando francês. Não assim né, o 100%, mas eu já tava dando uma boa classe de francês, já. Falava super bem.

As estratégias do trabalho sexual relacionadas ao espaço geográfico demonstram a importância das experiências e dos recursos acumulados pelas interlocutoras na obtenção de um bom local e uma posição de poder nos campos prostitucionais da Europa. Muitas destas estratégias estão relacionadas ao corpo e à sua utilização como recurso e instrumento nos territórios do trabalho sexual. Tais questões serão discutidas no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 5. (INTER)SUBJETIVIDADES E ESTRATÉGIAS NO TRABALHO DO SEXO**

Nas narrativas das trabalhadoras do sexo trans e travestis, é possível perceber estratégias de captação, fidelização e satisfação dos clientes, bem como o desenvolvimento de especializações em práticas sexuais que facilitam a consecução destes objetivos. Esses testemunhos demonstram a importância do sentido prático nos processos de aprendizado de estratégias, na acumulação e na conversão dos capitais em disputa nos territórios do trabalho sexual.

### **Publicidade e comunicação com os clientes**

Com a crise econômica após 2008 e o aumento da fiscalização e da criminalização do trabalho sexual, a prática deste ofício nas ruas tornou-se mais difícil e menos rentável:

*SHEILA: Eu faço beijinho, vários beijinhos.<sup>36</sup> Tem noite que faz 200 Euros só fazendo beijinho. Minha filha, hoje em dia você só ganha dinheiro fazendo aos pouquinhos, ninguém te dá dinheiro, grande dinheiro, igual antigamente, um homem te levava para o motel te dava 500 Euros para passar a noite, hoje cadê? Onde que eles estão? Perderam emprego, vai pagar como? Ou foram para outro país trabalhar. Entende? Ficou muito difícil.*

Isso fez muitas delas modificar suas estratégias de captação dos clientes. Lisboa dispõe de poucos locais com trans e travestis oferecendo serviços sexuais nas ruas, e restam poucas naquelas que resistiram. A Rua Artilharia 1 era um espaço misto de

---

36. «Beijinho»: Termo êmico para sexo oral.

mulheres cis e trans. Nas poucas e frustradas tentativas de realização de trabalho de campo na área, só encontrei de duas a três trans e travestis. Este era o local em que Sheila trabalhava no momento da entrevista. Apesar de existirem algumas outras trans e travestis trabalhando no local, Sheila não informava às colegas de trabalho e aos clientes sua identidade de gênero. Na Rua do Conde Redondo, nas imediações do Marquês de Pombal, zona central de Lisboa, no fim de 2016, havia quatro a oito trans e travestis durante as noites de inverno. Em algumas ocasiões também notei a presença de algumas nas imediações do Martim Moniz, local frequentado sobretudo por trabalhadoras do sexo em condições de vulnerabilidade e precariedade corporal, desprovidas de segurança e adictas ao uso de drogas.

Os preços irrisórios praticados nas ruas e os perigos da fiscalização pelo Estado fizeram com que o trabalho sexual em Lisboa se recolhesse ao apartamento, captando os clientes através dos anúncios em *sites* especializados, em jornais e em redes sociais. Conforme dito por Luna e confirmado pelas outras interlocutoras, cada plataforma tem um valor para publicação do anúncio, tipo de cliente e preço das *performances*:

LUNA: Que nem tipo, aqui no *site* paga 50 e o jornal, eles cobram, eles pagam 40. Tem homens que tipo, vê um telefone da gente no anúncio no *site* e liga pelo número do jornal, porque eles sabem que pelo jornal a gente cobra mais barato, entendeu?

EU: Por que, ah, você tem telefone pro jornal e um telefone pro *site*?

LUNA: É, eu tenho tipo assim, o *site* é 50, e o jornal é 40, aí eu tenho um outro celular, que é daqueles, desses aplicativos, mais poc-poc, igual a 69, classificado X, esse tipo, aí é 40. «Ah, mas não, só tenho 30». Aí «eu tenho só 20». «Ah, só faço um oral». Sabe assim?

Assim, a primeira estratégia do trabalho sexual a ser apreendida na chegada em Portugal consiste na gestão dos preços, conforme o canal de captação de clientes. Devido à variação de preços e plataformas, todas as interlocutoras tinham mais de um telefone celular,<sup>37</sup> cada um deles associado a um canal de divulgação diferente. Maya, quando indagada sobre o motivo de ter três telefones sempre ao seu lado e sobre como aprendeu a lógica do mercado do sexo local, respondeu:

MAYA: [Aponta os celulares.] O Correio da Manhã é esse aqui. Esse aqui é do Vip Trans, esse aqui do T-Gatas [...]. Então, quer dizer. Eu sei de onde vem. Então, por exemplo,

---

37. «Telefone celular»: telemóvel, em Portugal.

esse jornal aqui eu tenho que cobrar 40 a 30, que é o que vem desse jornal. Se eu pedir 50, eles não vêm.

EU: Hum...

MAYA: Aqui eu já posso pedir 50 pelo T-gatas... que é o *site* mais caro que tem. Não sei por que essa diferença aqui, porque o cliente que vê o jornal, ele vê todos os *sites*. Então, não sei por que essa palhaçada aqui, mas o ritmo daqui é esse e eu tô acompanhando o ritmo daqui de preço.

EU: E você aprendeu isso com quem?

MAYA: Minha amiga que me ensinou. A minha amiga que me trouxe me falou, me explicou como é que funcionava aqui os preços. Então, eu dou 50 pra cair pra 40. Às vezes, tem aqueles que nem choram, que dá 50. Deixa aqui, dependendo... Como eu sou muito, super simpática, uma palhaça, né?

Conforme já mencionado, fiz a maioria dos contatos iniciais para a produção dos dados através do *site* Vip transex. Somente Verônica e Sheila não anunciavam aí. Os anúncios têm o seguinte *layout*: no topo da página há três ou quatro fotos da trabalhadora sexual, uma espécie de «capa» para a divulgação do trabalho. Este retângulo composto pelas fotos lado a lado coloca em destaque as características físicas e a feminilidade da anunciante. À exceção de Débora, Flora e Mariana, as entrevistadas com anúncios na plataforma tinham uma foto do pênis ereto nessa «capa». Na imagem de perfil, constam o nome, telefone, cidade e alguma referência pessoal da trabalhadora do sexo. As informações contidas na imagem apresentam alguma característica singular sobre a anunciante, destacando a novidade, a especialização em práticas sexuais e fetiches, aspectos do capital corporal.

Abaixo da «capa» consta o nome da anunciante e uma seção intitulada «Sobre mim». Nesta se exhibe um curto texto publicitário que pode conter as qualidades e as características físicas, o temperamento, as práticas sexuais oferecidas, as características do apartamento, o tamanho do pênis («dote»). Abaixo do texto publicitário, ao lado esquerdo, há uma foto de silhueta da anunciante. Ao lado direito, a seção «Perfil» conta com informações padronizadas sobre: nacionalidade, idade, altura, peso, busto, pés, pênis, olhos, signo, idiomas, gênero das pessoas clientes que atendem (homem, mulher ou ambos), disponibilidade (horário de atendimento), local de atendimento, deslocações e posições sexuais oferecidas. Todas as anunciantes afirmam ser brasileiras. Leila, além de informar a sua nacionalidade, coloca entre aspas o seu estado de origem: «Bahia». Isso atesta que a brasilidade é uma característica relevante e salientada pelas anunciantes.

Sob as informações de perfil, os potenciais clientes podem apreciar fotos e/ou vídeos. Entre as anunciantes entrevistadas, somente Diana tem um vídeo caseiro

masturbando-se e faz questão de evidenciar que: «Minhas fotos são naturais e reais, assim como meu vídeo caseiro para mostrar como realmente sou e não ter imaginações». Todas têm fotos que aparentam ter sido capturadas por um fotógrafo profissional. Algumas incluem também *selfies*. Essas fotos exibem a silhueta corporal em poses sensuais que destacam a feminilidade e os atributos do capital corporal da anunciante, tais como seios, nádegas, pênis ou vulva, em sua forma, volume e comprimento. O burlesco perpassa as visualidades representadas no ensaio fotográfico, composto por cinta-liga, roupas de banho, lingerie, corpetes, vestimentas de couro com a temática *dominatrix*.

Todas as anunciantes também utilizam fotos destacando o pênis (exceto Débora) e as nádegas para captar a atenção dos clientes. As fotos do pênis, em geral, são as últimas. Algumas preferem utilizar somente uma, outras expõem o órgão sexual em diversas posições, fotos aproximadas e imagens mostrando sêmen para atestar a autenticidade da *performance* e do órgão. Débora, que já fez a cirurgia de confirmação de gênero, exhibe três fotos que revelam sua vulva, e também divulga seu trabalho em plataformas de mulheres cis.

Todas as que estavam na Europa e/ou em Portugal pela primeira vez faziam questão de salientar esta informação em seus anúncios, indicando a importância da novidade conferido à trabalhadora sexual no segmento trans do campo prostitucional.

Todas as entrevistadas dissimulam a idade em seus anúncios. Quanto mais velha é a trabalhadora do sexo, mais anos subtrai de sua idade real. Mesmo a mais jovem, Mariana, 24 anos, afirmava ter 22, e a entrevistada mais velha com anúncio na plataforma, Maya, 48 anos, informava ter apenas 30. Assim, os anúncios atestam a importância da codificação etária do corpo (Ferreira, 2011): mais do que ser jovem, importa aparentar juventude através das fotos e dos discursos.

Confere-se um destaque prevalente ao pênis. Seu tamanho é tido como primordial ao êxito da anunciante, sobrepondo-se à idade, segundo a fala da anunciante mais velha entre as entrevistadas:

MAYA: Se o seu pau passou de 18 centímetros, 16 centímetros, você ganha dinheiro, se for pau pequeno você vai passar fome, a bixa vai passar fome porque ele não vem. Os clientes gostam de bixa ativa, eles querem saber do seu pau, não quer saber da sua cara, você pode estar com a cara toda enrugada igual a papel crepom de festa, entendeu? Que eles não vão ligar, pode estar com 100 anos, mas se o seu pau tá subindo, e seu pau é grande, aí você trabalha de qualquer jeito. Tem bixa na Itália, que tem 70 anos lá, e está trabalhando. Elas tomam o Viagra delas, têm o pauzão delas e trabalham.

Todas as anunciantes afirmam ter um pênis entre 20 e 24 centímetros. Flora disse-me o seguinte quando lhe perguntei sobre a importância do tamanho do pênis na captação de clientes:

FLORA: O pau chama. 21 por 3 é o que mais bate pra mim, que eles gostam de ouvir, de ver lá escrito. 21 por 3 é a medida que eles falam que é exata, que não machuca o cu, e não é muito grande, nem muito grosso. Eles falam assim por telefone, então, essa é que é a coisa do pau.

O primeiro contato telefônico travado com o cliente também é importante na captação e fidelização. É então que a trabalhadora sexual reconhece as intenções do cliente em potencial: se é alguém que de fato está interessado em contratar um serviço ou se é apenas um curioso, ou ainda alguém que busca estímulo para masturbar-se do outro lado da linha. Durante a produção dos dados, presenciei algumas das trabalhadoras do sexo irritadas com homens que queriam apenas passar tempo ou excitar-se com relatos sobre os atos sexuais que poderiam ser executados durante o convívio. Dalila, em virtude de sua vasta experiência recebendo dezenas de ligações por dia, distingue facilmente o cliente em potencial de «uma perda de tempo» e sabe da importância de contar com uma estratégia na conversa realizada por telefone:

DALILA: Aí, é. Eu já corto logo também, não fico batendo palma pra maluco dançar. E pela conversa você sente quando o cliente está [...]. É muito difícil você se enganar, às vezes se engana. Você vê pelo timbre, né? O assunto que é. Os que ficam perguntando: «Ah, mas você goza muito leite?»<sup>38</sup> E você vai me dar leite na boquinha? E no cuzinho você também dá?». É cliente que não quer nada [...]. O cliente quer saber aonde você está; o que você faz, aí você pode incrementar com um comentáriozinho, entendeu? Para mostrar a objetividade do seu trabalho. Você tem que passar segurança, é que nem eu falo: «Meu amor, se você chegar aqui e meu pau não ficar duro, você não paga». Tenho certeza que vai estar duro, eu tomo um Viagra. Entendeu?

Durante a produção dos dados, presenciei inúmeras ligações entre as trabalhadoras sexuais e os potenciais clientes. Elas utilizam um discurso estruturado, sublinhando os atributos físicos, performáticos e sensoriais de seu capital corporal, as práticas sexuais que executam e as condições do seu contrato de trabalho. Uma

---

38. «Leite»: esperma.

vez fornecidas estas informações, a conversa pode se estender para as minúcias dos desejos eróticos do potencial cliente ou algumas brincadeiras proferidas pela trabalhadora sexual para incitar o cliente à compra. Na conversa de Maya com um cliente em potencial, encontramos tópicos como o preço do convívio, a plataforma de anúncio, as *performances* oferecidas, a importância das fotos, a relevância material e simbólica do pênis e a estimulação do ciclo de excitação/frustração do cliente materializado pela ejaculação:

MAYA: [*Fala com potencial cliente no celular.*] Sim, tudo bom, meu amor... Você viu meu anúncio onde, meu amor? Classificados, meu convívio é 40 Euros, completo, sou ativa e passiva completa, gosto de 69, beijo de língua e oral natural até o final se for limpinho. Sou alta, magra, 1 metro e 80, peitos grandes e 21 de dote... Estou na Praça [nome], Avenida [nome], e sou bem ativa, tá? E as fotos são minhas mesmo, sou eu mesmo na foto... O que você gostou mais nas fotos?... De qual parte das fotos você gostou mais?... Ah, do pau [*risos*], o pau é o mesmo, é o meu mesmo, tá? E pra você usar, pode vir brincar com ele... Eu não trabalho por horário e sim por condição de prazer, se você goza acabou o trabalho. Pode ser 15, 20, meia hora. Não, eu não trabalho com tempo, eu gosto de fazer minhas coisas bem tranquila, bem à vontade... A que horas você vem? Meia hora? Então, me avisa 15 minutos antes, é que eu tenho uns horários marcados hoje, tá bom meu amor. [*Ligação termina.*]

EU: E sempre para o pau?

MAYA: Eles só vêm pra isso, né?

A publicidade nos discursos telefônicos ou em anúncios necessita demonstrar um rol amplo e diversificado de *performances* para a captação de clientes. Maya, por exemplo, embora seja passiva apenas quando exerce sua sexualidade fora do campo prostitucional, nas narrativas que faz sobre si mesma para os clientes faz questão de informar que é «completa»:<sup>39</sup>

MAYA: [...] quando eu dô... Ou vou fazer alguma coisa eu faço com alguém por prazer, mas por trabalho não, por trabalho eu faço só ativo...

EU: E o que...

MAYA: Eu falo ativa e passiva porque é um fetiche... É um histórico de dizer no telefone, né? É da publicação.

---

39. «Completa»: Termo êmico para travestis e mulheres trans trabalhadoras do sexo que performam papéis ativos e passivos.

Outras trabalhadoras do sexo preferem deixar evidente a diferenciação dos serviços que oferecem. Tainá foca seu *marketing* em suas habilidades como massagista:

TAINÁ: [*Fala com potencial cliente no celular.*] Sim, tudo bem. Claro, meu amor. Hoje eu tô na Avenida [nome]. Como você viu, eu não só trabalho com massagem, meu amor. Massagem relaxante, massagem tântrica feita na marquesa. Durante a massagem eu também fico nua pra você massagear meu corpo, pra você ficar mais à vontade e no final a gente faz uma brincadeirinha pra você gozar, meu amor. Sou ativa, passiva, beijo na boca, dou carícias, deixo você bem à vontade. O valor é 50 Euros. [...] Eu vou estar disponível daqui a 40 minutos. [...] Está ok! Ah, perfeito, pode ser sim. Está bem? Então, até já, até logo, fico aguardando.

### **(Inter)corporalidades, cuidado de si e cuidado do outro: O corpo acessório na (re)produção do desejo**

No trabalho do sexo, o corpo adquire um caráter de acessório, uma programação somatopolítica na produção de *performances* sexuais. As estratégias de controle reflexivo do corpo pelas trabalhadoras visam camuflar sua naturalidade e seus processos orgânicos, para transformá-lo em uma biomáquina sexual. Os cuidados de preparação do corpo para receber o cliente, as roupas, os odores exalados do corpo e de suas secreções são motivos de grande preocupação nos relatos das entrevistadas, em que é recorrente a necessidade de um tempo mínimo de preparo corporal antes do atendimento ao cliente. Para algumas, a impossibilidade deste momento prévio pode resultar na recusa do convívio. A justificativa está relacionada à possibilidade de não prestar um serviço satisfatório e rebaixar a imagem da anunciante no campo. Portanto, o corpo como instrumento de trabalho está suscetível a muitos fatores alheios. É no e sobre o corpo que elas irão operar técnicas, práticas e conhecimentos de reflexividade carnal para conquistar um bom lugar no campo prostitucional. Para Dalila, a primeira e mais importante técnica é da higiene, acompanhada de todo um ritual de valorização do seu capital corporal:

DALILA: Primeira coisa que eu penso: higiene. Que já tem que começar pela minha parte. Se eu fiz 10 programas, eu tomo 10 banhos. Banho: água, sabão, saio do chuveiro, hidrato a minha pele, boto... [...] Eu sinceramente, se um cliente me ligar agora e falar assim: «Você pode me atender em 10 minutos?». Eu vou falar para ele que não. Porque em 10 minutos eu não vou conseguir botar lente de contato,

eu não vou conseguir tomar banho, eu não vou conseguir botar a lingerie. Eu não vou conseguir botar peruca. Você está entendendo? Então, eu prefiro perder ele, que ele vai e não me veja assim, do que ele ver. Porque assim, se ele vir e eu abrir a porta, ele vai entrar do mesmo jeito. Ele vai fazer o programa do mesmo jeito. Ele vai gozar do mesmo jeito. Só que se um dia, ele estiver pensando em sair com uma travesti. Aí, ele vê a minha foto e fala: «Não. Eu saí com essa aí. Não, essa não é assim. Essa não é desse jeito. Vou ver se essa aqui é assim. Se essa aqui... não, essa aqui parece que...». Entende? Então, assim, eu não quero, eu prefiro perder o dinheiro dele naquela hora, do que perder o dinheiro dele sempre [...].

A higiene do corpo do cliente também é motivo de preocupação. Um corpo sujo pode afetar a qualidade das práticas sexuais que serão executadas durante o convívio. Aprender como expressar um aspecto íntimo do corpo alheio constitui outra dimensão da intercorporalidade nas relações estabelecidas entre as trabalhadoras do sexo e seus clientes:

DALILA: Se chega aqui um homem e ele não está aseado devidamente, com muita delicadeza, com muito *savoir-faire*... eu digo a ele gentilmente para ele tomar um banho ou pra se lavar. Eu até lavo para ele se for o jeito. Eu até prefiro, porque eu sei como que eu vou lavar aquilo. Se ele falar que não precisa, vou devagarzinho, vou lá, ponho a mão na piroca dele e enfio no nariz e falo assim: «Meu amorzinho, olha como está». <sup>40</sup>

EU: Ya.

DALILA: Eu assim: «eu não vou conseguir fazer gostoso. Assim, eu não vou conseguir enfiar seu caralho todo na minha garganta. Como é que eu vou meter a minha cara aqui no meio do saco. Desse jeito não dá. Vamos lá. Tem aqui ó, tem toalha limpinha, tem gel de banho. Vamos lá. Lava». Ali, você já quebra as pernas do homem. Ele vai lavar, porque ele viu que está fedendo. Está entendendo? E ali ele vai lavar, vai voltar limpo. Eu vou conseguir trabalhar como tem que ser feito. Ele vai sair satisfeito. Agora se eu falar: «Humm, pelo amor de Deus, sua maricona nojenta, olha só como é que está isso. Cheira aqui! Ai, que nojo! Vai lavar esse pau! Vai! Ai, seu porco!». Até vai, mas ali ele já está totalmente constrangido...

Além de ostentar uma corporalidade atrativa, as trabalhadoras do sexo precisam considerar a vida privada do cliente e as consequências dos preparos

---

40. «Piroca»: pênis.

com o corpo, após o convívio. É recorrente nos relatos das interlocutoras que a maioria dos clientes são homens casados e que não assumem seu desejo por trans e travestis. Portanto, os cuidados do corpo devem ser pensados minuciosamente de modo a não comprometer o cliente, como evitar o uso excessivo de perfume que pode ficar impregnado na roupa. Muitos destes aprendizados são adquiridos pelo erro, tal como disse-me Maya enquanto hidratava seu corpo antes de um convívio:

MAYA: Perfume eu não uso, porque eles não gostam...

EU: Ah, porque se você tem um cheiro muito forte...

MAYA: Então, os clientes não gostam porque se eles estão saindo do trabalho, passa aqui, estavam comigo, com perfume, chega em casa pra mulher com cheiro de perfume diferente. Então, eu não uso perfume nem desodorante. Muito pouco o desodorante que eu uso porque os clientes não gostam. Eles não gostam de pegar uma travesti perfumada. Eles mandam você tomar banho, eu já tive que tomar banho pra tirar o perfume...

EU: Ah...

MAYA: Pra não pegar o cheiro no corpo dele nem na roupa. Porque se ele chegar em casa cheirando vai falar o quê pra mulher? Entendeu? Então, você tem assim... Já que não posso usar perfume, tenho que usar um hidratante. [*Me oferece o braço para sentir o cheiro do hidratante.*]

EU: É, fica com cheirinho fraquinho...

MAYA: Cheirinho fraquinho... Mas é bem suavinho...

O mesmo ocorre com outros produtos utilizados com frequência pelas trabalhadoras do sexo, a exemplo do batom. Embora seja empregado como uma tecnologia de gênero na constituição de *performances* de feminilidade, seu uso durante os contatos sexuais não é aconselhável:

Maya: [...] que nem batom, eles perguntam, eu não uso batom. Quando eu boto batom, eles mandam tirar. Então, já nem boto batom pra não ficar sujo na roupa, não deixar marca, entendeu? Então, tem todos esses detalhezinhos que a gente tem que enfrentar dos clientes, entendeu? Porque eles não gostam. Tem coisas que eles não gostam.

Há também estratégias referentes à compreensão da linguagem corporal. As experiências vivenciadas no trabalho sexual permitem interpretar a *hexis* corporal dos clientes e identificar os estímulos necessários à sua satisfação, atendendo

a especificidades de seus corpos e desejos. Este conhecimento não só colabora para o sucesso profissional da trabalhadora do sexo, como também demonstra o poder sobre o cliente na relação estabelecida durante o convívio:

MARIANA: É muito raro eles falarem, entende? E eu como sou muito dominante, eu vejo pela expressão corporal ou pela expressão facial, a morfologia da pessoa, o que é que ela quer. Ela não tem que me dizer.

As estratégias relativas aos modos de se relacionar intercorporalmente com os clientes durante o convívio são concebidas através das experiências na prostituição. Contudo, esse conhecimento não necessariamente é adquirido no papel de trabalhadora do sexo, mas também no de cliente. Maya e Dalila aprenderam a fidelizar clientes e os modos de ser e estabelecer relações com eles quando contratavam homens para satisfazer seus próprios desejos. Neste sentido, a alteridade e a empatia com o papel de cliente servem à sua reflexividade na criação das estratégias e na elaboração de *performances*:

MAYA: Quer dizer, então eu aprendi muito com os michês que eu ia pra fuder,<sup>41</sup> o modo que eles me tratavam... de modo que não voltava mais pra eles, porque não era bem tratada. Você pensa bem, você rala, passa a semana inteira, você trabalhando. Então, um dinheiro seu, você ir fuder com uma pessoa, você pagar sem sair satisfeita, você não vai mais voltar pra aquele rapaz, né? É a mesma coisa os clientes pensam da gente. Então, eu saía com os clientes... saíam comigo e eu não tratava eles bem. Eu via que eles não voltavam. Eu comecei a trabalhar e perceber que eu também já passei por isso, de pagar e não voltar, não ser bem tratada... Eu mudei meu jeito de trabalho. Um dia, há anos no caso... Eu sempre tratei meus clientes bem, de modo que... eu brinco, sacaneio, faço cosquinha, entendeu? «Nossa, que lindinho! Ai, que bumbum lindo!». Então, eu faço sempre aquela palhaçada, né? Todo aquele espetáculo, faço o que eles adoram, né? Igual, ser elogiado... Pode tá com a barriga imensa, né?

O arquétipo de estilo performado também é levado em consideração na obtenção de clientes. Prevalece um tipo hegemônico de feminilidade nas corporalidades construídas pelas trabalhadoras sexuais trans e travestis, de um corpo curvilíneo e ditado pelos padrões hegemônicos da indústria da moda, da beleza

---

41. «Michês»: Termo êmico para trabalhador do sexo que performa masculinidades. Emprego a grafia «fuder», corrente no Brasil, por corresponder foneticamente à pronúncia de «foder» nas falas das entrevistadas.

e da pornografia. No entanto, ter um estilo *outsider* pode colaborar na captação de tipos específicos de clientes. É o caso de Diana, cuja corporalidade repleta de tatuagens, inclusive no rosto, *piercings* faciais e cabelos coloridos, auxilia na captação dos clientes mais jovens:

EU: E seus clientes têm mais ou menos qual idade? Você tem clientes fixos?

DIANA: Tenho. Sim, sim. Te falei que tem os que vêm sempre. Mas ah, tipo, vem muito jovem comigo, até pelo meu estilo. Porque eu sou mais diferente das outras travestis. Tenho mais tatuagem, estilo assim mais... os caras gostam... E as paneleirinhas mais jovens se sentem mais seguras assim, quando tem muito mais estilo, não sei quê.

As estratégias não estão centradas somente nos aspectos manipuláveis e transformáveis do corpo; podem estar relacionadas a algum aspecto biológico do corpo das trabalhadoras do sexo, como a estatura ou características de racialização. Utilizar-se destas características físico-orgânicas como recurso a ser capitalizado no trabalho do sexo pode ser uma estratégia na obtenção de clientes. Luna, por exemplo, antes de se deslocar a uma nova cidade, observa a quantidade de trans e travestis negras nas plataformas de anúncio. No verão de 2018, ela fez algumas postagens em sua página no *Facebook* com fotos sensuais do seu corpo com a *hashtag* trans negra, informando a localidade em que estava trabalhando. Deste modo, a sua tipificação racial torna-se uma vantagem na obtenção de um tipo específico de cliente:

LUNA: Isso que eu acho bom que nem, o bom de ser negra, que nem aqui todo lugar que você vai, você trabalha. Eu sempre olho nos lugares assim, quando eu vejo cidade que tem mais... de uma travesti eu já pergunto uma coisa: «Mas tem alguma que é negra? Ah, não tem nenhuma negra. Aí então eu vou!».

### **Pênis, Viagra e secreções: A veracidade do prazer e sua produção performática e biomolecular**

Conforme salientado, o pênis é um dos atributos mais relevantes do capital corporal e é instrumentalizado como um recurso no trabalho sexual, pelas travestis e trans que não fizeram cirurgia de confirmação de gênero. É sobre o pênis que o desejo de muitos clientes estará direcionado. Assim, parte das estratégias constituídas no mercado sexual será orientada ao pênis da trabalhadora do sexo.

Como vimos, isto é patente nos anúncios publicados na internet e nos telefonemas. Um estudo comparativo entre os sites de anúncios de trabalhadoras do sexo trans e travestis em Portugal e no Reino Unido mostrou que enquanto no Reino Unido apenas 15% dos anúncios analisados descreviam as características do pênis, em Portugal 78,5% das anunciantes disponibilizavam fotos do órgão genital (Vartabedian, 2019). Os clientes normalmente desejam saber o tamanho do órgão, ou a quantidade de esperma que ejacula. Esta situação é vista por algumas das interlocutoras com algum ressentimento. Flora me disse o seguinte, quando lhe indaguei sobre a importância de suas próteses mamárias no trabalho: «Independente de peito ou não, eles iam querer porque eles queriam rola,<sup>42</sup> queria sexo». Diana fez a mesma observação, ao ser questionada sobre a importância da sua feminilidade na captação de clientes:

DIANA: Isso esquece, porque o homem que vem comigo nenhum deles quer pegar no meu peito, entendeu?

EU: Porquê?

DIANA: Porque eles vêm por causa do pau, entendeu? Não pela feminilidade.

Relembrando os tempos áureos do início de sua carreira, Dalila atribui um dos motivos do seu sucesso como atriz pornô e trabalhadora sexual ao tamanho do seu pênis:

DALILA: Eu sou bem dotada. Então, o que que acontece? Aquela química esplendorosa, com aquele caralho de 21 centímetro no meio das pernas, o que que um homem podia querer mais? Via aquele bebê, aquele pau duro. Eu era assim, a realização de uma fantasia.

Se algumas delas não têm, ou passam a não ter problemas com o seu pênis e o papel que ele ocupa nas práticas realizadas no convívio, o mesmo não ocorre com as que desejam passar ou já passaram pela cirurgia de confirmação de gênero. O descontentamento de algumas mulheres transexuais com esta parte anatômica suscita algumas dificuldades no trabalho. Débora relembra dos sentimentos que experimentava ao utilizar seu pênis nas *performances* sexuais, antes de ter realizado a cirurgia de confirmação de gênero, e da técnica que empregava para controle do corpo no desempenho sexual:

---

42. «Rola»: pênis.

DÉBORA: Eu me achava assim usada, eu me achava usada, abusada, eu achava aquilo terrível, mas aquela velha história: Eu precisava. Uma vez uma amiga minha falou assim ó: «Concentra assim, fecha o olho e trabalha a tua cabeça, o que vier na sua cabeça você pode comandar tudo». Aí essa frase ficou na minha cabeça: «Fecha o olho». Eu fechava. «Trabalha a sua mente». E eu pensava nas minhas melhores fodas. [Risos.]

EU: [Risos.]

DÉBORA: E no final, trabalhando com a cabeça você pode tudo, eu pensava nisso, pronto, ficava de pau duro, fazia o que tinha que fazer.

EU: Ganhava sua grana e vazava.

DÉBORA: Aí já conseguia fazer normalmente e não sentia mais aquela... aquela travada, não me sentia mais mal de fazer aquilo e botava a minha corrente pra frente e funcionava e pronto.

Sheila, que também realizou a cirurgia de confirmação de gênero, revela seu ressentimento perante essa centralidade do pênis nos territórios portugueses do trabalho sexual de mulheres trans e travesti. Ela omite aos clientes e às colegas sua identidade trans porque, em sua perspectiva, uma mulher trans que passou pela cirurgia não traz nenhuma vantagem no «buraco atrasado» do campo prostitucional em Lisboa:

EU: Sim, mas quando você coloca um anúncio você fala que é uma mulher trans?

SHEILA: Não, eu não posso fazer isso porque eu tenho meus clientes na rua. Tentei fazer isso, mas não posso.

EU: E você não acha que isso é um chama?

SHEILA: Por que eu sou trans?

EU: Sim.

SHEILA: Em um buraco deste?

EU: Em Lisboa?

SHEILA: Em um lugar atrasado como este?

EU: Não...

SHEILA: Se eu tivesse um pau de 20 centímetros eles vinham, só querem pau, uma cambada de viado. Queridinho, olha, é assim, é uma cidade que é praticamente só gay, trans vai fazer diferença? Trans é mulher.

Se o pênis assume o protagonismo no trabalho sexual, o esperma também é objeto de fetiche para alguns clientes. Nos relatos das interlocutoras, notam-se diferenças entre as experiências com clientes brasileiros e europeus relativas ao papel da ejaculação e do esperma no convívio:

LUNA: Quer saber tamanho, se fica duro, se tem leitinho.

EU: É o famoso leitinho...

LUNA: É. Eles engolem o leitinho inteiro aqui, eles não cospem. Eles não cospem. Tem um... Quando eu cheguei aqui eu gozava em todos os programas. Estava ficando até desidratado já. [...] Eu gozava em todos, tipo se fizesse 10 programas, eu gozava nos 10 programas.

EU: Mas aí cobrava mais?

LUNA: Não, cobrava o preço, tipo assim, porque eles falavam: «Ah, mas 50 já tá o leitinho incluído».

EU: Ah...

LUNA: Entendeu? Aí você fala, «ai já tá». Quando eu vejo que é número tipo diferente, tipo 44,<sup>43</sup> e eu vejo que não é português, aí eu cobro um pouquinho mais, tipo: «Aí quanto que é, 50, com leitinho?». «Não, com leitinho não, mor, com leitinho é mais 20». Funciona. Essas pessoas de fora geralmente paga, entendeu?

EU: Porque no Brasil é comum quando... eles querem leitinho tem que pagar mais...

LUNA: Então, no Brasil realmente é assim. Mas no Brasil, eles não fazem tanta questão de você gozar quando você sai com os clientes.

O «leite», além de ser desejado pelos clientes, também prova a veracidade do prazer na *performance* sexual. A ejaculação conclui e materializa a autenticidade, daí a sua importância na satisfação dos desejos dos clientes.

DALILA: Está entendendo? Uma das coisas que realmente é difícil você ser convincente é...

EU: É nisso!

DALILA: É no prazer! Ainda mais com uma transexual, porque se a transexual falar que gozou, o leite tem que sair. A mulher, ela grita, ela se contorce toda, ela bate com a cabeça com força e fala: «Ai, gozei!».

No entanto, por estar relacionado a um aspecto biológico do corpo, a produção do esperma é limitada. Tendo em vista a evidência do prazer, que pode ser motivo de avaliação do trabalho prestado, algumas trans e travestis desenvolvem técnicas para simular o orgasmo, como narram Dalila e Maya:

DALILA: Às vezes você está até se esforçando para gozar, mas o gozo não vem. Eu tenho uma técnica que eu: «Vem cá, meu amor, deita aqui. Vai, fica aqui com a boca aberta!». Assim, eu vou tocando, aí nisso eu vou enchendo a minha boca de saliva.

---

43. Refere-se ao indicativo telefônico do Reino Unido, +44.

EU: Ahhh.

DALILA: Ou então, se eu programar isso eu vou: «Espera aí que eu vou ali rapidinho», vou ali na cozinha boto um pouquinho de sal na minha boca e fico fazendo, fazendo aquela saliva espumando, espuma, espuma, vou tentando manter aquilo na minha boca. Aí o que que acontece, eu pego assim, boto assim: «vai abre a boca». Eu boto a mão tipo assim, tapando um pouco a visão dele e gozo assim, sabe? Não deixo cair dentro da boca, sabe? Eu dou uma cuspidinha que vai cair assim, ali eu vou e já esfrego a pica e já está feito.

MAYA: Não, «dá leitinho?». «Eu dou amor, bem quentinho, dou até um litro». Só que quando eu estou comendo eles, eu pego e falo que gozo.

EU: E, eles não veem?

MAYA: Não, porque eu tiro... já pego um papel, já boto a camisinha e jogo no lixo, eles vão lá pegar a camisinha pra ver se eu gozei dentro?

EU: Aham. Dá o truque.

MAYA: A não ser quando goza na boca, na cara, né? Aí, não tem como.

EU: E aí?

MAYA: Aí, eu falo: «Ó, meu amor, eu acabei de gozar agora, eu não consigo gozar duas vezes, você fez eu gozar», porque se não, eu não consigo trabalhar.

Dada a centralidade do pênis e da ejaculação no desejo dos clientes, as trans que realizam o procedimento cirúrgico têm noção clara de que irão perder parte considerável de sua clientela, conforme salientado anteriormente por Sheila. Em contrapartida, a vagina e a vulva construídas cirurgicamente também podem ser um fetiche para alguns clientes. Débora, uma vez realizada a cirurgia de confirmação de gênero, percebeu uma mudança de perfil em sua carteira de clientes e interpretou isso como uma vantagem, bem como uma possibilidade de atestar sua feminilidade nas *performances* sexuais:

DÉBORA: Agora assim, você perde de um lado, agora você ganha em um outro universo, porque o homem que nunca teve com você e sabe que você é operada ele diz «Oh, ela é diferente. Porque que ela foi até o final? Porque... deixa, descobri!». Sabe quando é que o homem sabe que uma mulher está com ele e ela está com tesão? Quando a buceta dela tá molhada,<sup>44</sup> ele sente, quando você tá assim toda molhada, tá com tesão naquele homem, que o homem faz assim, ó Emerson

---

44. «Buceta»: vagina, em Portugal.

[*mostra os dedos como se estivessem passando na vulva*] passa o dedo e sente que tá molhada, acabou!

EU: Ele fica louco.

DÉBORA: Ali é o tesão, você sente que você é fêmea, que na verdade o meu pau está encaixado pra dentro, essa é a verdade, com nervo, com raiz, com cabeça, com tudo. Quando o homem sente aquela tua feminilidade, aquele teu tesão, tudo, ó, acabou. E o homem está contigo pela sua beleza, não está por pau, menos pau, essas palhaçadas todas.

Sob a perspectiva da encarnação (*embodiment*), o corpo também é natureza e tem os seus limites biológicos inscritos em sua anatomia e suas lógicas próprias. Exemplo disso é a ereção do pênis, que está relacionado ao desejo, mas também a funções bioquímicas. Os limites do corpo e a busca de superá-los podem ser percebidos na fala de Maya, 48 anos: «Às vezes eu tomo um comprimido, porque eu não aguento, se eu gozar duas vezes por dia, eu não aguento, quem aguenta gozar duas, três vezes por dia? Não aguenta». Preciado (2018) afirma que o desenvolvimento tecnocientífico representado pelo Viagra e pela testosterona permitiu a produção molecular das masculinidades. Os corpos, no regime farmacopornográfico, estão inseridos em uma lógica de (re)produção e consumo de biotecnologias performativas. Assim, para além dos hormônios femininos, para as trabalhadoras do sexo trans e travestis o Viagra torna-se uma prótese biomolecular quando o corpo limita suas *performances* nos convívios em que impera a centralidade do pênis.

Os limites não se devem só às funções biológicas do corpo, mas também aos produtos tecnocientíficos que as interlocutoras incorporam. Como vimos, algumas interromperam o tratamento hormonal, em virtude das dificuldades que a hormonização impõe na produção da ereção. Flora, por exemplo, deixou de usar os hormônios após colocar suas próteses mamárias: «Depois que eu vim para aqui, eu parei, pelo... de eu ser ativa, eu tenho que ser ativa então, se eu tomava hormônio tira a libido». Daí que, quando Diana me disse que ainda utilizava hormônios femininos, minha primeira indagação foi sobre os efeitos colaterais da hormonização na produção da ereção. Ela rebateu como contornava a situação:

DIANA: Vigor, amiga! Ah, se eu sô viciada em alguma droga? Só Vigor.

EU: Vigor. Que que é isso?

DIANA: Vigor é um comprimidinho para ereção.

EU: E tu toma também?

DIANA: Sim. Se não, esquece!

Assim, para algumas das interlocutoras desta pesquisa, a tecnociência representada pelo Viagra e similares é utilizada como estratégia na execução das *performances* do trabalho sexual:

EU: E antes do programa? Como que é?

DALILA: Antes do programa, cinco minutos antes do programa. Assim, eu só deixo pra engolir o Viagra quando eles falam: «Estou aqui na porta». Já pego, fica ali em cima olha, pego e...

EU: E um por... mas, assim...

DALILA: Um me dá o dia inteiro.

EU: Ahn.

[...]

DALILA: O que é que acontece? É a garantia de que você não vai ter problema nenhum do seu pau não subir.

EU: Não subir, sim.

DALILA: Entendeu? Pode chegar um menino, pode chegar uma bolha, o seu pau vai ficar duro e pau duro é o que eles querem. Eles querem é tomar no cu. Eles querem é ver a bixa de pau duro! Entendeu? É como se eu apertasse, botasse no automático, entendeu?

### **Práticas sexuais especiais e fetiches: Fomentar desejos, investir recursos e fidelizar clientes**

A especialização em práticas sexuais recebe destaque na captação e fidelização de clientes e na obtenção de uma posição de sucesso nos territórios da prostituição. Para tanto, as interlocutoras criam discursos para fomentar as fantasias dos clientes, especializam-se em fetiches e práticas sexuais, explorando o caráter plástico da sexualidade (Weeks, 2000).

Antes de se iniciar no trabalho sexual, Mariana trabalhou em alguns locais onde a sexualidade e o sexo eram comercializados, primeiro como recepcionista em uma casa de *swing*, e depois como trabalhadora de casa de alterne. As experiências incorporadas no ramo do *swing*, somadas ao capital cultural adquirido no Brasil, aprimoraram suas estratégias de excitação dos clientes nas casas de alterne, o que depois lhe rendeu uma boa carteira de clientes para o trabalho que agora executa como acompanhante de luxo em Lisboa:

EU: E como foi trabalhar na casa de alterne?

MARIANA: Ai... Foi aonde eu descobri que eu era realmente uma mulher como outra qualquer, porque eu passei a contar para os meus clientes, e foi quando eu mais tinha clientes. Quanto mais eu falava sobre isso, mais clientes eu tinha. Quanto mais eu falava sobre sexo, mais eu falava sobre fantasias, sobre diversidade, sobre sexo a três, sobre sexo a quatro, sobre bar de *swing*, porque eu trabalhei no bar de *swing*. Ah... mais eu falava sobre isso, mais os clientes se interessavam.

EU: Ya.

MARIANA: Então, é assim, para mim é uma fase onde eu me descobri mesmo, eu falei: «Porra!» Homem... ele é uma coisa tão... diversa! Tão... estranha, né? Ai, eu gosto... E eu falava: «Olha, eu já tive uma experiência no bar», mas eu nunca fiz nada no bar de *swing*, mas eu dizia para eles que tinha feito!

EU: Só pra fantasiar.

MARIANA: E eu comecei a vender as minhas histórias. Então, eles me levavam para o privado, me pagavam garrafa de champanhe, eu sentava e contava as minhas histórias e eles se masturbando, olhando para mim, enquanto eu contava as histórias.

EU: Hmmm.

MARIANA: O que eu fazia, o que eu tinha feito no bar de *swing*, não sei o que mais! É... Então, assim, eu conheci muita gente através disso. O curso da arte de falar em público foi ótimo pra mim!

As trabalhadoras do sexo com maior capital cultural e melhor posição no campo prostitucional têm dimensão da diversidade de realidades existentes no trabalho do sexo e das suas vantagens, em comparação às pares que estão em uma situação de maior vulnerabilidade e precariedade. Ao instrumentalizarem estratégias no trabalho que executam, adquirem agência e poder sobre os próprios clientes, nomeadamente na seleção deles, contrapondo o discurso simplista do senso comum sobre a prostituta vulnerável. Tainá, mestranda e com curso de massagista, utiliza suas habilidades para fidelizar os clientes. Sua estratégia consiste em oferecer um serviço diferenciado que inclui massagem tântrica e tailandesa, a execução de tudo que oferece no primeiro contato telefônico e a especialização em massagem prostática:

TAINÁ: É muito difícil você falar que é contra a prostituição, se você nem tem conhecimento dos níveis de prostituição. A gente sabe que tem a exploração, mas também tem a prostituição elitizada. Eu estou na prostituição elitizada. Eu estou aqui com você. Você viu?

EU: Quantas vezes você desligou o celular. [Risos.]

TAINÁ: [Risos]. Quantas vezes eu estou desligando. Sabe por que eu desligo? Porque eu sei que depois que você for embora, eles vão ligar tudo de novo. E eles vão vir. Porque é uma prostituição elitizada, eles sabem o que eles vão encontrar e o serviço que eles vão encontrar. [...] Eu não faço o que as meninas fazem. Eu até faço na prática, mas na teoria e no telefone não faço. Porque o cliente não quer saber o que você faz na cama. Ele quer saber o que você fala no telefone. E quando ele vem aqui e acha que não vai receber o que você fala, e recebe, ele vai voltar. [...] Eu sou uma atriz. E quando eu consigo ser ativa, é porque eu consegui ser ereta. Porque tem cliente que vem e eu não consigo. E ele quer que eu seja ativa. Eu tenho que me virar nos 30.<sup>45</sup> E como eu já sei que eles gostam de beijo e essas pegadas, eu tento me aprimorar nisso. Na massagem prostática, que é a massagem no ânus. São coisas que eu tento me aprimorar. Saber se eu estou pegando na próstata mesmo, se está... Eu fico mais nessa preocupação, porque eu sou tão ridícula, que eu quero ser boa, como eu sou boa [nomeia profissão técnica qualificada]. Entendeu? Sabe? Aquela ilusão.

Residindo em Lisboa permanentemente devido ao seu curso de mestrado, essa especialização também serve ao *marketing* e à fidelização dos clientes. Assim, reduz o prejuízo por não poder circular constantemente por Portugal e outros países europeus:

TAINÁ: [...] como eu moro em Lisboa, todas as meninas vivem mudando de cidade, então eu estou sempre aqui. Então, meu fluxo de clientes é menor. Eu só tenho um bom fluxo, graças ao meu bom Deus, é porque eu sou a única que faço massagem. Eu sou a única que diz que faz massagem e realmente faz massagem.

EU: Você acha que isso é um chamativo?

TAINÁ: Claro! É *marketing*.

A fidelização de clientes através da especialização em tipos de práticas sexuais possibilita o acúmulo de capital econômico e alguma estabilidade. Além da prática sexual e suas técnicas, a especialização passa também pelo modo de preparar uma visualidade com tecnologias específicas para a (re)produção da *performance*. Mariana, por exemplo, tem muitos brinquedos sexuais para estimular seus clientes e revela que um dos motivos para o regresso constante deles está relacionado à sua especialização como dominadora em *performances* BDSM, à criação de laços afetivos e sociais com os clientes que atende e a toda uma gama

---

45. «Se virar nos 30»: expressão brasileira que significa resolver uma situação difícil na hora.

de tecnologias sexuais para obtenção e geração de prazer.<sup>46</sup> Sua fala evidencia também sua especialização na manipulação da «força orgásmica», ou seja, «da transformação do mundo em prazer» (Preciado, 2018):

EU: Qual é a relação com os clientes? Tipo, você falou de BDSM, enfim... que prefere isso e...

MARIANA: Ai, prefiro! Os clientes que me procuram já sabem aquilo que querem. Eles procuram já sabendo, né? Eles já procuram sabendo daquilo que eles querem fazer. Ele não vem procurando: «Ah, porque eu sou novo, inexperiente». Não, o cliente que vem praticar BDSM, ele já sabe o que que é. Eles já sabem qual é o conceito. Ele já fez. Ele já praticou. Ele já se permitiu conhecer ou fazer. Entende? [...] O sexo pra mim já não... é pôr um pênis, é chupar, é socar em um cu, o que que tem de diferente nisso?!

EU: Aham.

MARIANA: Pra mim não... Então, no BDSM você tem o mamilo pra estimular, você tem os pés. Você tem o corpo inteiro. Você tem a anatomia geral do corpo pra você estimular. Entende? É algo novo que você conhece prazeres. Agora o sexo comum, você só... [*Gesticula com as mãos.*]

EU: Você tem muitos clientes que você atende com BDSM?

MARIANA: Ah, sim. E gosto! É mais prazeroso, acredita? Pelo menos para mim. É mais eficiente, eu prefiro. Porque assim, o sexo comum... o cliente que procura só sexo por sexo, beleza por beleza, ele vai com todas. Entende? Agora, o cliente que procura BDSM, ele vai explícito, porque assim... É muito fácil você falar que pratica BDSM. Agora você saber fazer, você saber classificar o que é um *slave*, o que é um submisso, o que é um *kinky*, o que é um *sissy*...<sup>47</sup> [...]. A maioria, que está sempre comigo, uma vez por semana, duas vezes na semana, são os viúvos e os que são separados. Então, eles têm tempo. Eu posso ligar para um deles agora e ele vai me atender. Eu posso mandar uma mensagem, que eu sei que ele vai me responder. [...] A maioria dos meus clientes são fixos.

.....

46. Na última foto do seu anúncio, Mariana apresenta inúmeras tecnologias sexuais para a satisfação dos seus clientes: coleiras, correntes, mordanças, *dildos*, pinças para mamilos, roda de Wartenberg, *cock rings*, *poppers*, algemas, chicotes, luvas, salto alto, etc. Sobre como tecnologias de repressão da sexualidade foram (re)apropriadas para constituir sexualidades dissidentes durante o século XX, ver Rubin (1984) e Preciado (2014).

47. Termos êmicos da cultura BDSM. «*Slave*»: pessoa que obtém prazer ao ser punida, subserviente, agradar e/ou servir a pessoa parceira; «*sissy*»: parceiro da prática *kinky* de submissão com comportamentos, atitudes e utilização de roupas femininas.

Contudo, para outras trabalhadoras do sexo, lidar com fetiches dos clientes que não fazem parte das suas disposições para a sexualidade pode gerar tensões entre o desejo de acumulação de capital econômico e as *performances* requisitadas:

LUNA: Mas aqui, os homens daqui são... porco assim no sexo, eles gostam de umas coisas que os homens... [Pausa.]

EU: Não, ai, não tem vergonha de mim não, fale tudo! [Risos.]

LUNA: Que os homens do Brasil não costumam pedir, entendeu? Que nem os homens do Brasil não pede pra gente mijar neles, os homens do Brasil que nem eu falei, quando eu fazia, eu tinha muitos clientes no Brasil, mas nunca um cliente pediu pra mim enfiar a mão no cu deles.

EU: *Fist fucking*.<sup>48</sup>

LUNA: É, é *fisting*, né? Aqui, pediu pra mim pôr o pé assim e sentar no meu pé, sabe? Assim, então é... E aqui eu acho, é bom pro financeiro. [...] Ser dominadora deles é, tipo quer que bate, quer que amarra, que dá chicotada. Eu não gosto, entendeu? Acho que cada um tem seus... suas fantasias sexuais. Mas eu acho que o sexo para ser legal não precisa dessas loucuras, entendeu? É, aqui, aqui esse tipo, se você coloca essa música e você é dominadora, se você tiver roupa de dominadora, eles ficam tudo louco, entendeu? Mas eu não gosto. Que nem tens uns que: «Ah eu quero que você me bate». Tinha um que falava pra mim assim. Um puto de merda e fala que não sei o quê, não sei o quê. Mas era tão bonitinho, minha vontade era dar um beijo na boca dele. E ele queria que eu batesse nele. «Cospe na minha cara». Eu falava: «Ah não, cuspir não, na cara eu não consigo». «Aí, bate na minha cara». Aí eu fui [*barulho de tapa*] na cara dele. «Bate mais forte». Aí eu não conseguia bater nele mais forte. [Risos.]

As práticas sexuais que não fazem parte das disposições para a sexualidade das interlocutoras têm a ver com a diversidade cultural e com a circulação pelos diversos territórios do trabalho sexual na Europa. Adquiriram uma compreensão de disposições dos clientes para a sexualidade e da sua relação com determinado país, das práticas sexuais que são requisitadas frequentemente em determinado contexto geográfico e não em outros. Diana, que vive em Lisboa e circula frequentemente pela Europa, utiliza-se dessa compreensão performando práticas relacionadas que, embora não façam parte de suas disposições para a sexualidade, tornam-se importantes para a acumulação de capital econômico:

---

48. «*Fist fucking*»: Prática sexual de penetração do punho no ânus ou na vagina. Para uma discussão sobre o *fist fucking* em uma perspectiva *queer*, Sáez e Sejo Carrascosa (2016).

EU: Você falou da questão da «porquice» e daí eu lembrei que no seu anúncio...

DIANA: Eles todos querem.

EU: Você falou da chuva dourada.

DIANA: Ah, tá, eu fazer xixi neles.

EU: Isso, e você acha que as práticas aqui são muito diferentes das práticas sexuais que você executava no Brasil?

DIANA: Ah, mas lá também tem. Mas aqui é diferente. Aqui eles gostam. Mas aqui em Portugal eles gostam dessas coisas, que num são tão comuns do que os do norte que gostam mais de xixi. Londres então, eles gostam de xixi, um cara já me pagou 3000 pra mim cagar num pires e ele comer.

EU: 3000?

DIANA: Sim. [*Silêncio.*] [...] Me contratou dizendo assim ó: «Tu vai fazer isso? Tu vai conseguir?». E eu: «Sim». Comecei a comer, comer, comer. Chegou lá, daí ele ficou de barriga pra cima. Ai desculpa.

EU: Não, imagina.

DIANA: E eu caguei no pires e ele comeu na minha frente. Eu vomitei ele todinho, depois fui embora.

EU: E ele deve ter ficado?

DIANA: Sei lá. Vomitei ele todinho e fui embora. Com os meus 3000.

Em suma, a especialização em práticas sexuais torna-se uma diferenciação perante outras trabalhadoras do sexo nos territórios da prostituição, além de possibilitar a fidelização de clientes com interesse específico por essas práticas e dispostos a pagar valores superiores aos comuns no campo.

### **Subjetivação no e pelo trabalho do sexo: Disposições para a sexualidade e representações sobre a brasilidade**

O gênero é uma ficção sexopolítica (Preciado, 2018). Produzir gênero também é incorporar tecnologias, sistema de crenças, regras, normas e práticas institucionais na produção de uma *performance* específica. Resulta da incorporação a criação discursiva, corporal e performativa para alcançar inteligibilidade social e reconhecimento político (Butler, 2010). As representações sobre o que é ser feminina são constituídas nas primeiras socializações de trans e travestis em seus contextos sociais no Brasil; não raramente, com base no ideal cis-heteronormativo, que limita o papel feminino à submissão de um corpo penetrável para o prazer masculino. No entanto, ao adentrarem os territórios do trabalho sexual, irrompe

uma tensão entre as disposições para a sexualidade, constituídas pelos ideais de feminilidade, e as *performances* sexuais requeridas no campo prostitucional. Maya, com 48 anos e que se lançou no trabalho sexual como travesti entre os 25 e os 27 anos, relata as dificuldades que teve de encarar a fim de compreender as *performances* que teria de executar:

MAYA: Então, quer dizer, na minha época era complicado porque os homens pra poder comer a gente, não podia nem botar o pau pra fora... Não podia nem bater uma punheta. Você tinha que tocar punheta só depois que ele fosse embora, você ia pro banheiro tocar uma punheta pra você gozar, entendeu? Então, eu me acostumei assim, eu achava que travesti era isso, né? Fazer papel de mulher. Quando eu comecei já no Brasil, aí já veio já na fase dos 18 anos, boate, discoteca, aquelas coisas todas, né? Gay namora gay, né? E ia fazendo aquelas coisas; ia um comer o outro, 69, aquelas coisas todas que a gente sabe que acontece, mas quando eu me assumi travesti, eu achava que não era... que não tinha que comer... Eu tô me assumindo, me investindo, de botar um peito, me hormonizar, botar roupa de mulher, enfrentar a população, entendeu? E ser humilhada. Pra ficar comendo homem eu ficava gay, eu ficava homem de novo e virava homem, continuava homem...

Dalila, com 41 anos, trabalhadora do sexo desde os 14 ou 15 anos, partilhava das mesmas representações sobre a sexualidade no início de seu trabalho. Suas representações sobre feminilidade e corpo penetrável foram motivo de piada pelas suas amigas trans e travestis mais experientes na pista e nas *performances* requisitadas pelos clientes:

DALILA: Aí eu contei. E eu assim, inocente. Pra você ver, é a fase da inocência. Porque até então eu achava que todo homem só comia viado. Aí quando eu comecei a entrar na coisa do programa, está entendendo? Quando o homem me pagou, chegou lá, chupou o meu pau. Eu fiquei assim, eu falei: «Meu deus! [Nome de amiga], sabe o que aconteceu? Sabe aquele cliente que eu saí. Amiga, eu saí com ele, chegou lá ele chegou chupando. Nem deixou eu pegar na neca dele. Eu fiquei passada e ainda me pagou». Ela: «Sério?! [Gargalhada.] Vem cá, mulher, conta pra ela o que que aconteceu». É assim, sabe? A inocência.

As tensões entre as disposições constituídas no processo de socialização e as existentes no campo prostitucional fazem com que algumas entrevistadas modificassem suas disposições para a sexualidade, após se iniciarem nos territórios do trabalho sexual. Essas alterações podem inclusive ter uma motivação reflexiva

sobre as estratégias que facilitam o trabalho no mercado do sexo. Luna colabora na compreensão do controle reflexivo dos corpos durante o tempo dos convívios:

EU: Porque que você prefere ser ativa nos convívios?

LUNA: Porque eu acho que é mais rápido. Tipo assim, geralmente o homem quer ser passivo, ele já vem logo, principalmente os casados, eles não quer muita cena. Tipo eles vem, chupa o pau da gente, fica de quatro, comeu, vai embora. Geralmente o cara que é ativo, quer que você coloca cinta liga, quer que você faz, quer que você recebe ele de salto alto, aquela coisa, coisa que os homem passivo não quer. Os homem passivo quer que venha aqui e fica de pau duro e pronto, acabou. O bom que a maioria aqui é assim, entendeu? Devo ter uns quatro clientes ativo, que vêm e me come. A maioria dos clientes que eu tenho, tudo é passivo.

Para além das alterações nas disposições para a sexualidade, no que concerne às estratégias do trabalho do sexo, as experiências na prostituição permitem que as interlocutoras obtenham um autoconhecimento do corpo e desenvolvam novos tipos de desejo sexual. Assim, as disposições podem ser alteradas ou adaptadas. Mariana, após anos trabalhando como dominadora em sessões de BDSM, explica sua preferência:

MARIANA: Porque o sexo comum já não me satisfaz.

EU: Você precisa do que para se satisfazer?

MARIANA: Ah, eu gosto da dominação. Gosto do BDSM, que é algo mais intenso, onde você descobre vários pontos de estimulação corporal, onde você se descobre, onde você... é... descobre que o corpo não é só boca, pau e cu. Ou só vagina, ânus, boca.

EU: E você usa muito BDSM para trabalhar?

MARIANA: Sim. Eu prefiro até trabalhar com dominação do que com sexo.

A alteração nas disposições para a sexualidade e o autoconhecimento corporal com as experiências adquiridas no campo prostitucional podem modificar profundamente as subjetividades de algumas trans e travestis, em relação à compreensão da identidade de gênero e do projeto corporal. Dalila após anos lidando com as tensões que seu corpo lhe impunha, elaborou um novo entendimento sobre a cirurgia de confirmação de gênero:

DALILA: A prostituição foi muito boa na minha vida pra me ajudar a entender como pessoa. Porque, assim, eu tinha quase certeza, que a essa altura da minha vida, aos 40 anos eu já estaria operada. Entende?

EU: Tu quer fazer a cirurgia?

DALILA: Não! Hoje não mais. Eu aprendi com a prostituição que eu não preciso de uma vagina pra ser uma mulher. Primeiro, que mulher você nunca vai ser. Você vai ser uma transexual redesignada. Você fez uma cirurgia. Você fez uma mudança de sexo. Você não é uma mulher. Você é uma *trans* [com ênfase] sexual. Mulher você nunca será. Entende? Você nunca será uma mulher cisgênero. Por mais vagina que você tenha. Por mais perfeita que seja sua vagina. Você é uma transexual redesignada. E assim, eu me descobri sexualmente. Eu sou muito sexual. Eu gosto de ter orgasmo. Sabe? A maioria dos meus programas eu gozo. Está entendendo? Então, assim, é uma incógnita. Pode acontecer alguma coisa durante a cirurgia e você nunca mais ter um orgasmo. Então, assim, é um risco...

EU: E isso tu aprendeu com as tuas amigas que fizeram a cirurgia? Que conversou?

DALILA: Não. Isso eu aprendi mesmo vendo. Assim, me analisando como pessoa. Eu talvez, assim, eu acho que a cirurgia, se a cirurgia, seria conveniente se for uma fase da sua vida que você não precisasse mais do sexo. Tipo, assim, você velha, você precisar de cuidados de outras pessoas, tipo para tomar banho, para fazer xixi, porque mesmo a travesti é algo que fascina tanto, porque é algo que não era pra estar ali. Entende? Você olha o rosto, você olha o jeito, sabe, aí você vai analisando a personalidade. Ai os peitos lindos, aí você vê as curvas, as pernas, a pele, aí você vê a bunda, aí de repente você vê aquele caralho duro. É assim... é o centauro. O corpo é dois corpos em um só.

Para outras trabalhadoras do sexo, a incorporação de saberes adquiridos na prostituição pode ser baseada tão somente em motivações de ordem econômica. A mesma reflexividade que gera tipos específicos de técnicas, práticas e estratégias na busca por uma melhor posição no campo prostitucional, também pode questionar a necessidade de produzir uma corporalidade feminina. Tiago Duque (2011) percebeu estes processos entre travestis jovens em Campinas:

De formas progressivamente mais sofisticadas, buscando negociar seus desejos com as demandas sociais ou do mercado sexual, seus corpos se revelam cada vez mais plásticos. Assim, adiam ou evitam modificações corporais irreversíveis, montando e desmontando o gênero de acordo com as circunstâncias, o que se revelaria muito mais difícil, se não impossível, caso procedessem como as gerações anteriores de travestis. Aparentemente, estas mudanças abrem possibilidades afetivas, sexuais e, talvez, no futuro, também profissionais (p. 138).

É o caso de Verônica, que, após um período trabalhando como michê, percebeu que construir uma visualidade feminina com tecnologias de gênero lhe daria maiores possibilidades de atrair clientes. No momento da produção dos dados, havia iniciado somente o tratamento hormonal e, apesar de desejar próteses de silicone nos seios, almejava retirá-las após acumular capital econômico. Em sua fala podemos compreender motivações desta decisão:

VERÔNICA: Então, foi tipo aonde que eu ganhei mais espaço, não é? E, e iam me... Como posso explicar para você, eu me expandi mais no trabalho como travesti. Como eu tentei me montar ainda como gayzinho e tal, botei anúncio, mas não vinha muito. Mas, no devido momento que eu botei uma roupa de travesti, botei uma peruca, botei uma coisa, aí bombei.

EU: Ahhh.

VERÔNICA: Era muito homem.

EU: Ah, ok. Você não quer ter uma imagem feminina, então, depois?

VERÔNICA: Olha, eu confesso, que eu fico meio que balançado.

EU: Porquê?

VERÔNICA: Ah, porque, tipo assim, como eu estou lhe falando: eu vestido de mulher, de trava, ah, é muita loucura. É muito mais contatos. É muito mais dinheiro. Muito mais gente. Muito mais homens. Muito. Tudo é muito melhor.

Entre as alterações nas disposições para a sexualidade refletindo as diferenças culturais nos processos de subjetivação no mercado sexual europeu conta-se a instrumentalização dos traços que remetem à brasilidade, no campo prostitucional em Portugal. Algumas das estratégias implementadas pelas interlocutoras estão relacionadas às representações sobre a diversidade cultural do Brasil, sobre a brasilidade e, especificamente, sobre as mulheres brasileiras, remetendo a um imaginário de liberdade sexual (Dolabella, 2015). A tropicalidade aparece nos discursos dos clientes como um fator importante para as representações dos europeus sobre as corporalidades e subjetividades brasileiras. A praia, o calor, o carnaval e o futebol tornam-se metáforas nos discursos dos clientes como um eterno convite ao prazer, ao movimento dos corpos e à sua recorrente exposição. Afirmam também a celebração da mestiçagem, a sexualização dos corpos brasileiros e a subalternidade dos povos latinos. Portanto, reiteram representações de desigualdade entre o sul e o norte, entre o Brasil e a Europa (Pelúcio, 2011).

Dolabella (2015) afirma que a figura da «mulata» é a representação recorrente da mulher brasileira em Portugal e expressa, paralelamente, a ideia do homem

português aberto à miscigenação a partir de sua superioridade masculina e branca, e da mulher brasileira disponível à sexualidade e submissa perante as estruturas de poder patriarcal e racial. Portanto, as representações sobre a feminilidade brasileira estão inseridas em uma lógica de dominação pós-colonial retratada pela sensualidade, pelo cuidado, pela simpatia, pela alegria e pela escassa capacidade intelectual. Mariana, recordando a experiência de preconceito sobre a brasilidade em Lisboa, reitera a importância da passabilidade para escapar a transfobia e a representação da brasilidade masculina criminosa:

EU: E você acha que sofre preconceito aqui por ser brasileira?

MARIANA: Ai, eu passei no início, porque estava em um *boom* da que... das brasileiras, das brasileiras... que as brasileiras são tudo puta, os brasileiros eram tudo ladrão, era tudo criminoso e quando eu cheguei cá com 17 anos eu passei por isso, um pouquinho. O preconceito por ser brasileiro, sim. Mas, por ser uma mulher trans não. Porque ninguém pensa, o povo me olha e pensa que eu sou uma mulher como outra qualquer, só sou alta.

De fato, as representações sobre a brasilidade recaem de modos distintos sobre as masculinidades e as feminilidades. Os estudos das representações sobre a mulher brasileira em Portugal têm demonstrado o papel do dispositivo colonial na reverberação das representações de desigualdade, características de racialização, gênero e trabalho sexual associadas à brasilidade. A representação da feminilidade brasileira nos meios de comunicação em Portugal está associada à «morenidade», à sensualidade e, muito frequentemente, ao trabalho sexual: «No caso aqui estudado, é patente a existência de uma associação entre as representações de gênero e nacionalidade, na qual a representação de Brasil é feminizada e a de gênero sexualizada» (Pontes, 2004, p. 254). Indagada sobre os estigmas associados à sua identidade de gênero e nacionalidade, Sheila enfatiza a misoginia, o machismo e a xenofobia que marcam sua trajetória de vida, sua biografia corporal e suas experiências como mulher trans em Portugal:

SHEILA: Eu sinto mais preconceito por ser mulher do que quando eu era travesti.

EU: Tu acha?

SHEILA: Tenho certeza.

EU: Porquê?

SHEILA: Porque a sociedade aqui em Portugal, eu vou falar de Portugal que eu já vivo tanto tempo, né? A mulher é um acaso...

EU: É um acaso. Por quê?

SHEILA: Como brasileira, já olha que eu sou puta. É um preconceito maior do que ser travesti.

EU: É um preconceito maior do que ser travesti...

SHEILA: Então, nesta vida uma pessoa que passa... Rara uma pessoa que tem este privilégio de passar pela vida sendo homem, ser travesti, ser gay e ser travesti e ser mulher. Eu passei por isso tudo e te garanto que o maior preconceito é ser mulher. Como se a mulher fosse um ser frágil, idiota, que só serve para sexo, mais para nada, porque os portugueses veem as mulheres desta forma, quantas mulheres deles eles batem.

A narrativa de Luna sobre as vantagens de sua nacionalidade no trabalho sexual confirma a preferência dos clientes portugueses por pessoas trabalhadoras do sexo brasileiras e os dividendos do seu capital corporal racializado nos territórios do trabalho sexual em Portugal, em comparação com o Brasil:

EU: Você acha que ser brasileira é uma vantagem?

LUNA: Aqui?

EU: É.

LUNA: Os portugueses gostam muito de sexo com os brasileiros.

EU: Hum...

LUNA: Tanto como garoto de programa, como mulher, como travesti, tem muitos que conversam com a gente e falam assim: «Mas você é brasileira?». Gostam das brasileiras, então acho que nessa parte é bom. Os portugueses gostam tipo, com mulher brasileira, com os michê brasileiro. Essa parte assim é bom, você... a gente tem uma certa vantagem nisso.

EU: E que que você acha que demarca?

LUNA: Mas na putaria assim, porque geralmente nos outros lugares, assim, dá impressão que eles não gostam muito dos brasileiros aqui. Sabe assim, como vou te explicar... Tem coisas assim que eu percebo que eles não são muito fã dos brasileiros. [...] A gente que é negra aqui, que nem eu sou negra, a gente que... Que nem lá no Brasil não é todo lugar que uma bixa negra vai, que uma bixa negra trabalha bem. Aqui qualquer lugar que a gente vai...

EU: Trabalha bem?

LUNA: A gente trabalha bem, entendeu? As pessoas aqui gostam de negra. E tem uns que perguntam assim pra mim, tipo: «Você é morena ou você é negra?». Eu falo: «Eu sou negra». «Ah, então tá bom, então». Tipo, eles gostam, tipo: «eu sou negra». «Ai você é morena». «Não, eu sou negra». «Ah, você é negra mesmo?». «Sou negra». Tem essa vantagem assim.

As trans e travestis brasileiras mobilizam estes recursos no trabalho sexual assumindo discursos sobre a tropicalidade, a amabilidade, a naturalidade da nudez, a disponibilidade sexual dos indígenas, o exótico, o belo, o híbrido, de modo a obterem vantagens no mercado sexual (Silva & Ornat, 2012). Estes ganhos se explicitam na preferência dos clientes europeus pelas trans e travestis brasileiras, normalmente justificada por representações da sexualidade brasileira como mais «quente». Maya, que trabalhou durante 12 anos em Itália, corrobora as representações das trabalhadoras do sexo brasileiras sobre a preferência dos homens do sul da Europa por elas, noutra perspectiva ligada à segurança:

EU: E você acha que ser brasileira e ser trabalhadora do sexo é uma mais-valia? Os clientes falam disso?

MAYA: Falam, eles valorizam muito as brasileiras, eles amam a brasileira. Qualquer lugar do país eles amam as brasileiras.

EU: Na Itália é a mesma coisa?

MAYA: É a mesma coisa, brasileira não são como as peruviana que só roubam. As peruvianas elas dá gogó, dá bola, te dá tudo, né?<sup>49</sup> [...] E a brasileira não tem esse hábito de roubar, né? Eles não saem com peruviana, são muito poucos que saem com as travestis peruviana porque sabe que se sair vai ser roubado, vai ser assaltado.

Portanto, as trabalhadoras do sexo acionam estereótipos da sexualidade brasileira, bem como sobre as concorrentes de outras origens, para construir um lugar hierárquico no campo prostitucional. Ser brasileira torna-se uma vantagem sobre as outras trabalhadoras ao incorporarem, em suas corporalidades, anúncios e discursos as representações sobre a brasilidade.

Encontramos também a possibilidade de as trabalhadoras do sexo brasileiras escolherem seus clientes dando preferência aos homens da Europa ocidental (Teixeira, 2011). As representações coloniais não estão apenas relacionadas à Europa e aos clientes europeus, mas também aos brasileiros. Foram recorrentes, durante a produção dos dados, discursos que reiteravam a brasilidade dos clientes como um aspecto negativo. Mariana, por exemplo, afirmou que não atende clientes brasileiros devido à vulgaridade e às suas experiências sexuais com brasileiros no Brasil. O mesmo afirmou Diana, cujo motivo de recusa está relacionado à compreensão dos códigos culturais que permitem identificar um «mau

---

49. «Dar gogó»: Convencer e/ou ludibriar com palavras; «dar bola»: no contexto, flertar.

cliente», ou seja, que requer muito do seu capital corporal com pouca conversão em capital econômico. Assim, a conquista de poder nos territórios do trabalho sexual possibilita a seleção dos clientes:

EU: Você não atende brasileiro, porquê?

DIANA: Porque. Ahmn. Tipo. A maior parte dos brasileiros aqui, são... é como eu te disse, não é todo brasileiro, bom... Lógico, se eu vejo que um cara me ligou, e tipo não começa com aquelas ladainha de brasileiro, ok, eu já até já atendi. Vejo que é uma pessoa mais velha... Mas normalmente um brasileiro ele ia querer pagar pouco e fuder muito e vem com aqueles papo de brasileiro que é tudo igual, então pra mim não serve. Não tem por quê.

A rejeição de Diana a clientes brasileiros faz parte das suas estratégias do trabalho do sexo. Em Portugal, ela utiliza os estereótipos sobre a sexualidade brasileira para captar alguns clientes, mas não quando está em outros países europeus. Em sua perspectiva, pelas representações sobre o Brasil perpassam também o baixo capital cultural e a pobreza, o que não atrai o cliente «fino» e rico. Isso nos remete mais uma vez às representações da colonialidade, relacionadas à subalternidade econômica e cultural:

EU: E você usa muito dessa questão da brasilidade, pra você, acha que ser brasileira ajuda você, trabalhadora do sexo?

DIANA: Não, porque...

EU: Do tipo, aquele estereótipo que o brasileiro é quente, que o brasileiro é gostoso.

DIANA: Aí é que tá! Eu quando vou para outros países, eu, como eu tenho passaporte italiano, nem anuncio, porque eu acho que é queimação.

[...]

EU: Você fala qual que é a sua nacionalidade?

DIANA: Não, eu anuncio sempre como italiana.

EU: Ah, você anuncia como...

DIANA: Não anuncio como brasileira. Tem homem que gosta? Tem. Tem homem que quer? Tem. Porque eles acham que vai ter mais porquice, vai ter mais num sei o quê. Mas tem aquele homem que é fino, que tem dinheiro, que quer ter uma conversa contigo e que talvez se ele visse o anúncio lá Brasil, ele de repente não ia, ele não, tipo, lógico, o cara num vem pra conversar, mas tem homem que ele quer mais do que um momento só de pegar no teu pau. Ele quer bater papo contigo, e já eles têm essa mentalidade que o brasileiro é burro. É triste, mas é verdade.

EU: Sim, sim, sim.

DIANA: Eu nem anuncio como brasileira.

[...] E outra, e ah, brasileira e asiática eles têm tendência a achar que vai cobrar menos.

Em suma, as experiências nos campos prostitucionais na Europa podem promover alterações tanto nas disposições para a sexualidade, quanto na compreensão da identidade de gênero. A mobilidade lhes propicia uma reconfiguração da identidade entre o local e o global, ao tensionarem as representações sobre gênero, características de racialização, nacionalidade e classe. As narrativas das interlocutoras também revelam as estratégias do trabalho sexual incorporando ou não, segundo os contextos, as representações sobre a sexualidade brasileira para adquirirem vantagens sobre clientes e outras trabalhadoras do sexo.



## CAPÍTULO 6.

# ENTRE O SONHO DE TORNAR-SE EUROPEIA E A REALIDADE NA EUROPA

### **Mobilidade e juízo: Alterações nos modos de ser e estar**

Conforme mencionado, um dos aspectos abordados pelas pesquisas envolvendo a mobilidade de trans e travestis brasileiras para a Europa é a contraposição de experiências de *glamour* e luxo à marginalidade e abjeção de suas subjetividades e experiências no Brasil; a Europa surge como uma via para alterarem suas disposições estéticas e representações sobre a identidade de gênero e a feminilidade. O processo de tornar-se *européia* perpassa as alterações no modo de performar a feminilidade e os comportamentos na vida pública.

Na narrativa de Safira, tornar-se *européia* é encarnar as representações de classe alta e de mobilidade social ascendente, aprendendo o *chique* e o *glamour*, para desencarnar uma «vulgaridade» estigmatizada:

EU: E me conta, o que você aprendeu nesse tempo em Espanha? Assim, o que que mudou em você?

SAFIRA: Aaah! A Europa! Lá é uma escola, né? Eu voltei com outra cabeça, com outra mentalidade. Aí, eu já não me vestia vulgarmente, eu comecei ver, né? Que nem aqui, antes podia estar o frio que for, importava minhas pernas estar pro lado de fora, os peitos na bandeja. Eu percebi que a Europa faz de você uma dama sem precisar ser vulgar; ser sensual, ser atraente, mas sem expor vulgaridade. Então, eu voltei com essa mentalidade, com essa cabeça, com essa cultura pro Brasil.

Flora tem uma visão muito semelhante à de Safira. Em sua percepção, a socialização na Europa a «doutrinou» para «domar» sua feminilidade. A mobilidade é compreendida também como fonte de capital cultural, de alteração das perspectivas sobre a trajetória de vida, da conquista de autoconfiança, autoestima e agência com relação à feminilidade e à identidade de gênero:

FLORA: [...] lá no Brasil eu não era uma mulher ainda. Eu era apenas feminina.

EU: E o que você acha que mudou aqui para você ser uma mulher?

FLORA: Eu fiquei mais educada, querendo ou não, com a cultura que a gente aprende, com as formas, as pessoas.... Porque eu sempre quis aprender, eu sou uma descobridora. Eu quero saber, eu quero ouvir também, eu quero descobrir. Pena que eu não usei todo este potencial aí, que é o gosto para estudar como você hoje tem, fez sua faculdade, é... dá aulas, não sei o que mais, tem seus objetivos na sua profissão. Eu poderia ter... eu queria ter feito isso hoje, né? Mas...

EU: O que você aprendeu?

FLORA: A ser mulher mesmo, a ser mais feminina aqui. No Brasil eu sabia também, era, estava começando, mas eu era indomada ainda, como eu costumo dizer que eu era... não era doutrinada, aqui eu me doutrinei, eu digo brincando com as amigas minhas: «Ah, agora tô doutrinada». Eu ligo para o Brasil, meu amigo, que eu trabalhei com ele, fala assim: «Então, Flora, tu é safada, não sei o quê, não sei o quê». Eu falo para [nome do amigo] que agora eu já sou doutrinada, agora eu já não sou mais aquela, agora sei mais, tenho pé no chão. Hoje eu como travesti, como mulher, né? Porque eu me sinto como uma mulher, fisicamente e... é... me sinto uma mulher. Eu falo que o sexo não tem nada a ver com ser uma mulher, eu acho, né? Eu me sinto uma mulher.

EU: E você acha que vir para Europa mudou esta sua perspectiva com relação a todas estas coisas? O que mudou?

FLORA: Mudou. Mudou que eu vi que eu tenho capacidade de conseguir isso tudo. Eu tenho capacidade, independente de eu ser travesti ou não. Eu vou conseguir. Isso mudou. Eu aprendi muito aqui, aprendi muito apesar de eu ser um pouco impulsiva, mas eu aprendi muito e tô aprendendo ainda, né?

Flora atesta também a importância do *juízo* para o sucesso na mobilidade e no mercado do sexo. Afirmar que foi «domada» pelas experiências advindas do trânsito geográfico remete às alterações no seu patrimônio de disposições relacionados à responsabilidade perante sua própria trajetória de vida, à alteração de seu estilo de vida com maior controle financeiro, à adaptação de suas disposições para a reflexividade e a cultura:

FLORA: Agora, é, eu tento escutar mais, aprender, observar, entendeu? Eu fui aprendendo isso aqui, mais aqui, no Brasil eu não tinha acesso a este aprendizado.

EU: Você acha que no Brasil você era mais...

FLORA: Mais solta... é, mais vivendo só o momento, a curtidão, queria sair, queria fuder, tomar hormônio.

EU: Pegar os ocó.<sup>50</sup> [Risos.]

FLORA: [Risos.] Botar meu peito, era um sonho e nunca conseguia porque eu gastava o dinheiro todo com balada, roupa e festa, entendeu? Muita taba.<sup>51</sup>

EU: Sim. [Risos.]

Mariana, que vive em Lisboa desde os 17 anos, tem uma percepção similar à de Safira e à de Flora com relação às feminilidades brasileiras e ao papel da mobilidade das trans e travestis nas alterações de suas disposições da estética corporal, tanto de plasticidade material como de *hexis* e *performance*. Essas alterações nas disposições estéticas são explicadas por uma nova socialização e explicam uma nova disposição perante o corpo. É interessante que não explica as suas dificuldades de integração e a xenofobia que sofreu na instituição escolar por ser transexual, mas sim pelas diferenças culturais e as representações sobre o Brasil:

MARIANA: Então, por ser brasileira sim. Houve. Na escola principalmente, por... Nós escrevemos e falamos de uma maneira. Eles escrevem e falam de outra maneira. Então, eu sofri de xenofobia com isso. Sofri preconceito com isso. E não pelo fato de ser uma transexual na escola. E isso foi pra mim muito mais difícil do que o fato de eu ser uma trans. Porque ter que se adaptar a uma cultura completamente diferente, a uma forma de estar com eles completamente diferente.

As recorrentes situações xenófobas vivenciadas estimulam a criação de estratégias para contornar as violências simbólicas na vida pública. Diana, nascida no Rio Grande do Sul, domiciliada em Lisboa há cinco anos e circulando frequentemente pelo continente europeu, revela a estratégia de civilidade que elaborou com estas experiências, ao mesmo tempo que corrobora a compreensão das diferenças culturais e do racismo por sua própria experiência no Brasil:

EU: E aqui, assim do tipo, já sentiu muito esse racismo, esse preconceito?

DIANA: Sim, quando abre a boca. Sim. Tem bastante. Não com os jovens, mas com as pessoas mais antigas.

EU: Antigas, sim. E como você sai disso? O que que você sente?

---

50. «Ocó»: termo êmico para homem.

51. «Taba»: maconha, marijuana.

DIANA: Sendo mais educada; se eu sou maltratada mostro a educação que eu tenho e faço eles se sentirem, se tiver um mínimo de caráter eles vão sentir vergonha, né?

EU: É. É o que eu faço também.

DIANA: Mostro pra eles que eu tenho educação. Que eu não precisei nascer aqui para ter educação. Que muitos deles não têm. [...]

EU: Você se sente em casa?

DIANA: Sim, ah sim. Sim, me sinto. Tirando a parte que o português não gosta da gente, né? Mas isso em nenhum outro país vão gostar. Nós somos assim lá no Rio Grande com as pessoas que vêm de fora. Então, eu tô habituada. Rio Grande do Sul é terrível, as pessoas são bem racistas mesmo.

Débora cursou o ensino secundário completo em Fortaleza e acumula inúmeras experiências mundo afora. Sua experiência nos territórios do trabalho do sexo na Europa marca as alterações em suas disposições para o *juízo*, a educação e, não menos importante, para a acumulação de capital cultural, manifesto em suas preocupações com a arte, a linguagem e a observação constante:

EU: E o que você acha de ser brasileira e tal? Como você acha que... o que é ser brasileira na Europa?

DÉBORA: Ser brasileira na Europa, primeiro de tudo, é absorver coisas boas... é abraçar as oportunidades como eu abracei. Eu tenho meu diploma, hein! Eu tenho meu diploma. Aqui, na *Oxford School*, eu fiz o nível A1 de Inglês. Eu tenho que ir lá buscar meu diploma. E foi agora, morando nessa casa na Avenida [...]. Ser brasileira aqui na Europa é aproveitar as oportunidades, é... hoje, por exemplo, eu não vou na discoteca nem nada. Eu vou ficar um bom tempo sem ir, sabe? Eu tenho que economizar dinheiro, Emerson, e em casa eu economizo. É... como é que se diz, é você absorver as culturas, observar bastante. E outra coisa, né Emerson? Eu vejo em *site* essas bixas: «Eu falo francês». Fala nada... Então, você tem que absorver alguma coisa, você tem que tirar um dia pra você ir no museu Gulbenkian, ver aquilo. Eu tinha acabado de comprar... aqui o livro que eu tô acabando de ler, olha o livro que eu leio. E aqui é o que eu tô estudando inglês. Ó, o que eu leio. Esse aí...

Dalila, originária de uma família de classe média dotada de elevado capital cultural, evidencia a sua consciência e disposição para uma diferenciação de classe no que tange a essas aprendizagens orientadas para a mobilidade social, face às estratégias e trajetórias das colegas com origens menos favorecidas:

DALILA: Não, assim, eu acho que Europa para qualquer um, qualquer brasileiro por mais bagaceiro que ele seja,<sup>52</sup> ele passa uma temporada na Europa ele já volta mudado, entende, assim? A questão de educa... assim, eu sempre tive, sabe, eu sempre tive acesso à educação, à cultura, aos bons modos, entende? Isso eu não adquirei na Europa. Eu já trouxe isso, né? Pela minha realidade de vida. Entendeu?

As diferenças nos modos de sociabilidade na vida pública também contribuem para a alteração dos patrimônios de disposições na mobilidade. Mariana, habituada às discussões familiares e à contravenção das regras, passou a ter outra concepção sobre as oposições entre o seu modo de ser e o do outro. Em sua percepção, as diferenças culturais entre Portugal e Brasil na resolução das contrariedades intersubjetivas promoveram mudanças na forma de solucionar seus conflitos:

MARIANA: E assim, e quando eu... Eu pensava que discutir era... Como eu vim daquela situação toda e... no Brasil e tal e me acalmei muito quando fui morar com meu pai [tosse], eu fui vendo que... que muitas coisas que para mim era comum, aqui não é! Né? Porque aqui você tem leis, tem regras, né? Então... Eu pensava muito: «Ah, as regras foram feitas para serem quebradas, não?». E aqui eu aprendi que não é assim. Você tem que saber conversar, você tem que saber ter um diálogo, uma conversa. Você tem que respeitar as outras pessoas, que não é no grito que você vai conquistar qualquer coisa. É... não é brigando com as pessoas ou ter uma mente fechada, que você vai conquistar alguma coisa. É... sei lá. Porque português, ele é muito diferente de nós brasileiros. Então, você aprende muito com eles.

A acumulação de capital econômico e de mobilidade pelas trabalhadoras do sexo bem posicionadas nos campos prostitucionais propicia o trânsito constante entre o Brasil e a Europa; essas experiências da mobilidade alteram também suas representações sobre o Brasil e suas desigualdades. Dalila, domiciliada na Dinamarca, regressa frequentemente ao Rio de Janeiro. Segundo ela, a violência e o preço elevado para manter sua qualidade de vida inviabilizam sua permanência no país:

DALILA: Mas, sempre viajando. Ai, mas só que aí eu ia pra o Brasil ficava um mês. Eu já fui para o Brasil para ficar 15 dias, pra ter uma... Tinha me programado para ficar dois meses, fiquei 15 dias, falei: «Não, está louca. Eu vou sair doida daqui».

---

52. «Bagaceiro»: pessoa «sem maneiras», ralé.

EU: Humm.

DALILA: País muito caro. Entende?

EU: O que você acha? Isso eu ia lhe perguntar: o que você acha do Brasil hoje assim?

DALILA: O Brasil é um país para milionários. Porque assim, você tem acessos sim. Existe coisas muito boas, lugares espetaculares sim, mas para a grande maioria é tudo muito caro. Uma vida muito cara, roupas caras. Lugares para você frequentar, caros. Está entendendo? Em 2000, 2003, você saía de noite com 50 reais, você era o rei da noite! Você ia ali, com aquele 50 você pegava táxi, pagava tua entrada, pagava tua bebida, ainda pagava o táxi para voltar para casa. Está entendendo? Hoje em dia com 50 reais, meu bem, meu filho, você não consegue comprar um *Subway*, entende? Então, assim, é um país que está muito, muito, muito perigoso. Muito, assim, muito, muito perigoso. Sinceramente assim, é uma coisa assim, que você não sabe onde ninguém vai parar.

EU: E você não pensa em voltar para o Brasil?

DALILA: Eu, assim, eu tenho que voltar para o Brasil. Eu tenho minhas coisas lá, né? Eu tenho as minhas casas alugadas lá.

As representações que travestis e trans brasileiras têm sobre a Europa também dialogam com discussões pós-coloniais. Fanon (2008) afirma que os dispositivos da colonialidade (re)produziram representações hierárquicas entre as nações da Europa e o restante do mundo, tais representações foram incorporadas às subjetividades das populações não-europeias, provenientes de contextos culturalmente dominados. Mariana, por exemplo, demonstra isso mesmo: reiterando a importância da passabilidade, ela remete às representações de superioridade cultural europeia e à consequente estigmatização de uma estética corporal e sexual «brasileira». Na Europa, a brasilidade é expressa por uma corporalidade desvalorizadora:

MARIANA: Então, ou você amadurece ou você muda o seu comportamento, ou você aprende ou a Europa, como toda travesti diz, que eu vejo muito elas falarem, que... ou você apanha, né? Apanha pelo amor ou você apanha pela dor. Você aprende pela educação ou pela dor. Isso é inevitável. E aqui você aprende muito isso. Tanto em palavras, ações, trejeitos, postura, comportamento, que é muito normal, né? A trans vir com uma foto em uma rede social com decote, mostrando o rabo, aqui não! Aqui eles logo te... Eles logo te olham diferente, te olham torto. Pessoas, sabe? É... antigamente, quando eu cheguei, assim, há cinco anos atrás: «Nossa! Não basta ser brasileira tem que ser vulgar também, tem que ser puta também», né? Isso pesa, né? Então... E essa é a visão que a maioria deles têm das brasileiras. Isso por

causa da forma de vestir. O português, ele reconhece... o europeu reconhece logo uma brasileira!

Na narrativa de Luna sobre as representações do continente europeu antes da mobilidade, reverbera o imaginário construído pelas idealizações da colonialidade sobre a «metrópole»: a riqueza, o luxo, o *glamour*, o que remete às histórias de sucesso que trabalhadoras do sexo trans e travestis fomentam no Brasil. Contudo, suas experiências na Europa não corresponderam totalmente a estas representações:

EU: Você tava falando da representação, qual as coisas que você pensava? O que você pensava da Europa antes de vir?

LUNA: Então, eu achava que tipo assim que ia chegar e a... Muita balada. Eu pensava que era um *glamour*, sabe assim, que era muito luxo. E eu não achava que era igual é... aqui assim. Não que a gente passe necessidade, a gente não passa, em termo de viver assim, a gente vive até melhor do que no Brasil. Mas a nossa vida é isso aqui, assim, sabe? Dependendo do lugar que você passa, a gente é... é isso aqui. Tem casas que a gente passa que tem outras pessoas, que é legal, mas tem casas que você passa que é cada um na sua, as pessoas nem... Assim, uma com a outra, em termos de dinheiro, eu achava que também que...

EU: Que você ia ganhar mais?

LUNA: É, eu achava que eu ganharia mais. Mas eu, pelo tanto de coisa que eu vejo que eu fiz, sabe assim, eu vejo também que não foi tão ruim.

Débora, que vive em Lisboa desde 2003, munida de experiências por diversos países do continente europeu, também fala das representações que tinha antes da efetivação do projeto migratório, demonstrando uma vez mais as relações entre Europa, riqueza e motivações para a mobilidade. Sua narrativa evidencia igualmente as mudanças do território do trabalho sexual em Lisboa resultantes da «crise europeia» após 2008:

EU: E, na época, o que você pensava sobre a Europa?

DÉBORA: Que era um lugar bom pra trabalhar... porque naquela época era bom. Naquela época tinha muito dinheiro aqui. Na época quando eu cheguei, é... realmente a gente trabalhava muito bem.

EU: Aqui em Lisboa mesmo?

DÉBORA: Aqui em Lisboa mesmo! Era rios de dinheiro! E a gente fazia 15, 20 clientes todo dia. Hoje, se você fizer cinco, você é... uuuuhhh!!

Seu relato reitera a importância da mobilidade para aceder a territórios do trabalho sexual com maiores vantagens econômicas. Mais do que isso, a encarnação da experiência europeia proporciona-lhe a ressignificação da trajetória de vida no Brasil e da tomada da decisão de emigrar como a fuga da inferioridade a que, não fosse esse ato do «destino», se teria condenado a si mesma:

DÉBORA: Ixi!, [vir para a Europa] foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida! Se eu pudesse voltar... voltar ao passado agora... eu dizia: «Débora, *go, go, go ahead!* Continue em frente que foi a melhor coisa, graças a Deus!». Obrigada por essa luz que ilumina a gente e esse frio que quebra os nossos ossos, que hoje em dia eu sou uma pessoa muito maravilhosa, Emerson, muito gente boa. Eu sou amiga da minha amiga. E talvez se eu não tivesse o destino, que ali foi destino mesmo, não tivesse dito «Porra, decide! O que é que tu vai ser? Tu vai ser uma maricona dentro de um salão agradando um monte de mulher do bairro [*imita*] “Ai, meu amor...”<sup>53</sup> não sei o quê, ou tu vai ser... — que eu amava aquilo! — ou tu vai ser uma boneca?». E daí, estamos aqui conversando...

### ***Glamour* e luxo: O capital simbólico acumulado das biografias corporais.**

O volume de capitais econômico, corporal, cultural, social e de mobilidade acumulados permitem a trans e travestis a reconfiguração do lugar de poder ocupado em seu círculo social, sobretudo no país de origem. A obtenção de prestígio perante a família, pessoas amigas e nos territórios do trabalho sexual do Brasil e/ou do mundo evidenciam as dimensões dessa reconfiguração simbólica. Nesta seção, passo a compreender as representações que as entrevistadas constroem sobre suas experiências e o prestígio social desses capitais acumulados, como resultado simbólico das trajetórias e biografias corporais. Tais discussões remetem ao conceito bourdieusiano de capital simbólico, que está relacionado aos aspectos classificatórios dos estilos de vida, dos capitais acumulados e dos processos hierárquicos de diferenciação simbólica; ou seja, as diferenças e a raridade dos capitais reconhecidos como símbolos de posição e de poder, responsáveis pela obtenção de distinção nas disputas num determinado campo.

O capital simbólico também está relacionado às propriedades distintas e distintivas da acumulação e da incorporação dos capitais adquiridos no campo, à alteração dos patrimônios de disposições e aos esquemas de (re)conhecimento,

---

53. «Salão»: no contexto, estabelecimento de beleza, cabeleireira.

percepção e apreciação destas propriedades pelos pares (Bourdieu, 2013). Portanto, o conceito de capital simbólico enfatiza a lógica da assimilação ou dissimilação na tentativa dos agentes de identificarem-se com grupos superiores (reputação) ou esnobarem grupos identificados como inferiores. É exemplo disso a análise anterior das representações hierarquizantes de disposições estéticas e performances de feminilidade por mulheres trans e travestis, em relação com as experiências e expectativas de mobilidade, revelando a importância do corpo e sua performance como investimento e expressão subjetiva de mobilidade social.

Assim, o capital simbólico atua em todos os outros capitais, de modo relacionado às pressuposições de subjetividades constituídas por objetivos, hierarquias e preferências que o contexto social impõe no interior das sociedades. Um exemplo claro é o da acumulação de capital econômico, na medida em que conduz ao acesso a bens materiais de prestígio e ao reconhecimento pelas pessoas do seu círculo social. Neste sentido, Oliveira e Kulaitis (2017) mostram como o capital simbólico colabora na constituição de prestígio e de reconhecimento público sobre o capital econômico e social de pessoas em mobilidade, mesmo quando eles são poucos significativos. Exemplo disso é a superação das origens de classe, relacionada às representações positivas da mobilidade e à obtenção do *status* de *européia* nos territórios do trabalho sexual no Brasil. Luna, indagada sobre o reconhecimento da mobilidade na obtenção de sucesso, colabora no entendimento destas representações, contando o regresso de uma amiga ao Brasil:

EU: E você acha que esse tempo que você passou aqui, as pessoas lá vão te olhar diferente?

LUNA: Eu acredito que sim.

EU: Que que você acha que vai...

LUNA: Tem minha amiga que veio pra cá, ficou três meses, voltou pro Brasil e já voltou de novo pra cá. E ela falou pra mim: «Luna, as pessoas te olham, te olham diferente, te tratam diferente». Ela falou a primeira coisa: «Todo mundo vai achar que você tá rica. É uma coisa que todo mundo vai achar que você tá nadando em dinheiro, vai ser muito convite pra: “Ah, vem na minha casa”».

Maya também elucida estas questões, na narrativa sobre a importância da mobilidade e do *status* de *européia* adquirido no Brasil após o seu regresso da Itália, que demonstra também a importância dos marcadores de classe e de identidade de gênero na compreensão das trajetórias de vida e no empoderamento pessoal e social:

EU: Você estava falando do que você pensava da Europa antes e depois.

MAYA: O que eu pensava da Europa hoje é assim... Você chega no Brasil *européia*, chega com *status*, umas boas roupas, um bom perfume, um bom carro, você é vista pela sociedade e pelas suas amizades, o bairro que você mora, você é vista de um outro modo. Você é uma pessoa que é *européia*, não tem tanta crise porque você é travesti ou uma gay que é *européia*, no Brasil, né? Essa cara de pobre, essa bixinha pão com ovo, né? Então, é bom você parecer uma *européia*, mesmo gay, você não é tratada assim como um viadinho, tem essa visão ainda. [...]

EU: E hoje quando você volta?

MAYA: Eu vim pra Itália pra melhorar! Como eu melhorei minhas coisas, eu obtive umas coisas, né? E... Sempre bem vista, convida pra jantar, pra almoçar, faz churrasco: «Ó, fulana chegou da Itália». Aí você é convidada pra festa, pra aniversário, velório, cemitério, enterro, pra tudo [*risos*] e para Igreja, você é convidada e você por todo mundo... [...]. Em relação a mudança, como a gente tava falando da Europa, tem sempre essa vantagem de você ser uma *européia*. Então, você é bem vista, é bem recebida e se você tinha condições mais ou menos no Brasil, você já é bem recebida, se você vira *européia* é mais bem recebida ainda. Eles veem a gente como uma deusa, como uma atriz de cinema no Brasil, né? Mas se você descer com um bom carro... ter uma casa com piscina, fazer um bom churrasco, boa cerveja e o povo matar um boi e chamar o povo pro churrasco, você é a rainha do bairro! A famosa do bairro é você, a estrela é você. Então, isso muda muita coisa, a Europa muda muita coisa, nesse sentido de tratamento no Brasil.

A fala de Maya dialoga com a constatação de Silva e Ornat (2012), de que as dificuldades sofridas no Brasil minimizam as dificuldades encaradas na Europa:

MAYA: Você é uma *européia*, chegou da Europa, mesmo eles sabendo o que nós fazemos na Europa, mas não sabe o sacrifício que a gente passa aqui, entendeu? Para gente poder ter luxo no Brasil, nosso *glamour* no Brasil, nossas condições financeiras boas, mas não sabe a humilhação... Ter que pegar um homem por 30, 40, 50 Euros e o homem às vezes fedorento...

Mas, por mais difíceis que sejam as experiências, a mobilidade é vista como motivo de valorização, por reposicionar o seu lugar social de poder no local de origem. Isso manifesta-se também pela ressignificação das relações e das trajetórias das interlocutoras, por parte de suas famílias no Brasil. As etnografias sobre a mobilidade de travestis e trans brasileiras constataam frequentemente o reatamento dos laços familiares — são recorrentes os relatos de que o primeiro

dinheiro ganho na Europa é investido na compra de uma casa para a mãe — e o reconhecimento da identidade de gênero após o sucesso financeiro (Carrijo, 2011; Patrício, 2009; Pelúcio, 2011; Teixeira, 2011).

Durante minhas incursões aos territórios do trabalho sexual, tanto no Brasil como em Portugal, ouvi muitas histórias sobre mães e pais que expulsaram a adolescente trans ou travesti do ambiente familiar e que, ante a sua acumulação de capital econômico no trabalho sexual, provendo a subsistência da família, acabaram por restabelecer os laços familiares. Podemos citar Yara, expulsa de casa aos 15 ou 16 anos por seu pai e que, após a mobilidade para França, passou a enviar remessas de dinheiro mensalmente à sua mãe. A ajuda de Yara restabeleceu a relação com a família, a despeito do latente desconforto dos familiares ao vê-la após a encarnação da identidade feminina:

YARA: Ganhei mais respeito na minha família. Hoje tenho um convívio bom com a minha mãe. Que eu não tinha.

EU: Hoje, você está bem com a tua mãe?

YARA: Aham, coisa que eu não tinha. Então, muita coisa melhorou. Padrão Europa! [Risos.]

EU: Sim, top, *européia*. Sim, sim. [Risos.]

YARA: Muda muita coisa.

EU: Sim, sim. E o que que mudou assim na relação com a tua mãe depois?

YARA: Tudo!

EU: Por... Ah, é...

YARA: Não tinha relação com a minha mãe.

EU: Você não tinha? Do tipo na infância?

YARA: Não, na infância sempre foi maravilhosa. Minha mãe e meu pai... até descobrir que eu era gay. Descobrir não! Porque eles sabiam, não é? Que eu era gay. [...]

EU: Tua mãe, quando que vocês conseguiram se reaproximar de novo? E porque, assim...

YARA: Quando eu passei a ajudar ela.

EU: Ah, ok.

YARA: Mudou muito. Mas, era nítido isso já. [...]

EU: E voltando lá para mãe, aí, tu começou a ajudar ela, aí, do tipo, tu ajuda ela de que modo assim? Tu manda uma grana?

YARA: Ya.

EU: Ya. E faz isso todos os meses?

YARA: Todos os meses.

EU: Todos os meses? Ya.

YARA: Obrigação, não é?

EU: E como que isso mudou a relação de vocês assim? O que que você acha que aconteceu?

YARA: Acho que... acho não, mudou tudo! Porque ela passou a me ver de outra forma. Ela passou a me respeitar. Entendeu?

EU: Sim.

YARA: Ela viu que aquilo ali era... Porque aí, ficava assim como se assim: «Ai virou viado, vira travesti». [*Bate as palmas das mãos.*] A imagem que o Brasil tem é o quê? Travesti marginalizada, nas ruas. Aí, acho que era aquilo que passava na cabeça dela. Ela também nunca chegou para falar assim, para falar comigo, nunca. [...]. [Falo com ela] por câmera e mais quando meu irmão está. Aí, ele liga. Aí, eu vejo assim, meio assim, não é insegurança, é como um desconforto, ele está me olhando, ele está vendo. Mas, que nem eu ajo naturalmente. Não tenho...

EU: Sim, mas você acha que ainda rola um...?

YARA: Rola. Porque ela... assim, aquela coisa forte, não é? [*Risos.*]

EU: Sim, sim.

YARA: Choque.

Também Luna, apesar de sempre ter tido um bom relacionamento com sua família, tem clara dimensão de como a ajuda ressignifica as relações familiares. A mobilidade para Portugal lhe proporcionou autoconfiança, a reformulação de seu projeto de vida e a aquisição de bens que legitimam seu sucesso junto aos familiares:

LUNA: Quero ver quando eu voltar de Luna, como é que eles vão me ver, né? Vamos vê, mas eu acho que pelas coisas que eu fiz assim, pelas melhorias que eu fiz na casa da minha mãe, não por essas coisas, mas por, sei lá, eu acho que que vai ser diferente agora.

EU: Por que você acha que as pessoas botam mais fé em você? Por você ter tido coragem de vir, isso?

LUNA: É, porque eu vejo como as pessoas tratam minha prima. E por ver também que eu sou uma pessoa independente, entendeu? Tipo, as pessoa já me respeitava porque eu mostrava que eu sou tipo, que eu sou, que eu era uma pessoa independente, independente da minha vida eu, sabe? Eu levava minha vida sem depender dos outros. E aí eu penso que agora, tipo, quando eu voltar, que eu sou uma pessoa que eu não tenho medo de correr atrás. E, aí, e ver as coisas que eu fiz, então eu acredito que, que vai ser diferente nesse sentido, entendeu? Eu tô ansiosa.

A ajuda prestada à família é recorrente nas trajetórias das interlocutoras de famílias com menores posses. Janaina, por exemplo, em sua primeira vez nos territórios do trabalho sexual na Suíça, pôde prover uma melhor qualidade de vida, lazer e educação a sua mãe, irmã e sobrinhos, bem como investimentos na casa da família. Percebemos mais uma vez a importância da mobilidade na obtenção de novas experiências e na ressignificação das representações sobre a sua identidade de gênero.

JANAINA: Questão financeira foi ótimo. Dos oito meses que eu fiquei, deu pra mim ganhar um dinheirinho legal. Primeira vez que saía do país, sem vê família. Mas enfim, o tanto que eu fazia por eles lá, que é minha mãe, minha irmã e dois sobrinhos que então, é minha vida. [Tosse.]

EU: Tua irmã mora com a tua mãe ainda, morava com a tua mãe?

JANAINA: Não, minha irmã é casada.

EU: E porque tu ajudava a cuidar desses dois sobrinhos?

JANAINA: Aí eu pagava cursos, paguei cursos, pagava van, pagava escola.

EU: Ahmn, entendi.

JANAINA: Presente, capricho, *videogame*, essas coisas. Então, aí eu fazia de tudo por esses dois. E... E aí me ajudou bastante, ganhar bastante experiência tipo, viver tipo num... focar mais, falar: «Pô, minha vida não é só essa. Não é só aqui nesse Brasil, nesse preconceito».

Para além disso, remetendo também para o *juízo*, Janaina acredita ter se tornado uma pessoa mais responsável:

EU: Você é responsável com o quê?

JANAINA: Eu? Bom, eu sustentava duas famílias praticamente com 23 anos saindo pela primeira vez do Brasil. Então, eu acho que a minha responsabilidade é, foi muito grande, porque dentro da minha casa minha mãe não pagava nem uma água. [...] Falei, minha mãe separou do meu pai eu tinha cinco anos. A minha mãe, ela fez tudo. Então, falei, então agora é minha vez. Aí fazia de tudo por ela. [...] Eu tenho carro, minha mãe tem carro, minha irmã tem carro, meu sobrinho tem carro, tudo que eu dei. A casa minha, eu investi, minha casa hoje vale uns 400.000. [...] tinha colocado piscina em casa, minha mãe como ela não gosta de bagunça, ela foi e vendeu a piscina. Piscina de fibra. É, eu lembro que na época eu paguei 15.000, ela vendeu por três [mil]. Por não gostar da molhadeira no quintal.

Maya, com uma trajetória de quase 20 anos no trabalho sexual na Europa, também ajuda os pais com bastante frequência. Investiu o dinheiro ganho em seu primeiro trânsito para Itália na construção de uma casa para a família, uma casa de praia e três apartamentos para alugar. Esses investimentos foram um modo de adquirir alguma segurança financeira, caso resolva voltar ao Brasil:

MAYA: Até hoje eu mantenho eles, eu mantenho em termos porque minha mãe é aposentada... mas eu sempre ajudo no que eu posso, né? Construí minha casa e tenho uma casa de dois andares em cima da casa dos meus pais, meus pais moram no primeiro andar e construí mais o 2º e 3º andar, tenho uma casa de praia que eu comprei em [nome de cidade litorânea do Rio de Janeiro], entendeu? Onde eu passo as férias, meus amigos quando vai pro Rio, eu cedo minha casa de praia pra eles e... tenho algumas coisinhas alugadas, entendeu? No Brasil também, então minha vida assim... Eu vivo bem, mas assim estabilizada, de forma que se amanhã eu quiser ir para o Brasil. Eu tenho minhas casas e tenho alguns aluguéis, entendeu?

Sua narrativa ilustra a valorização da qualidade de vida proporcionada pelos ganhos de seu trabalho, e como a educação da filha é um importante investimento do projeto de mobilidade social:

EU: O que você acha que mudou na Maya assim, qual foi a coisa mais importante que você vê nesse processo de vir pra cá, trabalhar... como trabalhadora do sexo?  
MAYA: Não, o mais importante que eu vejo, que eu vi pra mim... que eu tenho até hoje, entendeu? É que eu tenho uma família, entendeu? Dei casas, móveis, estou formando minha filha, dei tudo do bom e do melhor pra minha filha ser uma pessoa de classe alta, né? Você sabe que não é fácil, a gente veio lá de baixo, né? Então quer dizer, eu dei... sempre dei de tudo do bom e do melhor e até hoje eu tenho, né? Terminou os estudos, ela terminou os estudos dela com 17 anos, ela tem dois anos de faculdade. Que dizer, então minha filha sempre foi estudiosa, colégio particular, entendeu? Tudo do bom e do melhor sempre dei pra minha filha, tem que investir nela, né?

EU: Uhum.

MAYA: E também meu conforto também, né? Tenho uma boa casa de praia com piscinazinha que dá pra gente dar um mergulhosinho, uma cervejinha, fazer um churrasquinho... Meus amigos.

Sheila, domiciliada em Lisboa desde 2001, também envia remessas como ajuda constante para os pais. Conforme já salientado, durante sua infância e adolescência, sua identidade e sua expressão de gênero trouxeram muitos

problemas na relação com a mãe, tendo inclusive que sair da casa dos pais, aos 11 anos. Sheila ressignificou sua relação com a mãe após a aquisição de capital econômico com a mobilidade para Portugal, e pelo empenho e liderança sobre homens, os operários que ela mostrou na construção da sua pousada no Brasil:

EU: E quando a sua mãe passou a te respeitar?

SHEILA: Minha mãe passou a me respeitar depois que eu comecei a ter dinheiro. Essa que é a verdade.

EU: E isso aí, você já tinha quantos anos? Foi quando você começou a trabalhar na fábrica?

SHEILA: Depois que eu vim pra Portugal. Eu comecei... depois que eu comecei a construir essa pousada, a minha mãe começou a ver quem eu era de verdade. A corajosa, a guerreira. Agora todo mundo fala «Nossa!», eu lá em cima lavando, pintando telha, aí sim... aí ela viu...

EU: Quem é Sheila...

SHEILA: Comandando lá um homem pedreiro, carpinteiro, eletricista, e ali, ó. Aí, a minha mãe aprendeu quem sou eu.

EU: Só depois que você voltou... veio de Portugal?

SHEILA: Não, ela começou a ver aos poucos, né?

A construção demonstra as preocupações de Sheila com o seu futuro: «Assim que eu pensei, vou fazer para a minha velhice. É, eu tenho coisas para o meu futuro». O *juízo* de Sheila, a sua racionalidade econômica e as preocupações com a construção da pousada estão atestadas em sua narrativa sobre o período em que trabalhava no alterne e que possibilitou a acumulação de parte do capital econômico para construção do imóvel:

SHEILA: Eu usei a minha cabecinha e o dinheiro... Sempre usei o dinheiro... não foi para ficar comprando roupa de marca, nem porcaria nenhuma, eu morava de quarto logo na frente do bar e entrava no bar cinco e meia, eu fazia a limpeza, ainda recebia dinheiro da limpeza, recebia... e... eu fazia tudo [...].

O capital econômico acumulado no mercado sexual também pode ser utilizado em *ajuda* no financiamento de passagens para outras trabalhadoras do sexo brasileiras que desejam realizar o trânsito, cobrando uma taxa. Além do estreitamento dos vínculos entre as pessoas da rede, isso permite a acumulação de mais capital econômico e o reconhecimento do sucesso da trajetória nos territórios do trabalho sexual no Brasil e na Europa. Safira e Maya, por exemplo, ambas com

vasta experiência adquirida nos trânsitos pela Europa, financiaram passagens para outras colegas. Maya, bastante experiente no trabalho sexual em Itália, falou deste tipo de investimento e sua importância na obtenção do seu patrimônio imobiliário:

MAYA: [*Mostrando fotos sobre sua vida no Brasil, Itália, amigos e família.*] É, três casas e mais um galpão que também está alugado, a de praia onde tem a piscina que tu vai ver aí, tem um espaço imenso, são dois andares, tem três quitinetes nos fundos alugadas,<sup>54</sup> da minha casa de praia que é em [nome de cidade litorânea do Rio de Janeiro].

EU: Isso tudo foi com a grana que você conseguiu na Itália?

MAYA: Isso, mas já trouxe bixa pra cá, já trouxe três, quatro bixas pra cá, a 10.000 Euros cada um.

EU: Quatro bixas você já trouxe pra cá?

MAYA: Eu já ganhei 40.000 Euros, só de quatro bixas que eu cobrava na época, 10.000 Euros cada um. Isso tudo ajudou a comprar minhas coisas no Brasil.

EU: E essas meninas estão na Itália ainda?

MAYA: Não, três tá aqui... uma está em Portugal e não voltou mais, se adaptou na Espanha e não quis mais saber da Itália, duas tá na Itália, mas está no Brasil e volta só o ano que vem.

Os usos conferidos ao capital econômico acumulado nos territórios do trabalho sexual refletem também as diferenças de classe e os distintos modos de reconhecimento das trajetórias. Se, para as mulheres trans e travestis com poucos recursos econômicos, a mobilidade significa o acesso a melhores condições de vida para si e para suas famílias, já Dalila, proveniente de uma família de classe média mais abastada e com uma trajetória ascendente no trabalho sexual, acentua a diferenciação social de sua trajetória, relativamente às da «maioria». Após investir algum dinheiro em imóveis no Rio de Janeiro a fim de garantir sua estabilidade econômica futura, o trabalho do sexo passou a ser um expediente para viajar e vivenciar sua sexualidade, e para utilizar o tempo que permanece no Brasil no desenvolvimento de outras habilidades:

DALILA: Estava no Brasil. Fui para o Brasil, fiquei um ano de férias. Porque eu estava assim, eu estava em uma fase que assim... ai, sabe assim? Ai, meu Deus, vou ter que atender um cliente. Sabe, você está cansada, de não estar com pique, aí eu

---

54. «Quitinete»: (do inglês *kitchenette*) pequeno apartamento.

falei: «Não, está na hora de você parar um pouco». Aí, eu fui para o Brasil. Aí, eu fiz um monte de cursos. Eu fiz um curso de flores, eu fiz um curso de perfumes. Está entendendo? Aprendi a cozinhar. [...] Então, assim, é como eu falei antes, eu nunca fui uma travesti que veio para Europa com o sonho de comprar uma casinha pra dar pra mãe dela, entende? Eu nunca precisei vir para Europa com o sonho de tirar a minha mãe do aluguel, entendeu? Não. Assim, quando eu vim para Europa, a minha vida... entendeu? Sempre, assim, eu nun... nós não somos, não fomos ricos. Mas, a gente era uma classe média...

EU: Em 90...

DALILA: Tranquila! Sabe?

EU: Ainda mais na década de 80, 90...

DALILA: E até hoje! Entendeu? Assim, os meus pais nunca precisaram de mim pra comprar nada. Nunca precisei dar uma casa pro meu pai, está entendendo? A realidade da maioria é assim.

Em contraponto, para Diana, outra entrevistada com origem familiar mais favorecida, a acumulação de capital econômico ocasionou atritos na convivência familiar. Por um lado, ela relata o uso do dinheiro pela sua mãe sem o seu consentimento, nem necessidade disso — enquanto o negava, estigmatizando a identidade de gênero e o trabalho da filha que ganhara esse dinheiro:

DIANA: Aí é que tá... O meu pai morreu, quando ele morreu, ahmn [...] a minha mãe recebeu um seguro dele, um seguro que eu acho que todo militar recebe, um seguro. Minha mãe trabalhou a vida toda, tem um dinheirinho guardado, tipo... não é rica, mas hoje... ela tem a casa que era do meu pai. [...] não tem necessidade de nada. E eu tinha, logo que cheguei na Itália, eu tive o empecilho desses, porque, quando eu mandei meus primeiros 30.000, meus primeiros 30.000, 30.000 reais pro banco bloquearam a minha conta. Porque, eu não sabia disso, né? Fazer uma procuração pra uma pessoa, tá, desbloqueou. Daí o que acontece? No começo tava pra conta da minha mãe, que é de aposentada. Ela é aposentada aí mandava pro dela que não tem... não tem bloqueio, e tu não paga nada. Que que acontece... Eu conheço, eu conheço a gerente e sempre que eu mandava dinheiro eu ligava, só que ela não sabia que eu fazia isso. Ligava pra gerente pra confirmar, entrou o dinheiro? Entrou porque eu liguei. Primeiro a minha mãe pegou 6000 Euros, 6000 da minha conta. Pra quê? Não sei... Perguntei e ela disse que não. «Não preciso do... a travesti, prostituto, não é de Deus», mas pegou, pegou o dinheiro pra quê? E assim, foram coisinhas assim, tipo, de pegar pouco, um pouco de dinheiro aqui, um pouquinho ali, coisa pouca assim, sei lá pra quê. Tipo, me... eu ligava e

perguntava e ela negava. Poxa que mãe é essa que dá... humm... meu dinheiro é do diabo, «não preciso de dinheiro», mas ela gastou do meu dinheiro, ou seja, minha mãe não tem aquele amor que eu achava que tinha por mim. Tipo, eu que me lasque, né? É o que me leva a pensar. Por isso que eu te digo, o dinheiro, ele... ele só serve pra afastar as pessoas. Só pra afastar.

Por outro lado, o modo interesseiro como a mobilidade e a acumulação de capital econômico alteraram as representações dos seus primos e tias sobre sua trajetória também lhe gera sentimentos conflituosos:

EU: E você tem uma relação boa com seus primos?

DIANA: [*Silêncio.*] Hum. Mais ou menos.

EU: A família é grande? Pequena?

DIANA: Ô. Só as minhas tias, só as irmãs da minha mãe são sete mulheres.

EU: Wow.

DIANA: É. Tipo assim. Depois que, no começo eles não aceitavam muito, os meus primos. Tipo, a gente teve aquela fase de criança e depois de trans não aceitavam muito, porque tu sabe como são os gaúchos. Mas ah, depois que uma tia minha falou mal de mim e que eu tive meus primeiros 80.000 lá no Brasil e que minha mãe falou, jogou na cara de todo mundo, aí agora todo mundo me ama. Eu sou a mais linda.

EU: Isso é uma merda, não? Como você se sente com isso?

DIANA: Um lixo. Um lixo. Eles não vê a hora de eu chegar. Nossa, eu vou chegar com uma metralhadora. *Alocka!*

A acumulação de capital econômico atesta a singularidade e o prestígio das trajetórias, com a aquisição bens classificados como exclusivos a uma elite econômica e social. Assim, a incorporação de atributos distintivos colabora na produção de divisões, individuais ou coletivas. Débora, lembrando suas visitas ao Brasil, mostra como os símbolos de distinção contribuem para a afirmação da sua trajetória diferenciadora. O *glamour* associado às suas experiências na mobilidade é percebido através das biotecnologias encarnadas na produção do seu capital corporal e dos «bens de luxo», aspectos produtores de classificações e diferenças hierarquizantes, bem como a relevância da encarnação das experiências na produção de disposições e práticas homólogas a esses signos:

DÉBORA: Eu sou sortuda! Eu fui sortuda de ter muito... ter tido a sorte... quando eu fui pro Brasil, o meu carro foi uma Mercedes! Eu não comprei um carrinho, eu comprei uma Mercedes! Hoje em dia... uma bixa vai pro Brasil, uma trava vai pro Brasil...

ter a sorte de ter podido, é... realizar o sonho de ter uma casa boa, ter carros! Meus carros só eram carros bons! Ter esse *glamour*! Tive sorte de ter me operado muito cedo... porque sempre vai ter aquele apogeu: «Olha ela!». Todo mundo quer ser tua amiga, sabe? É diferente. E as viagens, sabe, você tem que absorver um pouco da cultura daquele lugar, você tem que... vida de imigrante... você tem que saber pisar... você tem que saber absorver a cultura dali... e mais observar e absorver! Eu nunca fui uma pessoa de abrir aqui essa janela, escutar meu pagodão,<sup>55</sup> essas coisas... nunca! E ser grato... gratidão por todos esses lugares lindos que eu passei e que ainda tenho muito pique ainda, pra ir em muitos outros lugares, tanto trabalhando, quanto como cirurgia, ou indo... ainda quero conhecer muita coisa, ainda. Eu sou muito grata por todos esses lugares que eu passei.

Os capitais econômico, corporal, cultural e de mobilidade acumulados por ela, associados às suas experiências nos territórios do trabalho sexual e nas viagens para realização de procedimentos cirúrgicos, representam o poder adquirido e incorporado ao longo da vida e o seu reconhecimento por outros converte-os em capital simbólico. Débora, ao mencionar a marca do seu carro, reporta-se aos aspectos classificatórios e representativos do prestígio, elegância e luxo dos capitais acumulados e do seu estilo de vida como mulher trans trabalhadora do sexo e *européia* — no mesmo passo que se distingue de práticas culturais populares menos prestigiantes, como a de colocar música popular estridente com a janela aberta para a rua.

O capital de mobilidade constituído pelo passaporte é um outro elemento na obtenção de prestígio em contextos transnacionais. Conforme salientado, o passaporte possibilita a circulação pelos territórios do trabalho sexual com melhores expectativas de acumulação de capital econômico. Ademais, proporciona a aquisição de cidadania e a comercialização do trabalho sexual em países onde este é regulamentado. Dalila fez questão de deixar evidente a distinção que o seu passaporte dinamarquês lhe proporciona, nos territórios do trabalho sexual naquele país:

DALILA: Eu, por exemplo, eu tenho documento dinamarquês. Então, assim, eu trabalho muito na Dinamarca. Dinamarca é um dos poucos países aonde você cobra 300 Euros num programa aqui na Europa, e eles pagam. Você está entendendo? Elas [outras trabalhadoras do sexo] falam que... elas me chamam de «Prefeita de Copenhague». Não é?

---

55. «Pagodão»: estilo de música popular festiva brasileira, muito rítmica e com forte componente de percussão.

Para o capital simbólico, também contribuem a constituição do capital corporal e a encarnação de biotecnologias, pois a acumulação de capital econômico convertível em capital corporal distintivo só é possível para as trabalhadoras do sexo bem posicionadas nos campos prostitucionais. Procedimentos cirúrgicos dispendiosos, sobretudo aqueles realizados por poucas pessoas ou com cirurgões plásticos famosos, valorizam a posição social da pessoa no campo prostitucional. Débora colabora na compreensão destas questões ao refletir sobre a percepção, o prestígio e a apreciação por outras trans e travestis das biotecnologias encarnadas na constituição do seu capital corporal:

EU: O que mudou na tua vida depois da cirurgia? O que você acha que aconteceu com a Débora depois?

DÉBORA: Você fica mais especial no meio... [*cochichando*] se tiver aqui uma multidão, Emerson...

EU: De trans?

DÉBORA: De trans... e nessa multidão tá as loiras, as morenas, as ruivas, as espetacular... mas tu disser assim, ó... [...] «Aquela ali é operada», todo mundo vai fazer assim, ó! [*Risos.*] Todos, os homens, as pessoas querem saber porquê, «mas porquê?»... porque mexe com o imaginário das pessoas. As pessoas não querem aceitar que uma pessoa é, faça uma transformação mais do que elas achem que a pessoa possa fazer, tá entendendo?

As relações entre capital corporal, incorporação de experiências distintas e capital simbólico remetem de novo à importância da passabilidade nas trajetórias das trans e travestis. Além de proporcionar segurança nas relações que estabelecem em contextos sociais marcados pela cisnormatividade e transfobia, torna-se um fator de prestígio para as interlocutoras. Os dispositivos de poder que produzem a cis-heteronormatividade operam também nas subjetividades e corporalidades de mulheres trans e travestis. Refletindo sobre a passabilidade como uma estratégia de resistência às violências cissexistas,<sup>56</sup> viviane v. (2015) salienta a importância de compreender o tema a partir de outros marcadores de diferença e como uma das possibilidades de enfrentamento ao patriarcado e ao cissexismo. Em algumas trajetórias, a estratégia da passabilidade é uma das poucas formas de sobrevivência às violências do *cistema*. Para a autora, duas questões tornam-se preponderantes:

---

56. «O termo “cis+sexismo” é uma tentativa de caracterizar a complexa interseção entre a normatividade sexista de gênero (produtora cultural das diferenças homem-mulher) e a normatividade cissexista de gênero (produtora cultural das diferenças cis-trans)» (v., 2013, f. 2).

- (1) as barreiras elitistas e racistas em torno da viabilidade das estratégias de passabilidade cisgênera (ou seja: quem fica de fora, nas não passabilidades?), bem como (2) os limites para as resistências «passáveis» destas diversidades nos marcos das ocupações ciscoloniais<sup>57</sup> (ou seja: re+pensar os limites relacionados à invisibilidade, assimilação, ameaças constantes de «catarem» aquilo que somos) (v., 2015, p. 158).

Lembremos, por exemplo, as inseguranças de Luna em acessar a vida pública no Brasil em virtude do receio de ser «catada», relacionadas às questões de classe e de racialização que se entrelaçam na sua trajetória e biografia corporal. Em contraposição, as trajetórias e a encarnação da identidade de gênero de Dalila e Mariana, feitas com suporte familiar e intervenções endócrinas ainda na adolescência, permitiram a obtenção de elevada passabilidade. Ou ainda, as experiências de Sheila no trabalho sexual e a omissão de sua identidade de gênero, em contraposição ao anúncio de Débora como «Trans operada. Uma mulher sexy e elegante».

Portanto, a passabilidade torna-se como um anteparo contra as violências, a exotização e o estranhamento das corporalidades e subjetividades de mulheres trans e travestis nas relações intersubjetivas. Indagada sobre a relevância da passabilidade em sua trajetória, Diana equaciona a importância de não ser reconhecida como trans perante as violências sistêmicas e heteronormativas:

DIANA: Ajuda nesse termo que te falei assim, nunca passei por preconceito ou coisa assim. É tipo, não lembro de ter passado assim por constrangimento. Aliás, passei por constrangimento uma vez numa festa que tipo, eu fazia a boazinha e o cara veio tentou me beijar e eu fui tentar ser educada e disse pra ele: «Ai desculpa, não me leve a mal mas é, eu sô trans». Nossa o cara começou a gritar pros outros: «Ó esse aqui é um homem, que nada». Tipo, não vou dizer que num passei vergonha. Passei. Nesse dia, mas assim ó, é tipo, tanto que, tanto que eu não passo por essas coisas que eu tenho o cabelo roxo e a maior parte quer se esconder né? Tipo, ah sei lá, algumas tentam se esconder pra não serem... tipo, sou bem feminina, então isso não me faz, não me faz parecer uma... [...] Não, é... tipo assim, se isso ajuda em alguma coisa? Ajuda assim, visualmente ajuda porque as pessoas são más e elas maltratam as trans que elas percebem com os olhos, até mesmo as gays que são muito afeminadas as pessoas são más com o olhar. Então, nesse sentido, tipo, ajuda a mascarar. Nesse sentido sim. Mas não que pra... pra arrumar um boy magia, pra

---

57. «Resistência»: termo êmico do léxico ativista que funde «resistência» e «existência»: existir resistindo, resistir reinventando a sua (o seu direito à) existência.

arrumar mais maricona... Isso esquece porque o homem que vem comigo, nenhum deles quer pegar no meu peito, entendeu?

Assim, para as interlocutoras, tornar-se passável pelo crivo das normatividades de corpo, sexo e gênero é uma forma de criar representações positivas. A mobilidade, portanto, vai muito além do desejo de acumulação de capitais e experiências. Nesse sentido, Vartabedian (2018) afirma que a mobilidade de trans e travestis trabalhadoras do sexo demonstra sua capacidade de agência e os entrelaçamentos com as questões de gênero e sexualidade. Segundo a autora, a particularidade da efetivação do projeto migratório consiste no fato de que elas transpõem fronteiras geográficas, seja no Brasil ou na Europa, motivadas pela acumulação de capital econômico e sua conversão em capital corporal, buscando inteligibilidade de gênero e lugares mais seguros para viver.

As análises das trajetórias de vida por uma sociologia à escala individual revelam os distintos significados atribuídos à mobilidade, aos impactos singulares nas biografias corporais e às diferenças na instrumentalização do trabalho sexual subjacente a cada percurso de vida. As viagens frequentes para diversos países, as deslocações entre contextos sociais e culturais distintos, a heterogeneidade de experiências com clientes de variadas nacionalidades e classes sociais alteram os patrimônios de disposições das trabalhadoras do sexo, colaboram para a constituição de uma imagem positiva de si e para a acumulação de capitais cultural e econômico. Mas as disposições são tão explicativas quanto explicadas: reciprocamente, a acumulação de capitais, a encarnação de *hexis* e *performances* de distinção social e de passabilidade, e a mitigação dos receios de violência e de estigma predispõem e facilitam o acesso a territórios diferenciados e diferenciadores. Tais aspectos só podem ser apreendidos em sua totalidade quando analisados a partir dos entrelaçamentos dos diversos marcadores sociais da diferença e dos capitais acumulados durante as trajetórias das trabalhadoras do sexo trans e travestis. Em suma, as análises demonstraram a complexidade relacionada ao *encarnar a europeia* e os diversos significados atribuídos às biografias corporais e às relações com familiares e grupo de pares das interlocutoras, ou seja, «Há hierarquias entre os próprios corpos desviantes, de modo que há corpos trans que por sua cor, por seu local de origem, por suas condições socioeconômicas aproximam-se mais que outros do ideal de privilégio» (Lustosa, 2016, p. 91).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### DO CORPO ABJETO AO CORPO *GLAMOUROSO*

Este trabalho buscou compreender o papel das trajetórias de vida e da mobilidade na encarnação de biografias corporais de trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras em circulação para e pelo continente europeu. Operacionalizando uma sociologia à escala individual e do corpo através da elaboração e da análise das biografias corporais, busquei apreender os distintos processos e significados atribuídos por elas a *encarnar a europeia*, decifrando os entrelaçamentos de marcadores de desigualdades estruturais e físico-orgânicas, atrelados a suas experiências sociais, e como impactam na (re)produção de biografias corporais. As análises mostraram a constituição dos patrimônios de disposições com as experiências de socialização e de sociabilidade nos contextos sociais e históricos de origem no Brasil, bem como as alterações engendradas com as experiências da mobilidade a Portugal e/ou Europa em suas corporalidades e seus percursos de vida.

As narrativas das interlocutoras evidenciaram o papel das desigualdades estruturais nas decisões subjacentes à constituição de suas biografias corporais. A análise da construção de suas corporalidades femininas revelou como as desigualdades estruturais afetam os processos de (re)produção dos corpos nas sociedades contemporâneas. Paralelamente, os pontos de viragem comuns às suas trajetórias de vida — as primeiras experiências de excorporação de uma identidade feminina, o início do percurso como trabalhadoras do sexo, a mobilidade para a Europa e as experiências durante o trânsito geográfico — permitiram compreender os processos de subjetivação na construção de suas biografias corporais.

No contexto histórico, social, cultural e político brasileiro, marcado pelo colonialismo, pelo patriarcalismo, pela cis-heteronormatividade e pelo capitalismo, as subjetividades de pessoas de gêneros inconformes, a aparência de corpos não normativos e as sexualidades dissidentes são silenciadas, excluídas e reduzidas ao estatuto da abjeção. Assim, a mobilidade para os territórios do trabalho sexual no

continente europeu é compreendida pelas trabalhadoras do sexo como um ponto de viragem em seus percursos de vida, uma vez que lhes permite ressignificar as representações sobre suas subjetividades e corporalidades constituídas no Brasil.

A pesquisa evidenciou também que as trabalhadoras do sexo atuantes em locais com mais recursos ou privilégios acessam mais facilmente os lugares, com menor risco de vulnerabilidade e precariedade. Em seguida, busco sintetizar os distintos significados atribuídos à mobilidade nas biografias corporais, na instrumentalização do trabalho do sexo e nas ressignificações das trajetórias de vida com a obtenção do *status* de *europeia*, socialmente excorporado. Afinal, o que é *encarnar a europeia*?

### **Desigualdades e privilégios na *encarnação da europeia***

As diferenças de origem e suporte familiares manifestaram-se, nas biografias corporais, em processos de (re)produção das desigualdades de classe e de capital cultural (Bourdieu & Passeron, 1992). Mariana e Dalila, provenientes de famílias mais abastadas, tiveram tempo e recursos para a produção de suas corporalidades, bem como o suporte para a encarnação das suas identidades de gênero. As biografias corporais dessas interlocutoras evidenciaram a preocupação de suas famílias, quer com o tipo de biotecnologias incorporadas no processo, quer com o tipo de *performances* associados às suas identidades femininas ainda na adolescência, segundo os gostos de classe. Tais preocupações conduziram à construção de um capital corporal com grande valor expressivo do gênero feminino e elevada passabilidade. O suporte e o capital econômico de suas famílias propiciaram a acumulação de capital cultural que, posteriormente, foi instrumentalizado e convertido qualitativa e quantitativamente em outros capitais durante suas trajetórias de vida e experiências no trabalho sexual. As narrativas dessas interlocutoras com maior suporte e capitais familiares também evidenciaram o papel dos discursos médicos e científicos nas representações que elas e suas famílias detêm sobre a identidade transexual, sob uma perspectiva de inteligibilidade do gênero.

O dispositivo da transexualidade, separando as subjetividades transexuais das travestilidades, criou um protocolo de assepsia da transexualidade mediante a relação entre o sexo anatômico e sua correspondência com uma determinada *performance* de gênero (Bento, 2006). Contudo, o acesso a estes saberes está disponível apenas para algumas das interlocutoras com expressivos capitais econômico e cultural e com acesso facilitado aos discursos médicos e científicos, de algum modo associados aos gostos da elite social e à encarnação de representações

hegemônicas do feminino. Tais saberes são adquiridos, quer através da socialização familiar, quer no decorrer das suas trajetórias de vida. Assim, mais que afirmar determinismos, busquei identificar como as trajetórias de classe social ascendente também permitem, a uma parte das interlocutoras, o acesso a saberes das ciências *psi* que justificam o trânsito identitário de travesti para transexual. Estas discussões demonstraram as alterações dos patrimônios de disposições das interlocutoras e os processos de afirmação e negação dos modelos sociais de definição do feminino (Bento, 2006).

As trajetórias das interlocutoras que foram expulsas de casa pelas suas respectivas famílias permitiram compreender o impacto deste ponto de viragem e, com ele, do *cistema*, dos processos de abjeção e da transfobia estrutural e institucional durante todo o percurso de vida dessas trans e travestis. As narrativas destas interlocutoras são exemplares para a compreensão de como os entrelaçamentos entre identidade de gênero, falta de suporte familiar e classe social desfavorecida tornam-se preponderantes à entrada no mercado do sexo, ainda na adolescência. Mais do que isso, seus percursos de vida retratam o papel do grupo social de trabalhadoras do sexo trans e travestis como uma das suas poucas, ou o mesmo a única rede na obtenção de suporte e de recursos para a subsistência de seus corpos e subjetividades. A excorporação de uma identidade contrária ao do sexo designado ao nascimento é socialmente apontada, frequentemente, como um corpo abjeto. Assim, as amizades, as famílias eletivas e o capital social dos territórios do trabalho sexual são fatores importantes de suporte e de afeto na ausência da instituição família, tanto para o aprendizado de técnicas de modificação do corpo e de estratégias de sobrevivência, quanto para a efetivação do projeto migratório. Portanto, os resultados desta pesquisa corroboram as afirmações do *Transgender Europe*: «O trabalho sexual também pode fortalecer objetivos de desenvolvimento pessoal, uma vez que oferece redes e orientação de outras pessoas trans, geralmente mais experientes, servindo como maneira de afirmação de gênero em sociedades transfóbicas» (Fedorko & Berredo, 2018, p. 7).

A análise das biografias corporais constatou os entrelaçamentos de diversos marcadores da diferença nos processos de exclusão e silenciamento deste grupo social. As trajetórias de trabalhadoras do sexo trans e travestis negras comprovam como os processos de vulnerabilidade e de precariedade são potencializados com as características de racialização, mutuamente constituída com a desigualdade de classe no Brasil. Luna, embora não tenha sido expulsa de casa, teve sua subjetividade marcada pelas violências racistas e pelos receios de acesso ao espaço público. Seu percurso de vida, tal como o de Safira, atesta como as interconexões entre racismo e transfobia impossibilitam a conclusão do ensino formal por pessoas

trans e travestis negras, impelidas à evasão escolar em virtude dos receios da violência existente no espaço escolar e das relações que se estabelecem entre a instituição escolar e os dispositivos da cis-heteronormatividade branca como via única de existência legítima (Oliveira, 2017). As negociações distintas que trans e travestis negras lançam mão na encarnação da identidade de gênero denotam também as estratégias de sobrevivência e resiliência das pessoas que não estão no centro do *cistema* econômico-étnico que (re)produz a estrutura social excludente. Além disso, salientam a importância da discussão das temáticas de gênero e de sexualidade nos currículos escolares para mitigar a violência praticada contra pessoas de gêneros inconformes e sexualidades dissidentes. Conforme apontado por Luma Andrade (2012), a instituição escolar oculta o fracasso nas discussões sobre as diferenças, camuflando a evasão deste grupo social que é induzida pela própria instituição.

As biografias corporais de trans e travestis negras e pobres demonstram como os processos de exclusão e vulnerabilidade estão relacionados aos entrelaçamentos diversificados entre os marcadores de identidade de gênero, a classe social e as características de racialização. O trabalho sexual se inicia precocemente nestes percursos de vida socialmente mais vulneráveis, em que o suporte familiar foi inexistente ou problemático, as trajetórias escolares foram interrompidas e as oportunidades de emprego reduzidas. Assim, o número elevado de pessoas trans e travestis no trabalho sexual é resultado da violência estrutural, institucional e interpessoal sofrida por este grupo social desde o início da vida (Fedorko & Berredo, 2018). O trabalho sexual é uma realidade em sociedades organizadas pelo capital e, por maioria de necessidade, em tempos de crise econômica e de políticas de austeridade. Neste sentido, é premente a necessidade de implementação de políticas que reconheçam os direitos das pessoas trabalhadoras do sexo (Prada, 2018).

As biografias corporais das interlocutoras mais jovens desta pesquisa confirmam as alterações geracionais das representações e das percepções sobre os projetos de corpo de trans e travestis (Pelúcio, 2007; Duque, 2011). O modelo corpulento e com muitas curvas, tão preconizado nas décadas passadas, foi modificado conforme ao padrão de corpo feminino magro e com menos curvas, advindo da indústria de *design* corporal e da moda. As interlocutoras mais jovens têm também uma noção mais clara e, conseqüentemente, mais receios dos efeitos colaterais do silicone industrial, devido ao conhecimento acumulado e compartilhado por trans e travestis mais velhas. Assim, as interlocutoras mais jovens preferem incorporar as técnicas mais invasivas do corpo através do acompanhamento médico. Este novo modelo de corporalidade expressa uma

maior preocupação com a *performance* de gênero feminina em detrimento da encarnação de biotecnologias invasivas no corpo. Paralelamente, as narrativas das interlocutoras mais velhas, que construíram as suas corporalidades mediante outros tipos de projetos corporais e com biotecnologias de uma outra cultura somática, demonstram os limites do corpo na encarnação de outros modelos; um corpo sujeito e que as assujeita, por mais aberto que se torne a projetos de modificação corporal.

As narrativas colaboram também na compreensão dos limites impostos pelo corpo-sujeito, por seus aspectos físico-orgânicos nos processos de transformações do corpo como um acessório. Para encarnar a identidade de gênero, o corpo assume uma posição de acessório que se objetifica. Contudo, uma das preocupações recorrentes nos relatos foi o processo do corpo em constante devir, de autodestruição do corpo projetado, ou ainda as dificuldades de se manter os projetos corporais com o avanço da idade. Partindo das imposições do corpo-sujeito identificadas pelas interlocutoras, busquei detectar os processos de constituição do capital corporal dentro dos limites orgânicos impostos à materialização de um determinado projeto, captando as características particulares que colaboram para ela ou a entram. E ainda como as imposições do corpo-sujeito são negociadas por intermédio das possibilidades abertas por uma indústria de *design* e engenharia corporal que objetifica o corpo, mediante as técnicas de reflexividade carnal disponíveis no interior de uma determinada cultura somática.

### **Diferentes modos de *encarnar a europeia*: A relevância dos capitais da vida**

A mobilidade ao continente europeu é percebida pelas interlocutoras como um ponto de viragem em suas trajetórias de vida. Desde logo, porque a mobilidade mesma é um capital, um recurso distribuído desigualmente e que estabelece entrelaçamentos entre classe, gênero, raça e geração; ou seja, a mobilidade exprime os processos de acumulação e conversão de capitais pelas pessoas na modernidade (Hannan et. al., 2006). O ato de migrar depende de recursos diversos e desigualmente distribuídos e estabelece relações com questões subjetivas, estruturais e de (re)produção das desigualdades. Nesse sentido, é possível afirmar que todas as interlocutoras converteram recursos econômicos, culturais e sociais em capital de mobilidade. Suas trajetórias evidenciam a importância do capital social, das redes migratórias e da *ajuda* na efetivação da mobilidade.

Assim, consegui identificar quatro tipos de processos na obtenção do capital de mobilidade mediante a conversão dos capitais da vida. O primeiro está

relacionado à transferência de capital econômico e de mobilidade pela rede familiar; o segundo, à combinação de capital econômico próprio com a transferência de capital de mobilidade pela rede de pessoas conhecidas ou amigas no Brasil; o terceiro, à combinação de capital econômico próprio com a transferência de capital de mobilidade pela rede de pessoas inseridas no campo prostitucional na Europa; o quarto e último, ao financiamento da mobilidade por pessoas amigas ou conhecidas no campo prostitucional brasileiro, pelas trabalhadoras do sexo que não detinham capital econômico para adquirirem as suas passagens.

As motivações das interlocutoras para a realização do trânsito geográfico para a Europa estão relacionadas a fatores estruturais, materiais e subjetivos. Em um nível macro, predominam, por um lado, as violências físicas e simbólicas transfóbicas sofridas no Brasil e, por outro, a possibilidade de que suas identidades de gênero e suas subjetividades femininas sejam socialmente reconhecidas no continente europeu, de modo que possam acessar o espaço público sem receio. As experiências de algumas das interlocutoras demonstram como o *cistema* impede que muitas mulheres trans e travestis tenham possibilidade de excorporar suas identidades de gênero nos seus contextos de origem, em virtude da escassez de referências e de suporte para encarnação das especificidades em suas identidades femininas; no caso de Luna, por exemplo, foi a mobilidade que ensinou encarnar permanentemente sua identidade de gênero, devido aos entrelaçamentos dos marcadores de identidade de gênero, classe e raça que constroem as possibilidades de sua trajetória social e biografia corporal. As interlocutoras com experiências nos campos prostitucionais brasileiros também afirmam que uma das motivações para a efetivação do projeto migratório foram as melhores condições do trabalho sexual na Europa, relacionadas à segurança no trabalho sexual e às relações diferenciadas com os clientes europeus.

No âmbito brasileiro, a mobilidade interna nos territórios do trabalho sexual revelou-se um importante fator na obtenção de disposições para a mobilidade para a Europa, tais como o aprendizado das especificidades de funcionamento dos campos prostitucionais e de estratégias do trabalho do sexo, e a construção de redes de pessoas que permitiram a algumas das interlocutoras a conversão de capital social em capital de mobilidade. As biografias de Verônica, Tainá, Yara, Débora e Safira indicam a importância das experiências nas grandes cidades brasileiras na abertura de novas perspectivas de trajetórias e de novas representações sobre as identidades trans e travestis e sobre o trabalho sexual. É nas grandes cidades que mulheres trans e travestis brasileiras têm melhores oportunidades, tanto financeiras com a comercialização de *performances* sexuais como para a conversão desse capital econômico em capitais corporal e de mobilidade

(Vartabedian, 2018). A constante troca de experiências nesses territórios com outras trabalhadoras sexuais que já obtiveram sucesso na mobilidade, com a aquisição de informações, e a reverberação das representações sobre a segurança, a liberdade, a riqueza, o luxo e o *glamour* na Europa, são motivações para a realização do trânsito internacional.

O acesso aos campos prostitucionais do continente europeu com maiores vantagens econômicas atesta a importância da acumulação dos capitais de vida na obtenção de melhores condições sociais, culturais e econômicas. Particularmente, o capital de mobilidade, consubstancializado em passaporte, documentos de residência e domínio de línguas, é um importante recurso na obtenção de uma posição privilegiada nos campos prostitucionais europeus. Identifiquei quatro tipos de práticas de circulação pelos territórios do trabalho sexual que atestam essa relevância e as experiências diferentes e diferenciadoras que os trânsitos permitem. O primeiro tipo, *sedentário*, se caracteriza por trabalhadoras do sexo que residem em Lisboa, com poucas disposições para a mobilidade e/ou falta de documentação que a facilite. O segundo, de *mobilidade restrita*, inclui trabalhadoras do sexo que, embora tenham realizado a mobilidade pelos campos prostitucionais europeus em algum momento da trajetória de vida, durante a produção dos dados estavam trabalhando somente em Portugal devido à falta de documentos. O terceiro, de *mobilidade arriscada*, contempla as interlocutoras com disposições para a mobilidade e que nela se arriscam desprovidas de documentos. O quarto, de *circulação itinerante*, é composto por trabalhadoras sexuais com elevado capital de mobilidade e forte disposição à mobilidade, habituadas a circular pelos territórios do trabalho sexual no continente europeu e mesmo no mundo, demonstrando a importância da acumulação dos capitais de vida na obtenção de autonomia, de agência e de sucesso nos campos prostitucionais na Europa.

As interlocutoras com melhor posição de poder nos campos prostitucionais apresentam elevado capital de mobilidade, incorporaram disposições para a realizarem e dominam as estratégias do trabalho do sexo relacionadas à compreensão dos distintos campos prostitucionais no continente europeu. Suas trajetórias revelam como os capitais econômico, corporal, cultural e social, com seus recíprocos processos de conversão, permitem a obtenção de agência e de autonomia. Evidenciam também os efeitos das diferentes e diferenciadoras experiências na circulação constante por distintos territórios do trabalho sexual nas alterações dos patrimônios de disposições e biografias corporais, na representação que fazem de si, nas representações que outras pessoas fazem delas, nas suas representações sobre o Brasil e na compreensão das desigualdades do continente europeu. Suas experiências heterogêneas nos territórios do trabalho sexual e na vida pública,

com a circulação constante pelos distintos contextos sociais, culturais, econômicos e políticos na Europa, ativam e colaboram para adquirir disposições reflexivas. A aquisição de capital de mobilidade, particularmente o representado pela posse de documentos de cidadania, confere-lhes maior segurança diante das possíveis situações estigmatizantes relacionadas à identidade de gênero e à xenofobia.

As narrativas das trabalhadoras do sexo do tipo *circulação itinerante* revelam também uma compreensão mais ampla das desigualdades econômicas, sociais, culturais e políticas do continente europeu. Elas justificam a circulação pelas diferenças dos preços das *performances* sexuais, um fator preponderante à acumulação de capital econômico e sua conversão em outros tipos de capitais. Paralelamente, as interlocutoras com trânsito pelo norte da Europa afirmam as diferenças de sociabilidade na vida pública, tais como, o maior respeito a suas identidades de gênero, a segurança na prestação do trabalho sexual, relacionada sobretudo à regulação e ao reconhecimento da prostituição como trabalho, fatores de obtenção de agência e autonomia. Via de regra, *encarnar a europeia* é um processo subordinado ao acesso e à compreensão das diferenças e desigualdades existentes no continente europeu.

Os países onde o trabalho do sexo é regulamentado são percebidos como mais vantajosos pelas interlocutoras com documentos, devido à segurança no trabalho sexual e pelo fato de vedarem o acesso a trabalhadoras sexuais desprovidas de documentos, eliminando assim uma eventual concorrência. Apesar das diferenças entre os países do sul e os do norte europeu, a maioria das interlocutoras escolheram Portugal como país de residência devido às proximidades culturais e linguísticas, sem prejuízo da possibilidade de viajarem para outros países com melhores possibilidades de acumulação de capital econômico.

As relações estabelecidas com clientes, namorados e outras pessoas trabalhadoras do sexo na Europa foram nomeadas pelo termo êmico *ajuda*. Geralmente, além de proporcionar informações sobre os campos prostitucionais e servir como suporte econômico e afetivo, ela é imprescindível à obtenção de documentos que legalizem a mobilidade. A obtenção do passaporte europeu confere segurança no trânsito, o que propicia o aprendizado das regras do jogo migratório, das estratégias de ganho, da conservação de recursos e sua conversão em outros trânsitos geográficos (Oliveira & Kulaitis, 2007). Neste contexto, o domínio de línguas provou ser outro marcador importante na obtenção de autonomia e agência nos territórios do trabalho sexual. A falta deste recurso retira mais-valia da trabalhadora sexual nos campos prostitucionais da Europa, devido à dependência de outra pessoa para organizar expedientes do trabalho, tais como os anúncios, o contato com os clientes, etc.

As diferenças nas trajetórias e biografias corporais confirmaram a importância de compreender as experiências de pessoas trabalhadoras do sexo para além de um olhar generalizante relacionado às vulnerabilidades, à precariedade e ao tráfico internacional de pessoas, perspectiva fomentada pelos Estados que criam leis para vitimizar este grupo social e, simultaneamente, atuam a partir de uma política de diminuição da delinquência (Oliveira, 2017) e de criminalização da migração e do trabalho sexual (Fedorko & Berredo, 2017). Estas políticas estatais acabam contribuindo para a marginalização e exclusão de pessoas trabalhadoras do sexo trans e travestis mediante «[...] abordagens punitivistas para “combater” a pobreza, a falta de moradia e o uso de drogas, condições de vida e de trabalho cada vez mais precárias e disparidades raciais, de gênero e econômicas crescentes em todo o mundo» (Fedorko & Berredo, 2017, p. 4).

Portanto, as análises demonstraram a complexidade envolvida na compreensão da realidade social. A análise dos percursos de vida de trabalhadoras do sexo trans e travestis através de uma sociologia à escala individual e corporal revelou os inúmeros entrelaçamentos dos marcadores da diferença na conformação de exclusões e de silenciamentos, bem como sua relação com o poder exercido pelo Estado sobre esta população. No interior deste debate, Butler afirma ser salutar uma crítica à violência do Estado, para as lutas por igualdade não serem apropriadas pelos dispositivos de poder. Precisamos identificar e reconhecer as múltiplas alianças existentes entre as diversas minorias que são sistematicamente violentadas, e como os processos de normatização e coerção operam para realizar divisões e desviar o olhar das violências operadas pelo próprio Estado (Butler, 2017b).

A mobilidade para a Europa também é compreendida como um ponto de viragem nas biografias corporais, uma vez que permite a conversão do capital econômico acumulado nos campos prostitucionais em capital corporal. *Encarnar a europeia* promove alterações nos projetos corporais, dada a maior possibilidade de acesso às biotecnologias de transformação corporal, o impacto das experiências diferentes e diferenciadoras nos campos prostitucionais sobre a vida pública e os projetos de corpo, experiências estas que se relacionam às alterações das disposições estéticas. Paralelamente, as interlocutoras compreendem as experiências no continente europeu como motivadoras à constituição de responsabilidade (*juízo*) e às alterações das disposições para a reflexividade, para a cultura e para a educação, uma vez que assimilam as diferenças culturais entre os diversos países por onde circulam. A circulação constante entre os territórios do trabalho sexual na Europa possibilita ainda compreender a constituição de estratégias do trabalho do sexo relacionadas ao espaço geográfico, ou seja, à escolha dos melhores locais e campos prostitucionais.

## **Não basta ser *européia*: Da necessidade de estratégias no trabalho do sexo**

A constituição de estratégias no trabalho sexual apresentou-se como um importante recurso para a obtenção e manutenção de uma boa posição nos territórios do trabalho sexual. Quanto maior a acumulação de capitais da vida pelas interlocutoras, maior a possibilidade de incorporar estratégias que auxiliam nas disputas travadas nos campos prostitucionais. As estratégias foram definidas como reflexo do aprendizado e das experiências de disputa dos capitais disponíveis no campo (Bourdieu, 2004). Algumas das estratégias do trabalho do sexo relacionadas ao espaço geográfico foram compreendidas como uma tentativa de contornar os impactos da crise econômica europeia que se estende desde 2008.

As interlocutoras que circulam frequentemente pelo continente europeu buscam evidenciar novidade nos anúncios publicados nos territórios do trabalho sexual. Conforme identifiquei, a novidade é um importante fator na captação de clientes, principalmente para as interlocutoras que comercializam *performances* menos especializadas. Para algumas delas, a circulação frequente pelas cidades do interior de Portugal é uma possibilidade de acessar campos prostitucionais com poucas trabalhadoras do sexo. Para outras, as estratégias do trabalho sexual podem ser identificadas na escolha de um local de trabalho que favoreça a captação de clientes que estão temporariamente na cidade. Contudo, a prática de estratégias mais elaboradas referentes ao espaço geográfico esbarra na falta de capital de mobilidade, nomeadamente de documentos que legalizem a mobilidade e o domínio de línguas.

As narrativas das interlocutoras bem posicionadas nos campos prostitucionais permitem afirmar que em Portugal, a despeito de ser um país com algumas facilidades na efetivação do projeto migratório devido aos acordos bilaterais e à proximidade cultural e linguística, se praticam preços mais baixos do que outros países da Europa. A aquisição de capital de mobilidade e a circulação constante pelos territórios do trabalho sexual favorecem a compreensão dos diversos campos prostitucionais e a escolha dos melhores locais para trabalhar e viver. Uma vez definido o local, algumas das interlocutoras mais bem posicionadas utilizam estratégias visando a proteção do território, incluindo a verificação dos preços oferecidos pelas demais trabalhadoras do sexo inseridas naquele campo prostitucional e a pressão social sobre as concorrentes que ameaçam baixá-los.

A análise dos anúncios publicados nas plataformas virtuais em Portugal mostrou a relevância das fotos valorizando o capital corporal em sua qualidade, quantidade e forma. As fotos buscam destacar a feminilidade, a utilização de signos e de tecnologias estimuladoras do ciclo de excitação–frustração dos clientes

(Preciado, 2018), e também explicitam a importância da codificação etária do corpo (Ferreira, 2011). Destacam as dimensões do pênis ereto, o que pode ser percebido como uma das primeiras estratégias do trabalho sexual na captação e fidelização de clientes; as próprias narrativas das interlocutoras relatam que o órgão é um importante recurso na publicização para a captação de clientes.

As narrativas sobre as práticas sexuais executadas nos campos prostitucionais também explicitam a centralidade do pênis e da ejaculação neste tipo específico de sexo pago (Hocquenghem, 2009, p. 72). Portanto, algumas das interlocutoras afirmam que o sucesso que obtiveram na indústria do sexo está relacionado a este componente específico do capital corporal. O esperma finaliza e materializa a autenticidade da *performance* sexual. Parte considerável das estratégias é instrumentalizada para este desejo típico dos clientes, incluindo o uso de técnicas de simulação do orgasmo e da ejaculação. Devido a este fator, as mulheres trans que passaram pela cirurgia de confirmação de gênero afirmam alterações na carteira de clientes após o procedimento cirúrgico, nomeadamente Sheila, que considerou a cirurgia uma desvantagem no mercado. Ao invés, Débora, com melhor posição no campo prostitucional, elaborou estratégias que permitem a captação de clientes com interesse em seu capital corporal distintivo e considerou o seu ofício como uma possibilidade de atestar sua feminilidade nas *performances* que realiza.

Os limites impostos pelo corpo-sujeito na produção da ereção — mais acentuados entre as trans e travestis que utilizam hormônios femininos, como um dos efeitos colaterais da hormonização — são contornados com a utilização do Viagra, compreendido como uma prótese biomolecular na (re)produção das *performances* sexuais (Preciado, 2018). Assim, o corpo, no trabalho do sexo, pode ser compreendido como um acessório (Le Breton, 2003), um instrumento na (re)produção das *performances*. É no e sobre o corpo que grande parte das estratégias do trabalho do sexo são instrumentalizadas. As estratégias centradas no corpo podem estar relacionadas também a um aspecto físico-morfológico da trabalhadora do sexo, tais como características de racialização, estatura ou passabilidade.

Os cuidados na preparação do corpo ficaram patentes no uso de técnicas, práticas e conhecimentos de reflexividade carnal, que dão vantagens nas disputas por uma posição de sucesso nos territórios do trabalho sexual. A primeira e mais importante técnica consiste na higienização dos corpos, seu e do cliente, para colaborar na potencialização das práticas sexuais que serão executadas. O controle do corpo também está relacionado ao controle das técnicas usadas para constituir uma corporalidade feminina, para evitar problemas aos clientes, resultantes, por exemplo, do excesso de batom ou perfume. As experiências no trabalho do sexo também permitem a compreensão dos desejos dos clientes pela

leitura da *hexis* corporal, aprendizado que colabora no sucesso profissional da trabalhadora do sexo e gera poder sobre o cliente nas relações estabelecidas nos campos prostitucionais.

A especialização em práticas e técnicas sexuais foi percebida como outra importante estratégia, tanto na captação e fidelização de clientes quanto na obtenção de uma posição de sucesso nos campos prostitucionais. A especialização possibilita a manutenção da posição no campo prostitucional, mesmo quando a trabalhadora do sexo não pode implementar estratégias do trabalho do sexo na circulação geográfica. Além disso, as trabalhadoras do sexo especialistas em práticas e técnicas sexuais adquirem vantagens perante as concorrentes que comercializam apenas sexo oral e penetração. De modo geral, as trabalhadoras do sexo bem posicionadas nos territórios do trabalho sexual apresentam maior capital cultural, compreendem as diversas realidades existentes nos campos prostitucionais e usam esses recursos para instrumentalizar estratégias que permitam a seleção dos clientes e a diminuição das vulnerabilidades existentes no trabalho do sexo. Assim, as trajetórias de mobilidade social ascendente contradizem os discursos disseminados pelo senso comum, pelas teorizações abolicionistas e por Estados, referentes às pessoas trabalhadoras do sexo e à prostituição, os quais tendem para generalizações sobre a vulnerabilidade, a precariedade e as experiências de violência.

A especialização em práticas sexuais expõe também a importância das tecnologias na (re)produção das *performances*, seja pelo uso de indumentárias que fomentam o desejo e fetiche dos clientes, seja pela utilização de brinquedos sexuais que potencializam a *performance* e podem ser percebidas como mais uma via de fidelização, fomentando o aspecto de novidade. Não obstante, é mister ressaltar algumas lacunas deste estudo, no que diz respeito a uma análise mais sistemática dos efeitos da especialização sexual e da utilização de tecnologias na obtenção de uma posição privilegiada nos campos prostitucionais e na fidelização de clientes.

As experiências intersubjetivas no mercado do sexo vão atualizando as disposições das interlocutoras para a sexualidade. As práticas sexuais requisitadas frequentemente pelos clientes nos diversos campos prostitucionais passam a ser utilizadas como estratégias do trabalho sexual. A circulação pelos distintos territórios do trabalho sexual no continente europeu permite a compreensão das diferenças culturais relacionadas à sexualidade, que podem ser convertidas em novas estratégias do trabalho do sexo. Contudo, embora algumas delas possam ser convertidas em disposições das protagonistas para a sexualidade, outras podem não fazer parte dessas disposições, sendo executadas tão somente devido aos preços elevados da *performance*.

Outro exemplo de como as *performances* sexuais executadas nos campos prostitucionais impactam subjetivamente as trabalhadoras do sexo é o das representações sobre a feminilidade baseadas na cis-heteronormatividade. As disposições para a sexualidade constituídas nas primeiras socializações das trans e travestis não raramente estão associadas a representações do prazer feminino como o de um corpo penetrável. Entretanto, a centralidade que o pênis adquire no mercado do sexo trans e travesti e as *performances* sexuais solicitadas pelos clientes alteram as disposições à sexualidade e aos projetos de corpo. Tais alterações podem estar relacionadas às estratégias de obtenção de capital econômico ou à facilidade de sua execução, sendo ativa durante o convívio. Assim sendo, as experiências no trabalho do sexo possibilitam também o autoconhecimento dos seus corpos e desejos.

Em Portugal, as estratégias do trabalho sexual refletem também a instrumentalização, na captação de clientes, das representações coloniais sobre a sexualidade brasileira, relacionadas à exposição do corpo, à «morenidade», à sensualidade e à liberdade sexual (Dolabella, 2015; Silva & Ornat, 2012). Contudo, para as trabalhadoras do sexo bem posicionadas nos campos prostitucionais, essas representações sobre a brasilidade estão associadas também à baixa capacidade intelectual, o que não atrai o cliente «fino» e com elevado capital econômico. Assim, algumas das trabalhadoras do sexo com dupla nacionalidade utilizam os estereótipos da sexualidade brasileira para captar clientes em Portugal, mas ocultam a nacionalidade brasileira quando circulam por outros países do continente europeu.

### **A ressignificação das trajetórias de vida e das biografias corporais**

A mobilidade é percebida como um ponto de viragem nas trajetórias de vida e biografias corporais, porque permite alterações no modo de ser e estar a partir das experiências nos territórios do trabalho sexual e na vida pública, sobretudo aquelas relacionadas ao luxo e ao *glamour*. Segundo as interlocutoras, as experiências no continente europeu foram responsáveis por lapidar a sua feminilidade, encarnando representações de classe alta, bem como uma possibilidade de acumulação de capital cultural com as alterações nas disposições para a cultura e a educação em sua trajetória de mobilidade social ascendente. Outrossim, a mobilidade é percebida pela conquista de agência, de autoconfiança e de autoestima com relação à feminilidade e à identidade de gênero. Isto se deve à heterogeneidade de experiências com clientes das mais variadas nacionalidades

e classe sociais, à acumulação de capital econômico, ao acesso à vida pública e às biotecnologias de modificação do corpo, dentro de um processo que confere passabilidade e, conseqüentemente, mitiga o receio da violência transfóbica e *cistêmica* que demarcam suas trajetórias de vida no Brasil.

Assim, as trajetórias diferentes e diferenciadoras, os inúmeros países visitados, as biotecnologias encarnadas, o acesso aos territórios privilegiados do trabalho sexual e a alguns bens associados ao luxo e *glamour* possibilitam a constituição de um capital de prestígio relacionado ao estilo de vida de trabalhadoras do sexo trans e travestis em mobilidade transnacional. As análises demonstraram que a aquisição do *status* de *européia* altera a posição de poder da trabalhadora sexual após o regresso ao Brasil, devido sobretudo à acumulação de capital econômico e sua conversão em bens de consumo associados à elite econômica e social. Esses aspectos colaboram para a reafirmação das suas trajetórias a partir de classificações hierarquizantes no interior de sociedades organizadas pelo capital. Portanto, a encarnação da europeia passa pela (re)produção de disposições e práticas vivenciadas durante a mobilidade, e pela incorporação de signos de mobilidade social ascendente, obtidos com o capital econômico para valorizar os aspectos singulares de suas trajetórias e biografias corporais.

Esta pesquisa logrou perceber diferenças nos usos conferidos ao capital econômico, de acordo com a classe social da trabalhadora do sexo. As interlocutoras advindas de classes menos favorecidas utilizam parte do capital econômico para melhores condições de vida para si e para suas famílias, o que por sua vez ressignifica as relações familiares, amiúde com o reconhecimento da identidade de gênero feminina. Por outro lado, aquelas oriundas de classes sociais mais favorecidas utilizam o capital econômico para garantir a estabilidade financeira no futuro e para usufruir dos ganhos do seu trabalho em viagens e no desenvolvimento de outras habilidades. Estas últimas interlocutoras compreendem o aspecto distintivo de suas trajetórias privilegiadas no conjunto das trabalhadoras do sexo trans e travestis.

A passabilidade é percebida pelas interlocutoras como um fator essencial na obtenção de prestígio. Nesta pesquisa, a passabilidade foi analisada sob um viés estratégico de resistência e de segurança perante as violências cissexistas, bem como de sobrevivência à transfobia (v., 2015). Entretanto, convém salientar que a passabilidade cisgênera não é possível para algumas interlocutoras cujas trajetórias foram marcadas por uma origem de classe social desfavorecida, que inviabilizou o acesso a biotecnologias de transformação do corpo em uma perspectiva binária da identidade de gênero, ou ainda devido aos assujeitamentos às questões físico-orgânicas do corpo.

O corpo surge aqui como um biocódigo aberto à manipulação e à (re)produção de identidades e diferenças (Preciado, 2018). O gênero nunca é autêntico (Butler, 2010), e o gênero encarnado passa sempre pela incorporação de biotecnologias (Preciado, 2018). Assim, generificar o corpo é selecionar tecnologias disponíveis em uma determinada cultura somática para sua (re)produção. O questionamento por Tainá, logo no início deste livro, evidencia sua consciência de que entre os processos de (re)produção do corpo por pessoas cis e trans, a diferença está no protocolo — em virtude do poder médico que incide sobre os corpos e subjetividades de pessoas trans e travestis. Estas, ao romper com a norma cisnormativa e binária, expõem os dispositivos de disciplina e de controle que incidem sobre todas as corporalidades e subjetividades, cujas infrações são sancionadas com a abjeção. Daí advém muito do pânico moral sobre corpos não normativos, gêneros inconformes e sexualidades dissidentes.

O que as experiências e biografias corporais das interlocutoras demonstram é a complexidade que as discussões sobre corpo, gênero e sexualidades assumiram na cena pública com a obtenção de direitos de cidadania pela população LGBTQIA+ e com a entrada — mesmo que residual — de pessoas trans e travestis em espaços de discussão, tais como universidades, mídia, entre outros. Esses processos ampliaram as possibilidades de pensar o corpo, o gênero e a sexualidade de pessoas travestis, trans e cis. Se em décadas passadas as experiências trans e travestis estavam limitadas a modificações corporais precárias, à prostituição e à abjeção, no contexto atual, e a despeito da vulnerabilidade e precariedade vivenciadas por uma parte considerável destas pessoas, temos visto uma expansão nas possibilidades de suas experiências, corporalidades e subjetividades, bem como a obtenção de melhores condições de vida para si e/ou para suas famílias.

Portanto, compreender o processo de *encarnar a europeia* passou também por identificar o início das biografias corporais femininas nas primeiras socializações nos contextos de origem no Brasil, reconhecendo o entrelaçamento das diversas desigualdades estruturais e físico-orgânicas e seus impactos na (re)produção de subjetividades e nos processos de constituição do corpo como devir. *Encarnar a europeia* é ressignificar o corpo abjeto para corpo acessório, ou seja, capital corporal instrumentalizado durante a mobilidade nos territórios do trabalho sexual e sua conversão em outros capitais.

As estratégias do trabalho do sexo colaboraram para a compreensão das desigualdades existentes nos territórios do trabalho sexual. As trabalhadoras com mais recursos, trajetórias de vida com mais privilégios e em ascensão social dispõem de mais estratégias do trabalho sexual, e, conseqüentemente, de uma boa posição de poder nos territórios do trabalho do sexo na Europa. Comparativamente, as

trajetórias de vida de Leila, Diana, Debora e Dalila permitiram apreender desigualdades e diferenças no processo de *encarnar a europeia* entre trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras. Estas quatro interlocutoras fazem parte de uma elite do trabalho sexual, ostentam elevada acumulação de capitais de mobilidade, corporal, econômico, social e cultural, o que, por sua vez, lhes permite a *circulação itinerante* pelos diversos campos prostitucionais e a acumulação de mais vantagens. Nas narrativas dessas interlocutoras, a própria mobilidade é percebida como um aspecto de classe, elitizando as suas trajetórias perante outras pessoas de seu círculo social.

Logo, a reprodução das desigualdades de classe e de capital cultural apresentou-se como importante marcador dos percursos de vida, das biografias corporais e dos modos de instrumentalização do trabalho do sexo por trans e travestis brasileiras no continente europeu. A acumulação de capital econômico em diferentes experiências de (i) mobilidade assegura o acesso a diferentes biotecnologias de transformação do corpo, convertíveis em formas desiguais de capital corporal. Todas, contudo, convergem para o ideal da *encarnação da europeia*. A obtenção de sucesso nos territórios do trabalho sexual durante a mobilidade possibilitou a constituição de justificativas para exercer o trabalho do sexo, perante a família, pessoas amigas e a comunidade. Tais fatores colaboraram na obtenção de segurança financeira, melhores condições de vida, sucesso e orgulho socialmente reconhecidos. As dificuldades do país de origem relacionadas às desigualdades de classe, à transfobia estrutural e às representações de abjeção sobre o corpo são assim resignificadas ao longo das vivências na Europa, as quais resultam na obtenção de um capital simbólico cujo reconhecimento depende, em larga medida, da encarnação de recursos e símbolos conotados com as representações de *glamour* e de luxo atribuídas à experiência europeia.

## REFERÊNCIAS

- Agustín, L. M. (2000). Trabajar en la industria del sexo. *OFRIM Suplementos*, 6, 155-172.
- Albuquerque, F. F. (1995). *A princesa: A história do travesti brasileiro na Europa escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha*. Nova Fronteira.
- Amândio, S. L., Abrantes, P., & Lopes, J. T. (2016). Introdução. In S. L. Amândio, P. Abrantes & J. T. Lopes (Eds.). *A vida entre nós: Sociologia em carne viva* (pp. 14-28). Deriva.
- Andrade, L. N. (2012). *Travestis na escola: Assujeitamento e resistência à ordem normativa*. [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Ceará]. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>
- Arango, J. (2003). La explicación teórica de las migraciones: Luz y sombra. *Migración y Desarrollo*, (1), 1-30. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66000102>
- Bagagli, B. P. (2019). *Discursos transfeministas e feministas radicais: Disputas pela significação da mulher no feminismo*. [Dissertação de mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas]. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2019.1090697>
- Baldini, M. (2011). *Bruna Surfistinha* [Filme]. TV Zero.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Jorge Zahar.
- Belizário, F. B. (2018). *Travestis brasileiras no sul da Europa: subalternidade e reconhecimento nas fronteiras do gênero e sexualidade*. [Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra]. <http://hdl.handle.net/10316/87492>
- Benedetti, M. (2005). *Toda feita: O corpo e o gênero das travestis*. Garamond.
- Benevides, B. G. (2022). *Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*. ANTRA. <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: Gênero e sexualidade na experiência transexual*. Garamond.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Marco Zero.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: Sobre uma teoria da ação*. Papirus.
- Bourdieu, P. (2002). A ilusão biográfica. In M. M. Ferreira & M. Amado (Eds.), *Usos & abusos da história oral* (5ª ed., pp. 183-191). Fundação Getúlio Vargas.
- Bourdieu, P. (2004). *As coisas ditas*. Brasiliense.
- Bourdieu, P. (2007). *Escritos de educação* (9ª ed.). Vozes.
- Bourdieu, P. (2013). Capital simbólico e classes sociais. *Novos Estudos CEBRAP*, (96), 105-115. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000200008>
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (1992). *A reprodução* (3ª ed.). Livraria Francisco Alves.
- Butler, J. (2010). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2017a). *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* (3ª ed.). Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2017b). *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Autêntica.

- Caetano, A. (2012). A análise da reflexividade individual no quadro de uma teoria disposicionalista. In J. T. Lopes (Ed.), *Registos do actor plural: Bernard Lahire na sociologia portuguesa* (pp. 15-29). Afrontamento.
- Carneiro, S. (2003). Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, 17(49), 117-133. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>
- Carrijo, G. G. (2011). Imagens em trânsito: Narrativas de uma travesti brasileira. In A. Piscitelli, G. O. Assis & J. M. N. Olivar (Eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 263-320). UNICAMP.
- Casteleira, R.P. (2014). *As sereias também envelhecem: Memória, corpo e travestilidade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3114>
- Coelho, B. (2009). *Corpo adentro: Prostitutas acompanhantes em processo de invenção de si*. Difel.
- Cohen, R. (2005). Globalização, migração internacional e cosmopolitismo quotidiano. In A. Barreto (Ed.), *Globalização e migrações* (pp. 25-44). Imprensa de Ciências Sociais.
- Conde, I. (1993). Problemas e virtudes na defesa da biografia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (13), 39-57. <https://sociologiapp.iscte-iul.pt/fichaartigo.jsp?pkid=269>
- Costa, A. F., Lopes, J. T., Caetano, A., & Rodrigues, E. A. (2014). Um modelo teórico e metodológico: Análise do sucesso, insucesso e abandono no ensino superior. In A. F. da Costa, J. T. Lopes & A. Caetano, *Percursos de estudantes no Ensino Superior: Fatores e processos de sucesso e insucesso* (pp. 5-32). Mundos Sociais.
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, (1), 139-167. <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the margins: Intersectionality, identity, politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241-1299. <https://doi.org/10.2307/1229039>
- Cresswell, T. (2009). Seis temas na produção das mobilidades. In R. M. do Carmo & J. A. Simões (Eds.), *A produção das mobilidades* (pp. 25-40). Imprensa de Ciências Sociais.
- Cresswell, T. (2010). Towards a politics of mobility. *Environment and Planning D: Society and Space*, 28(1), 17-31. <https://doi.org/10.1068/d11407>
- Crosley, N. (2005). Mapping reflexive body techniques: On body modification and maintenance. *Body & Society*, 11(1), 1-35. <https://doi.org/10.1177/1357034X05049848>
- Despentes, V. (2016). *Teoria King Kong*. N-1 Edições.
- Dolabella, L. T. (2015). *Copos, corpos e afetos: Gênero, sexualidade e imigração no contexto das casas de alterne* [Tese de doutoramento, Iscte-Instituto Universitário de Lisboa]. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12056>
- Douglas, M. (1967). *Purity and danger: An analysis of concepts of pollution and taboo*. Routledge & Kegan Paul.

- Dubar, C. (2006). *A crise das identidades: A interpretação de uma mutação*. Afrontamento.
- Duque, T. (2011). *Montagens e desmontagens: Desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. Annablume.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Elefante.
- Fedorco, B., & Berredo, L. (2017). O círculo vicioso da violência: Pessoas trans e gênero-diversas, migração e trabalho sexual. *Transgender Europe (TGEU)*. <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/01/TvT-PS-Vol19-2017.pdf>
- Feixa, C. (2018). *La imaginación autobiográfica: Las historias de vida como herramienta de investigación*. Gedisa.
- Fernandes, F. (1978). *A integração do negro na sociedade de classes* (3ª ed.). Ática.
- Ferreira, V. S. (2008). Be some body: Modificação corporal e plasticidade identitária na sociedade contemporânea. In M. V. Cabral, K. Wall, S. Aboim & F. C. da Silva (Eds.), *Itinerários: A investigação nos 25 anos do ICS* (pp. 671-689). Imprensa de Ciências Sociais.
- Ferreira, V. S. (2011). Dar corpo à juventude: O corpo jovem e os jovens nos seus corpos. In R. Bendit, J. M. Pais & V. S. Ferreira (Eds.), *Jovens e rumos* (pp. 257-276). Imprensa de Ciências Sociais.
- Ferreira, V. S. (2013). Resgates sociológicos do corpo: Esboço de um percurso conceptual. *Análise Social*, 48(208), 494-528. [http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732013000300001&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732013000300001&lng=pt&nrm=iso)
- Ferreira, V. S. (2014). Artes e manhas da entrevista compreensiva. *Saúde e Sociedade*, 23(3), 979-992. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000300020>
- Field-Springer, K. (2019). Reflexive embodied ethnography with applied sensibilities: Methodological reflections on involved qualitative research. *Qualitative Research*, 20(2), 194-212. <https://doi.org/10.1177/1468794119841835>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (s.d.). *Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>
- Foucault, M. (1986). *Microfísica do poder* (6ª edição). Graal.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (2009). *O cuidado de si* (10ª ed., História da sexualidade, Vol. 3). Graal.
- Foucault, M. (2011). *A vontade de saber* (21ª ed., História da sexualidade, Vol. 1). Graal.
- Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Zahar.
- Giddens, A. (1997). *Modernidade e identidade pessoal*. Celta.
- Giuliani, G. (2016). Monstrosity, abjection and Europe in the war on terror. *Capitalism, Nature, Socialism*, 27(4), 96-114. <https://doi.org/10.1080/10455752.2016.1192212>
- Hannan, K., Sheller, M., & Urry, J. (2006). Editorial: Mobilities, immobilities and moorings. *Mobilities*, 1(1), 1-22. <https://doi.org/10.1080/17450100500489189>

- Haraway, D. (1997). *Modest witness@second\_millennium.femaleman\_meets\_oncomouse: Feminism and technoscience*. Routledge.
- Haraway, D. (2009). Manifesto ciborgue. In D. Haraway, H. Kunzru & T. Tadeu (Eds.), *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano* (pp. 33-118). Autêntica.
- Helene, D. (2015). *Preta, pobre e puta: A segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga*. [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Hocquenghem, G. (2009). *El deseo homosexual*. Melusina.
- Jarrín, A. (2017a). Del blackface y la ‘nariz negroide’: La biopolítica de la fealdad en el Brasil. *Avá*, (31), 143-158. [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1851-16942017000200007](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16942017000200007)
- Jarrín, A. (2017b). *The biopolitics of beauty: Cosmetic citizenship and affective capital in Brazil*. University of California Press.
- Jensen, A. (2011). Mobility, space and power: On the multiplicities of seeing mobility. *Mobilities*, 6(2), 255-271. <https://doi.org/10.1080/17450101.2011.552903>
- Jesus, J. G., & Alves, H. (2010). Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Cronos*, 11(2), 8-19. <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150>
- Kaufmann, J.-C. (2013). *A entrevista compreensiva: Um guia para pesquisa de campo*. Vozes e Edufal.
- Kilomba, G. (2010). *Plantation memories: Episodes of everyday racism* (2ª edição). UNRAST-Verlag.
- Kulick, D. (2008). *Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Fiocruz.
- Lahire, B. (2001). *O homem plural: As molas da ação*. Instituto Piaget.
- Lahire, B. (2004). *Retratos sociológicos: Disposições e variações individuais*. Artmed.
- Lahire, B. (2005). Patrimônios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (49), 11-42. [http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292005000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292005000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Laqueur, T. W. (2001). *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Relume Dumará.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. Editora 34.
- de Lauretis, T. (1987). *Technologies of gender: Essays on theory, film and fiction*. Indiana University Press.
- Le Breton, D. (1982). Corps et symbolique social. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 73, 223-232. <https://www.jstor.org/stable/40690011>
- Le Breton, D. (2000). Figures du corps accessoire: Marques corporelles, culturisme, transsexualisme. In C. Fintz (Ed.), *Les imaginaires du corps* (Tomo 2, pp. 207-231). L'Harmattan.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Papirus.
- Le Breton, D. (2011). *Antropologia do corpo e modernidade*. Vozes.
- Leite, G. (1992). *Eu: Mulher da vida*. Rosa dos Tempos.

- Leite, G. (2009). *Filha, mãe, avó e puta: A história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Objetiva.
- Lopes, J. T., & da Costa, A. F. (2014). Conclusão: Estrutura, contexto e agência nos percursos desiguais dos estudantes do ensino superior. In A. F. da Costa, J. T. Lopes & A. Caetano (Eds.), *Percursos de estudantes no Ensino Superior: Fatores e processos de sucesso e insucesso* (pp. 203-210). Mundos Sociais.
- Lustosa, T. (2016). Manifesto traveco-terrorista. *Concinnitas*, 17(1), 384-409. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>
- Martuccelli, D. (2002). *Grammaires de l'individu*. Gallimard.
- Mauss, M. (2005). *Sociologia e antropologia* (2ª edição). Cosac Naify.
- Mbembe, A. (2018a). *Crítica da razão negra*. N-1 edições.
- Mbembe, A. (2018b). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. N-1 Edições.
- Moira, A. (2016). *E se eu fosse puta*. Hoo.
- Mombaça, J. (2015, Janeiro 7). *Pode um cu mestiço falar?*. <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>
- Murray, L. (2013). *Um beijo para Gabriela* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=pXl46Fc1J9g>
- Nações Unidas Brasil. (2017, 22 de março). *Negros são mais afetados por desigualdades e violência no Brasil, alerta agência da ONU*. Nações Unidas Brasil/Notícias. <https://brasil.un.org/pt-br/76059-negros-s%C3%A3o-mais-afetados-por-desigualdades-e-viol%C3%A2ncia-no-brasil-alerta-ag%C3%A2ncia-da-onu>
- Nowell, L. S., Norris, J. M., White, D. E., & Moules, N. J. (2017). Thematic analysis: Striving to meet the trustworthiness criteria. *International Journal of Qualitative Methods*, 16, 1-13. <https://doi.org/10.1177/1609406917733847>
- O'Neill, M. (2001). *Prostitution and feminism: Towards a politics of feeling*. Polity Press.
- Oliveira, A. (2013). *Da prostituição de apartamento na cidade de Lisboa: Características e significados*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/77082>
- Oliveira, A. (2017). Prostituição em Portugal: Uma atividade marginalizada num país que tolera mais do que persegue. *Bagoas*, 11(17), 201-224. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/13525>
- Oliveira, M., e Kulaitis, F. (2017). Habitus imigrante e capital de mobilidade: A teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios. *Mediações*, 22(1), 15-47. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/29616/pdf>
- Oliveira, M. R. G. (2017). *O diabo em forma de gente: (R)Existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Paraná]. <https://hdl.handle.net/1884/47605>

- Patricio, M. C. (2009). No truque: Fluxos migratórios de travestis brasileiras à Espanha sob uma perspectiva transnacional. *Carta Internacional*, 4(1), 32-45. <http://cartainternacional.abri.org.br/index.php/Carta/article/view/458>
- Peixoto, J. (2004). As teorias explicativas das migrações: Teoria micro e macro-sociológicas. *SOCIUS Working Paper n.º 11/2004*. <http://hdl.handle.net/10400.5/2037>
- Pelúcio, L. (2007). *Nos nervos na carne, na pele: Uma etnografia sobre prostituição travesti e modelo preventivo de AIDS*. [Tese de doutoramento, Universidade Federal de São Carlos]. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1399>
- Pelúcio, L. (2010). A Europa é luxo e glamour: As experiências de travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo, um olhar sobre a clientela espanhola. In F. Carvalho, M. B. Souza, M. Callou & M. Rubiralta (Eds.), *1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa* (pp. 40-47). Coletivo Brasil-Catalunya. <https://seminariobrasileuropa2010.files.wordpress.com/2011/01/livro-i-seminc3a1rio-de-estudos-sobre-imigrac3a7c3a30-brasileira-na-europa.pdf>
- Pelúcio, L. (2011). Amores perros: Sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo. In A. Piscitelli, G. O. Assis & J. M. Olivar (Eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 185-224). Unicamp/PAGU.
- Pelúcio, L. (2014). Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Periódicus*, 1(1), 1-24. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i1.10150>
- Peres, W. S. (2005). *Subjetividade das travestis brasileiras: Da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania*. [Tese de doutoramento, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/4713>
- de Perra, H. (2014). Interpretaciones inmundas de cómo la teoría queer coloniza nuestro contexto sudaca, pobre, aspiracional y tercermundista, perturbando con nuevas construcciones genéricas a los humanos encantados con la heteronorma. *Revista Punto Género*, (4), 9-16. <https://doi.org/10.5354/0719-0417.2014.36405>
- Pessoa, E. R. A. (2010). As aparências e os gêneros: Uma análise da indumentária das drag queens, In Secretaria de Políticas para as Mulheres (Ed.), *5º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero: Redações, artigos científicos e projetos pedagógicos premiados* (pp. 105-116). Presidência da República [Brasil], Secretaria de Políticas para as Mulheres. [http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/spm\\_5premio\\_web.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/spm_5premio_web.pdf)
- Pessoa, E. R. A. (2013). *A construção de corpos e feminilidades: Travestis e transexuais para além da prostituição*. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3130>
- Pessoa, E. R. A. (2020). *Encarnando a europeia: Biografias corporais, (i)mobilidades e subjetividades de trabalhadoras do sexo trans e travestis em Lisboa*. [Tese de doutoramento, Universidade

- de Lisboa, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade de Évora e Universidade do Algarve]. <http://hdl.handle.net/10451/43944>
- Piscitelli, A. (2004). Entre a Praia de Iracema e a União Européia: Turismo sexual internacional e migração feminina. In A. Piscitelli, M. F. Gregori & S. Carrara (Eds.), *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras* (pp. 283-318). Garamond.
- Piscitelli, A. (2007). *Brasileiras na indústria transnacional do sexo: Migrações, direitos humanos e antropologia*. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.3744>
- Piscitelli, A. (2009). *Migración y sexualidad: De Brasil a Europa* [Comunicação]. Observatorio de Sexualidad y Política, Rio de Janeiro, 24-26 de agosto.
- Piscitelli, A. (2011). Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In A. Piscitelli, G. O. Assis & J. M. Olivar (Eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 537-582). Unicamp/PAGU.
- Piselli, F. (1998). Mulheres migrantes: Uma abordagem a partir da teoria das redes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (50), 113-119. <https://ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=657>
- Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu* (23), 229-256. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200008>
- Prada, M. (2018). *Putafeminista*. Veneta.
- Preciado, P. B. (2014). *Manifesto contrassexual*. N-1 edições.
- Preciado, P. B. (2018). *Testo junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. N-1 edições.
- Puar, J. (2013). 'Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa': Interseccionalidade, agenciamento e política afetiva. *Meritum*, 8(2), 343-370.
- Pujadas, J. J. (2000). El método biográfico y los géneros de la memoria. *Revista de Antropología Social*, 9, 127-158. <https://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/view/RASO0000110127A>
- Ramalho, N. (2012). O trabalho sexual: Discursos e práticas dos assistentes sociais em debate. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (12), 64-91. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000600004>
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?*. Letramento.
- Rodrigues, N. R. (1956). *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Guanabara.
- Rubin, G. (1984). Thinking sex. In C. Vance (Ed.), *Pleasure and danger: Exploring female sexuality* (pp. 148-171). Routledge.
- Saez, J., & Carrascosa, C. (2017). *Pelo cu: Políticas anais*. Letramento.
- Said, E. W. (1990). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.
- Saleiro, S. P. (2013). *Trans géneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de género*. [Tese de doutoramento, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10071/7848>

- de Sales Junior, R. L. (2006). *Raça e justiça: O mito da democracia racial e o racismo institucional no fluxo de justiça*. [Tese de doutoramento, Universidade Federal de Pernambuco]. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9747>
- Sanders, T., O'Neill, M., & Pitcher, J. (2009). *Prostitution: Sex work, policy and politics*. SAGE.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Shilling, C. (1991). Educating the body, physical capital and the production of social inequalities. *Sociology*, 25(4), 653-672. <https://doi.org/10.1177/0038038591025004006>
- Shilling, C. (2008). *Changing bodies: Habit, crises and creativity*. SAGE.
- Silva, A. P., & Blanchette, T. (2005). «Nossa Senhora da Help»: Sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, (25), 249-280. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644709>
- Silva, H. R. S. (1993). *Travesti: A invenção do feminino*. Relumê-Dumará.
- Silva, J. M. (2010). Geografias pós-coloniais: Imigração ilegal e as brasileiras na atividade comercial sexual na Espanha. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 1(1), 49-57. <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1028>
- Silva, J. M., & Ornat, M. J. (2012). Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição. *Revista da ANPEGE*, 8(10), 51-66. <https://doi.org/10.5418/RA2012.0810.0004>
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?*. Editora UFMG.
- Stryker, S. (2006). (De)subjugated knowledges: An introduction to transgender studies. In S. Stryker & S. Whittle (Eds.), *The transgender studies reader* (pp. 17-34). Routledge.
- Sullivan, N. (2001). *Tattooed bodies: Subjectivity, textuality, ethics and pleasure*. Praeger.
- Surfistinha, B. (2006). *O doce veneno do escorpião: O diário de uma garota de programa*. Panda Books.
- Tadeu, T. 2009. Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano. In D. Haraway, H. Kunzru & T. Tadeu (Eds.), *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano* (pp. 9-18). Autêntica.
- Teixeira, F. (2008). L'Italia dei divieti: Entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. *Cadernos Pagu*, (31), 275-308. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200013>
- Teixeira, F. (2011). Juízo e sorte: Enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália. In A. Piscitelli, G. O. de Assis & J. M. Nieto (Eds.), *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 226-262). Unicamp/PAGU.
- Transgender Europe. (2021). *TVT TMM update: Trans Day of Remembrance 2021*. Transrespect. [https://transrespect.org/wp-content/uploads/2021/11/TvT\\_TMM\\_TDoR2021\\_Tables.pdf](https://transrespect.org/wp-content/uploads/2021/11/TvT_TMM_TDoR2021_Tables.pdf)
- Vaismoradi, M., Jones, J., Turunen, H., & Snelgrove, S. (2016). Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis. *Journal of Nursing Education and Practice*, 6(5), 100-110. <https://doi.org/10.5430/jnep.v6n5p100>

- Vale, A. F. C. (2005). *O vôo da beleza: Travestilidade e devir minoritário*. [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Ceará]. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1251>
- Vartabedian, J. (2010). Travestis brasileiras em Europa: El viaje como constructor de las identidades. In F. Carvalho, M. B. Souza, M. Callou & M. Rubiralta (Eds.), *1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa* (pp. 48-55). Coletivo Brasil-Catalunya. <https://seminariobrasileuropa2010.files.wordpress.com/2011/01/livro-i-seminc3a1rio-de-estudos-sobre-imigrac3a7c3a3o-brasileira-na-europa.pdf>
- Vartabedian, J. (2014). É a natureza quem decide? Reflexões trans\* sobre gênero, corpo, e (ab?)uso de substâncias. In J. G. Jesus (Ed.), *Transfeminismo: Teorias e práticas* (pp. 19-41). Metanoia.
- Vartabedian, J. (2018). *Brazilian travesti migrations: Gender, sexualities and embodiment experiences*. Palgrave Macmillan.
- Vartabedian, J. (2019). Bodies and desires on the internet: An approach to trans women sex workers' websites. *Sexualities*, 22(1-2), 224-243. <https://doi.org/10.1177/136346071771338>
- v., v. [Viviane Vergueiro Simakawa]. (2013). Explorando momentos de gêneros inconformes: Esboços autoetnográficos [Comunicação]. *I Seminário Internacional Desfazendo Gênero, Natal, RN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte*, 14-16 de agosto <http://bit.ly/16PjfjL>
- v., v. (2015). *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: Uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>
- Wacquant, L. (2002). *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Relume Dumará.
- Weber, M. (2000). *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva* (3ª edição). Editora Universidade de Brasília.
- Weeks, J. (2000). O corpo e a sexualidade. In G. L. Louro (Ed.), *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* (2ª ed., pp. 35-82). Autêntica.
- Wittig, M. (1992). *The straight mind and other essays*. Beacon Press.
- Young, I. M. (2003). Corpo vivido vs gênero: Reflexões sobre a estrutura social e subjetividade. *Labrys, estudos feministas*, (3), 1-15. <https://www.labrys.net.br/labrys3/web/bras/young1.htm>

**COLEÇÃO DIAGNÓSTICOS & PERSPETIVAS**  
OUTROS TÍTULOS PUBLICADOS

***A universidade e modos de produção  
do conhecimento***

Casimiro Balsa, A. Dimas Cardoso, Luciene Rodrigues  
e Marc-Henry Soulet (Coordenadores)

***Difração normativa, comportamentos escondidos  
e identidades transversas***

Casimiro Balsa (Coordenador)

***Arte(s) urbana(s)***

Ricardo Campos e Sílvia Câmara

***A política social nos fascismos***

Jordi Estivill

***Pensar o território***

**Jean-Claude Chamboredon**

Luís Baptista, Sylvie Mazzella, Patrícia Pereira  
e João Pedro Silva Nunes (Editores)

***Digital labour platforms: Representing  
workers in Europe***

António B. Moniz, Nuno Boavida, Csaba Makó,  
Bettina-Johanna Krings e Pablo Sanz de Miguel (Editors)

***Atores da educação musical***

Alix Didier Sarrouy

***Populações, desigualdades e ação pública***

Fernando Diogo, Dulce Pimentel, Francisco Sousa, José  
Lúcio, José Marques, Sandro Serpa e Maria da Saudade  
Baltazar (Editores)

[https://www.cics.nova.fcsh.unl.pt/cics-nova-editions/  
diagnosticos-perspetivas-collection](https://www.cics.nova.fcsh.unl.pt/cics-nova-editions/diagnosticos-perspetivas-collection)

Os questionamentos orientadores desta pesquisa surgiram-me em 2010, quando entrei em contato pela primeira vez com uma transexual *européia*, numa pesquisa sobre processos de construção de corporalidades por travestis e transexuais em uma cidade brasileira. Jana fora aos 19 anos para Espanha, onde colocou sua primeira prótese de silicone. Suas modificações corporais chamaram-me a atenção: cirurgias plásticas no nariz, na testa, no queixo, nos seios e quadris, retirada de costelas para o afinamento da cintura, dentre outras que destoavam do meu trabalho de campo.

Dada a escassez de conhecimento, em vista da recente intensificação do fenômeno, o principal objetivo deste trabalho será compreender sociologicamente essas «biografias corporais» e como elas são construídas e alteradas através das experiências de mobilidade em territórios do trabalho sexual no continente europeu.

(Da introdução)